UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Lúcia Cavalieri

Migração e reprodução social: tempos e
espaços do cortador de cana e de sua família

São Paulo
2010

LÚCIA CAVALIERI

Migração e reprodução social: tempos e
espaços do cortador de cana e de sua família

Tese apresentada ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Doutora em Geografia Humana.

Área de concentração: Geografia Agrária

Orientadora: Profa. Dra. Marta Inez Medeiros Marques

São Paulo

2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

Lúcia Cavalieri

Migração e reprodução social:
tempos e espaços do cortador de
cana e de sua família

Tese apresentada ao Departamento de
Geografia da Faculdade de Filosofia
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutora em Geografia
Humana.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedico esta tese aos meus grandes amores: Zé e Martin. Pela alegria partilhada no cotidiano, pela esperança e luta por um mundo melhor para todos.

Agradeço,

aos moradores de Araçuaí, em especial aos de Engenheiro Schnoor e Alfredo Graça por todo o carinho recebido, pelos momentos compartilhados e por revelarem aspectos tão especiais (e doloridos) de suas vidas.

a Rosa, Luzia, Val, Dona Mariana, Lena, Ilma, Maiúsa, Itamar, Tinha, Adhemar, Margarida, Dendeca, Oswaldo, Téia, Aline, Seu João, Beu, Lia, Tibau, Dona Nezinha, Donana....

a Dolores da Emater, a Cléa da Cáritas e especialmente a irmã Sandra do SPM de Araçuaí pela atenção dispendida à pesquisa. Registro minha admiração pelo trabalho realizado por elas.

aos amigos mais antigos da Geografia, da época da graduação, agradeço a cumplicidade, a admiração e o amor que perdura.

aos amigos queridos de viagens e da vida toda.

ao Xico amigo pra sempre, pelos mapas.

ao Campo em Movimento e aos colegas do laboratório de agrária por todas as conversas, contribuições, estudo e risadas.

a leitura atenta e carinhosa de Ari e Dieter durante a qualificação.

à minha família, próxima nos momentos de alegria e de sufoco: da vida e da tese.

à minha mãe que me ajudou muitíssimo nos momentos finais pegando estrada toda semana, cuidando do Tin e fazendo docinhos.

à Marta, orientadora querida, com quem pude compartilhar momentos de descoberta e admiração ao longo da pesquisa.

ao Zé, meu marido amado, por tudo: generosidade, confiança, companheirismo firme e grande amor.

RESUMO

CAVALIERI, L. **Migração e reprodução social**: tempos e espaços do cortador de cana e de sua família. 2010. Tese (doutorado em Geografia Humana) Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Esta pesquisa tem por objetivo entender como ocorre o processo contraditório da reprodução social das comunidades rurais à luz de uma análise das práticas cotidianas e das estratégias de reprodução social da família do migrante, cortador de cana do Vale do Jequitinhonha. Os homens migrantes vivem ora mais próximos da condição camponesa, ora sorvidos como proletários na cana. Não se realizam plenamente em nenhuma das duas condições. No território da cana estão proletários; no território camponês não têm mais terras para o trabalho e a família não conta com os homens em suas práticas cotidianas. Esses camponeses-migrantes encontram-se na margem. A pesquisa de campo se realizou em duas comunidades rurais: Alfredo Graça e Engenheiro Schnoor localizadas no município de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha. Estas comunidades têm algumas características comuns: a migração dos homens para o corte de cana em São Paulo e uma série de custos imputados à família, em especial às suas mulheres. Nosso interesse consiste em entender como esse sujeito, na condição de camponês-migrante, perdura no tempo e quais são as fissuras que essa condição provoca em sua família e em seu território.

Palavras-chave: migração, camponês-migrante, Vale do Jequitinhonha, produção de agrocombustíveis, práticas cotidianas

ABSTRACT

CAVALIERI, L. **Migração e reprodução social**: tempos e espaços do cortador de cana e de sua família. 2010. Thesis (doctorate in Human Geography) Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

This research aims to understand how does the contradictory process of social reproduction occurs, by means of analysing day-to-day practices and the social reproduction strategies of the migrant sugarcane harvester's family living at Jequitinhonha Valley. The migrant men live sometimes closer to peasantry condition, and sometimes absorbed as sugarcane proletarians. They do not live fully in neither of those conditions. At sugarcane territory they live a proletarian condition, although at peasants territory they do not have land for working any more and their family can not count on them for day-to-day practices. These peasants-migrants are at the margin. The fieldwork was done at two rural communities: Alfredo Graça and Engenheiro Schnoor, located at Araçuaí, MG, in the Jequitinhonha valley. These communities have some common features: the men's migration for sugarcane harvest at São Paulo and a number of costs imposed to their families, particularly to their wives. We focus on understanding how this subject, in a peasant-migrant condition, persists in time and wich are the fractures that this condition produces to his family and his territory.

Keywords: migration, peasant-migrant, Jequitinhonha Valley, agrofuel production, day-to-day practices.

LISTA DE SIGLAS

ACESITA ▪ Aços Especiais Itabira
AMEJE ▪ Associação dos municípios de microrregião do Médio Jequitinhonha
AMOVAJE ▪ Associação das mulheres organizadas do Vale do Jequitinhonha
APA Área ▪ de Preservação Ambiental
ASA ▪ Associação do semi-árido
ASSOCIAR ▪ Associação Comunitária e Infantil de Araçuaí
BBB ▪ Big Brother Brasil
BNDES ▪ Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CEM ▪ Centro de Estudos Migratórios
CEMIG ▪ Companhia de Energia de Minas Gerais
CONTAG ▪ Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
CPCD ▪ Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento
CPT ▪ Comissão Pastoral da Terra
DIEESE ▪ Departamento Intersindical de Estatística e estudos econômicos
EFBM ▪ Estrada de Ferro Bahia- Minas
EMATER ▪ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.
FERAESP ▪ Federação dos empregados rurais do estado de São Paulo
IDENE ▪ Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas
IPCC ▪ Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU
MDA ▪ Ministério de Desenvolvimento Agrário
PRONAF ▪ Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SINGA ▪ Simpósio Internacional e Nacional de Geografia Agrária
SPM ▪ Serviço Pastoral do Migrante
UC ▪ Unidade de Conservação
UNICA ▪ União da Indústria de Cana-de-açúcar
WRM ▪ Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Mapa de Minas Gerais: Vale do Jequitinhonha e Araçuaí	23
Figura 2.	Imagem de satélite da região de Araçuaí	23
Figura 3.	Imagem de satélite da comunidade do Graça.	24
Figura 4.	Imagem de satélite da comunidade de Schnoor	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A pesquisa em curso	20
1.1 Algumas premissas sobre as teorias migratórias	33
2 Panorama da produção de agrocombustíveis	41
2.1 Antecedentes ambientais	43
2.2 Agrocombustíveis	46
2.3 A convivência do Estado brasileiro	53
2.4 As alternativas à produção dos agrocombustíveis	65
3 Araçuaí	70
3.1 Impressões	74
3.2 Exploração	76
3.3 Migração	97
3.3.1 Remessas	103
4 Das práticas cotidianas	111
4.1 As águas e a sequeidão	113
4.2 Representações sobre a miséria e a importância das usinas	117
4.3 O ordinário e o <i>Extra-ordinário</i>	123
4.3.1 Tempo do <i>Extra-ordinário</i>	126
5 Das festas	134
5.1 Experiência do sagrado	136
5.2 Virgem da Lapa	139
5.3 São Sebastião: casa que tem bandeira nunca é pequena	141
5.4 Menino Jesus	143
5.5 Solução de continuidade	145
6 Engenheiro Schnoor	148
6.1 Campesinidade nos <i>quintalinhos</i>	152
6.2 Sobre a solidão, a vigilância e alguns assuntos do coração	159
6.2.1 <i>Se você tiver um, na boca do povo tem dez; se tiver dois, tem mil</i>	173
6.3 Trabalho e sociabilidade	179
7 Alfredo Graça	194
7.1 Assentamento Para a Terra	196
7.2 Mulheres plurais	203
7.3 Estado, migração, recursos	208
CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	223
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	230
APÊNDICE: transcrição das entrevistas	237

Introdução

Oco de pau que diz:
Eu sou madeira, beira
Boa, dá vau, triztriz
Risca certa
Meio a meio o rio ri
Silencioso, sério
Nosso pai não diz, diz:
Risca terceira

(Terceira Margem do rio, Caetano Veloso e Milton Nascimento)

O objetivo desta pesquisa de doutorado consiste em entender como ocorre o processo contraditório da reprodução social das comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha à luz de uma análise das práticas cotidianas e das estratégias de reprodução social da família do migrante, cortador de cana em São Paulo.

Após cerca de sete anos pesquisando as comunidades caiçaras, senti que era hora de olhar um pouco para o 'sertão' e confrontar o aporte teórico que foi sendo incorporado em minhas duas pesquisas iniciais com uma realidade por mim desconhecida.

Em 1999, apresentei a pesquisa intitulada: "Caiçaras da Juatinga: cultura, conflitos e sonhos" como Trabalho de Graduação Individual (TGI). Nessa primeira pesquisa investiguei o processo de grilagem das terras de duas comunidades de Paraty (RJ), a transformação da região em Unidade de Conservação - Reserva Ecológica da Juatinga -, a legislação ambiental e o modo de vida caiçara.

No mestrado, também orientado pelo professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira, intitulado "A comunidade caiçara no processo de reclassificação da Reserva Ecológica da Juatinga" (2004), a pesquisa iniciada no TGI foi aprimorada. Os principais temas tratados foram: regularização fundiária; embate entre os direitos de posse e de propriedade levado ao tribunal; a leitura - inserida no costume - que fazem as comunidades acerca da propriedade da terra; e a aliança, ainda não duradoura, entre a luta pela terra e a conservação da natureza. Uma das características mais relevantes das sociedades camponesas foi também analisada por esse trabalho: a relação terra, trabalho e a família, formando a base para a consolidação do território camponês. A reprodução social do campesinato tornou-se para mim uma questão central desde então.

O sertão escolhido para uma pesquisa de doutoramento foi o Vale do Jequitinhonha por alguns motivos: (a) o prazer em ler livros de Guimarães Rosa - o sertão roseano encontra-se um pouco mais a leste, mas no Vale também há a cultura do sertão mineiro; (b) as aulas da professora Margarida Maria Moura sobre o campesinato e as lutas do camponês do Vale contra os projetos de modernização, sobretudo os das empresas papeleiras com a monocultura do eucalipto; (c) a vontade de conhecer, de fato, uma realidade muito distinta daquela conhecida por mim durante a graduação e o mestrado.

No primeiro trabalho de campo, realizado em 2005, foram percorridas sete cidades do Vale do Jequitinhonha, descendo o rio de mesmo nome a partir de sua nascente entre os municípios de Diamantina e Serro em busca das feiras de sábado, das comunidades rurais e dos mercados municipais. Feiras e mercados compunham uma parte da problemática do primeiro tema pensado para a pesquisa do doutorado.

Quando eu buscava, na feira, conhecer as comunidades rurais e me apresentava como professora e aluna em São Paulo, muitos perguntavam se eu conhecia o parente que migrara definitiva ou temporariamente para o estado de São Paulo¹.

O trabalho de campo fez com que o projeto de pesquisa tivesse que ser repensado. Eu perguntava sobre a produção agrícola, as terras, as relações sociais; eles contavam histórias de migração, mostravam fotos dos parentes distantes, exibiam as mercadorias compradas com o dinheiro do corte da cana e perguntavam sobre a vida na cidade. Assim, um novo tema para a pesquisa de doutorado se anunciava: 'as migrações do Vale do Jequitinhonha', e as primeiras perguntas eram: Quem fica, fica por quê? Qual a

¹ Exceção se fez na cidade de Serro, Alto do Jequitinhonha, em que a rota migratória se estabelece com os Estados Unidos da América. Nesta cidade, celulares tocavam na rua, davam notícias da chegada de parentes, davam notícia de amigos.

relação entre quem vai e quem fica? Como se relaciona a reprodução social do campesinato com as temporalidades e territorialidades vividas pelo cortador de cana e sua família?

A observação de duas comunidades, Engenheiro Schnoor e Alfredo Graça, no município de Araçuaí (médio Jequitinhonha), ajudou na formulação das perguntas norteadoras da tese, quais sejam: (a) como as mudanças advindas da migração (sobretudo a ausência dos homens e a entrada do dinheiro do corte de cana, compondo uma importante parte da renda familiar) afetam a reprodução social do grupo, (b) de que forma as transformações nas práticas cotidianas devidas à migração se expressam na territorialização das comunidades rurais do Vale.

A preocupação em deslindar o campo brasileiro com a atenção voltada aos meandros entre o moderno e o tradicional; e as tensões entre o modo de vida camponês e as relações econômicas é um dos motes do grupo de leitura e estudo, “Campo em Movimento”, do laboratório de geografia agrária, sob a coordenação da professora Marta I. M. Marques. Sob a orientação da professora Marta, somos instigados a pensar o campo brasileiro sob a ótica da subordinação econômica e das estratégias de luta do campesinato se afirmando como classe social e modo de vida. Somos também estimulados a pensar o campesinato em suas diversas possibilidades de relação com a sociedade dominante, com inserções distintas a partir de seu ‘fazer-se’² em diferentes escalas espaço-temporais.

Incorporar o ‘fazer-se’ dessa classe social implica entender o campesinato em relação a todas as subordinações econômicas, políticas e culturais do mundo moderno.

² A idéia de uma classe se afirmando no seu ‘fazer-se’ vem da obra de Thompson. ‘Fazer-se’, no contexto de estudo do autor, envolve uma compreensão histórica da formação da classe operária na Inglaterra em seu processo ativo com os condicionamentos postos à época. (1987, p. 9).

Shanin (2005) compreende o campesinato como *classe social e modo de vida*. Resulta da apropriação destes dois conceitos o reconhecimento do protagonismo do campesinato e de sua potencialidade de existência e resistência.

As previsões de que o campesinato se extinguiria dando lugar a proletários, ou a capitalistas no campo, não se efetuaram no século XX como fora previsto tanto no interior do marxismo como fora dele - por caminhos e com intenções políticas distintas. No espaço agrário brasileiro, uma de suas maiores contradições é a criação e recriação do campesinato. Não resta dúvida de que os camponeses estão presentes, recriando-se com graus diferentes de campesinidade³. No seio do capitalismo pode ocorrer a formação do campesinato. No Brasil, as obras das décadas de 1970 a 1990 de José de Souza Martins⁴ são básicas para fundamentar a idéia de criação e recriação do campesinato. Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1995, 1999, 2005) estuda também a criação e recriação do campesinato sob o signo do desenvolvimento combinado e contraditório do capitalismo.

A ética camponesa, com uma inserção específica no modo de produção capitalista, se define a partir das relações travadas por esse grupo social no interior da sociedade, com o fim de sua reprodução social. Para a compreensão do modo de vida camponês, do seu 'fazer-se' como classe social e das formas como a vida é vivida no conjunto de um tecido social mais amplo, o tripé terra/família/trabalho, composto por valores centrais de sua ética, é um fundamento que se apresenta sempre e se rearranja continuamente de maneira diversa, orientando-se pelo costume e realizando-se nas práticas cotidianas.

³ Os conceitos de campesinidade bem como o de ordem moral aparecerão algumas vezes ao longo do texto. Nos capítulos Schnoor e Graça, os conceitos de campesinidade e de ordem moral elaborado por Klass Woortmann (1990a) serão vistos em seu detalhe

⁴ Entre elas: Cativo da Terra (1979), Os camponeses e a política no Brasil (1981), Não há terra pra se plantar neste verão (1986), A chegada o estranho (1993), O poder do atraso (1994).

Retomando o tema desta pesquisa, *"Migração e reprodução social: tempos e espaços do cortador de cana e de sua família"*, organizamos o conjunto de reflexões pautadas no estudo da teoria e na observação, em campo, das práticas cotidianas das comunidades, que serão apresentadas ao longo de sete capítulos.

No primeiro capítulo, *"A pesquisa em curso"*, apresentamos os meandros da pesquisa, os motivos da escolha das comunidades Alfredo Graça e Engenheiro Schnoor e a chegada da pesquisadora no Vale com os seus estranhamentos.

Também explicitamos como foi realizado o trabalho de campo e os métodos de coleta e registro de informações. Algumas premissas teóricas acerca da migração são apontadas nesse capítulo como ponto de partida para a leitura dos capítulos seguintes.

Para entender a territorialização contraditória do camponês-migrante e sua transformação em força de trabalho mobilizável, tratamos no segundo capítulo, *"Panorama da produção de agrocombustíveis"*, de uma série de expropriações que incidem sobre o campesinato do Vale do Jequitinhonha relacionadas à expansão da área cultivada de cana-de-açúcar, com a finalidade de produzir o açúcar e o etanol dedicado à produção de energia. O setor sucroalcooleiro é paradigmático para compreendermos as contradições que envolvem a produção, o consumo de energia e a conservação do meio ambiente, que se intensificam na década de 1970 e que ganham um novo impulso nessa primeira década do século XXI. Contemporaneamente à territorialização do monopólio e à monopolização do território pelo setor sucroalcooleiro - diferença explicitada nesse capítulo -, desde a década de 1970, constata-se um grande fluxo migratório de trabalhadores de várias regiões do Brasil para o corte de cana em São Paulo.

Esse segundo capítulo também aborda: os antecedentes ambientais da produção de energia "limpa", a convivência do Estado brasileiro nas diversas expropriações

ocorridas e ainda em curso no Vale, e uma crítica à lei 11.241/02 que estipula uma data para o fim das queimadas da palha de cana no estado de São Paulo.

Em “*Araçuaí*”, o terceiro capítulo, nos debruçamos sobre um tema caro à compreensão da questão agrária brasileira: as formas como posseiros e proprietários de terra disputam o território brasileiro. O Vale do Jequitinhonha não escapou à sanha de reprodução de capital que precisa dar conta de seus excedentes produzindo, colonizando e se expandindo para novas terras. As marcas da chegada mais feroz do capitalismo no campo se fazem presentes com a consolidação da fazenda de gado e de eucalipto e com a interdição do uso da terra em comum das chapadas. Segundo Moura (1988) as décadas de 1960 e 1970 são emblemáticas para compreendermos como questão de terra se transformou em questão trabalhista; como os tratos (entre situantes, posseiros, moradores de condição e proprietários de terra) se transformaram em *distratos*.

A perda das terras lançou milhares de camponeses do Vale à migração. Em Araçuaí o processo não foi muito diferente, em várias de suas 66 comunidades rurais, há posseiros que, na negociação (ou no *distrato*) com o fazendeiro, restaram com uma casa com quintal na “rua” ou no centro da comunidade.

Esta migração “provisória consolidada” conta com as remessas enviadas pelos homens ao Vale, com uma pequena produção agrícola da mulher e dos filhos nos quintais e com uma rede social que se tece a partir de duas direções: de um lado, o “gato” que arregimenta nas comunidades os bons trabalhadores (jovens e fortes) para a usina; de outro lado, os homens que partem juntos a fim de recriar uma sociabilidade possível durante os nove meses no corte de cana.

O quarto capítulo, “*Das práticas cotidianas*”, principia a exposição de cunho mais etnográfico. Surge aqui a questão de como nomear esse sujeito social com uma inserção

tão contraditória tanto no mundo da produção e consumo de mercadoria, como no mundo camponês.

Os homens migrantes vivem ora mais próximos da condição camponesa, ora sorvidos como proletários na cana. Não se realizam plenamente em nenhuma das duas condições. No território da cana estão proletários, no Vale não contam mais com a terra de cultivo mas pautam a vida numa ordem informada pelo costume camponês.

Na situação em que se encontram, estão na margem de dois mundos: integram-se precariamente à sociedade capitalista e ao “mundo” camponês, estão na margem vivendo uma condição ambígua e não na transição. Entre uma condição e outra existem horas de estrada, existem dois mundos diferentes e profundamente ligados vividos pelas famílias. Optamos assim em chamá-los de camponeses-migrantes. O uso do hífen visa demonstrar o quanto os dois termos estão ligados.

Ainda nesse capítulo, o trabalho realizado pelos homens nas usinas em São Paulo foi por nós apreendido por meio de algumas entrevistas no Vale e pela leitura de autores que se debruçam mais sobre as condições de trabalho no trecho: Maria Aparecida Moraes Silva e Francisco Alves.

As entrevistas com as mulheres e a observação das práticas cotidianas no Vale nos fizeram pensar nas diferenças entre o *trabalho ordinário cíclico* do campesinato, que no Vale se ressentia, claro, da ausência do homem, e o trabalho *Extra-ordinário* realizado na cana, por nós assim denominado, para dar conta de explicitar as diferenças entre eles e sublinhar o caráter de monstruosidade deste.

“Das festas”, o quinto capítulo, discute como os tempos-espacos dos cortadores de cana se assemelham e se diferenciam do tempo-espaço do campesinato e do operário.

A reprodução da vida envolve a reprodução da força de trabalho. Contudo, a vida é mais que força de trabalho, é com toda a vida que se luta, se vive e se “festa”. Ainda que submetidos ao *Extra-ordinário*, ou seja, tratados como força de trabalho crua, buscam a referência, que os situa no mundo, no modo de vida camponês. Modo este que se reinventa, entre embates para afirmar uma visão de mundo e uma ordem moral, em meio a tantas contradições.

É a relação entre festa, migração e a importância do fluir do tempo ordinário cíclico que se coloca no centro do capítulo. Três festas foram observadas: Virgem da Lapa e Reza do Menino Jesus na comunidade do Graça e festa de São Sebastião na cidade de Araçuaí.

Pensar sobre as festas nos fez entender como a “*experiência do sagrado*” pode orientar as práticas camponesas e como o camponês-migrante pode se aproximar de um tempo e de uma vida *Extra-ordinários* quando a festa vira um evento, um espetáculo.

Antes dos capítulos mais específicos sobre as duas comunidades, Engenheiro Schnoor e Alfredo Graça, discutimos algumas características do modo de vida camponês para orientarmos a leitura dos últimos capítulos a fim de entendermos a condição camponesa-migrante vivida por muitas das famílias do Vale.

As comunidades encontram-se no sexto e sétimo capítulos. No capítulo dedicado a “*Engenheiro Schnoor*” descobrimos a campesinidade presente nos quintais, as relações pautadas na reciprocidade camponesa e também a solidão vivida pelas mulheres. Essa é a maior tensão que o capítulo revela: um modo de vida se realizando fragilmente em meio a tantas rupturas e mulheres dilaceradas.

Finalmente, no último capítulo, “Graça”, apresentamos a experiência de um assentamento rural, Para a Terra. Nesta comunidade, os homens do assentamento

também já migraram após receberem a terra, para darem conta, no retorno, da produção em seus lotes. A migração nesse contexto reflete, mais uma vez, as opções realizadas pelo Estado brasileiro: a falta de políticas que acreditem e viabilizem a agricultura camponesa.

1

A pesquisa em curso

Certo. O senhor vê. Conteí tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro.

(...) Amável senhor me ouviu, minha idéia confirmou:

que o Diabo não existe. Pois não?

O senhor é um homem soberano, circunspecto.

Amigos somos. Nonada.

O diabo não há!

É o que eu digo, se fôr ... Existe é homem humano. Travessia.

(Grande Sertão: Veredas. João Guimarães Rosa)

O município de Araçuaí, no médio Jequitinhonha (Figuras 1 e 2), foi o lugar escolhido para um estudo mais aprofundado dentre os visitados no primeiro trabalho de campo, pois foi neste que pude conhecer algumas comunidades rurais graças ao Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) e à ONG Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD). O acaso também ajudou: fez com que eu conhecesse, no ônibus, dois cortadores de cana que estavam voltando para casa e me convidaram para passar o dia nas suas casas, na comunidade rural de José Gonçalves, à beira do rio Piauí.

A estranheza das famílias da primeira comunidade rural visitada, José Gonçalves/Piauí em Araçuaí, diante de uma mulher sozinha, “sem parentes e vinda lá da capital”, sem aliança no dedo, de cabelos curtos, perguntadeira e observadora, era grande. A pergunta que eu mais ouvia era: “a senhora trabalha de quê?”. Eu tinha que a cada dia, até o último trabalho de campo, estar pronta para conhecer o novo, estabelecer a agenda de trabalho e refazer perguntas. Aprender a me comunicar com o campesinato do Vale, entregar-me à paisagem mais árida.

Ao todo, foram quatro trabalhos de campo que somam cerca de 60 dias de observação nos municípios do Médio Jequitinhonha, sendo que à Araçuaí foram dedicados mais de 40 dias. Em dois desses trabalhos de campo, os homens estavam em casa, nos outros dois, estavam no trecho.

No primeiro trabalho de campo tema “Tempos e espaços do cortador de cana e de sua família” já definido optei em conhecer a cidade e todas as instituições que pudessem

colaborar com a pesquisa. Nesse primeiro campo e nos seguintes fui conversar e coletar dados com o Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), Cáritas, Emater, Câmara dos Vereadores, gerentes de banco, ONG's, associação dos artesãos, produtores no mercado e na feira, Secretaria Municipal de Planejamento, Secretaria Municipal de Agricultura, Biblioteca Municipal, acervo das faculdades particulares (como a FEVALE), sindicato dos trabalhadores rurais e Associação dos Municípios do Médio Jequitinhonha (AMEJE)⁵.

Após conhecer as mulheres da cooperativa organizada pela Associação dos Moradores e Amigos de Itinga (AMAI) e pela Associação das Mulheres organizadas do Vale (AMOVAJE), que se reúnem e se organizam com o apoio do SPM (irmã Sandra, em especial); as comunidades rurais de José Gonçalves (no rio Piauí); Gravatá, Alfredo Graça e Engenheiro Schnoor (as três últimas no rio Gravatá), optei por estas duas últimas para um trabalho de campo mais detalhado (Figuras 3 e 4). A distinção de conteúdos e proximidade física delas, a primeira dista cerca de 40 km, percorridos em uma estrada de terra a partir do centro de Araçuaí e a segunda comunidade dista 60 km seguindo a mesma estrada, a montante do rio Gravatá, chamaram a atenção.

As duas, ademais da proximidade, têm características peculiares: enquanto Alfredo Graça, ou simplesmente Graça, tem uma produção agrícola mais intensa, é a comunidade que tem a maior produção de farinha de mandioca do vale do Gravatá; Engenheiro Shnoor, elevado à distrito, revela-se mais urbanizado. Nas duas é freqüente a migração dos homens para o corte de cana em São Paulo.

⁵ Sublinho que em alguns casos, era uma mesma pessoa que respondia por diferentes instituições como, por exemplo, a Emater e a Secretaria da Agricultura.

Figura 1. Mapa de Minas Gerais: Vale do Jequitinhonha e Araçuaí.

Fonte: Adaptado de IBGE <WWW.ibge.gov.br/> Acesso em 2009. Elaborado por Carlos Tadeu C. Gamba.

Figura 2. Imagem de satélite da região de Araçuaí

Fonte: composição colorida Landsat 5 TM, Órbita 217, Ponto 072, Bandas 1 (Azul), 2 (Verde) e 3 (Vermelho), de 01 de julho de 2007. Elaborado por Carlos Tadeu C. Gamba.

Figura 3. Imagem de satélite da comunidade do Graça.

Fonte: composição colorida Landsat 5 TM, Órbita 217, Ponto 072, Bandas 1 (Azul), 2 (Verde) e 3 (Vermelho), de 01 de julho de 2007. Elaborado por Carlos Tadeu C. Gamba.

Figura 4. Imagem de satélite da comunidade de Schnoor.

Fonte: composição colorida Landsat 5 TM, Órbita 217, Ponto 072, Bandas 1 (Azul), 2 (Verde) e 3 (Vermelho), de 01 de julho de 2007. Elaborado por Carlos Tadeu C. Gamba.

Nas comunidades de Graça e Engenheiro Schnoor, ou só Schnoor, eu dormia na residência de alguns dos entrevistados e ajudava na lida da casa⁶; conversava com parteira, ex-vereador, enfermeiras, crianças, assentados, com os agricultores mais velhos (alguns com mais de 80 anos) e com as mulheres.

Optei também em fazer dois trabalhos de campo em épocas de festa motivada pela *Reza do Menino Jesus* vista em 2008, na comunidade do Graça, e por uma afirmação de Suzanna Evelyn (1988, p. 26): “E assim, enquanto a festa não migrar também a migração continua provisória recriando, a cada vez, este personagem contraditório, dividido, operário e lavrador que é o migrante temporário”. A festa como uma manifestação cultural e religiosa confere sentido ao lugar de origem, o qual não se mostrou *mítico* como nas análises de uma importante referência teórica desta pesquisa, Abdelmaleck Sayad⁷, mas sim como território de vida, território para se habitar.

As duas festas religiosas importantes do médio Jequitinhonha são: Nossa Senhora do Rosário e a Festa de Virgem da Lapa. A primeira é organizada pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário, conhecida em todo o Vale, que conta hoje com poucos membros.⁸ A segunda é mais regional, organizada por várias instituições e dura muitos dias.

Para a festa de Virgem da Lapa, em agosto de 2009, tomei o ônibus com destino a Araçuaí na cidade de Ribeirão Preto (SP), junto com os homens migrantes que tomaram uma semana ou dez dias de folga nas usinas e iam festar. Muitos cortadores, se podem, encaram as 24 horas de viagem dentro do ônibus, vão visitar a família e ir à festa. Após a festa, voltam ao corte em São Paulo e retornam ao Vale somente em dezembro.

⁶ Aventurando-me a preparar pratos da culinária paulistana.

⁷ Abdelmalek Sayad, estudando os imigrantes argelinos que se estabeleceram na França, foi quem deslocou o foco dos estudos migratórios na década de 60. Enquanto pesquisas, numa visão etnocêntrica, eram realizadas pensando na adequação (ou não) dos imigrantes à sociedade receptora, ele revelou o emigrante existente no imigrante, ou seja pessoas com história e lugar de origem.

⁸ A descrição e análise das festas serão realizadas no capítulo chamado “Das festas”.

Dois homens no ônibus, quando indagados, disseram que trabalhavam na *montagem* (linha de montagem em fábricas), em Campinas e Ribeirão Preto. Contudo, quando comentei um pouco sobre o calendário agrícola da cana e localização das usinas, eles sabiam responder e conversavam com muito entendimento. Parecia ser o trabalhador rural querendo ser operário, com o destino da proletarização no seu horizonte, com a vida partida entre o “cá” e o “lá”⁹.

As grandes tensões que vinham sendo observadas nas duas comunidades rurais estudadas foram expressas por esses homens: (i) proletários no território da cana, espaço de trabalho; (ii) camponeses-migrantes, entre o cá o lá; e (iii) camponeses, em uma dura luta para manter a família na terra. Sujeitos com uma inserção já longa (desde a década de 1970) no mundo da indústria da cana-de-açúcar como proletários; camponeses-migrantes, como tantos milhares que perderam suas terras em nome da modernização e da expansão capitalista no campo, procurando formas para se reproduzir socialmente com seu grupo familiar; camponeses do Vale forjados ainda na época em que o ouro e outros metais preciosos faziam com que esta região fosse a “Menina dos olhos” do Império colonial português.

Ao mesmo tempo, eram homens orgulhosos, criando para si uma realidade “única” (a da fábrica ou a da roça), não dando confiança à mulher/pesquisadora.

Nos trabalhos de campo anteriores, já havia percebido que a conversa com os homens era mais delicada: eles devem se apresentar sempre como vitoriosos e chefes de família provedores; contar a dureza da vida durante os nove meses de sofrimento para uma mulher-estranha não é fácil. O mais natural é orgulhar-se da casa equipada com

⁹ Sendo o “cá” o destino da migração e o “lá” a terra de origem, já tão distante. São 24 horas separando dois mundos.

produtos adquiridos com o suor do trabalho em São Paulo e com as economias realizadas pela família no Vale.

Sayad (1988), ao estudar o emigrante-imigrante argelino observou que uma das características do fenômeno da emigração é a *dissimulação*, para os próprios sujeitos, da verdade de sua condição como “transitório”. Quando ele esteve na Cabília, região da Argélia de onde partiram muitos migrantes, observou as aldeias em festa com a chegada dos homens: altos, altivos e felizes em retornar para suas aldeias, para casamentos e festas. Na aldeia, os homens falavam do quanto o trabalho era difícil na França, de todo o resto não falavam. Quando o pesquisador os encontrou na França, viu-os em alojamentos precários, retraídos em suas camas. Num depoimento colhido pelo autor, um argelino de 21 anos afirma:

Eles [os homens mais antigos que migraram para a França] não servem nem para o trabalho nem para o combate; estão quebrados, só servem para dormir até a ‘hora mais quente do meio-dia’. Para estes a terra serve, agora que da França eles trouxeram suas carcaças; foi só o que ela lhes deixou: um monte de ossos que eles preservaram; só lhes resta isso, o essencial, o que é ‘vivo’, eles deixaram na França. Aliás, todos voltaram [da França] com alguma coisa: alguns, com uma aposentadoria; outros, uma pensão por invalidez. Eles trouxeram consigo, ‘da França, sua parte’. (SAYAD, 1998, p. 31 - entrevista concedida em 1975)

Ao analisar as contradições do processo de expansão do capitalismo na agricultura brasileira, Martins (1986; 1988a) aponta que, no decorrer desse processo, milhares de camponeses e indígenas perdem suas terras: recriam-se em outro lugar, em fronteira; podem ser constrangidos à proletarização, liberando a terra para a extração da renda fundiária; podem resistir e lutar pela terra. O campesinato brasileiro encerra todas essas contradições. Ademais, a *transição* para o autor refere-se mais que à passagem de

um espaço a outro, refere-se à passagem de um tempo a outro: do tempo de produção camponesa para o tempo de produção e reprodução do capital. O migrante é o sujeito social por excelência que submetido à lógica de reprodução do capital vive a transição entre duas lógicas, dois mundos:

Ser migrante temporário é viver tais contradições como duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituída por específicas relações sociais, historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo, sair quando está chegando, voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca. (MARTINS, 1986, p. 45)

Os cortadores de cana também dissimulam para si mesmos sua condição de *transitórios*¹⁰, revelam orgulho de pertencer à comunidade e orgulho de suas novas mercadorias, duas dimensões da vida indissociáveis no momento. Escondem o quanto estão submetidos à lógica de exploração de seus corpos e de suas vidas como proletários da empresa capitalista de cana-de-açúcar. Os homens levam de São Paulo seus corpos exaustos, *quebrados*, após o longo período da safra e, levam nos bolsos o acerto de contas com a usina (sempre menor que o esperado¹¹) para a compra das mercadorias e para garantir a reprodução social de sua família.

José de Souza Martins (1988a), ao discorrer sobre a compra dos óculos escuros nas rodoviárias do Brasil, afirmou que as lentes compõem uma máscara que denota a *transição* deste sujeito. As falas dos migrantes sobre suas novas mercadorias revelam a

¹⁰ O termo transição nos parece indicar um sentido único estabelecido para a trajetória do campesinato, um ponto de partida e um ponto de chegada, que não corresponde à diversidade de processos sociais existentes no Brasil por isto, optamos por “transitórios”.

¹¹ Nos boletins de sindicatos rurais e do SPM e nas entrevistas realizadas sempre aparece a denúncia de fraudes ora no peso da cana cortada ora no acerto final de contas onde aparecem muitos descontos.

perversidade do fetiche da mercadoria e também escondem tudo o que o migrante não expõe facilmente como o sofrimento vivido com as condições de trabalho, as perdas e as saudades. A entrada dos camponeses no mundo do trabalho assalariado, especificamente no corte de cana de açúcar em São Paulo, expõe rudemente a inserção tão precária e contraditória desses sujeitos no mundo moderno no qual, entre outras características, o trabalho deixa de ser um elemento constitutivo de um modo de vida e se torna força de trabalho a ser absorvida pelo mercado.

[...] o signo do moderno, os óculos escuros, é engolido por uma lógica antimoderna, embora continue parecendo moderno. Este é o ponto: parecer moderno, mais do que ser moderno. A modernidade se apresenta, assim, como a máscara para ser vista. Está mais no âmbito do ser visto do que no do viver. Ora, de qualquer modo, mesmo que o tempo do mascaramento seja esse tempo pretérito, a máscara é a identidade superficial e fenomênica própria da modernidade. (MARTINS, 2008a, p. 33)

A análise do processo que transforma o camponês-migrante em consumidor de mercadorias deve ser analisado com muito rigor. O campesinato não participa integralmente da lógica de produção e consumo de mercadorias, dado que o valor de uso permeia ainda hoje sua vida e suas representações. A mercadoria está disponível para o campesinato porém seu fetiche e sua invenção como imprescindível, é vivida por eles de forma particular.

Em seus lugares de origem, em suas comunidades, os homens têm casa, muitos cultivam roça com a família, são chamados pelo nome, são conhecidos por todos, não são submetidos a roupas de trabalho sufocantes, tomam banho de rio na época das águas, movimentam o comércio local e trazem novidades (as “modernagens”) para o interior de

suas casas e comunidade. São continuidade, pertencimento, dignidade¹², lugar e movimento.

Esses mesmos sujeitos, quando em São Paulo, moram em alojamentos insalubres, podem ludibriar os comerciantes locais adquirindo dívidas, são mal-vistos por muitos das cidades onde se encontram, não sabem o dia da semana em que se encontram, recebem notícias esporádicas da família e, mais relevante, estão na condição de *transitórios*. Sentem-se temporários no espaço da cana, a ele não se apegam, apenas o suportam. Conversar com os homens fora de seu lugar de origem mostrou o quanto eles estão deslocados em São Paulo.

Há uma auto-identificação dupla que traduz as contradições vividas por esta parcela do campesinato: podem definir-se como sendo da “sua comunidade” e como cortadores de cana. É nesta dupla afirmação, proletários no espaço da cana e camponeses no Vale, que reside à contradição: o quanto uma identidade define e sustenta a outra? Vivem numa margem, entre o local de trabalho (exploração e dinheiro para a reprodução de sua família) e o território de sua comunidade e família.

Martins (1988a) salienta que nem sempre a imigração é um problema, ela pode também representar autonomia para uma parcela camponesa que se liberta do julgo de dominação de latifundiários. Tal constatação, no entanto, não revela que a liberdade obtida ao sair do julgo de latifundiários é uma liberdade dentro dos limites da reprodução do capital, ou seja, a liberdade para vender a sua força de trabalho onde quiser, ou mais realisticamente, onde o mercado absorvê-la. Para Silva, a condição vivida antes da década de 1970 por uma parcela do campesinato já era uma *dominação-exploração* capitalista:

¹² E são bonitos, as pessoas dignas emanam uma beleza.

O que ocorreu foi uma mudança nas relações sociais, no interior da dominação capitalista. Os antigos coronéis e fazendeiros foram substituídos pelos usineiros e fazendeiros via novos mediadores, sob a égide do Estado e dos aparatos jurídicos. (SILVA, 1999, p. 19)

No caso estudado, o mercado principal de absorção da força de trabalho masculina se encontra no setor sucroalcooleiro no estado de São Paulo.

Foi no segundo trabalho de campo, em julho de 2007, época de corte, que a pesquisa se concentrou nas famílias e mulheres dos cortadores de cana. As primeiras entrevistas, nesta coleta, não foram gravadas por conta da vergonha/desconfiança que esse equipamento provocava. Durante algumas conversas, eu anotava continuamente a fala das entrevistadas. Diferentemente dos homens, as mulheres expuseram suas vidas e suas práticas cotidianas na comunidade.

Os métodos de coleta de registros, impressões e informações utilizados no trabalho de campo foram a observação participante, as entrevistas semi-estruturadas e algumas histórias de vida, sem perder de vista que todos os discursos são sempre mediados por uma série de valores, inclusive o da própria pesquisadora.

As principais perguntas feitas para as mulheres durante os trabalhos de campo foram: como se sentem quando os maridos não estão em casa, como organizam o cotidiano, como é a vida na entressafra da cana, como administram a economia doméstica familiar, o que esperam para o futuro de seus filhos.

Ainda em campo, a observação se dirigia às práticas cotidianas das mulheres, ao cuidado com a casa e os quintais, às roças cultivadas pelos moradores mais velhos, à sociabilidade e ao ritmo de vida da comunidade.

A partir do conjunto de observações e entrevistas, das anotações feitas nas tantas cadernetas de campo, do estudo da teoria, das conversas com a orientadora que instigava a revelar o que estava velado (às vezes as nossas premissas ou o excesso de cuidado com a pergunta central da pesquisa formaram véus que nublavam a interpretação da realidade), novos temas se revelaram, dentre eles o da subproletarização e da condição de margem vivida pelas comunidades. “Terceira margem.”

Algumas das entrevistas em Engenheiro Schnoor ocorreram em bares, com cantorias, cerveja e cachaça; outras, em cozinhas e quintais preparando a comida, nos salões de beleza improvisados nas casas ou caminhando pelas ruas. Algumas se tornaram histórias de vida. Escrever sobre estas entrevistas não é tarefa fácil, requer uma atenção ética e humana. As conversas sobre a ausência dos maridos e a vida quando eles estão longe foram de tanta intensidade que não foram gravadas e sequer anotadas nos três primeiros trabalhos de campo, em 2007 e 2008. Até mesmo o registro fotográfico das mulheres foi evitado.

Percorrendo a comunidade, entre uma entrevista e outra, ao longo das semanas passadas ali, observava atentamente quem estava nas ruas, como eram as crianças, que tipo de comércio se estabelecia, como eram as ruas, calçadas, praças, casas, quintais e como as pessoas da comunidade se relacionavam em suas práticas cotidianas.

No quarto trabalho de campo, já conhecendo e sendo conhecida por alguns moradores, as entrevistas puderam ser gravadas. As entrevistas transcritas encontram-se na íntegra no final do volume.

Dada a dureza da realidade relatada e a garantia de poder dizer tudo o que quisessem sem ter o nome divulgado, os nomes de mulheres entrevistadas serão

propositalmente fictícios. Os relatos foram muito pessoais e nos preocupamos em defender a intimidade daquelas que tanto revelaram, daquelas que encontraram na pesquisadora - que não é da comunidade, portanto não compartilha o conjunto de costumes e de valores das pessoas do lugar - um canal para refletir sobre a própria vida.

Pelo compromisso firmado em campo de trocar os nomes de algumas mulheres, optamos em trocar todos os nomes das pessoas das duas comunidades na tentativa de deixar no anonimato quem pediu, dado que as trajetórias de vida se entrecruzam. Pelo mesmo motivo, optamos em não colocar nenhuma foto das pessoas das comunidades. Durante os trabalhos de campo levávamos as fotos tiradas na temporada anterior para presenteá-los pois sempre era com alegria e orgulho que eles mostravam as fotos da família.

Na comunidade de Alfredo Graça, as entrevistas ocorreram nas casas ou nos lotes dos assentados. Os homens do assentamento “Para a Terra” conversaram sem demonstrar vergonha, se orgulhavam da produção na terra, da vida com suas famílias e da luta.

1.1 Algumas premissas sobre as teorias migratórias

Segundo Vainer (2007) e Póvoa Neto (1997), são três as principais correntes teóricas identificadas nos estudos sobre a migração, quais sejam: (a) neoclássica, (b) histórico-estrutural e (c) mobilidade do trabalho.

A liberdade do trabalhador é uma das premissas da explicação dada pela corrente (a) neoclássica. O mercado regularia o fluxo de pessoas livres e o espaço social seria homogêneo, abstrato e puramente econômico, fundado na liberdade individual. O

trabalhador livre possui a si mesmo e suas inúmeras capacidades (inclusive a capacidade do trabalho) e deve colocá-las à venda.

O mercado orienta os trabalhadores, que são racionais, a locarem de maneira ótima o recurso de que dispõem – seu capital humano. Sendo o mercado o mais eficaz mecanismo para otimizar a alocação de recursos (inclusive capital humano, ou a população), qualquer intervenção externa, qualquer tentativa de bloquear o livre jogo de oferta e procura de localizações implicaria em um distanciamento em relação ao ponto ótimo para o equilíbrio espacial, ótimo para o capital e, por conseguinte, ótimo para toda a sociedade. (VAINER, 2007, p. 20)

Em concordância com Vainer, Póvoa Neto afirma que para a concepção neoclássica, o migrante seria:

(...) um portador de trabalho, um fator produtivo que, em combinações adequadas com a terra e o capital, apresenta interesse para os processos de desenvolvimento econômico. (PÓVOA, 1997, p.15)

O raciocínio neoclássico entende a liberdade do trabalhador em sua positividade: ele tem sua força de trabalho para ser negociada no mercado de trabalho.

Não há como investir na teoria neoclássica da liberdade e da regulação do mercado, pois esta nega qualquer possibilidade e entendimento dialético da realidade e seus conflitos¹³. Para os neoclássicos, se o mercado é o grande regulador, qualquer estranhamento visto na realidade pode ser lido como o momento de desestruturação em vias de equilibrar-se, pois, afinal, este seria o grande mérito do mercado.

¹³ ¹³ Tendo em vista também as migrações internacionais e toda a sua complexidade, não nos parece factível afirmar que a migração re-equilibrará os diferentes espaços e que o migrante seja este indivíduo dotado de toda a potência de sua liberdade.

No segundo modelo analisado pelos autores, denominado (b) estrutural, também chamado por alguns autores de histórico-estrutural, os indivíduos não fazem escolhas, “(...) é o movimento do capital, sua expansão e retratação, seu deslocamento ou permanência que comanda a mobilidade e localização do trabalho.” (VAINER, 2007, p. 21). O espaço deixou de ser o espaço social da liberdade individual, agora é o espaço da estrutura capitalista, espaço estrutural ou estruturado. O protagonista deste espaço é o capital.

No modelo histórico-estrutural ou estrutural, os grupos e as classes sociais sofrem a pressão das estruturas sociais. Os motivos de expulsão no lugar de origem e a sua função no interior do sistema econômico mais amplo são centrais nos estudos sobre a migração para esse modelo. No entanto, há problemas em conciliar os níveis macro e micro na análise do fenômeno, segundo Póvoa (1997).

No modelo histórico-estrutural, o trabalhador como indivíduo é somente portador da lógica da estrutura e não mais o sujeito livre do modelo neoclássico.

Para os neoclássicos, a ‘liberdade’ dos sujeitos era constituída somente por sua positividade. A corrente histórico-estrutural mostra a face obscura da liberdade, a sua negatividade. O conceito de liberdade negativa em Marx busca compreender o trabalhador como despossuído dos meios de produção e de subsistência, sujeito pelo capital, sujeito-sujeitado.

A crítica à liberdade negativa tende a ser ‘borrada’ conforme o capital se espacializa ao longo do tempo. A violência da acumulação primitiva, descrita por Marx, se naturaliza. Os trabalhadores serão educados, disciplinados e exercerão ‘livremente’ as leis da estrutura, tão ‘livremente’ que a negatividade da liberdade deixará de ser fruto de uma série de expropriações.

Vainer identifica nos dois modelos antagônicos uma convergência: o espaço de deslocamento, em ambos modelos, é um espaço econômico do mercado ou da estrutura, espaço da razão (estrutural capitalista ou do mercado). As considerações sobre a estrutura do capital e de sua reprodução estão formuladas em Marx e poderiam se tornar atemporais.

Ambas correntes dispensam um trabalho de campo que se debruce sobre a realidade vivida pelos migrantes já que as explicações já estão dadas.

Os migrantes mobilizados para o corte não são tão sujeitos de seu caminho (como os neoclássicos gostariam) todavia tampouco devem ser vistos somente como sujeitados a um modelo econômico como sugere a corrente histórico-estrutural.

A contradição sujeito/sujeitado inerente à atual condição de trabalhadores temporários está presente nas práticas dos migrantes junto às suas famílias e comunidades no município de Araçuaí. A contradição se expressa nas práticas cotidianas desconsideradas pelas duas correntes.

O território camponês estudado nas duas comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha (como será apresentado ao longo da tese) não é apenas o lócus de sobrevivência material e de pertencimento de pertencimento, é também um lugar de ação política¹⁴. É a 'terra'. Para o campesinato ela é um dos alicerces que rege todo um modo de vida secular e em permanente transformação. À terra, os camponeses retornam, pois ela guarda sua família, sua identidade e potencialmente as condições para a sua realização humana.

Póvoa Neto afirma que estamos diante de um campo em disputa, "(...) um campo de enfrentamento de posições políticas e metodológicas a respeito da migração, o qual

¹⁴ Exercido nos sindicatos, nos encontros promovidos pela SPM e Cáritas mas que não foi o foco da nossa pesquisa.

será aqui designado como constituindo a questão migratória” (1997, p.12). Ele apresenta mais uma possibilidade teórica além da neoclássica e da estrutural. Para este autor assim como para Heidemann (anotação de aula, 2008), a terceira corrente assenta-se nas formulações de Gaudemar (1976) sobre a (c) mobilidade do trabalho.

Gaudemar (1976) resgata em Marx (especialmente no capítulo inédito) a crítica às formulações neoclássicas ancoradas em Adam Smith para erigir o conceito crítico de mobilidade do trabalho. Como muitos dos conceitos em Marx, a mobilidade da força de trabalho não deve ser encarada como totalmente definida. Gaudemar afirma:

(...) como conceito que corresponde às formas de existência da força de trabalho como mercadoria, surge e impõe-se também a partir da análise destas formas propriamente ditas: constitui o único modo de compreender globalmente aquilo que permite, na multiplicidade de seus modos, a submissão do trabalho ao capital. (1976, p. 341)

Para a compreensão desta submissão, o autor resgata o caráter triplo da mercadoria: valor de uso, valor de troca e inserção no mercado. A inserção no mercado possibilita o entendimento do trabalho transformado em força de trabalho. O trabalho (como nexos de mediação social), diante do capital, permanece com seu caráter concreto de produtor de valores de uso e ganha um significado abstrato: é reduzido a força de trabalho e produtor de valor.

A força de trabalho é uma mercadoria muito particular: seu valor de uso possui a virtude de ser valor de troca, e ao ser consumida, cria valor – determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção. A força de trabalho torna-se uma mercadoria cujo consumo cria valor e este produz capital.

Como força de trabalho, o trabalho humano pode ser comprado e vendido dado que ele é livre (em sua positividade e negatividade). A mobilidade do trabalho, ou da força de trabalho, torna-se condição de existência da reprodução ampliada do capitalismo. Outra condição para a reprodução é a submissão da mobilidade do trabalhador às exigências de organização do trabalho: duração, intensidade, produtividade, deslocamento espacial. Reside aqui uma das chaves teóricas, no campo econômico, para a compreensão da questão migratória.

Segundo Gaudemar, quanto maior a produção capitalista, maior a mobilidade exigida à capacidade de trabalho:

A mobilidade é a capacidade que permite à força de trabalho adaptar-se às variações da jornada de trabalho, à permutação dos postos de trabalho, aos efeitos de uma divisão do trabalho cada vez maior. (1976, p. 194)

A fronteira entre a abordagem da mobilidade do trabalho e a concepção histórico-estruturalista parece-nos tênue. Póvoa (1997) aponta que a primeira enfoca o processo de acumulação capitalista em escala ampliada e que a segunda enfoca os problemas estruturais causadores dos fluxos migratórios.

Para os que defendem a teoria da mobilidade do trabalho, uma alternativa se apresenta: estudar as formas como o capital mobiliza a todos nós, como dispõe da força de trabalho e como lança mão dos migrantes, na escala (relacional) estudada que for, para sua reprodução.

A discussão sobre a questão migratória, como observado até o momento, também apresenta seus 'campos' e 'sub-campos' de disputa. Tomamos de Bourdieu (2004, p. 21) o conceito de campo como sendo todo o universo entre o texto e o contexto, universo no

qual se inserem os agentes sociais e as instituições que o produzem. O campo científico é um mundo social que também tem suas regras e exigências e constitui-se num campo de força, campo de lutas tanto em sua representação como na realidade.

Heidemann¹⁵, além das correntes mais difundidas, apresenta outra possibilidade de análise: a crise e o fim do trabalho. O migrante ‘mobilizado de antigamente’ tornar-se-á, além de mobilizado, flexibilizado.

Abdelmalek Sayad, apontado como um dos progenitores dos estudos, chamados “culturais”, em textos publicados entre 1975 e 1988, reunidos no Brasil no livro chamado “A imigração” (1998), apresenta temas novos relacionados à lógica do movimento migratório.

O intelectual argelino também é um imigrante, mas numa situação privilegiada, como professor na França. Viveu a década de 1970 entre a França e a Argélia e conheceu o processo de desestruturação pelo qual passaram as comunidades rurais da Argélia, especialmente da Região Kabila, e a intensa migração desses para a França. Em outros países da Europa também a migração foi incentivada até meados da década de 1960/1970 quando começou a tornar-se um problema, do ponto de vista da sociedade receptora, que atualmente mobiliza boa parte do aparato jurídico e policial destas nações para a contenção do fluxo.

Um dos méritos do autor foi entender a dimensão simbólica e material do “retorno como elemento constitutivo da condição do migrante” (Sayad, 2000). Muitos suportam as agruras da imigração para terem seu lugar, lugar do emigrante, garantido

¹⁵ Dieter Heidemann ministrou em 2008 o curso: Migração e Dinâmicas Territoriais nos Processos de Modernização. Muitas das inferências a seguir foram extraídas dos meus apontamentos das aulas ou da leitura de alguns textos seus em cópia mimeo.

em sua volta, ainda que seja como mito. 'Retorno' que possibilitará, no caso dos argelinos estudados por ele, o re-encontro com a família e com o lugar.

Segundo Sayad, este retorno pode se constituir numa dupla ficção: ficção de uma volta que se sabe impossível e a ficção de uma naturalização ambígua na França.

O entendimento dos processos sócio-territoriais que criam a mobilidade do trabalho careceria, para os "culturalistas", de outras explicações que dêem conta de entender o que mais estes trabalhadores são (além de força de trabalho), o que fazem, com que sonham e como se territorializam.

Ao longo dos capítulos desta pesquisa analisaremos como o campesinato se tornou força de trabalho mobilizada pelos interesses de reprodução do capital e se esses trabalhadores garantem, precária e contraditoriamente, a reprodução social de sua família.

O caminho teórico-metodológico escolhido foi a análise das práticas cotidianas para a crítica dos processos que mobilizam o camponês do Vale, transformando-o em força de trabalho, lançando-o em uma margem onde a vida acontece num fio de navalha.

2

Panorama da produção de agrocombustíveis

*Eu já fui Rei, a minha mulher foi Rainha,
pela mata eu ia e vinha, livre como animal,
Mas hoje em dia, sou como um bicho acuado,
trabalhando acorrentado, preso no canavial*

*O corta cana, corta cana, corta cana, nego velho,
corta cana no canavial*

(Corta cana. Mestre Toni Vargas)

Uma das contribuições que esta pesquisa almeja é revelar um aspecto ainda não muito abordado no campo das ciências humanas acerca da questão energética brasileira e da opção pela produção do etanol advindo da cana-de-açúcar, qual seja: a territorialização contraditória do camponês-migrante que corta cana de açúcar em São Paulo. Esperamos que esta análise da migração venha se somar às reflexões sobre a questão energética, sobre o agronegócio e, no campo mais específico da geografia agrária, possa trazer o tema da migração e suas implicações nos lugares de origem e na reprodução social dos camponeses migrantes como conteúdos relevantes no estudo do espaço agrário latino-americano.

Há autores que se debruçaram sobre as condições de trabalho do migrante cortador de cana em São Paulo e que teceram algumas considerações sobre o seu lugar de origem tais como Francisco Alves (2006; 2007) e Maria Aparecida de Moraes Silva (1999). Entretanto não conhecemos muitos trabalhos cujo foco de análise seja a reprodução social do trabalhador migrante e sua territorialização contraditória em seu lugar de origem, na forma como pretendemos fazer neste trabalho.

Tendo como objetivo secundário da tese, *entender como ocorre o processo contraditório da reprodução camponesa em face da territorialização do gado e do eucalipto em Minas Gerais e da cana-de-açúcar em São Paulo* nos lançamos neste capítulo à empreitada de desenhar um panorama da produção de açúcar e álcool em São Paulo - e seu corolário, a produção da agroenergia e sua demanda por trabalhadores migrantes - bem como a cumplicidade do Estado no processo de territorialização do agronegócio e mobilização de força de trabalho.

Faremos a seguir algumas observações sobre o agronegócio do setor sucroalcooleiro, para retomarmos nos capítulos subseqüentes, a questão migratória em Araçuaí e a territorialização do gado e do eucalipto em Minas Gerais.

2.1 Antecedentes ambientais

A relação entre crescimento econômico desmedido e o agravamento das questões ambientais ganhou um novo contorno a partir da realização de fóruns internacionais e da publicação de alguns documentos. Dentre eles, o Relatório do Clube de Roma em 1972¹⁶, elaborado na Primeira Conferência do Meio Ambiente, ocorrida em Estocolmo; o Relatório Brundtland ou Nosso Futuro Comum¹⁷ de 1987; a Agenda 21¹⁸ (plano de ação para a implantação do desenvolvimento sustentável) e a Convenção sobre Diversidade Biológica¹⁹ - ambas formuladas durante a II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1992, conhecida como ECO 92. Para tratar mais especificamente das mudanças climáticas, foi criado o Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC)²⁰ em 1988 pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e pela Organização Meteorológica Mundial (OMM). Atualmente são os estudos feitos pelos pesquisadores do IPCC que fornecem o discurso científico oficial ao debate sobre as mudanças climáticas.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.clubofrome.at/about/limitstogrowth.html>>. Acesso em: 11/04/2010.

¹⁷ Apresentado em 1987, propõe o desenvolvimento sustentável como alternativa ao modelo de desenvolvimento. Foi publicado após 15 anos da reunião em Estocolmo e visando a produção de um documento mais detalhado que conciliasse as divergências surgidas durante a I Conferência. Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N87/184/67/IMG/N8718467.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 11-04-2010.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.un.org/esa/dsd/agenda21/>>. Acesso em: 11/04/2010.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.cdb.gov.br/CDB>>. Acesso em: 11/04/2010.

²⁰ O objetivo desse Painel é avaliar os conhecimentos científicos produzidos sobre os efeitos das mudanças climáticas e desenhar ações que possam frear as consequências desse fenômeno.

No campo científico, há os que afirmam que ainda é cedo para que as mudanças climáticas sejam relacionadas às ações antrópicas, visto que o planeta Terra conhece ciclos de aquecimento e de resfriamento há milhões de anos; e que seria necessário mais tempo de estudo para se poder afirmar de forma segura que estamos vivendo um ciclo de aquecimento muito diverso²¹. Para além do debate científico entre os que acreditam e os que são mais cautelosos em relação ao aquecimento global, há duas interpretações possíveis: i) um cuidado com o fazer ciência – diferente do senso comum - e a divulgação de suas verdades; ii) a crença que sem evidências científicas não há porque mudar nenhum padrão de vida. A permanência do modelo atual, nesse caso, interessa a muitos países e empresas multinacionais.

Num rumo muito distinto dessa primeira concepção, o IPCC afirma que as mudanças climáticas são indiscutíveis e que os estados-nações e a sociedade civil devem rever alguns padrões de consumo e de vida, principalmente em relação à produção e consumo de energia - grande vilã responsável pelo aquecimento global e também por inúmeros conflitos geopolíticos. Esta concepção também não é homogênea. Uma vertente acredita que temos que rever radicalmente todos os paradigmas de modo de vida, de trabalho e de relação com a natureza da sociedade moderna. Leonardo Boff é um expoente dessa corrente, seu argumento traz as marcas da teologia. Sua leitura sobre o meio-ambiente converge com a formulação da Teologia da Libertação: os mesmos processos que dão origem e mantêm a pobreza no mundo, são responsáveis pela degradação do planeta.

... a situação da Terra e da humanidade é tão grave que somente o princípio de cooperação e uma nova relação de sinergia e de respeito para com a

²¹ Para consulta, recomendamos no site do departamento de Geografia da USP (em apoio didático, acesso em 10/01/2010) um debate chamado pelo professor Ricardo Augusto Felício de: “Discussão entre um cético e um aquecimentista”.

natureza nos poderão salvar. Sem isso vamos para o abismo que cavamos. (...) Essa cooperação não é uma virtude qualquer. É aquela que outrora nos permitiu deixar para trás o mundo animal e inaugurar o mundo humano. Somos essencialmente seres cooperativos e solidários sem o que nos entrededoramos. Por isso a economia deve dar lugar à ecologia. Ou fazemos esta virada ou Gaia poderá continuar sem nós. (BOFF, 2009)

Ainda dentro da chave da importância do protagonismo humano nas mudanças climáticas, há uma vertente, diametralmente oposta à primeira, defendendo que as inovações na matriz energética devem sobrevir para que os padrões de consumo e bem-estar possam continuar crescendo. Esta última vertente já nasceu com força política e econômica e visa territorializar-se através da produção de novas matrizes que não as fósseis - acentua-se aqui a primazia da técnica para a solução de problemas produzidos em nome do desenvolvimento econômico e da modernização.

Como os temas geração de energia, desenvolvimento e preservação do ambiente estão na ordem do dia, há uma construção social e política também se efetuando no senso comum: há os que acreditam que reciclando o lixo, consumindo menos, neutralizando o carbono e plantando árvores (virtualmente ou não) contribuirão individualmente, e isso já seria suficiente para um mundo melhor, moderno.

O alerta ambiental foi dado e desde então soluções para o crescimento econômico são procuradas de modo a perpetuar a reprodução do capital. O que parecia ser uma nova crise iminente do capital - na década de 1990 muitos acreditaram que a descoberta dos problemas ambientais poderia re-significar as bases da acumulação capitalista - foi logo incorporada como mercadoria potencial tanto pelos Estados como pelo mercado. Parece-nos que a crise de sobreacumulação do capital encontrou na questão ambiental e

mais recentemente na questão energética um campo fértil para que os excedentes de capital sejam absorvidos.

2.2 Agrocombustíveis

Uma das mudanças mais alardeadas como necessárias pelos que acreditam que estamos vivendo um processo de aquecimento global provocado pela ação humana é a diminuição do uso de combustível fóssil.

Cerca de 80% do total de energia consumida no mundo advém da utilização dos três principais combustíveis fósseis: carvão mineral, petróleo e gás natural – principais emissores de dióxido de carbono.

Como alternativa à queima dos combustíveis fósseis, considera-se que a sua substituição seja feita gradualmente por outras fontes energéticas nos diversos setores consumidores de energia como as indústrias, domicílios, agricultura e o setor de transporte²². Para cada uso específico dos combustíveis fósseis há alternativas sendo gestadas. Algumas delas são bem conhecidas como o aumento da produção nas e das hidrelétricas ou usinas nucleares e outras, de tecnologia alternativa, que nos colocam na vanguarda no campo das energias renováveis, tais como o uso do etanol oriundo da cana-de-açúcar.

Uma discussão muito presente desde a crise do petróleo na década de 1970, tem sido a produção brasileira de um combustível capaz de substituir a gasolina nos automóveis. Trata-se, outrossim, da busca de alternativa para o uso do petróleo que

²² Goldemberg no livro *“Energia, Meio Ambiente e Desenvolvimento”* (GOLDEMBERG; LUCON, 2004) diferencia o tipo e o quantum de consumo energético que são consumidos por faixas de renda bem como as escalas dos impactos provocados por cada tipo de energia.

abarca fundamentalmente a esfera do uso individual, os usuários de veículos têm sido estimulados a comprar automóveis com tecnologia *flex fuel*. No Brasil cerca de 25% da frota de automóveis já é *flex fuel* (VIEIRA, s. d.).

Cabe aqui uma tomada de posição. Tanto a expressão biocombustíveis como a expressão agrocombustíveis, ao incorporarem os prefixos “bio” ou “agro” carregam um componente ideológico forte. Ninguém pode se mostrar desfavorável ao “bio”, à vida, ao meio ambiente, portanto há um ganho imediato de simpatia, respaldo importante (mas claro que não imprescindível) para a reprodução do capital²³. Já o prefixo “agro” nos parece aqui mais adequado pois informa que tal produção relaciona-se, de uma forma ou outra, à agricultura e explicita que a produção de biomassa ocupa territórios de produção de alimentos, da agricultura camponesa e de ecossistemas naturais.

A produção dos agrocombustíveis expõe cruamente interesses geopolíticos dos países produtores de petróleo; dos países dependentes da importação do petróleo; das agências multilaterais; dos países que vêem seus estoques do hidrocarboneto diminuir e também do agronegócio, o qual vislumbrou na mudança da matriz energética a ampliação de seus lucros nos países tropicais e pobres. Observamos assim uma nova fase da territorialização do capital que se valerá do apoio de Estados e das condições criadas há séculos em países que foram colonizados como a presença histórica de latifúndios.

A substituição dos combustíveis fósseis pelos chamados agrocombustíveis – elaborados a partir da biomassa vegetal – pode parecer a solução para a crise dos combustíveis fósseis. Contudo, na forma como vem sendo executada, causará uma série de outros impactos nos países pobres que apresentam as condições ideais para a produção da biomassa. Porém, se e quando as condições ideais não estiverem

²³ Ironizando, Frei Beto (2007), em artigo publicado na ABRA, indica que os biocombustíveis deveriam ser chamados de necrocombustíveis.

disponíveis, terra e força de trabalho, especialmente, tornar-se-ão acessíveis graças ao processo de acumulação primitiva ou de acumulação via espoliação, como denominou Harvey, como veremos adiante.

De acordo com o Boletim nº112 de 2006 do Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais (WRM)²⁴, esta substituição seria uma virada de 360°, ou seja: muda-se tudo para que tudo siga igual. É a mudança que visa permanência. A modernização conservadora ecologizada.

Dentre os pontos mais criticados acerca da produção dos agrocombustíveis destacamos os seguintes, de forma não hierarquizada:

- dezenas ou centenas de milhões de hectares de terras férteis têm sido e serão destinados à produção da biomassa;
- ameaça à soberania alimentar dos países;
- expulsão de milhões de produtores rurais do campo;
- poluição da água;
- poluição e problemas de saúde com a chuva de fuligem resultante da queimada da palha de cana;
- diminuição da sócio e da biodiversidade com o cultivo;
- potencial contaminação dos ecossistemas vizinhos causada por organismos geneticamente modificados;
- o balanço líquido de carbono durante toda a cadeia produtiva poderia ser negativo se fosse considerado o combustível gasto com os implementos agrícolas, processamento, maquinário, transporte, comercialização;
- cultivo em larga escala em latifúndios e monoculturas;

²⁴ (WORLD RAINFOREST MOVEMENT, 2006)

- continuidade de uma geopolítica que determina um papel de agroexportadores aos países pobres. Esta continuidade vale-se de uma estrutura, cuja origem encontra-se na época colonial, como latifúndios, monoculturas, elite rural com forte poder político²⁵;
- afirmação do oligopólio de empresas - que controlam e criam a comoditização dos alimentos tais como a Monsanto (que cobrará royalties com a venda de sementes transgênicas e com a venda do produto final), a Cargill, Bunge e ADM (que já controlam a comercialização), entre outras - em oposição à agricultura camponesa e à soberania alimentar;
- condição de trabalho degradante dos camponeses, proletários, migrantes e sub-proletariados que trabalham na produção da biomassa.

A produção de matéria-prima para os agrocombustíveis (álcool e biodiesel) já adquiriu escala mundial. Onde há terras férteis, clima tropical, disponibilidade de mão-de-obra barata e conivência dos governos locais, os alimentos e os camponeses perdem terras para o cultivo dos agrocombustíveis e os trabalhadores se vêem assim obrigados a vender sua força de trabalho em condições degradantes. O supracitado boletim do WRM (ibid.) e o documento *"Agroenergía: mitos y impactos en América Latina"* (CPT; RED SOCIAL DE JUSTICIA Y DERECHOS HUMANOS, 2007), cartilha elaborada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) e pela Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, em setembro de 2007, abordam alguns exemplos relativos a países da América Latina, África e Ásia. A

²⁵ No Brasil já se tornou bem conhecida a relação da bancada ruralista com negociações políticas de várias ordens, muitas delas escusas como troca de votos para projetos, nepotismo, negociação de cargos, trancamento da pauta de votação na Câmara Federal e no Senado, tentativa de criação de CPIs para criminalizar movimentos sociais, alterações em leis ambientais.

seguir, um breve panorama, pautado nas duas publicações mencionadas, revela as condições de produção da cana-de-açúcar e dendê nesses países.

Trabalhadores da Nicarágua, onde somente quatro engenhos controlam toda a cadeia produtiva do açúcar, migram para a Costa Rica e vivem em condições semelhantes aos trabalhadores do Brasil: salário por tarefa, ausência de registro de trabalho, jornadas de trabalho abusivas, falta de assistência médica e moradias precárias.

Na Guatemala, a concentração de terras atinge níveis tão assombrosos quanto os brasileiros, menos de 0,2% dos produtores concentram mais de 70 % das terras cultiváveis. Grande parte da população camponesa e indígena migra em determinadas épocas do ano em busca de trabalho uma vez que as propriedades rurais se tornaram muito pequenas.

A República Dominicana, desde a década de 1920, importa trabalhadores pobres do Haiti. Os imigrantes não têm acesso a nenhum direito trabalhista e depois que a sua força de trabalho foi intensamente gasta, ao final da safra, freqüentemente, são mandados de volta ao Haiti. Na República Dominicana, três empresas controlam 75% das plantações de cana.

Na Colômbia, o número de “expropriados” durante as décadas de 1940 e 1950 alcançou um total superior a meio milhão de pessoas que perderam quase 100.000 fazendas. O Estado colombiano, conhecido por sua truculência contra os camponeses, corrobora para a produção dos agrocombustíveis com o cultivo de cana-de-açúcar e dendê por meio da promulgação de leis, isenções fiscais às usinas, ações militares e ações paramilitares. A Colômbia estabeleceu para 2009 a meta de 10% de etanol anidro misturado à gasolina e deverá chegar, num período de até 20 anos, em 25% de etanol misturado à gasolina. O país já ocupa o quarto lugar em produção de dendê no mundo.

Segundo o boletim do WRM:

(...) pesquisadores deste desenvolvimento agroindustrial têm denunciado que estes cultivos foram utilizados para lavagem de dinheiro do narcotráfico e como mecanismo dos paramilitares para deslocarem compulsoriamente a população, porque seu propósito é apropriar-se de importantes e ricas regiões. Sua estratégia tem consistido em deslocar as pessoas e as terras serem abandonadas; as terras são ocupadas pelas empresas que cultivam dendezeiros. Após as desapropriações uma parte do campesinato se transforma em subproletário do dendê. (WORLD RAINFOREST MOVEMENT, 2006)

No departamento de Santa Cruz, Bolívia, constatou-se a ocupação de 30.000 pessoas envolvidas na produção de cana-de-açúcar sendo que 7.000 são menores de 18 anos. Destas, 27% afirmam que migram sozinhas durante a safra.

Em Camarões, Gana, Costa do Marfim, as plantações industriais são amplamente beneficiadas por programas governamentais e pelo capital internacional. O cultivo de dendê é anterior à colonização europeia no continente. A agroindústria do dendê em Camarões também contrata trabalhadores em caráter temporário, abriga-os em alojamentos, obriga-os a jornadas exaustivas de trabalho e não lhes oferece seguro de acidente ou saúde²⁶.

Indonésia e Malásia ocupam a liderança no mercado mundial do dendê. Nesses países, também há redistribuição de terras para grandes empresas; conflitos fundiários; destruição de florestas nativas e ecossistemas locais e alterações no comércio nacional e internacional que provocam mudanças drásticas na vida de comunidades²⁷.

²⁶ Para aprofundamento, consultar as atividades da SOCAPALM in Boletim nº 112 de 2006 da WMR.

²⁷ As companhias adquiriram e controlam as terras em um contexto de muitas irregularidades entre as quais se destacam: direitos consuetudinários não reconhecidos; plantações estabelecidas sem autorização governamental; informação não providenciada às comunidades; acordos consensuados não negociados; líderes tradicionais manipulados para realizarem vendas forçadas; compensações não pagas; promessas de benefícios não cumpridas; terras de pequenos proprietários não alocadas nem desenvolvidas; pequenos proprietários lesados com dívidas injustificadas; pesquisas sobre impactos ambientais realizadas tarde demais; terras não desenvolvidas dentro do período estipulado; resistência das comunidades esmagada

As condições de produção dos agrocombustíveis nos países apenas citados revelam como o espaço mundial é reorganizado e produzido num contínuo processo de criação de condições adequadas para a expansão histórica e geográfica do capitalismo. Contraditoriamente, as atuais amplitudes e intensidade desses processos têm grande potencial destruturante em relação à própria sociedade capitalista. Harvey (2005), numa releitura do conceito de acumulação primitiva de Marx, cunhou o conceito de “acumulação via espoliação” ao considerar que não podem continuar sendo chamados de “primitivos” ou “originais” processos que perduram predatoriamente na geografia histórica do capitalismo.

Esse conceito surge para dar conta de um leque de estratégias de produção do capital, e conseqüentemente produção e reordenação do espaço, que se aperfeiçoaram desde a análise de Marx.

Um exame mais detido da descrição que Marx fez da acumulação primitiva revela uma ampla gama de processos. Estão aí a mercadificação e a privatização da terra e a expulsão violenta de populações camponesas, a conversão de várias formas de direitos de propriedade (comum, coletiva, do estado, etc) em direitos exclusivos e propriedade privada; a supressão dos direitos dos camponeses às terras comuns (partilhadas); a mercadificação da força de trabalho e a supressão de formas alternativas (autóctones) de produção e de consumo; processos coloniais, neocoloniais e imperiais de apropriação de ativos (inclusive de recursos naturais); a monetização da troca e a taxaço, particularmente da terra; o comércio de escravos; e a usura, a dívida nacional e em última análise o sistema de créditos como meios radicais de acumulação primitiva. (grifos nossos, HARVEY, 2005, p. 121)

No Brasil, a produção de álcool pelo agronegócio do setor sucroalcooleiro produz relações de trabalho, com a convivência do Estado, de forma tão peculiar que se torna paradigmática para a compreensão da acumulação via espoliação. Nossa pesquisa visa analisar esse processo em suas contradições. Ao longo dos próximos capítulos abordaremos as bases em que se dá a reprodução social dos migrantes que cortam a cana-de-açúcar no estado de São Paulo para garantir a reprodução social de sua família - que perdeu terras com a consolidação da "fazenda" no Vale do Jequitinhonha.

2.3 A convivência do Estado brasileiro

Mister se faz entender a importância e o papel do Estado brasileiro na produção do álcool anidro e hidratado, dois produtos advindos do cultivo da cana. Optamos em realizar nessa pesquisa um recorte temporal centrando nossa análise em algumas ações do governo Lula. Não obstante, relembremos, em breves linhas, que a ação do Estado brasileiro data da década de 1930, quando, após a crise de 1929, incentivou a produção de álcool anidro no Brasil porém não criou regulamentação nacional.

No início da década de 1970, Estados Unidos e Europa configuravam-se como grandes importadores de petróleo dado o sucesso dos motores a diesel. Em 1973, na conhecida "crise do petróleo", houve uma diminuição proposital por parte dos países produtores do Oriente Médio na extração e venda do hidrocarboneto. Vários fatores geopolíticos impulsionaram a subida do preço do barril, entre eles a Guerra do Yom Kippur, visto que os Estados Unidos e alguns países da Europa apoiaram Israel enquanto os países árabes produtores de petróleo apoiaram os palestinos na Guerra. O preço do

barril subiu em cerca de 300% em menos de um mês. A Revolução Islâmica, liderada pelo aiatolá Khomeini, provocou o segundo grande choque do petróleo em 1979.

Com a dependência do petróleo como fonte de energia consolidada, há uma preocupação que perpassa o econômico e situa a produção de energia como estratégica no mundo todo, desde a década de 1970, seja no que se refere a conservação e economia de energia, seja na busca de fontes alternativas.

O presidente Geisel encomendou um estudo à Petrobrás solicitando as possibilidades de utilização de fontes não-convencionais de energia. Esses estudos culminaram na criação do Programa Nacional de Álcool (Proálcool) em 1975, agregando os interesses do Instituto do Açúcar e Álcool (IAA) e da Coopersucar. Ainda nos dias de hoje, Bautista Vidal, o grande mentor do Proálcool, mostra-se um entusiasta diante das nossas condições tropicais para a produção de alternativas como o etanol e o biodiesel.

Após trinta anos e diversas ofensivas e recuos produtivos e econômicos, relacionados ao cenário nacional, mundial e à capacidade das indústrias automotivas de consolidar os carros a álcool, a produção do etanol voltou a ser importante objeto de políticas públicas na década de 1990, quando as ditas crises ecológicas (e energéticas) entraram na agenda de países e de empresas, como abordado anteriormente nesse capítulo. O Proálcool subsidiou, até a década de 1990, o setor com recursos do Banco Mundial. Com tais incentivos, a cana-de-açúcar territorializou-se no Centro-sul e São Paulo tornou-se o maior produtor de cana-de-açúcar. Hoje, a produção sucroalcooleira está centrada no setor privado e recebe investimentos da carteira de crédito do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES).

O Governo Lula, desde 2002 até os dias de hoje, comprometeu-se com a produção do agronegócio brasileiro seja num primeiro momento alegando superávit primário

graças à soja, seja nos dias de hoje encantado com a possibilidade geopolítica de nos tornarmos o país do etanol, o país dos biocombustíveis (mesmo após a descoberta das reservas petrolíferas do Pré-sal.)

Diversos autores da geografia agrária, dentre eles Ariovaldo Umbelino de Oliveira, desfazem o mito criado em torno do agronegócio.

Em 2003 e 2004, todos devem se lembrar, o grande mito do agronegócio era a soja. Agora é o etanol, ou, como prefere a maioria dos brasileiros: o álcool combustível. É assim, produzindo um mito atrás do outro, que os donos (players) do agronegócio vão construindo ilusões para a maioria dos brasileiros de que a agricultura capitalista no Brasil é, agora, a salvadora do planeta Terra. Com a soja, todos se recordam, o agronegócio do país ia salvar a humanidade da fome. Nenhuma coisa e nem outra [aconteceu]. (OLIVEIRA, 2007b)

Hoje o Brasil é o maior produtor mundial de açúcar e o segundo maior exportador de etanol. Produzimos cerca de 30% do total de cana-de-açúcar mundial e 18% do total de açúcar. Entretanto, tais números não demonstram as condições de produção e seus reflexos políticos, econômicos, sócio-territoriais e ambientais.

Desde 2008, com a falência de bancos norte-americanos, o BNDES é responsável por 62% dos investimentos diretos às usinas. Em 2008, cerca de 6% dos empréstimos do banco foram destinados ao agronegócio; as indústrias totalizam 43% dos investimentos; a infra-estrutura 39%; o comércio e serviços 12%. Não há especificação do montante emprestado para a agricultura familiar. Em 2007, ao agronegócio foram destinados 8%. Somente no primeiro semestre de 2009 foram destinados 8% da carteira de empréstimos do banco indicando um aumento nos empréstimos. O dado total de 2009 ainda não foi divulgado. Para a produção específica do setor sucroalcooleiro foram vertidos R\$ 6

bilhões em 2009, sendo que metade para a produção do etanol²⁸. Em 2010, a linha prioritária do banco destinar-se-á à estocagem do etanol (BNDES, 2010).

O envolvimento do Estado brasileiro na produção do álcool demonstra o quanto ele configura-se como um ator territorial relevante em consonância com os interesses de acumulação do capital. Como menciona Harvey, “A acumulação de capital por meio da troca de mercado fixadora de preços floresce melhor no âmbito de certas estruturas institucionais da lei, da propriedade privada, do contrato e da segurança da forma-dinheiro.” (HARVEY, 2005, p.79).

A teoria da “ordenação espaço-temporal” vem sendo gestada por Harvey (2005) desde a década de 1970 para compreender as contradições da acumulação capitalista que tendem a gerar crises. Esta teoria ilumina o entendimento da relação entre a produção do espaço pelo capital e a participação (ora contraditória ora não) do Estado como ator territorial.

Segundo Harvey um dos pontos centrais para a elaboração da teoria reside em uma releitura de Marx que identificou as crises de sobreacumulação capitalista com a tendência da queda da taxa do lucro.

Essas crises são tipicamente registradas como excedentes de capital (em termos de mercadoria, moeda de capacidade produtiva) e excedentes de força de trabalho lado a lado, sem que haja aparentemente uma maneira de conjugá-los lucrativamente a fim de realizar tarefas socialmente úteis (HARVEY, 2005).

O termo “ordenação espaço-temporal”, segundo o autor, indica tanto a ordenação/ fixação de certa parcela do capital na terra por um período de tempo longo,

²⁸ O montante das dívidas do setor sabe-se grande. Não foram encontrados dados oficiais.

como indica uma metáfora para “[...] a solução de crises capitalistas por meio do adiantamento do tempo e da expansão geográfica.” (HARVEY, 2005, p. 98-99).

Na produção brasileira de álcool, a lógica de expansão do capital casou com a lógica territorial do Estado numa união abençoada pelos latifundiários e pelo mercado internacional das commodities. O casamento, bem como a simpatia pela produção dos “bio” combustíveis, não são indispensáveis, como já concluímos, mas com eles, o risco do setor diminui.

O Estado brasileiro tem sido pressionado por vários setores da sociedade e por alguns compradores europeus a erradicar problemas que surgem em certas etapas da cadeia produtiva que maculam a nossa produção de “bio” combustível, quais sejam: i) as condições de vida e trabalho dos cortadores de cana na época da colheita, ii) a poluição provocada pela queima da palha da cana antes do corte.

Na tentativa de erradicar o primeiro problema, o presidente brasileiro Luis Inácio Lula da Silva, em pronunciamento em 15/6/09 na Organização Internacional do Trabalho (OIT), admitiu a existência de trabalho escravo no setor e afirmou “...*apostar no diálogo social para humanizar o trabalho*”. Apontou ainda a assinatura de um documento, um acordo histórico, intitulado “Compromisso Nacional para aperfeiçoar as condições de trabalho de cana” (BRASIL, 2009), lançado em 25/06/2009 e elaborado pelo governo, sob coordenação da Secretaria-Geral da Presidência, usineiros e trabalhadores (representados pela Feraesp e pela Contag), visando aperfeiçoar as condições e relações de trabalho na cana²⁹.

²⁹O BNDES, corroborando com as intenções do estado brasileiro e do agronegócio, tem atrelado empréstimos às usinas que comprovadamente não se utilizam de trabalho escravo e que destinem verbas para a proteção do meio ambiente (como reflorestamento nas áreas de preservação permanente -APP's – já degradadas pelo setor). O trecho a seguir, publicado na Folha de São Paulo, evidencia alguns de nossos argumentos:

O “Compromisso” gerou as bases para um acordo ou um pacto, ainda voluntário, ou seja, sem força de lei, que poderá ou não ser encampado pelas usinas. Na cláusula quinta, estipula-se que o prazo de vigência do acordo seja de dois anos, com prorrogação caso haja interesse das partes. As usinas que implantarem o acordo com cerca de 18 itens poderão receber um selo de qualidade, o qual tornar-se-á o passaporte para a venda de etanol social e ambientalmente correto para países europeus. Não há menção sobre o selo de qualidade também ter prazo de validade. Sendo assim, o etanol brasileiro poderia ganhar algum tipo de certificação verde-social que abriria as portas para mercados mais refinados de consumo e commodity.

Um dos itens febris na negociação do acordo ora em pauta é o da alimentação: os trabalhadores exigem que lhes sejam servidas marmitas durante o corte. O agronegócio, no entanto, alega alto custo e logística difícil. O custo seria de aproximadamente R\$5,00 por marmita. Para Marcos Jank, da União da Indústria de cana-de-açúcar (UNICA), “... o sistema de alimentação é muito caro e tem uma logística complicadíssima” (HASHIZUME, 2009a).

Segundo Luppi, ministro do trabalho em 2009, o “Compromisso Nacional para aperfeiçoar as condições de trabalho de cana” visa acabar com o trabalho escravo no setor que apresenta o maior número de pessoas encontradas em situação de trabalho

O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) decidiu suspender todas as operações com a Cosan, gigante do setor sucroalcooleiro, incluída na lista suja do Ministério do Trabalho.

De acordo com o banco, a medida tem caráter preventivo e a concessão de financiamento só ocorrerá após a Cosan sair do cadastro que lista empresas que mantêm trabalhadores em situação análoga à de escravos. “A celebração de novos contratos com o BNDES fica condicionada à exclusão da companhia do referido cadastro”, informou o banco em nota.

A Cosan havia obtido crédito de R\$ 635,7 milhões junto ao BNDES em junho do ano passado. O dinheiro foi direcionado para a construção da usina de produção de álcool combustível em Jataí (GO). Com capacidade para processar até 4 milhões de toneladas de cana-de-açúcar por safra, a usina está sendo finalizada e encontra-se em fase experimental de operação, e deve passar a produzir em escala comercial ainda neste semestre. (...)Principal empresa do setor sucroalcooleiro, a Cosan concentra sua atuação em São Paulo, onde detém 21 usinas em todo o Estado. Atualmente, constrói outras duas, em Jataí (GO) e Caarapó (MS). (HASHIZUME, 2009b)

escravo no país. O agronegócio da cana ocupa o primeiro lugar no ranking de libertações de trabalhadores escravizados no país (BRASIL, 2009). Segundo a Comissão Pastoral da Terra, a CPT, somente em 2008 cerca de 2.553 trabalhadores deixaram uma condição análoga à escravidão nas lavouras de cana (CPT, 2009). O índice corresponde a 49% do total dos 5.244 trabalhadores libertos no país. Além do número de trabalhadores encontrados em situações análogas à escravidão, o agronegócio da cana sustenta outro índice alarmante: entre 2005/2006 foram 20 trabalhadores mortos, possivelmente por exaustão (ALVES, 2006)³⁰, durante o corte da cana.

O presidente Lula, no auge da euforia do etanol brasileiro em 2007, chegou a afirmar que os usineiros brasileiros estavam virando heróis mundiais³¹. Em 2009, Lula reafirmou o empenho do Estado brasileiro na produção sucroalcooleira:

"(...) trabalhadores e usineiros antigamente eram inimigos de classe e que agora compreendem que um precisa do outro para sobreviver. Usineiro era tratado e vendido como se fosse, sabe, a coisa mais nefasta do setor empresarial brasileiro, ora, se no passado, nós tivemos alguém no setor que criou essa imagem, a verdade é que o tempo se encarrega de fazer a mudança para todos os lados e eu, que jamais imaginei ser o garoto-propaganda do etanol no mundo, virei o garoto-propaganda do etanol no mundo." (REIMBERG, 2009, grifo nosso)

No casamento das lógicas territoriais do capital e do Estado temos até garoto-propaganda declarado, mas com pudor de escancarar o quanto custa a festa/febre do etanol.

³⁰ O artigo "Por que morrem os cortadores de cana?" de Francisco Alves (2006) investiga as causas da morte descrevendo as condições de trabalho no eito.

³¹ "Os usineiros de cana, que há dez anos eram tidos como se fossem os bandidos do agronegócio neste país, estão virando heróis nacionais e mundiais, porque todo mundo está de olho no álcool. E por quê? Porque têm políticas sérias. E têm políticas sérias porque quando a gente quer ganhar o mercado externo, nós temos que ser mais sérios, porque nós temos que garantir para eles o atendimento ao suprimento", afirmou o presidente, ao discursar durante evento na cidade de Mineiros (GO)".

Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90477.shtml>>. Acesso em: 10/01/2010.

O governo brasileiro sugere que, abolido o trabalho análogo à escravidão, o etanol brasileiro terá atendido às exigências da comunidade internacional que se preocupa com as questões trabalhistas e socioambientais durante toda a cadeia produtiva do agrocombustível. Lula reconhece que as exigências internacionais são lícitas, entretanto alerta que as preocupações dos países ricos, além de estarem inseridas num discurso socioambiental, revelam o seu protecionismo em relação à compra do etanol brasileiro oriundo da cana-de-açúcar³². Os maiores importadores de açúcar são Estados Unidos, União Européia e Rússia, sendo este último um grande cliente brasileiro. Esses países e blocos apresentam políticas protecionistas cerradas para incentivar a produção doméstica e a exportação de seus produtos. A intervenção do Estado se faz necessária não somente com ações regulatórias para atender a demanda da produção e consumo mas também com políticas de apoio, empréstimos e as chamadas políticas sociais.

Quanto ao segundo aspecto problemático da produção - a poluição advinda da queima da palha antes do corte - já haveria data prevista para o seu término no estado de São Paulo. A Lei estadual nº 11.241/02 que “Dispõe sobre a eliminação gradativa da queima da palha de cana-de-açúcar e dá providências correlatas” preconiza no art. 2º que em 2021 não haverá mais a queima da palha em áreas mecanizáveis (maiores que 150 hectares). Para as áreas não-mecanizáveis (com declividade do solo superior a 12%) o prazo é estendido até 2031. Em 2011 (quando a lei completará 10 anos), 50% das áreas mecanizáveis já deverão ter extinto o uso do fogo; já as áreas não-mecanizáveis deverão ter extinto o uso do fogo em 10% da área a ser cortada (SÃO PAULO, 2002).

³² O discurso contra o protecionismo agrícola e a dificuldade em se manter preços concorrenciais devido à intervenção dos países ricos na agricultura tem sido encampado por vários países na OMC. No contexto, Lula refere-se ao protecionismo norte-americano ao etanol de milho. Brasil e Estados Unidos totalizam 72% da produção de etanol mundial a partir da cana-de-açúcar (com 35%) e milho (com 37%) respectivamente.

Com a extinção do uso do fogo, eliminando-se assim a emissão de dióxido de carbono e a poluição³³, o corte da cana crua deverá ser feito pelas colheitadeiras mecânicas ou manualmente. O término da queima traz consigo a discussão da mecanização e modernização do setor que congrega, como já sabido, condições de trabalho degradantes. A mecanização suscita ainda a questão do que fazer com a “mão-de-obra” sobrando. Segundo o art. 10º da lei 11.241/02:

O Poder Executivo, com participação e colaboração dos Municípios onde se localizam as agroindústrias canavieiras e dos sindicatos rurais, criará programas visando:

I- à requalificação profissional dos trabalhadores, desenvolvida de forma conjunta com os respectivos sindicatos das categorias envolvidas, em estreita parceria de metas e custos. (SÃO PAULO, 2002)

A UNICA criou uma agenda para acelerar a mecanização, com fins de obter as certificações e “capacitar” os trabalhadores para outras funções, não necessariamente ligadas à produção direta da agroenergia³⁴. Para o corte manual, nas condições de trabalho que temos hoje, pagamento por tarefa, é melhor pra os trabalhadores que a palha seja queimada. Com a cana crua, cada trabalhador cortaria cerca de 1/3 da atual meta de 12 toneladas/homem/dia, correria o risco de ferir-se mais com a palha e ficaria exposto a animais peçonhentos. Se o pagamento não fosse por tarefa, o cortador se beneficiaria com a proibição à queima.

³³ O artigo de Helena Ribeiro (2008) intitulado “Queimadas de cana-de-açúcar no Brasil: efeitos à saúde respiratória” faz uma revisão bibliográfica do tema entre os anos 1996-2006.

³⁴ “Um projeto do setor sucroalcooleiro lançado ontem na Ethanol Summit, em São Paulo, pretende qualificar 7.000 cortadores de cana por ano para exercer outras funções devido à mecanização das lavouras de cana-de-açúcar. O custo inicial é de R\$ 10 milhões. Apesar de ser considerado audacioso pelos participantes, o programa é insuficiente para suprir a queda no nível de emprego nas lavouras, que hoje empregam 450 mil pessoas, segundo a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), responsável pelo projeto”. Fonte: Folha de São Paulo, 02/06/09, caderno Dinheiro.

Não obstante, entendemos que a promulgação da lei e a conseqüente criação da agenda por parte das usinas não solucionarão nem o problema da queima da palha nem o das condições de trabalho e de vida dos cortadores de cana. Acreditamos que os prazos para a mecanização serão negociados visto que o setor acumula grandes dívidas (e grandes dívidas são sempre perdoadas), as colheitadeiras mecânicas continuam muito caras e o poder de barganha e negociação política do setor tem raízes antigas e se fortalece com a opção brasileira em se tornar potência agroenergética. A aliança entre os interesses do agronegócio e do Estado brasileiro, como um bom contrato, não vai se romper caso haja alguma pequena traição do setor, caso os prazos de mecanização tenham que ser revistos. Há uma brecha criada na própria lei, no art.3º das disposições transitórias, prevendo que:

*A partir de 2006, quinzenalmente, deverão os prazos constantes do artigo 2º desta lei, referentes às áreas não mecanizáveis, serem reavaliados de acordo com o desenvolvimento tecnológico que viabilize novas máquinas, para a colheita mecânica, sem descuidar do aspecto social econômico, preservando-se a competitividade da agroindústria da cana-de-açúcar paulista frente a dos demais Estados produtores.*³⁵ (SÃO PAULO, 2002)

Uma das estratégias já observadas para burlar a lei tem sido a fragmentação da produção em unidades menores que 150 hectares: em áreas pequenas não é possível mecanizar o corte com o maquinário presente, portanto, o corte manual continuaria com a cana crua ou queimada.

³⁵ "Segundo a revista Agroanalysis, os investimentos para o período 2007 a 2012 referentes aos novos projetos de usinas de açúcar e álcool no país envolvem 86 plantas, totalizando US\$ 17 bilhões, dos quais US\$ 14 bilhões serão destinados às novas unidades e US\$ 3 bilhões às unidades já existentes. Enquanto São Paulo detém a liderança no setor, detendo o maior número de unidades produtivas no país, 148 na safra 2006/07, produzindo 264 milhões de toneladas de cana, participando com 62,06% da produção nacional, os novos investimentos mostram que os estados de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná constituem áreas preferenciais." (BERNARDES, 2007).

A desconcentração das terras convém também para evitar a crítica ao latifúndio. As usinas mais modernas, com capital estrangeiro³⁶, têm preferido arrendar terras no estado de São Paulo e/ou terceirizar a produção da matéria-prima. Além da desconcentração forjada, as novas usinas miram mercados internacionais. Arrenda-se terras de outros setores como café, laranja e pecuária e arrenda-se também terra dos assentamentos rurais e do campesinato.

Essa estratégia de arrendamento e terceirização atende a lei 11.241/02 e livra as usinas da crítica às condições de trabalho oferecidas aos seus trabalhadores visto que no contrato de arrendamento e terceirização a usina oferece as mudas de cana e compra a cana cortada, ela mesma não produz cana. A responsabilidade sobre o corte é transferida para o pequeno produtor, chamado em São Paulo de “fornecedor” ou para o camponês que “arrendou” suas terras e, por contrato, tem obrigação de entregar a cana cortada responsabilizando-se pelos migrantes para o corte de cana. Sendo assim, o campesinato paulista e outros sujeitos do campo em São Paulo tornam-se fornecedores de cana para as usinas e passam a contratar migrantes. A usina livra-se das críticas à produção em latifúndio e à responsabilidade de contratação de trabalhadores em condições degradantes³⁷. Novamente, a lógica de reprodução do capital tanto percorre caminhos conhecidos como lança mão de novas estratégias.

Os arrendamentos e a terceirização para a produção agrícola não são novidade no campo brasileiro. Ressaltamos aqui que as usinas têm um interesse especial para arrendar as terras e /ou terceirizar a produção: fugir da crítica à concentração de terras (o Brasil é

³⁶ “A transferência de mais um grupo [Santelisa] para as mãos de estrangeiros [o grupo francês Louis Dreyfus, detentor da LDC Bioenergia] eleva para próximo de 20% a participação externa na produção do setor um percentual que veio antes do eu se imaginava e de forma diferente.” In: Folha de São Paulo, 23/10/2009, caderno Dinheiro, p.B1

³⁷ Para aprofundamento ler: ALEIXO, 2007.

um dos líderes em concentração de terra no mundo) e ganhar tempo para a implementação da mecanização do corte de cana que será acompanhada, como sabido, por um grande número de desempregados.

O setor sucroalcooleiro, segundo Oliveira (2005), é emblemático na territorialização do monopólio por controlar a propriedade da terra, o processo produtivo no campo e o processamento industrial. Tendo em vista os novos interesses de da produção acreditamos que o setor passa agora também a monopolizar o território. Essa diferença não semântica, trata-se de:

No campo, esse processo de desenvolvimento capitalista está igualmente marcado pela industrialização da agricultura, ou seja, o desenvolvimento da agricultura tipicamente capitalista abriu aos proprietários de terra e aos capitalistas/proprietários de terra a possibilidade histórica de apropriação da renda capitalista da terra, provocando uma intensificação na concentração fundiária brasileira. A marca principal desse processo é a territorialização do capital, sobretudo os monopólios, que em geral atuam sob a forma de oligopólios. Porém esse processo está também, contraditoriamente, marcado pela expansão da agricultura camponesa, onde o capital monopolista desenvolveu liames para subordinar e apropriar a renda da terra produzida pelos camponeses, transformando-a em capital. Nesse caso, o capital não vem necessariamente se territorializando mas sim monopolizando o território quando este está ocupado pelos camponeses. (OLIVEIRA, 2005, p.468)

Vejamos novamente matéria já citada sobre a COSAN:

“A Cosan foi incluída na lista [‘lista suja’ divulgada pelo Ministério do Trabalho e Emprego] do no último dia 31 de dezembro [de 2009], após 42 trabalhadores terem sido resgatados da usina Junqueira, em Igarapava, extremo norte de São Paulo. A gigante do setor sucroalcooleiro alega que a empresa José Luiz Bispo Colheita - ME, que prestava serviços na usina, era responsável pelos trabalhadores, e que assim que tomou conhecimento do fato, a excluiu da sua lista de fornecedores.

A Cosan adotou prontamente diversas providências, dentre as quais o pagamento de todas as despesas necessárias à regularização de tais trabalhadores", informou a companhia."(HASHIZUME, 2009b)

No campo paulista, estamos diante da territorialização do monopólio e da monopolização do território pela mesma cadeia produtiva. Contraditoriamente, a cana em São Paulo pode monopolizar o território e criar condições para que haja a reprodução camponesa³⁸ e, tem se territorializado há décadas valendo-se de todos os incentivos fiscais e ações do Estado brasileiro para a produção do agrocombustível.

Outra estratégia do setor sucroalcooleiro tem sido a construção de unidades produtivas em outros estados como Mato Grosso, Rio de Janeiro, Pará, Goiás, Minas Gerais, pois a legislação que dispõe sobre a queima da palha é estadual. Até que os outros estados também criem leis similares, com prazos tão generosos, muitas décadas terão se passado.

Portanto, somente a existência da lei nº 11.241/02 não será suficiente para determinar o fim do corte manual e conseqüentemente da migração; a discussão sobre as características das relações de produção de agroenergia continua pertinente.

2.4 As alternativas à produção dos agrocombustíveis

Como alternativa à queima dos combustíveis fósseis, a produção dos agrocombustíveis mostra toda a sanha da (re) produção do capital que expropria os camponeses, monopoliza o território, territorializa-se e polui em vários lugares do mundo.

³⁸ Ainda que pesquisas devam ser realizadas para averiguar o quão precária (ou não) são estas condições.

No campo acadêmico, há uma série de publicações e convênios estúrdios entre entidades ligadas ao agronegócio do setor sucroalcooleiro, agências de pesquisa (nacionais e estaduais) e grupos de pesquisa que não apontam alternativas, dado que não haveria um problema real. Uma das publicações que merece destaque pelo envolvimento com o setor é o “Observatório do setor sucroalcooleiro”³⁹, que se define como um programa de pesquisa totalmente independente da Faculdade de Economia e Administração da USP, campus Ribeirão Preto. Entre os artigos publicados no site sublinhamos dois: *“Teremos que trocar energia por comida?”* de André Chagas e Rudinei Toneto Jr. e, *“Gestão de pessoas no setor”*, de Lara B. Liboni e Lindolfo G. de Albuquerque.

No primeiro artigo, os autores afirmam que não haverá pressão sobre o preço da terra e dos alimentos no Brasil com o aumento da área cultivada de cana-de-açúcar, (...) a produção é influenciada pelo preço da terra, e não o contrário.” Afirmam ainda que (...) há uma deterioração das condições de vida nos municípios em que a cana-de-açúcar se implanta, por conta da migração de trabalhadores de outras regiões.” (CHAGAS; TONETO JR, 2008). O segundo conclui que além de o setor ser um dos principais geradores de empregos no Brasil, tem como desafio a realocação dos agrícolas e têm recebido “(...) importantes oportunidades, advindas de uma crescente preocupação ambiental com a questão energética” (LIBONI; ALBUQUERQUE, 2008).

Para estes professores da FEA-RP/USP⁴⁰, “o crescimento da demanda é mais rápido que o processo interno de formação de talentos.” (ibid., grifos nossos). Talentosos, nesta concepção, serão os “agrícolas”, cortadores de cana, que lograrem uma realocação na empresa quando todo o corte for mecanizado. Destacamos que

³⁹ <<http://www.observatoriodacana.org>>. Acesso em 14/01/2010.

⁴⁰ Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo.

grande parte da bibliografia dos artigos do Observatório é de livros sobre econometria, não há autores brasileiros citados (além deles próprios) e não há referência às outras áreas do conhecimento. Os outros boletins do Observatório reiteram a importância e o sucesso do setor.

Contrapondo-se às análises de muitos economistas e da grande mídia, os movimentos sociais, alguns (outros) setores da academia e diversos ambientalistas organizam-se para descortinar para o mundo a violência da produção dos agrocombustíveis e sua territorialização.

O “Brasil Bom de Fato” fez a cobertura da “Primeira Conferência Popular sobre Agroenergia”, em outubro de 2007, com a participação da Via Campesina, movimentos sociais, acadêmicos, sindicalistas, pastorais e apoio da Petrobrás. Ao final da conferência foi produzido um documento intitulado: “Carta Final da Conferência Nacional Popular sobre a Agroenergia”. Nesse documento são apontadas as críticas ao agronegócio do setor sucroalcooleiro e as propostas dos movimentos sociais. Entre as propostas, reivindica-se:

- que terra, água, sol, ar e subsolo sejam conservados e utilizados prioritariamente para produção de alimentos e para proporcionar trabalho e qualidade de vida;
- o protagonismo dos pequenos produtores na produção de alimentos e de energia (e não sua integração num modelo capitalista) ;
- a defesa de um modelo energético popular e descentralizado;
- que a soberania alimentar e energética de um país esteja assentada na produção camponesa e em decisões locais;
- a democratização de acesso a terra e necessidade de reforma agrária;

- que a agroenergia deva ser produzida para garantir a soberania energética do povo e não para abastecer os países ricos e gerar lucros para o agronegócio. (CONFERÊNCIA NACIONAL POPULAR SOBRE AGROENERGIA, 2007)

Dentre os membros da academia e membros de movimentos sociais citamos a seguir algumas contribuições, tanto no que refere à crítica como às propostas, dada a riqueza e complementaridade de suas análises. Não há divergências significativas entre Frei Sérgio, Stédile, Horário Carvalho de Martins e o MST.

Frei Sérgio Görden (2007), liderança da Via Campesina e do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) defende a “sinergia produtiva”, ou seja, que a agricultura esteja fundada nas áreas alimentar, ambiental e energética; em produção baseada em policultura; na produção em sistemas agroflorestais; na produção agroecológica; na descentralização industrial; na produção que leve em conta a soberania alimentar e energética; na organização de sistemas cooperativados para a produção, transporte e distribuição. Para ele é possível conciliar a produção da agroenergia com a produção de alimentos desde que essa esteja em primeiro lugar.

Pedro Stédile (2007), liderança do MST e da Via Campesina, propõe a construção de microusinas e destilarias, as quais substituiriam o atual modelo energético calcado em grandes empresas e em usinas que consomem milhões de reais, concentram terra e renda.

Para Horário Martins de Carvalho (2007), agrônomo que conta com várias entrevistas e artigos sobre o tema, a produção dos agrocombustíveis deveria ser democratizada tornando-se popular e nacional. Ele salienta também que por trás do atual

modelo de produção está o amplo interesse de transnacionais em controlar toda a cadeia produtiva do setor numa nova ofensiva neocolonial.

Já o MST preocupa-se em não transformar o camponês em mero produtor integrado, subordinado ao capital das grandes empresas de agroenergia. A integração levaria à perda de autonomia do camponês e conseqüente cultivo de plantas oleaginosas ou de cana em toda a parcela de terra camponesa comprometendo a produção de alimentos.

Enquanto o agronegócio discute uma agenda para transformar o etanol em commodity, sendo assim negociado nas bolsas, o projeto político e econômico centrado na exportação de produtos primários produzidos na lógica modernizante do capital parece que continuará se territorializando e monopolizando o território, expropriando e mobilizando as camadas mais empobrecidas do Brasil.

Este panorama da produção de agroenergia objetivou situar a nossa pesquisa - centrada na migração para o corte de cana - para conhecermos a dimensão da questão e seus atores e entendermos os meandros através dos quais cresce a territorialização do monopólio e a monopolização do território pelo setor sucroalcooleiro.

A atual demanda por força de trabalho do setor faz com que milhares de trabalhadores partam todos os anos para São Paulo, muitos deles vindos do Vale do Jequitinhonha.

3

Araçuaí

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,

que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência, essa ausência assimilada,

ninguém a rouba mais de mim.

(Ausência. Carlos Drummond de Andrade)

As margens do rio Araçuaí, um dos principais afluentes do rio Jequitinhonha, localiza-se uma pequena cidade de mesmo nome com cerca de 37.000 habitantes e 2.236 km² no Médio curso do rio Jequitinhonha.

Mesmo localizando-se razoavelmente perto do Atlântico, sem ter o acesso dificultado por nenhuma grande serra para ser escalada, a ocupação da região fora proibida pelo Império devido à prioridade pela ocupação litorânea. O Império também proibiu a ocupação à jusante do rio Jequitinhonha delimitando, durante o ciclo da mineração, Diamantina (Arraial do Tejuco) como a cidade mais ao norte de Minas Gerais que poderia ser ocupada e fiscalizada pelo seu aparelho. A esta cidade chegava-se pelos caminhos da estrada real, atravessando parte do estado de São Paulo e boa parte do território mineiro marcado pela exploração das pedras preciosas.

No século XVIII, a interdição da ocupação se deu devido à exploração dos minérios. Poucos se atreveram a chegar nesse sertão e os que o fizeram, após terem dominado os índios, teriam controlado o comércio da região. Para garantir a riqueza encontrada com as pedras coloridas no médio curso do rio, mas incomparável à riqueza dos diamantes, a Coroa guarneceu o rio Jequitinhonha: amplas 50 léguas foram distribuídas às Companhias dos Dragões, que tinham por obrigação defender a propriedade real contra a *“avidez dos colonos”* (PEREIRA, 1969). Araçuaí também teve seu quartel. Com a exploração de pedras preciosas, iniciou-se também a grande exploração de gentes: escravos para o trabalho nas Minas, gente local para o cultivo de alimentos e manutenção dos outros trabalhos nas cidades. Durante esse século e início

do XIX, as atividades econômicas que preponderavam foram o garimpo, a exploração das matas e o aprisionamento dos índios e de suas terras.

Nos livros locais de história⁴¹, Luciana Teixeira é apontada como sendo a mulher responsável pelo início da cidade de Araçuaí quando fora obrigada, por padres, a se retirar das margens do encontro do rio Araçuaí com o Jequitinhonha, no hoje município de Itira. Ela teria sido uma mulher independente que controlava o comércio mais importante da cidade. Há quem diga que esse comércio atendia aos canoeiros que também ancoravam em Araçuaí para visitar as mulheres que residiam com Luciana. Cais do corpo. O padre Carlos Pereira⁴², responsável pela expulsão, fora movido pelo receio do crescimento desse comércio e da influência da dona na Vila.

Subindo o rio Araçuaí, ela teria deslocado sua casa de comércio para a confluência dos rios Araçuaí e Calhaus. Em 1830/40, o arraial chamava-se Calhaus – pedras redondas. Segundo essa versão, Araçuaí teria surgido dos “braços do amor” da figura tomada ora como boa empreendedora e mulher de coragem, ora como meretriz.

A fazenda Boa Vista, de Luciana Teixeira, recebeu importantes personagens tais como Saint-Hilaire⁴³ no século XIX, que relatou o fausto com que fora recebido em casa de mulher tão generosa. A Vila de Arassuay surgiria em 1857, tendo como característica

⁴¹ Como por exemplo, o livro de Leopoldo Pereira (1969) e agendas de 2003 e 2004 do município, elaboradas pelo Instituto Fênix, apontadas na Biblioteca municipal da cidade como importante fonte de pesquisa.

⁴² Livros mais recentes, como o livro sobre as Irmandades de um dos maiores conhecedores do Vale, o Frei Chico, apresenta Luciana somente como comerciante e não alimenta a versão da expulsão possivelmente para não mitificá-la.

⁴³ “Boa Vista era a residência de uma velha mulata chamada Luciana Teixeira. Tendo sabido que eu viajava com passaporte do governo, essa boa mulher cumulou-me de atenções, e, pondo-se quase de joelhos, quis abraçar-me as coxas; mas compreende-se bem que recusei semelhante polidez. (...) Minha hospedeira de Boa Vista não quis aceitar nada de mim pelo que eu comi, nem mesmo pela forragem dos animais. Contentou-se em pedir-me um pouco de papel, e este mesmo, queria pagá-lo.” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 238-239)

principal ser um entreposto comercial de canoieiros que navegavam pelo Jequitinhonha. Posteriormente se destacou pelas atividades relacionadas à agropecuária e à mineração.

A emancipação política, já com a denominação Araçuaí⁴⁴, se deu em 1871. Na aurora do século XX, a região mineira foi ligada ao litoral sul baiano através da Estrada de Ferro Bahia-Minas (EFBM). Em 1898, a ferrovia chegou a Teófilo Otoni vinda da Bahia; em 1930 atingiu Engenheiro Schnoor; em 1941, chegou a Alfredo Graça; em 1942, chegou em Araçuaí, seu ponto final. A cidade de Araçuaí estabeleceu uma relação muito mais próxima com o litoral baiano do que com a zona de mineração mineira já decadente. Depois de poucas décadas, a ferrovia foi desativada no bojo do desmonte pelo qual todas as ferrovias brasileiras passaram.

Uma breve investigação sobre a toponímia de cidades e distritos do Médio Jequitinhonha revela importantes momentos de sua história. Há nomes de origem indígena, nomes que revelam a presença de minérios, nomes de coronéis enviados para a fiscalização ou, ainda, nomes dos engenheiros contratados para a construção da ferrovia Bahia-Minas. Como exemplo, encontramos: Itinga, Itira, Araçuaí, Minas Novas, Turmalina, Pedra Azul, Coronel Murta, Alfredo Graça e Engenheiro Schnoor.

Segundo Moura (1988, p. 16),

Não há pesquisa histórica substancial para aprofundar a compreensão dos processos sociais que movimentam a região, durante o século dezenove, sabe-se, ao menos, que sobrevinda a decadência das minas, as fazendas agropastoris reorganizaram-se e ampliaram sua atuação.

⁴⁴ Há duas origens para o nome Araçuaí: “ouro só aí” ou, a versão mais aceita, “Rio das araras vermelhas”.

A autora, em pesquisa durante as décadas de 1970 e 1980, deparou-se com as estratégias perpetradas pelas fazendas para ajustaram-se aos projetos de desenvolvimento propostos pelo Estado.

3.1 Impressões

“Cidade sem jeito” foi a maneira encontrada por uma ex-moradora da cidade, hoje sacoleira do Brás, para se referir à cidade em 2007. A cidade, como num conto de Ítalo Calvino, mostra-se partida em pedaços: no pedaço perto da estrada (BR367) há o mercado municipal e, junto a ele, a rodoviária. Há algum comércio do outro lado da estrada e, no que parece ser o final da estrada, a Chapada do Lagoão impera e observa. Em direção ao rio Araçuaí um conjunto de subidas e descidas pode ser evitado pelos tantos moradores que utilizam a bicicleta e que trafegam nas curvas de nível mais prazerosas para o dia-a-dia de calor intenso. Como a cidade é pequena, logo se percorre o centro e, quanto mais perto do rio, mais casas abandonadas ou quase isso, são encontradas. Depois que as últimas cheias do rio Araçuaí⁴⁵ destruíram, sob as águas, parte do antigo centro, o novo centro da cidade foi construído nas áreas mais altas, mais perto da estrada de rodagem. Essa aproximação centro-estrada confere à cidade a aparência de lugar de passagem.

Perto do mercado e na descida em sentido ao rio, o comércio é bem movimentado durante o dia. Às 18:00 horas, com o apagar do dia, todo o comércio fecha e a cidade parece, para quem tem o olhar do estrangeiro, sem movimento, sem padaria, sem bar,

⁴⁵ A última enchente ocorreu em 1979, quando as águas do Calhauzinho transbordaram e invadiram o centro da cidade ao encontrarem as águas do rio Araçuaí. Tal enchente ocorreu após 30 dias de “neblina” (chuva fina).

sem gente nas ruas. Uma cidade quieta, não fossem as churrascarias e as igrejas evangélicas com seus pregões surgirem com as portas abertas e iluminadas.

Para quem pertence à cidade há outros pedaços aparentemente estranhos entre si: muitas comunidades rurais, mais de 60, situadas no entorno da cidade; bairros ricos com casas muradas, ar condicionado e piscina vizinhos aos bairros urbanos mais pobres, sem saneamento básico. A riqueza das grandes casas é apontada pelos moradores da cidade como advinda do comércio situado nas principais ruas do centro⁴⁶.

Há uma hipótese que a riqueza venha da herança das grandes fazendas de gado, presentes ainda nos dias de hoje, mas que não empregam mais tantos trabalhadores na zona rural, e dos que fizeram fortuna com a extração dos minérios. Os profissionais liberais (engenheiros, dentistas, arquitetos) da cidade apresentam nas placas de seus escritórios, sobrenomes associados aos velhos políticos e aos fazendeiros. Trata-se de uma geração que já se formou e voltou para a cidade para trabalhar.

Os programas prediletos das pessoas com mais dinheiro são a churrascaria, as piscinas privadas e os bailes com bandas nos clubes – este último programa agrada muitos moradores que pagam ingressos para assistir bandas renomadas como a Calypso.

A década de 1970 foi um marco para artistas do Vale que procuraram reverter o estigma de “Vale da Miséria”. O Vale passou a ser conhecido pela sua “cultura”: do Vale da Pobreza ao Vale da Cultura. O Festival do Vale do Jequitinhonha, FESTIVALE, tornou-se um espaço alternativo de trocas entre os diversos artistas do Médio e Baixo Jequitinhonha, nele apresentam-se as marujadas, os moçambiques, as congadas, os tambores, os ceramistas, as bordadeiras que não têm tanta visibilidade como outras manifestações ou artistas nacionalmente conhecidos por suas peças de cerâmica,

⁴⁶ Há quatro grandes supermercados: Pedegas, Economiza, Sévia, Silveira e uma loja de eletrodomésticos, a Eletrozema. Não parece ser possível que todas as grandes casas sejam desses comerciantes.

entalhes de madeira, teatro. Na música, destacam-se “Os meninos de Araçuaí”⁴⁷, Rubinho do Vale, Pereira da Viola, Paulinho Pedra Azul; na cerâmica as artesãs Isabel Mendes da Cunha e Maria Lira Marques; no entalhe de madeira, Orisvaldo Pereira Dutra e Zefa. Há ainda importantes corais, como o Coral das Lavadeiras de Almenara, Os trovadores do Vale e grupos teatrais.

No espaço urbano de Araçuaí, a cultura da cerâmica e da música regional não se faz presente em todos os seus cantos e não é valorizada pelos próprios munícipes, muitos não sabiam onde era a Associação dos Artesões que se localiza num bairro central, perto da Igreja Santuário - morada do bispo da diocese.

O Vale do Jequitinhonha também é conhecido no imaginário da sociedade brasileira como lugar de pobreza, miséria, lugar que expulsa seus moradores, que se tornam “migrantes” e saem em busca de trabalho em São Paulo. Lugar marcado pelas políticas públicas modernizadoras ainda que no imaginário da sociedade seja um lugar marcado pelo abandono do Estado.

3.2 Exploração

Há um mosaico de situações diferentes no que se refere à apropriação de terras no Brasil. As terras do médio Jequitinhonha, como já mencionado, estavam interditadas para a ocupação antes da Lei de Terras.

Com a mercantilização da terra em 1850, muitos latifúndios se consolidaram. As tantas posses espalhadas sem registro foram incorporadas, normalmente por processos de grilagem, às fazendas que se constituíram graças ao regime das sesmarias, ao poder

⁴⁷ Coral organizado pela ONG Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) que já se apresentou fora do Brasil e com importantes cantores como Milton Nascimento.

local e suas articulações políticas e econômicas. A lei garantiu mecanismos que reforçaram a concentração fundiária e a disponibilidade de mão-de-obra.

Nos anos de 1960 e 1970, o capitalismo avançou sobre o campo brasileiro impondo novas relações de trabalho, tomando terras de posseiros (e no Vale dos situantes e agregados) e industrializando a agricultura. Para o êxito desse processo algumas ações do Estado brasileiro são emblemáticas tais como promulgação do Estatuto do Trabalhador, lei nº 4214 de 1963, objetivando aplacar os diversos movimentos que lutavam por terra no Brasil. Para Martins (2004, p. 59):

A lei de Terras e a legislação subsequente codificaram os interesses combinados de fazendeiros e comerciantes, instituindo as garantias legais e judiciais de continuidade da exploração da força de trabalho, mesmo que o cativo entrasse em colapso. Na iminência de transformações do regime escravista, criavam as condições que garantissem, ao menos, a sujeição do trabalho. Importava menos a garantia de um monopólio de classe sobre a terra do que a garantia de uma oferta compulsória de força de trabalho à grande lavoura.

O livro de Margarida Maria Moura, “Os Deserdados da terra” (MOURA, 1998) é precioso e indispensável para a compreensão da formação do campesinato sertanejo do Vale e sua relação com a propriedade privada, no Vale chamada de “fazenda”. A autora desfaz alguns mitos, entre eles o mito da ausência de modernização como responsável pela pobreza.

Moura é explícita ao afirmar que a origem da exploração do campesinato está na fazenda. Aponta o processo denominado de “compressão e expulsão” do campesinato, a partir da década de 1960, na formação e posterior consolidação da fazenda.

Para Moura, a chegada do capitalismo impôs o fim de relações calcadas no costume (inclusive a co-propriedade) e, contraditoriamente, impôs formas não-

capitalistas para sua reprodução. A pesquisa de Moura aponta que no Vale, os agregados perderam seus direitos e usos em relação a terra e contratos de trabalho foram violentamente impostos quando a terra foi liberada para a extração da renda territorial.

A transformação de questões de terra em questões de contrato/distrato ou permissão/proibição evidencia que as formas distintas de trabalho são melhor toleradas se manipuladas para se consubstanciarem em relações que servem à dominação da fazenda. (MOURA, 1998. p. 15)

Muitos agregados e situantes deixaram o interior da fazenda após acordos feitos na porteira da mesma e, como “agrado”, receberam um pedaço de terra no centro da comunidade ou algum dinheiro para deixarem definitivamente a fazenda.

Os posseiros que exerciam sua posse nos limites da fazenda, nos grotões, perderam, e continuam perdendo, suas terras devido à expansão da fazenda e/ou à chegada das monoculturas das empresas florestais com seu exército de eucaliptos marchando nas chapadas, terras de uso comum do campesinato. Houve a perda da posse nos grotões e a perda das terras de uso comum nas chapadas. O capitalismo se firmou, segundo a autora, através de um duplo processo: expulsão do agregado e dos situantes do interior da fazenda e a chegada das empresas nacionais e multinacionais de produção de eucalipto nas chapadas.

Maria Aparecida de Moraes Silva em “*Errantes do Fim do Século*” (1999), sublinhou o quanto a grilagem constitui um meio eficaz de expansão do capitalismo. A grilagem, no Vale do Jequitinhonha, operou com o consentimento de cartórios, de ardis jurídicos diversos e teve no Estado autoritário da década de 1970 a cumplicidade para expropriar milhares de famílias camponesas. Segundo a autora,

A violência dentro da lei e da ordem, patrocinada pelo Estado autoritário, traçou aos camponeses desta região o destino da migração definitiva ou da

perpetuidade da migração temporária ou da exclusão social. (SILVA, 1999, p. 57)

Os moradores mais velhos das comunidades rurais estudadas, Graça e Schnoor⁴⁸, localizadas à beira dos trilhos e às margens do Rio Gravatá em Araçuaí, contam como era a vida de seus pais, trabalhadores das fazendas agropastoris. Ao contarem como era a vida, nos informaram as estratégias da exploração do trabalho, a relação sócio-territorial entre proprietários e o campesinato, além de nos darem pistas para o entendimento da migração.

Os relatos nos intrigavam, pois o passado era retratado ora como época de uma vida melhor, época de fartura, ora como tempo de miséria e fome. Em Schnoor poucos homens não migram nos dias de hoje, quais sejam: os que têm algum comércio, os que estão incapacitados ou aposentados, os funcionários públicos e alguns trabalhadores da roça. As casas se localizam no centro da comunidade, os moradores que trabalham com roça caminham por algum tempo para alcançar seu pedaço de cultivo.

Como uma situação naturalizada, foi bem delongado descobrir que as roças, na verdade, não pertencem à eles. Há poucos proprietários de terra em Schnoor, os quais contratam o trabalho das famílias⁴⁹ da comunidade para o plantio de capim.

Algumas entrevistas iluminam a questão das terras e a questão migratória. A seguir, destacamos trechos de três delas.

Seu Agenor e Dona Maria, com 74 e 70 anos aproximadamente, contaram como era a vida, o trabalho na roça. Ao entender vida e trabalho, nos aproximamos da questão da terra e das configurações do território camponês. Eles não foram agregados da fazenda, não apontaram os direitos costumeiros que estes tinham tais como a permissão

⁴⁸ A caracterização das duas comunidades de forma mais detalhada ocorrerá nos capítulos subseqüentes.

⁴⁹ Na verdade, o trabalho do homem que, para honrar o contrato, leva a esposa e os filhos para ajudarem.

para o cultivo dos alimentos e ter moradia no interior da fazenda. Possivelmente, substituíram parte do trabalho outrora feito pelos agregados.

Lúcia: O senhor disse que a vida era muito dura, era?

Seu Agenor: Moça, a gente saía de casa e não deixava nada.

L: E era assim pra todo mundo?

A: Pra muita gente aqui no Schnoor, uma vez mesmo apareceu um feijãozinho branco, deste tamanho, branquinho. Aquilo era ruim demais, a gente comia aquilo com arroz, sem querer, enjoava...

L: Mas só dava esse feijão branco?

A: Não, não era todo dia que ainda encontrava esse feijão pra vender, antigamente plantava umas favas amargantes que tinha que ferver três vezes pra tirar o amargor.

L: Antes aqui se trabalhava mais com a lavoura ou também tinha muito gado?

A: Eu com gado não mexia não. Eu empreitava uma manga de 50 dias e dava bastante, de vez em quando sobrava um dinheirinho pra mim, tinha dias que não dava pra fazer.

L: Como é empreitar uma manga?

A: A gente chega, toma uma manga aí, um terreno aí. A manga já cercada a gente toma conta, só pra catar os matos e deixar o capim, tem que cortar essas arvorinhas que nasce.

L: O pagamento era por dia?

A: Não, no dia que acertava o serviço o patrão já pagava, se nos dias contados o serviço não tinha terminado, a gente trabalhava sem ganhar nada o resto do tempo. Tinha que terminar o serviço pra entregar.

L: A senhora já trabalhou muito na roça?

Esposa: Vixe...

Nos dias de hoje o casal continua cultivando e enfrenta condição de exploração semelhante:

Lúcia: O que senhor planta?

Seu Agenor: Agora mesmo eu colhi uns 11 alqueire de feijão.

L: Feijão pro ano inteiro?

A: Tirei pros filhos um pouco, para cada um eu dou um pouquinho. Agora eu vou demorar a comprar.

L: O senhor planta feijão, milho, cebola...

A: A cebolinha é a mulher que mexe ali...

L: Que mais?

A: Mandioca! eu já mexi mas, não vale a pena porque eles queriam o mandiocal pra eles.

L: O senhor fazia a meia?

A: Fazia.

L: A terra lá em cima agora é do senhor mesmo?

A: Nada, ele dá a nós o mato pra roçar, nós roça e dá a eles o capim.

L: Todo ano o senhor muda de lugar?

A: Todo ano tem que mudar.

L: É sempre o mesmo dono?

A: João Vito, agora ele vendeu pra menina.

L: Ele paga também o dia de trabalho?

A: Nada... ele dá a nós o mato pra roçar, a lenha a gente tira pra nós. O mantimento a gente colhe tudo nosso a gente só planta o capim. Quando vai acabando a roça o capim já está lá.

L: A sua esposa trabalha com o senhor também?

A: O, teve época aí que os meninos não tavam aqui, nós é que colheu o feijão, um tanto de feijão. Tem dias que a gente amanhecia com as mãos

empretadas assim de bater feijão. Caçava um camarada não achava, a gente ia colher mesmo

Esposa: Tinha dia que meu braço doía de tanto bater e ainda tinha que soprar, é pesado demais, tirando todos os pozinhos para ficar o feijão durinho.

Vários dos relatos apontam uma condição semelhante: morar fora da fazenda, trabalhar o ano todo num pedaço de terra cedido pelo dono da fazenda, entregar no final do ano contratado o capim plantado. As fazendas já não são mais agropastoris, hoje têm apenas gado, se interessam em abrir pasto ou em manter os já abertos e sobretudo extrair a renda da terra agora liberada dos seus antigos moradores.

Dica e Osmar contam como era a vida e o trabalho na roça no tempo dos pais deles, possíveis agregados que ganharam um pedaço de terra fora da fazenda: prática essa denominada “*agrado*” conforme apurado por Moura (1988). É nesse pedaço fora da fazenda, no centro da comunidade, que o casal hoje cultiva seu quintal e cede lugar para os filhos construírem casa, como veremos no capítulo mais específico sobre a comunidade de Schnoor,

Lúcia: Aqui no Schnoor antes do pessoal migrar assim, muito, tinha bastante roça?

Osmar: Tinha. Isso tudo aqui era nosso, essa terra aqui, o patrão, Joãozinho, deu pro meu pai. Meu pai cercou tudo isso aqui, 100 metros pra cima era tudo nosso.

L: E dava pra viver?

O: Dava e passava fome ainda. Deus queira... pelo amor de Deus. Não sei que miséria era aquela que tinha no mundo não...

L: Passava fome?

O: Passava, comia canjiquinha só com feijão, uai...o terreiro cheio de milho...

Dica: ... [cheio] de mantimento e passando fome...

O: ... porco no chiqueiro.

L: Então por que passava fome?

D: Não sei como aquele povo fazia, não? E naquele tempo dava muita coisa.

O: Não sei como era também não, e eles ainda passavam fome.

O: Passava, sim, muita fome. Vixe, eu passei crise que era só Deus, só Deus...

L: Mas como? A terra não tava dando comida?

D: Ninguém sabe o que esse povo fazia antigamente...

O: Mas a comida que dava era pros patrão, ué. Meu pai arrancava mandioca no mandiocal pro patrão dele... aqueles tocos lá que sobrava, pai ia lá e jantava mais mãe e mãe ralava aquilo no ralo pra fazer pra nós comer... era... desse jeito... sem mentira nenhuma. Tem um irmão ali mais velho, pai mais velho trazia o pequeninho, tamanho desse mais novo meu aqui, ia pro mato e levava uma cabaça de água pra eles pra trazer água de novo pra eles. Eles traziam um balaio de quarta, desse tamanho, cada um com um balaio pra almoçar ainda. Mãe fazia o biju primeiro pra nós comer pra ir pra escola, quando dava 11 horas e eu tinha que sair da escola, eu levava comida pra eles comer no mato. Pedia licença pra professora, mandava um bilhetinho: o dona... meu irmão mais velho escrevia um bilhetinho. Eu levava devagarinho a canjiquinha pra não derrubar ainda. Canjiquinha com farinha só.

D: E a mãe dele socava, levantava 4 horas.

O: Farinha de manhã cedo, com um punhado de sal na boca e socava pro mundo.

D: Socava pros outros também, fazia uma farinha boa... fazia a meia.

O: Tomava um alqueire de milho, cinquenta medida de milho, pra partir ao meio. Dividia com o dono.

Dona Mazinha é uma senhora que vive só, tem mais de 70 anos, é portadora de Chagas, tece no tear colchas de algodão e trabalha sozinha na roça. Seus filhos migraram,

alguns estão no corte de cana, outros migraram para São Paulo e trabalham em supermercados. Foi com o dinheiro do trabalho dos filhos que Dona Mazinha conseguiu comprar sua casa.

L: De primeiro a senhora trabalhava bastante na roça?

Mazinha: Trabalhei muito tempo na roça, todo ano ainda faço minha rocinha. Todo ano.

L: A senhora planta nas terras de alguém?

M: Planto nas terras dos outros, né? Eu peço pra eles o lugar, eles me dá pra fazer a roça.

L: E a senhora faz sozinha?

M: Eu capino mais é sozinha, mais é só. É difícil eu botar um companheiro aqui pra ajudar. Quando a roça é bem grande eu já ponho companheiro para ajudar. Mas quando é um lugarzinho assim, uma quarta, eu não ponho não. Eu mesmo vou e capino.

L: Quantos anos a senhora tem?

M: Eu tô com 78.

L: E capina sozinha?

M: No tempo das roças é todo dia.

L: A senhora gosta de plantar o quê?

M: Eu gosto de plantar milho, feijão, amendoim. Feijão andu, só arroz não dá.

L: A senhora já viveu da lavoura?

M: Já muitos anos.

L: A lavoura dava dinheiro? A senhora conseguiu viver com o dinheiro da lavoura?

M: Dava assim para a gente comer, não tinha era muita roupa de vestir, quem faz roupa de vestir era pouco.

L: Era uma no corpo, uma lavando, né?

M: Era mas dava pra a gente comer, ia vivendo assim, vivi muitos anos assim.

Com as fazendas de gado formadas ao longo das últimas décadas, não há mais trabalho para todos. Os mais velhos, que ainda pleiteiam um pedaço de terra na fazenda, roçam pelo prazer, pelo costume e pela precisão de plantar e comer seu próprio alimento. O roçado do campesinato de Schnoor localiza-se nas terras dos fazendeiros. Outrossim, atendem à necessidade do “patrão” de refazer o pasto sem ter nenhum gasto. Plantam comida para a sua família, sem precisar meiar a produção de alimentos, e devolvem o pasto formado, com capim plantado, para num outro ano receber outro pedaço de terra na mesma fazenda.

Seu Agenor: Agora tá bom, mas de primeiro não era bom não.

Lúcia: Por que seu Agenor?

A: A gente saía de casa e não tinha nada, trabalhava até não agüentar e voltava.

L: Não tinha nada do quê?

A: Nada... não tinha nada mesmo. Aqui tem não jeito não, o dia que eu trabalhava, assim mesmo dava trabalho pra a gente receber.

L: O senhor é nascido aqui?

A: Criei 13 filhos só na base da roça.

L: Então dava?

A: Nada, por isso que eu não estou mais prestando pra nada, pulei demais né?

L: Hoje o senhor continua tendo roça?

A: Eu aposentei e faço minha lavourinha do mesmo jeito.

L: Onde é que é sua roça?

A: É lá no mato, tem umas 40 galinhas, eu mexo com curtume, com galinha.

L: E por que o senhor continua mexendo com lavoura?

A: É por que eu gosto. Se eu deixar, eu adoeço, nesses dias quem roçou foi os meninos que eu não tava agüentando, mas vou.

Como já apontado por Marx, o camponês é o sujeito que está profundamente vinculado à produção de bens com valor de uso. O camponês vende o fruto de seu trabalho, nascido de seu trabalho não-alienado. Normalmente seu trabalho é familiar, e não individual, e ele não tem vínculos contratuais com uma pessoa que o subordina⁵⁰. Tanto seu trabalho como sua pessoa são livres para produzir com sua família.

O trabalho constitui a essência da família e da vida camponesa, é um valor inserido naquilo que Klass Woortmann (1990a) chamou de *ordem moral*. O trabalho organiza a vida, a festa, o mutirão, as práticas cotidianas e coloca o camponês mais perto da natureza. Ainda que extremamente árduo em algumas circunstâncias não é alienado e atribui sentido à vida e à existência camponesas.

Muitos moradores do Schnoor trabalham há décadas para os mesmos dois proprietários: seu Ideo e João Vito. A subordinação nesse caso torna-se mais profunda e limita tanto o número de famílias que pode realizar o trabalho a meia como a autonomia do camponês; é a ordem moral do campesinato que está posta em xeque. Lembremos que foi na década de 1970 esse processo se originou. As fazendas de gado se perdem pelos tabuleiros (terras mais planas e férteis próximas ao rio), serras e chapadas. Há muitas terras sem produção, protegidas como reserva de valor nesta comunidade. Delas os proprietários extraem a renda da terra e escancaram para a toda a sociedade a

⁵⁰ Há muitas situações contemporâneas que demonstram o quanto este campesinato também é múltiplo e se relaciona com o capital de muitas formas. Há desde os que permanecem na produção de valores de uso aos que precisam se assalariar parte do tempo do ano para retornar a sua vida camponesa no restante do tempo, passando pelos arrendatários, meeiros....

irracionalidade assentada na propriedade da terra forjada desde o século XIX. Os moradores contam que chegam a caminhar mais de uma hora para alcançar o pedaço cedido que devem roçar e formar o pasto.

Em Schnoor, diferentemente do Graça, não é possível ver muitos cultivos. Muitos tabuleiros estão abandonados.

Antônio e Márcia relatam o abandono de algumas terras:

Antônio: (...) Os proprietários não quiserem ceder os tabuleiros pra ninguém, o projeto [assentamento] era pra ser aqui. Lá [no Graça] venderam pra eles e fizeram o assentamento.

Márcia: ... não cede e deixa... além de não ceder, não planta nada. Daqui cê olha e tem um tabuleirão, não tem nada...

A: Tem é muitos...

M: Aqui agora só se faz roça longe, né? É uai...A roça que se faz aqui cê anda meia hora, uma hora, hora e meia. Andando pra poder ir nela quase todo dia.

A: Fica mais caro que comprado.

M: Tem ano que não dá nada.

A: Tem ano que não dá, mas quando Deus ajuda que chove, a gente não tira o dinheiro que gastou mas colhe, né?

M: Colhe.

A: Colhe.

A: Milho, feijão andu, manaíba.

A: Eu planto até hoje.

Os moradores das comunidades rurais do Vale estão sujeitos a inúmeras expropriações: a consolidação da fazenda de gado e do eucalipto (para a produção de carvão para a siderurgia mineira), a perda do uso costumeiro das terras da fazenda e das

terras de uso comum (antes soltas). O conjunto das expropriações e a ausência da terra para o cultivo explicam a inserção dos homens em um fluxo migratório “temporário” para o corte da cana. O homem migra para que sua família não precise migrar definitivamente. Nas últimas décadas, não há mais nas fazendas a atividade agrícola de outrora. Transformadas em fazenda de gado, requerem poucos homens para o trabalho.

Os relatos apenas apresentados nos fazem entender a questão agrária de forma muito distinta das pesquisas realizadas por Flávia M. Galizoni e Eduardo M. Ribeiro (2006) em comunidades rurais do Alto Vale do Jequitinhonha⁵¹.

Os autores partem do princípio que as terras são de propriedade do campesinato e como projeto acadêmico vão buscar na herança, entendida segundo o código costumeiro local, e no uso de técnicas não apropriadas ao meio ambiente, as explicações da migração sertaneja camponesa.

O alto Jequitinhonha - principalmente o vale do rio Araçuai e a calha alta do rio Jequitinhonha - ficou estigmatizado pela migração; e migração, sazonal ou definitiva, está relacionada a terra. Mas, não tanto às condições de propriedade, porque o domínio da terra é incontestável na maioria das comunidades rurais. Migração é associada, principalmente, às condições de produção, ao meio ambiente e sua capacidade de suporte, à sustentabilidade da exploração, à reprodução da população. (RIBEIRO; GALIZONI, 2006, p. 5)

Para Ellen Woortmann (1995)⁵², a herança constitui-se uma estratégia de reprodução do campesinato. Para que a terra não seja dividida entre os tantos filhos, o

⁵¹ Entre os artigos dos autores destacamos:

Sistemas agrários, recursos naturais e migrações no alto do Jequitinhonha. Disponível em: <http://www.nucleoestudo.ufra.br/nppj/artigos%20selecionados/ABEPUBb.pdf> acesso em 25/01/2010;

Os caminhos de São Paulo: migrações e trabalho urbano de agricultores mineiros. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol21_n2_2004/vol21_n2_2004_6artigo_p241a258.pdf acesso em 25/01/2010;

Trabalho feminino na agricultura familiar do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/12/09O436.pdf> acesso em 25/01/2010

costume ditará quem herdará a terra e quem partirá para as cidades ou para outros lugares.

Entendemos que o conceito da herança como estratégia de reprodução social possa ser transposto para outras realidades, sua universalidade resulta desta possibilidade, porém não se aplica às comunidades estudadas nesta pesquisa, e tantas outras, em que o campesinato não é proprietário de suas terras.

Klass Woortmann, importante referência dos estudos sobre o campesinato, em artigo intitulado *"Migração, família e campesinato"* (WOORTMANN, K., 1990b), afirma logo nas primeiras linhas que "Os camponeses são, além de produtores de alimentos, produtores também de migrantes". Para sustentar esta afirmação, o trabalho de campo dos Woortmann centrou-se no campesinato sergipano, proprietário de terras. Ser proprietário de terras é fundamental para outra conclusão de Klass: "A migração não é consequência da inviabilização de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução".

Em Sergipe, segundo Klass Wortmann (1990b), a migração, com fins de reproduzir socialmente a família camponesa, pode ser de três tipos: (i) migração pré-matrimonial do filho; (ii) migração do chefe de família (migração do tipo circular) e (iii) migração definitiva.

Se retornarmos à entrevista de Dica e Osmar, Seu Agenor e Dona Maria poderemos pensar que seus filhos talvez migrem, para que suas terras não sejam fracionadas e, como estratégia de reprodução social, apenas poucos filhos, ou somente um (unigenitura) permanecerão na comunidade. Entretanto, achamos que a análise da geração atual pode ofuscar o entendimento da questão agrária e da questão migratória

⁵² Galizoni e Ribeiro citam os Woortmaan e ignoram Margarida Maria Moura que aparece na bibliografia somente em um dos artigos.

subordinando-as ao costume camponês e suas estratégias de reprodução social sem entendê-las como processo de uma história mais longa comunicando-se com as determinações impostas no movimento de produção e reprodução do capital.

Recorrendo novamente à pesquisa de Moura (1988) e às entrevistas citadas, entendemos que a exploração e conseqüente expulsão do campesinato têm raízes na permanência de uma estrutura fundiária concentrada pelas fazendas de gado e pela territorialização do eucalipto.

A posse é reconhecida juridicamente desde a formulação da Lei de Terras, sua força reside na forma como é vivida costumeiramente. Entretanto, ela torna-se frágil, mesmo sendo reconhecida pela lei, nos conflitos levados ao tribunal impetrados por algum proprietário, visto que apresenta características peculiares: é familiar, pode sobreviver sem grandes lucros, sua documentação às vezes restringe-se ao “*Incra*” da terra, sua idade pode perder-se na memória dos moradores. Ademais, os posseiros normalmente têm pouca inserção nas instituições de poder local e pouco dinheiro para arcar com os custos de um processo - o Ministério Público não consegue atender a todos. Estas características são facilmente ignoradas por um direito burguês consagrado pelo patrimonialismo que não legitima a priori a posse. A posse é a forma histórica de ocupação de terras no Brasil entrementes é rechaçada e muitas vezes sua realização é tida como invasão.

Vemos no Brasil que os posseiros ou resistem no lugar, ou vendem a posse para comprar uma nova (opção esta quase sempre inexecutável), ou lutam por nova posse em algum outro canto, como as fronteiras de povoamento, onde deparar-se-ão novamente com o fazendeiro. Esta é uma luta da classe camponesa em curso no Brasil há séculos, a

luta contra a cerca que define tão claramente os interesses de duas classes sociais e os limites da propriedade da terra e seus usos.

Os moradores de Schnoor que cultivam roças sequer detêm a posse do lugar em que cultivam, alguns detêm a posse da sua casa de morada no centro da comunidade, como relatado por Dica e Osmar. Se pensarmos que o casal tem perto de 50 anos e os pais de Osmar ganharam as terras do proprietário da fazenda quando ele ainda era pequeno, podemos retroceder cerca de 40 anos.

Nas décadas de 1960 e 1970 os processos que regularam a propriedade e as posses no Vale transformaram, segundo Margarida Moura (1998), questão de terra em questão trabalhista. A esse respeito, José de Souza Martins sintetiza, prefaciando a obra de Moura:

A mitificação do trabalho assalariado, feita por partidos, grupos e instituições que têm se proposto a defender os trabalhadores contra a injustiça, acabou transformando o que era na base e na prática, uma luta pela terra numa luta pelos direitos trabalhistas. E liberando a terra, sem grande ônus, para o grande latifúndio e a oligarquia. É quando o direito fica torto. O mesmo direito torto deu legalidade à ocupação das terras das chapadas pelas reflorestadas, amamentadas nas tetas gordas dos incentivos fiscais, dinheiro do povo convertido em subsídio para engordar ainda mais, invadir terras, expulsar trabalhadores. (MARTINS, 1988b)

Os processos de compressão e supressão de direitos vividos pelos agregados, situantes e posseiros nas décadas de 1960 e 1970 com a industrialização da agricultura ganharam novos contornos e desenharam os novos ordenamentos sócio-territoriais conhecidos nos dias de hoje. Estes ordenamentos impõem-se no território camponês e tecem uma longa teia às terras de cana-de-açúcar do estado de São Paulo e à produção dos agrocombustíveis.

O campesinato sertanejo das comunidades rurais estudadas não tem a propriedade da terra; muitos detêm, quando muito, o chão de morada.

Há uma dupla pressão vivida pelo campesinato: no Vale a territorialização do eucalipto e do gado que os expropria de suas terras mas não os expulsa totalmente e, em São Paulo, a territorialização e monopolização do cana que os incorpora como “trabalhadores temporários”, como proletários.

Para justificar os “investimentos” modernizadores da década de 1970 foi necessário afirmar que a agricultura camponesa, dada as suas “características intrínsecas” em relação aos usos agrícolas e sociais da terra é a responsável pela pobreza de seus moradores e pela exaustão dos recursos naturais. Esta afirmação legitimou os investimentos públicos modernizantes, dentre eles todas as concessões dadas às monoculturas de eucalipto.

Os discursos sobre a pobreza, o esquecimento, a falta de investimentos, a demora da “instituição modernização” que permeiam o imaginário da sociedade brasileira, estão presentes em documentos oficiais que pautam as políticas públicas para o Vale do Jequitinhonha e no discurso da mídia. Vejamos três exemplos:

A lei municipal 26/2005 de Araçuaí que institui o Plano Plurianual do Município (para o quadriênio 2006-2009) em seu anexo 1 ressalta:

O município de Araçuaí tem por desafio uma realidade social e econômica que reflete a descaso de décadas das instâncias superiores de governo (União e Estado) para com as regiões mais pobres do País, especialmente o Vale do Jequitinhonha. Portanto, tem-se como missão imperiosa romper com o atraso a que foi condenado o Município no passado e lançar sobre o futuro um olhar de esperança, a esperança de melhorar significativamente as condições de vida da sua gente. (ARAÇUAÍ, 2005)

Em um de capa, a Tribuna do Vale divulgou:

Anualmente, milhares de trabalhadores deixam o Vale em busca de trabalho nas usinas de álcool e açúcar. Esse movimento migratório de mão-de-obra é um fenômeno que existe há muitos anos e tem grande importância econômica e social para a região, que não apresenta oportunidades de trabalho para toda a sua população. O clima da região, com chuvas concentradas em 3 ou 4 meses do ano, e a falta de água para culturas irrigadas, limita o aproveitamento das terras para a agricultura. A cultura do eucalipto é uma das soluções para o aproveitamento das chapadas, mas somente ela não é suficiente para absorver toda a mão-de-obra da região. Outras alternativas devem ser buscadas pelo poder público, antes que a mecanização do corte da cana provoque um problema social de grandes proporções para o Vale. Uma dessas alternativas em estudo é o aproveitamento das terras para produção de biodiesel. (FRÓIS, 2008)

Relatórios da Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha (Codevale) e da Fundação João Pinheiro⁵³ (FJP) ressaltaram essa visão de pobreza e desenvolvimento e corroboraram para a construção de uma visão em que estrutura fundiária defeituosa, com baixos níveis tecnológicos e reduzida ocupação de mão-de-obra são o causadores da pobreza e do subdesenvolvimento da região.

A Fundação João Pinheiro produziu um Plano Diretor para o Vale. Destacaremos aqui algumas linhas referentes à modernização, atraso e agricultura sob o título: “Assalariamento e Migração temporária”:

O assalariamento dentro e fora da região vem se tornando assim uma alternativa extremamente importante para a força de trabalho regional ligada à pequena produção, que representa o contingente básico da população rural. As condições precárias sobre as quais são conduzidas suas atividades produtivas induzem a uma tendência em que a venda da

⁵³ Instituição pública vinculada à Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão do estado de Minas Gerais.

força de trabalho passa a representar uma das principais fontes de renda na manutenção da pequena produção.

De maneira geral, os aspectos relativos à migração na região apresentam poucas variações entre os municípios por trás do histórico êxodo regional, está seu quadro generalizado de pobreza e baixo desenvolvimento. A esta situação associa-se o baixo dinamismo de pequena produção que, por questões relacionadas aos condicionantes climáticos somadas a aspectos de ordem estrutural, tem dificuldades de reprodução na região.

Onde ocorreu um processo de modernização da agricultura o êxodo rural deixou reflexos também no crescimento urbano de pequenas cidades de sua área de influência. Nas regiões onde isto não ocorreu, tem-se, com maior intensidade, o fenômeno da migração temporária.

Assim, com exceção da cafeicultura, sua agricultura assenta-se numa pouca expressiva produção alimentar básica, relativamente dispersa pela região. As características intrínsecas dessa atividade, seu caráter predominante de agricultura camponesa, não permitem expectativa positiva quanto a uma reversão imediata e autônoma do quadro, expressa na modernização e incremento da produção. Isto significa que praticamente inexistente no Jequitinhonha, um segmento agrário com condições de derramar e dar sustentação ao processo de desenvolvimento setorial. Neste contexto, a modernização da agricultura regional deve ser entendida e pensada como um processo induzido, ou seja, que requer a intervenção pública.

A modernização é entendida nesses três discursos como um conjunto de investimentos a ser realizado pelo poder público, na ausência do interesse concorrencial do capital, para alavancar a economia local, consolidar o lucro e o emprego, afastando assim o atraso.

A chegada do eucalipto, no diagnóstico da FJP e na matéria da Tribuna, é redentora todavia insuficiente. A ACESITA Energética comprou terras do Estado de Minas

no auge do período de modernização de caserna, década de 1970, graças à mediação da CODEVALE, e produz carvão vegetal para uso siderúrgico. Hoje a empresa detém mais de 120.000 hectares de terra com cultivo de eucalipto⁵⁴. O cultivo de eucalipto se alastra pelos municípios de Minas Novas, Turmalina, Capelinha, Itamarandiba e já chegou a Araçuaí - plantado em uma unidade de conservação municipal, criada, na Chapada do Lagoão⁵⁵, para impedir a desapropriação das terras e os danos ambientais decorrentes da atividade.

A estratégia adotada por aqueles que querem plantar eucalipto nas chapadas é chegar de mansinho e comprar as terras dos posseiros sem alardear e contratá-los para o roçado e cultivo. Segundo Seu João da Lapinha:

[...] aqui é um lugar bonito demais, lugar muito saudio [saudável], não faz nem frio, nem calor, é fresco. Aqui dá pra dormir rebuçado [com coberta] e não tem muriçoca.

O menino que plantou eucalipto parece que é tal de Guê. Dinheiro é inimigo e amigo, ele compra todo mundo. Leopoldino mora em Carai, ele veio para ver se comprava as terras desse povo, parece que o povo do Pacheco vendeu.

Se desmatar aqui como é que faz? Tem todo tipo de fruta. A vida na cidade é muito ruim. Aqui a gente não paga luz, água e lenha para cozinhar, na cidade até lenha tem que pagar.

Há também gado espalhado na Chapada, eu não tenho gado mas tem outros que tem, é só cuidar pra não ir nas roças. O povo deixa o gado solto, tudo isto é vago [sem cerca].

(entrevista concedida em janeiro de 2008, na Chapada do Lagoão)

⁵⁴ Segundo a ACESITA, um emprego é criado para cada 25 hectares plantado. Para os movimentos sociais articulados contra o deserto verde, para cada 82 hectares é gerado um emprego.

⁵⁵ Em Araçuaí houve um movimento para que a Chapada do Lagoão fosse convertida em Unidade de Conservação (UC) para evitar a tomada das terras pelos "paulistas". A região foi decretada Área de Proteção Ambiental (APA), tipo de UC que permite, a priori, o cultivo, mas ainda não há Plano de Manejo elaborado.

Continuar acreditando na prosperidade que essa monocultura pode trazer ao Vale implica desconsiderar todo o histórico de perdas relatado por Moura e por Silva. Para as autoras, a modernização chegou na década de 1970, com a benção do Estado brasileiro, e fortaleceu a existência do latifúndio cobrindo chapadas com o eucalipto, expulsando o campesinato de seus territórios de uso e vida. A modernização não é um projeto a ser aguardado.

A agricultura camponesa, na visão da Fundação, não teria condições de capitanear o processo de desenvolvimento. Uma saída “modernizante” contudo, descortina-se para o Vale: a produção do biodiesel por “agricultores familiares”⁵⁶ que receberão investimento e capacitação para consolidar o Brasil no mercado de produtores de energia limpa.

Um projeto intitulado “Ações integradas de apoio ao desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri: projeto biodiesel” com apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário, do BNDES, do Banco do Brasil, da UFMG e da CONTAG visa criar no Vale uma produção de alguma oleaginosa (não especificada) para a produção de energia. Tal projeto ajusta-se a inúmeros interesses, dentre eles os de prefeituras queixosas da falta de investimento por parte da União e do Estado e de muitos, inclusive trabalhadores rurais e da cidade, que acreditam na geração de empregos como saída para a “pobreza” e migração do Vale.

Heidemann, em comunicação pessoal, sublinhou que a modernização ocorre em função da formação e generalização das relações da forma mercadoria no âmbito da

⁵⁶No artigo: “A atualidade do uso do conceito de camponês”, disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/nera/rev12.php>>, acesso em: 10/03/2010, Marta I. M. Marques, defende o uso do conceito de camponês sublinhando sua importância, diferenciando-o de agricultor familiar.

criação do mercado mundial e que um dos seus corolários é a mobilização da força de trabalho.

3.3 Migração

A migração do povo do Vale data de muito tempo. Para Ribeiro e Galizoni ela está assentada no declínio das lavouras devido às técnicas disponíveis e utilizadas, o esgotamento das terras, e a fragmentação da terra pelos herdeiros.

Desde o século XIX as condições de sobrevivência eram progressivamente mais difíceis, pois a fertilidade da terra definhava à medida que crescia a exploração, e mais tímida ficava a atividade mercantil com o declínio da produção. No correr do tempo parte da população saía, a terra fragmentava-se entre herdeiros e as explorações agrícolas tornavam-se menores. (RIBEIRO; GALIZONI, 2006, p. 2)

Os autores a descreveram como uma região condenada à estabilidade, que empurrava a população para leste, para a terra nova de mata atlântica, para a mata - esse lugar impreciso entre Mar d'Espanha e o rio Pardo. Em meados do século XIX crescia o movimento migratório do Jequitinhonha nesta direção; lá, a extraordinária fertilidade da terra de floresta produzia abundância de mantimentos.

As migrações do vale do Jequitinhonha são quase tão antigas quanto seu povoamento. Existem registros de migrações definitivas desde meados do século XIX: famílias ou jovens partiam em busca de terras novas, minerações e índios para serem preados.

(...)

No final do século XIX começaram migrações sazonais em direção às matas - "mata do Mucuri" e "mata de Ponte Nova", atual Zona da Mata mineira. Eram viagens periódicas, feitas por grandes grupos que iam para a colheita do café; fazem parte das memórias escritas e orais da população do alto

Jequitinhonha. A substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre na Zona da Mata foi possível graças às migrações sazonais de trabalhadores do Jequitinhonha. O jornal "O Serro", em toda a primeira metade da década de 1890, apresenta em editoriais repetidas queixas dos fazendeiros contra migrantes para a mata, que deixavam suas famílias no desconforto e abandono. (RIBEIRO; GALIZONI, 2006, p. 3-4)

Em entrevistas, alguns moradores corroboram com a idade longa da migração e apontam que desde a época mais intensa da mineração ela ocorre. Os tios de Waschinho, da comunidade de Zé Gonçalves/Piauí, contam que caminhavam mais de três horas por dia, em décadas passadas, para trabalhar nas lavras de mineração. Alguns homens do assentamento do Graça indicam que antes do corte de cana seus pais conheceram homens que migraram para trabalhar com banana no litoral de São Paulo. Contudo, há que se diferenciar a natureza e a intensidade dos fluxos migratórios. A opção em tornar ontológica a migração ou vinculá-la às características naturais não explica as múltiplas de determinações que estão por trás do fenômeno em cada momento histórico e, em particular, no período analisado pela pesquisa.

Uma das premissas adotadas nesta pesquisa consiste em entender que os conceitos (mobilidade–migração ou mobilidade migratória) são historicamente determinados, oriundos do contexto histórico e geográfico que instituiu a formação da sociedade burguesa-capitalista. Esta premissa funda um dos termos do debate sobre a questão migratória: a mobilização do trabalho⁵⁷ não é ontológica. A migração tal como vemos nos dias de hoje vincula-se ao mundo moderno, às determinações capitalistas e sua necessidade de mão-de-obra flexível.

⁵⁷ Mobilidade do trabalho tal como proposto por Gaudemar (1976).

Esta premissa é compartilhada por muitos autores, entre eles Vainer (2007) que teceu uma crítica aos documentos oficiais elaborados pela ONU como, por exemplo, o Relatório da Divisão de População da ONU de 1998, que buscou ontologizar as migrações situando a origem das mesmas ainda no nomadismo humano. A idéia que perpassa o discurso da ONU é a de que as migrações, visando uma melhoria de vida, sempre ocorreram. Tal concepção tornaria a migração um atributo natural dos homens. O caçador, sob esse ponto de vista, seria um potencial burguês. O autor é ácido:

Em outros termos, o que estão nos dizendo é que esses caçadores e coletores nômades, como nossos mexicanos que vão tentar ultrapassar o Rio Grande, estavam buscando melhorar a sua vida... só faltava dizer que eles procuram um emprego para melhorar o nível de consumo e de renda! (VAINER, 2007, p. 16)

Outro equívoco de alguns documentos oficiais da ONU, segundo a premissa compartilhada com Vainer, assenta-se na determinação do início das migrações internacionais: o tráfico de escravos. Tal marco contraria outras passagens, do documento citado, que ressaltam que o núcleo da explicação sobre as migrações reside na opção individual do sujeito-migrante em migrar. Ora, o escravo não decidiu migrar e não era um indivíduo que gozasse de sua “liberdade” tal como instituída pela modernidade: liberdade individual do trabalhador que “decide seu destino”.

Tomando como ponto de partida que a migração não é ontológica, que não encontra explicação nem em fatores naturais, nem na subjetividade (a subjetividade também é socialmente construída), entendemos que foi a partir da década de 1970 que um intenso fluxo migratório surgiu unindo tensamente cidades e comunidades rurais do Vale aos canaviais paulistas.

Araçuaí é conhecida pela migração dos homens para o corte de cana-de-açúcar em São Paulo. Para a safra de 2007, estima-se que mais de 7000 homens deixaram a cidade oriundos do próprio município de municípios vizinhos.

Em algumas cidades do Médio Jequitinhonha, o migrante se faz sentir presente no centro da cidade, nos bairros rurais e nas comunidades. A sua ausência por nove meses do ano é presente. A grande ausência revela-se muito forte nas zonas rurais onde é raro encontrar um homem entre 18 e 40 anos.

A ausência/presença dos homens se expressa no cotidiano familiar e no olhar dos filhos e das mulheres que chegam a ficar sem o pai ou o marido por cerca de nove meses⁵⁸ ao longo do ano. As crianças choram quando os pais retornam às casas por não os reconhecerem e por terem que dividir a casa temporariamente com esse “quase estranho” a despeito do esforço da mãe para não deixar a criança esquecer o pai. Esta ausência, devido à sua duração e ao modo de vida camponês de algumas comunidades, pode estar provocando fraturas profundas.

Edna, uma senhora da comunidade de Piauí chegou a afirmar que desde que o marido deixou de ir para o corte, por estar arruinado pelo trabalho, é que ela passou a conhecê-lo. Durante 20 anos, ela só o viu durante breves lapsos de tempo. O casal tem seis filhos, dois deles que já vão para o corte.

O dinheiro trazido do trabalho em São Paulo lança a família no mundo das mercadorias e na solidão e, contraditoriamente, garante a permanência da mesma nas comunidades.

⁵⁸Na década de 1980 eram cerca de 6 meses de trabalho no corte; os investimentos no setor sucroalcooleiro visam a produção com um período de entressafra cada vez mais curto.

Em bairros urbanos de Araçuaí, um pouco afastados da cidade, como a Baixa Quente, há notícias de muita violência devido aos poucos homens que permanecem, à desestruturação das famílias e à bebedeira de mulheres acometidas pela solidão.

O funcionário da Gontijo, maior empresa de ônibus que realiza as viagens MG-SP, se mostrou reticente para dar a informação de quantos ônibus foram contratados pelas usinas para levar os trabalhadores para São Paulo. Há linhas diárias de ônibus para São Paulo, Campinas e Ribeirão Preto que não atendem a demanda no início do ciclo da cana. Atendem somente as férias - não remuneradas - dos trabalhadores. Normalmente no meio da safra os solteiros voltam por cerca de duas semanas. Para os casados, esta é uma despesa que pode ser evitada. Eles pagam a passagem e não recebem salário durante os dias em que estão fora.

Segundo Fabinho, um dos “encarregados” (novo nome para denominar os “gatos”) da Cosan para arregimentar trabalhadores em Araçuaí, somente para o conjunto de usinas pertencentes ao conglomerado, saíram cerca de 7.000 pessoas para o corte em 2007. Nem todos os homens são de Araçuaí⁵⁹. Muitos viajam quase 100 km para chegar à cidade de onde saem os ônibus, eles vêm de alguns municípios vizinhos como Itinga, Coronel Murta, Porto dos Volantes e Chapada do Norte.

Fabinho também fica fora todo o tempo do corte, todavia consegue folgas para visitar a família e pode usufruí-las já que não recebe por produtividade, diferentemente dos cortadores. Seu trabalho consiste em atender às necessidades dos trabalhadores nos alojamentos, auxiliá-los no envio mensal das remessas, intermediar a relação entre usina e trabalhadores e arregimentá-los na cidade e na zona rural. Já foi cortador de cana também.

⁵⁹ Relembrando, o município tem perto de 37.000 moradores.

O “gato” arregimenta na cidade e nas comunidades os homens para a usina e parte com eles para auxiliá-los nos alojamentos, no recebimento do soldo, nas transações bancárias, nas remessas e no correio. São também intermediários das usinas nos alojamentos e responsáveis pelo cuidado da ordem e da higiene para que o trabalho flua bem. Continua sendo o anjo e o algoz, o homem que transforma os corpos para o trabalho na usina.

Na revista Travessia nº01, Miguel⁶⁰, com 20 anos de “vaivém” chama o fiscal de “nhô”: *“às vezes o gato não é ruim, o lugar de origem nosso não ruim mas é fraco, sem ajuda do governo.”*

Em 2007, os ônibus contratados pelas usinas saíram lotados, todos os homens tinham destino certo, partiram já com a carteira assinada e com exame médico atestando a prontidão para o trabalho. Só embarcou para São Paulo quem estava com os exames bons, demonstrando saúde para o trabalho. O exame visava detectar, segundo relatado, o mal de Chagas. Mesmo que ainda não manifestando sintomas, quem porta a doença não é mais aceito no corte mas nem por isso acessa a aposentadoria por invalidez.

As redes sociais organizadas para o trabalho e para dar suporte à vida no território da cana se formam ainda em Araçuaí. As notícias de quais usinas são boas, quais não pagam direito, os melhores gatos e alojamentos são compartilhadas pelos homens. Alguns conhecidos preferem assinar o contrato com a usina juntos para, assim, permanecerem no mesmo alojamento, quiçá no mesmo quarto. É a forma encontrada de reunir os parentes, os compadres homens, para poder suportar melhor a vida durante o corte e compartilhar as notícias vindas de casa. Reviver, ainda que de forma muito precária, uma sociabilidade conhecida.

⁶⁰ Miguel é um trabalhador mineiro entrevistado pela Revista Travessia para a seção “Palavra do Migrante”, na edição de mai-ago de 1988, nº 1, p. 33.

Os homens da comunidade de José Gonçalves/Piauí se utilizam dessa estratégia conveniente também para manter mais tranquilos os corações das mulheres que ficam na comunidade. Waschinho, morador da comunidade, contou-nos que fica no mesmo quarto que seu irmão, sogro, cunhado e outros amigos.

As mulheres se sentem mais seguras com estas redes mas também desconfiam que os homens sejam leais e pactários entre eles e não contariam a ninguém da comunidade eventuais deslizes cometidos.

3.3.1 Remessas

A literatura sobre migração demonstra que as remessas são muito importantes na economia de lugares pequenos, com características rurais, em que boa parte da comunidade torna-se migrante. Neide Patarra (2006) aponta que as remessas latino-americanas superaram a faixa de 55 milhões de dólares. Para a autora, direitos humanos e remessas podem representar avanços na governabilidade dos movimentos internacionais porém, “parece difícil que por aí se avance no sentido da “livre-circulação” de pessoas no mundo globalizado, onde os capitais, a tecnologia e os bens se movem livremente.”

Martes e Soares (2006) estimam que cerca de 78% dos imigrantes latinoamericanos enviam remessas, destas cerca de 76% vão para ajuda familiar, eles acreditam que: “parece irreal que as remessas possam, por si mesmas, promover a redução da pobreza e o desenvolvimento local.” (MARTES; SOARES, 2006, p. 50).

Bartra, referência na literatura mexicana, afirma:

Siempre solidário, el sector más pobre de los transterrados envía dinero a sus familiares varados en México. No es poca cosa, en 2005 serán alrededor de 20 mil millones de dólares, lo que hace de la exportación de

compatriotas una de las mayores fuentes de divisas, solo superada por el petróleo y el conjunto de las manufacturas, pero muy por encima del turismo, el sector agropecuario y extractivo. (BARTRA, 2007, p. 101)

Difícil mapear as remessas enviadas pelos cortadores de cana em Araçuaí. Na paisagem das comunidades observamos as casas em reforma, as motos circulando ou bem guardadas nas casas sendo pagas mensalmente pelas mulheres com o dinheiro das remessas. Nas casas também as mulheres ostentam (na falta de seus maridos) os produtos comprados com o dinheiro do corte.

Segundo Roseli, responsável pelo posto do correio na cidade, quando o governo lançou o Vale Postal e a Conta Fácil, em 2002, as remessas de dinheiro via correio caíram muito. Eles não têm como fazer um levantamento das remessas recebidas, não podem disponibilizar os arquivos e acham difícil mapear a origem e os motivos do envio. Roseli estima que a agência receba somente cerca de sete remessas por mês no valor de R\$200,00 cada uma.

O Correio é um correspondente bancário do Bradesco e executa muitas das funções de uma agência bancária, tais como abrir conta, fazer movimentações com a conta corrente e poupança. A agência do Bradesco responsável localiza-se em Salinas, distante cerca de 100 km de Araçuaí. O custo de movimentação da conta é de R\$ 4,80. Normalmente os homens abrem a conta e deixam o cartão com as mulheres que sacam dinheiro mensalmente na agência. Todas as agências do correio no Brasil oferecem o serviço de Banco Postal.

Nas poucas agências bancárias existentes na cidade (Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Itaú) ou no Correio, a mulher retira, por meio de cartão, a remessa enviada por seus maridos e/ou filhos. Parece que o valor da remessa não ultrapassa R\$

300,00 – dinheiro com que a mulher sobrevive com toda a família durante o mês e ainda economiza.

Os comerciantes, como os donos de padaria e de supermercado (na cidade há quatro grandes), relatam a existência das “cadernetas de crédito” ou simplesmente cadernetas. Elas são pagas mensalmente com as remessas enviadas pelos homens. Sua permanência vincula-se à manutenção de redes de confiança.

Poucos comércios mostram as cadernetas; como muitos dos migrantes saem da zona rural, as cadernetas são mais encontradas nos armazéns das comunidades, quando há armazém. O crédito nas cadernetas prioriza produtos básicos de alimentação, higiene e remédios. Há crédito para os cortadores que são vistos pelas suas esposas e pelos comerciantes como corajosos e trabalhadores que honram família e dívidas. O corte da cana não é um trabalho vergonhoso, o que nos faz entender a importância do trabalho como valor moral do campesinato. Os comerciantes locais conhecem casos de calotes dados em São Paulo pelos migrantes um pouco antes de retornarem. Segundo os comerciantes, lá eles não têm um nome a zelar. Em Araçuaí o calote não ocorre, pois normalmente as mulheres e filhos ficam e precisam da continuidade de relações assentadas no costume.

Se o pagamento das compras for efetuado até dez dias após a compra, o valor total da venda é anotado na caderneta. Se o pagamento for realizado com prazo maior - esta combinação é feita antes mesmo da compra - discrimina-se na caderneta os produtos comprados; no acerto das contas as mercadorias adquiridas são calculadas com o preço do dia. Segundo os comerciantes, esta é uma estratégia para driblar a inflação.

O uso da caderneta perdura na cidade, inclusive para não-migrantes, porém, para alguns, a opção do Banco Postal tirou-os das amarras que algum comerciante poderia

estabelecer. Esta rede social de confiança tem seu viés de pertencimento e de uma organização econômica distinta da política de juros empregada pelo sistema bancário; porém ela pode se transformar numa rede que aprisiona e endivida os trabalhadores. Em cada lugar do município é possível ouvir histórias que ora demonstram a naturalidade desse sistema e sua importância quando os homens estão fora; ora demonstram as amarras que os comerciantes podem criar.

Delciro, morador da Chapada do Lagoão, contou que o acerto de contas era realizado na volta da safra quando ele ia para o corte. Ele perdeu boa parte do dinheiro advindo de seu trabalho em São Paulo, pois ele depositava na conta do dono do armazém o dinheiro a ser dado para a esposa, o comerciante descontaria os gastos no armazém. Delciro não sabia que deveria guardar os recibos de depósito. Quando ele retornou do trabalho no corte descobriu uma grande dívida no armazém de sua comunidade visto que somente alguns depósitos foram considerados.

Em alguns bairros rurais, nota-se que as lojas de construção civil também aceitam fiado. O dinheiro das remessas aquece a economia local, com ele são feitas as reformas e construção das novas casas. Quando os homens retornam e permanecem, nos meses das águas – de meados de novembro a fevereiro- trazem o dinheiro do “acerto com a usina” utilizado para terminar as casas e manter a família nos meses subseqüentes.

Na zona rural, as mercadorias que produzem uma diferenciação social e materializam um dos porquês de tanto sofrimento no trabalho em SP, recebem o selo de “comprado com o dinheiro do corte”. São DVDs, móveis, cozinhas, sofás e a moto – o grande fetiche das últimas temporadas e objeto de desejo entre os jovens.

Os objetos de desejo da comunidade escancaram o quanto o mundo da produção e consumo de mercadorias está presente na vida, no desejo e no imaginário das

comunidades, tornando-se também mais um componente explicativo da migração. Isso contudo não diz tudo, a inserção no mundo da mercadoria é muito contraditória e complexa. Ao retornarem para as comunidades, além da exaustão e do estranhamento, resta aos homens levar objetos materiais que expressariam a riqueza conseguida com o suor do trabalho. Essas mercadorias são a medida do trabalho e um consolo precário para a tanta ausência dos homens. Nos capítulos referentes à Schnoor e Graça, a centralidade da mercadoria será pensada em relação às práticas cotidianas das comunidades, uma vez que delas não se dissociam.

Além do fetiche, a moto é o mais importante veículo que liga as comunidades à cidade. Há, normalmente, apenas uma linha por dia de ônibus para cada comunidade: o transporte sai da cidade por volta das 14:00 horas e chega às comunidades perto das 16:00 horas. Ônibus, trocador (cobrador), motorista dormem na comunidade e retornam à cidade apenas às 6:00 ou 7:00 horas da manhã seguinte, chegando na cidade perto das 9:00 horas. Os motoristas e trocadores são responsáveis em transportar uma série de encomendas, recados e cartas. Conhecem praticamente todos os moradores de todas as comunidades. Para uma comunidade localizada a cerca de 50 km da cidade, como Schnoor, a passagem⁶¹ é de R\$ 8,30 – muito cara para a renda das comunidades rurais.

Com a expulsão da fazenda, o cercamento das terras comuns e a demanda por força de trabalho em São Paulo, os homens encontraram na migração e na proletarianização precária, desde a década de 1970, um meio para prover suas famílias. Contudo, o custo desta ausência, sentido no cotidiano, é alto, como veremos no próximo capítulo, e a reprodução do modo de vida camponês pode estar em xeque enquanto a reprodução da força de trabalho tem se mostrado muito barata às usinas em São Paulo que contam com

⁶¹ Valor em 2008 e 2009.

as estratégias econômicas e de vida camponesas - o que justificaria os salários tão baixos pagos e a exploração advinda do pagamento por tarefa esgotando os corpos.

Rio Araçuaí

Araçuaí: ao fundo as chapadas, em segundo plano o Santuário: sede da diocese de Araçuaí

Araçuaí: em segundo plano o rio e a ponte

Araçuaí: a cidade baixa

4

Das práticas cotidianas

Todo o mundo era meio um pouco bobo. Quando ele ficasse forte, são de todo, ia ter de trabalhar com tio Terêz na roça? Gostava mais de ofício de vaqueiro. Se o Dito em casa ainda estivesse, o que era que o Dito achava? O Dito dizia que o certo era a gente estar sempre brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, alegre nas profundezas. Podia? Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma.

(Campo Geral. João Guimarães Rosa)

A pertinência do estudo da vida cotidiana pela filosofia é defendida desde o final da década de 1940 por Henri Lefebvre.

Com relação à filosofia, a vida cotidiana se apresenta como não-filosófica, como mundo real em relação ao ideal (e ao conceito de mundo). Diante da vida cotidiana, a vida filosófica pretende ser superior, e descobre que é vida abstrata e ausente, distanciada e separada. A filosofia tenta decifrar o enigma do real e logo em seguida diagnostica sua própria falta de realidade; essa apreciação lhe é inerente. Ela quer realizar-se e a realização lhe escapa; é preciso que ela se supere enquanto vida filosófica.

(...)

Fica aberto apenas um caminho: descrever e analisar o cotidiano a partir da filosofia, para mostrar sua dualidade, sua decadência e fecundidade, sua miséria e riqueza. Isso implica o projeto revolucionário de um parto que tirasse do cotidiano a atividade criadora inerente, a obra inacabada. (LEFEBVRE, 1991, p. 17-18)

Lefebvre elaborou sua crítica à sociedade burocrática de consumo dirigido e observou que para Marx a produção no mundo contemporâneo não se reduz à fabricação de produtos, mas designa também a produção do ser humano e esta, por sua vez, comunica-se diretamente com a produção de relações sociais. O autor assevera: “Enfim, tomado em toda a sua amplitude, o termo [produção] envolve a reprodução.” (LEFEBVRE, 1991, p. 37).

Declarada a vida cotidiana como objeto da filosofia, Lefebvre (1991, p. 23) apontou que aqueles que incorporarem a contemplação e a especulação como mister da filosofia, se surpreenderão com o misterioso e o admirável contidos na vida cotidiana, a qual também tem como predicado expressar o espírito do tempo.

Nesta pesquisa sobre a reprodução social de duas comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, as práticas cotidianas têm sido observadas levando-se em conta o

contexto histórico e geográfico (também em mudança) no qual estão inseridas⁶² e a vida tecida pelas mulheres nesse território. Geografizar a vida cotidiana implica entender os limites e possibilidades da territorialização do campesinato como um dos componentes de sua reprodução social.

4.1 As águas e a sequeidão

Em julho de 2007, a seca amarelou a paisagem do Vale. Em Alfredo Graça, os vaqueiros – importante tradição da região - conduziam a boiada uma vez por dia para a beira-rio, para que os animais pudessem saciar a sede e assim continuar sob o sol escaldante a procurar, ou *caçar*, como eles dizem, algo para comer no capinzal ressequido: *sequeidão*. O rio Gravatá era atravessado a pé, com as águas batendo no tornozelo. Na cidade e nas comunidades se falava da seca já impressa na paisagem, nos corpos e no trabalho.

O modo de vida camponês pauta-se numa ordem moral que orienta as relações sociais da comunidade e da família ancoradas no trabalho. Ao traduzir a natureza, o campesinato elabora conhecimentos (saber-fazer) para que a terra e as águas possam, por meio do trabalho humano, produzir frutos.

O calendário agrícola sempre é organizado em função das chuvas, e com elas o *tempo e o espaço ordinários* são vividos por aqueles, no sertão, estão acostumados a produzir (e produzir-se) de acordo com as estações da seca e das águas.

⁶² Para Martins (2008, p. 89): “O cotidiano não tem sentido divorciado do processo histórico que o reproduz. A concepção de Lefebvre, de que não há reprodução sem uma certa produção de relações sociais, não há cotidiano sem história, é essencial para discutir-se o tema.”

A estação da seca no Vale dura de maio a setembro, em outubro chegam as primeiras chuvas. Em janeiro de 2008, as chuvas ainda não haviam chegado e o gado estava bem magro. O milho e a mandioca, plantados em outubro, estavam secos nas roças, nenhum pé havia crescido.

De outubro a abril muitos cuidam da *criação*, animais pequenos como os porcos e as galinhas, alimentando-os com o primeiro milho plantado ainda em setembro/outubro, nas primeiras águas, com a intenção de vendê-los na estação seca (de maio a setembro) quando esse milho acaba, assim como a mandioca, plantados no início da estação das águas.

Nesse janeiro, a *criação* já estava sendo vendida nas feiras pois não havia milho para engordá-la. Sem a *criação* para ser vendida na estação seca, a renda dos camponeses nesta estação ficaria comprometida. Sem a possibilidade de uma produção agrícola mais generosa ao longo do ano, eles se preparam para a estação seca engordando os animais no período das chuvas.

Dantes dava a primeira chuva em setembro, outubro e a gente começava a plantar: feijão e milho. Hoje em dezembro ainda tá passando a seca, vamos ter que caçar jeito de lutar. (Dona Nezinha)

A Articulação para o Semi-árido (ASA) tem como um de seus carros-chefe a construção de um milhão de cisternas no semi-árido. Eles apregoam que a seca não deve ser combatida, com a seca se convive - o sertanejo sabe conviver com a natureza há séculos. Esta proposta de convivência e respeito aos conhecimentos se contrapõe ao típico discurso de políticas públicas enviesadas que, com projetos paliativos, ainda permite que alguns políticos, empresas e ONG's ganhem dinheiro e poder com o combate à pobreza e à seca.

Embora comentassem, em janeiro de 2008, os efeitos já sentidos da ausência das chuvas, não havia desespero em nenhuma fala dos moradores do Graça, o que indicava conhecimentos adquiridos e incorporados do ciclo águas/sequidão. A confiança, a intimidade com os ciclos, todos os conhecimentos incorporados, a força para lutar e a *experiência do sagrado* (intrínseca à vivência de *tempo e espaço ordinários* camponeses) compõem um repertório comum da comunidade que lhe permite viver quando a seca chega. De acordo com Bernardo, um morador do Graça: *“Nós aqui estamos acostumados com a seca. Mas é preciso ser teimoso para viver”*.

Segundo Seu João, pai de Teodora, que faz farinha de mandioca para vender no mercado, *“(...) os anos com final 7,8 e 9 são de seca. Ano 9 é ano de fome.”*⁶³

O trabalho dos homens no corte da cana e sua ausência por mais de nove meses ainda não foi incorporado como *ordinário* pela comunidade, e a depressão é um sintoma disso: é uma expressão profunda e silenciosa da lógica que transformou os homens em força de trabalho e divorciou-os de suas famílias e da sociabilidade junto à comunidade. Vive-se de acordo com o passar do tempo e seus ciclos naturais e históricos; mas sem os companheiros, o tempo tarda a passar e os sentidos da vida se desvaem.

No mês de janeiro, sem seca, o verde predomina e enche os olhos. As chapadas resplandecem com a vida que parece ressurgir, como sempre, de todos os lugares: das grotas, dos vales, das baixadas. A vida também fica mais alegre nesse período também porque, como já aludido, os homens que voltam para casa no mês de novembro/dezembro e retornam para o trecho no mês de fevereiro/março, estavam na

⁶³ No trabalho de campo de agosto de 2009, os moradores fizeram referência à seca do ano anterior disseram que só colheram carvão. Não houve relatos de fome.

comunidade⁶⁴. A vida no sertão conta em janeiro com homens, águas, muitos tons de verde misturados com o ocre do sertão, roças produzindo, bichos engordando, festas, feiras fartas e coloridas e família reunida. É quando a vida cotidiana mostra a sua riqueza, oposta e complementar ao enfadonho e linear que as práticas cotidianas também sustentam seja no campo ou na cidade.

Dona Nezinha, ao assistir o noticiário na TV sobre a seca no ano de 2008, surpreendeu-se com as condições de vida de milhares de pessoas no Ceará que caminhavam dezenas de quilômetros para buscar água em açudes barreados. O sertão para ela, e para muitos, está mais ao norte. O sertão é maior e está sempre mais além, “rodeando”. Para os de São Paulo⁶⁵, o Vale do Jequitinhonha não é o dito sertão? Para os do Graça, sertão e seca estão na Paraíba e Ceará.

As respostas da comunidade me fizeram lembrar João Guimarães Rosa, quem me fez querer conhecer o sertão:

O sertão tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e Curvelo, então, o aqui não é o dito sertão? Ah, quem tem maior! Lugar-sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. (ROSA, 1986, p. 1)

⁶⁴ Esta dinâmica tem mudado um pouco pois as usinas no estado de São Paulo têm diminuído o período da entressafra, os homens mal se recuperam da magreza e do cansaço com que chegam e já devem retornar.

⁶⁵ Para a pesquisadora, mais especificamente.

4.2 Representações sobre a miséria e a importância das usinas

O Vale do Jequitinhonha tem como alcunha “Vale da Miséria”⁶⁶. Alguns moradores reiteram esta visão de pobreza e miséria e atribuem, criticamente ou não, essa condição à falta de investimentos do Estado.

Uma moradora do Graça, Ângela, que morou alguns anos em Brasília e trabalhava em lojas, quando indagada sobre esta alcunha respondeu que em Brasília era comum políticos entrarem na loja, para fazer compras e perguntarem de onde ela era, após ouvirem seu sotaque mineiro. Quando ela dizia que era do Vale do Jequitinhonha, eles demonstravam pesar por ela ser do “Vale da Miséria”. Ela então dizia: “(...) *miséria é a política de vocês, lá o povo é pobre mas tem dignidade; miséria é o bolso e a cabeça de vocês. Pro governo é o Vale da Miséria, falta é o governo investir, ele só sabe comprar a gente nas eleições.*”

Em algumas falas de moradores das comunidades estudadas, miséria, pobreza e exploração se confundem. O dinheiro do corte e as condições de trabalho nas usinas são apontados como miseráveis.

L: O que senhor acha da vida de quem vive na usina?

Alfredo: Eu não acho que eles tá fazendo..., vai e volta, com poucos dias acabou o dinheiro. Não vale nada. Quando volta, traz dinheiro mas acaba rapidinho. O dinheiro falam que não é abençoado, de usina.

L: É amaldiçoado?

A: É. Não sei como acaba rapidinho, ainda mais quando a pessoa pega coisa assim em armazém.

⁶⁶ Em 1974, um relatório da ONU declarou o Vale do Jequitinhonha como uma das regiões de maior pobreza no mundo. Desde então, vem sendo chamado de “Vale da Miséria” por inúmeros jornais.

Méia: Quem tá aqui faz muito dívida, a gente compra num preço hoje, amanhã já tá outro aí quando vem o dinheiro não dá nem pra pagar.

A: Não dá, não.

Não são todos os moradores que percebem a miséria como os entrevistados citados, relacionando a usina ou o dinheiro da usina à miséria. Muitos, tanto no Graça como em Schnoor, ressaltam que o dinheiro do corte de cana é fundamental para a continuidade da vida no Vale e alguns agradecem à usina. Porém, nenhum dos entrevistados se utilizou do termo “fatura” ou “riqueza”. Muitos diziam que o dinheiro “ajuda” ou “que é importante” ou que é “a única opção” para os homens. Vejamos o depoimento de três moradores de Schnoor.

Dona Mazinha, senhora que gosta de trabalhar na roça, mora sozinha. É viúva e todos os filhos migraram:

L: E a senhora tem parente que vai pra usina?

Dona Mazinha: Meu filho mesmo vai pra lá.

L: Quando ele vem aqui, ele ajuda a senhora?

M: Ajuda.

L: Ele chega que mês?

M: Dezembro.

L: Mas a roça já tá pronta...

M: Dezembro a roça tá pronta mas ele ajuda porque manda o dinheiro e ajuda muito.

Malu ressaltava a importância do dinheiro da usina, ela tem uma filha e vive quase exclusivamente do dinheiro enviado pelo marido:

L: (...) e ele precisa ir? O dinheiro que ele traz é muito importante?

Malu: Nossa é importante porque aqui não tem outro meio de você ganhar dinheiro. Aqui é um lugar que eu costumo falar que é esquecido por todos os órgãos. Não oferecem curso pra ninguém, então fica assim meninos tão

na escola mas tão com o pensamento de acabar e ir pro corte de cana. Segundo grau hoje não dá nada, se você não tiver um curso, uma formação, você não faz nada. Ele não teve uma oportunidade de estudo, quem não estudou hoje em dia vai ser o que? Vai ser cortador de cana. O único dinheiro, maneira de ganhar dinheiro aqui é isso...

L: Ele manda dinheiro todo mês?

M: Manda todo mês.

L: Ele pergunta quanto você precisa ou ele manda...

M: Não, ele manda o que acha que dá e sempre dá. Depois que ele manda ele pergunta: deu? Tá precisando? É assim... ele não me deixa faltar nada.

Por fim, o depoimento de Irineu⁶⁷ que trabalhou muitos anos na usina Bonfim em São Paulo, foi cortador de cana, fiscal e motorista do ônibus. Hoje não migra mais, estabeleceu um comércio na comunidade e tem um emprego que lhe permite estar em casa todos os dias por volta das 16:00 horas:

L: Irineu, você falou que tem que agradecer as usinas também. Por quê?

I: Vou falar a verdade: eu gosto das usinas. Me ajudou demais... se não fosse usina. Não é só eu não... esse Schnoor todinho aqui. O dinheiro que rola aqui é usina e aposentado. Mês de dezembro isso aqui é bom, julho e dezembro. Em julho o pessoal de São Paulo e das usinas vem passear. Dezembro é bom, é gente demais. Reclamar de usina eu não reclamo não, qualquer dia eu posso estar lá de novo.

Os homens que têm perto de 50 anos foram forjados no bojo da modernização conservadora como camponeses-migrantes: marginalizados e explorados no espaço da

⁶⁷ Rebeca, sua esposa deu o depoimento sobre a depressão no capítulo Schnoor.

cana; sem realizar-se inteiramente no modo de vida camponês. Estão na borda entre dois mundos, no “lá” e no “cá”.

A memória do grupo revela que a migração está presente desde muito tempo, contudo há que relativizar esse “muito tempo”. Para muitos da comunidade, passado o tempo biográfico, que dura uma vida, o resto do tempo é chamado “*tempo dos antigos*” ou “*há muito tempo*”. Há quase duas gerações, a vida das comunidades está vinculada à migração. Há o sonho das mulheres de terem seus maridos próximos e desse tempo e desse espaço vindouros serem de alegria; há a consciência de que a vida, atualmente, necessita da migração, mesmo que com ela toda sorte de miséria ocorra. Miséria, indignação, revolta e exploração caminham juntos. Neste sentido, as reclamações sobre o acerto de contas no final da safra são paradigmáticas.

Os sindicatos e o SPM mostram uma série de reclamações por parte dos cortadores de cana. Os homens chegam em casa com menos dinheiro do que imaginavam. Recebem por mês também menos que o esperado uma vez que, ainda, a pesagem da cana cortada ocorre na usina, longe do homem que cortou. Eles ficam sem saber ao certo o quanto cortaram para controlar o pagamento mensal.

Absolutamente tudo é descontado dos cortadores, desconta-se: transporte, alimentação (quando a usina fornece ou quando é o “encarregado da turma” - o gato - quem leva), moradia (alojamentos das usinas ou casas de aluguel nas periferias do município onde a usina está instalada), água, luz, seguro médico e todos os impostos devidos para os que têm registro na carteira.

Assistimos a uma representação teatral realizada por membros da comunidade do Gravatá⁶⁸ em que o acerto de contas aparece como a causa do marido ter chegado em sua casa em um estado miserável. Na peça, ele foge do escritório quando percebe, na hora do acerto de contas, que devia dinheiro à usina devido aos tantos descontos. Quando chega à sua comunidade, magro e com as roupas de trabalhar no eito, encontra a esposa, grávida, no forró. Ela jura que o filho é seu, faz as contas dos meses e reclama com o marido da falta de dinheiro. Arma-se uma briga entre eles. Cada personagem expõe para o público como é a sua própria vida e expectativas em relação ao outro, quando estão separados.

Todos os moradores da comunidade do Graça e do Schnoor têm parentes e histórias para contar sobre a migração para o corte. Seu Tibério acredita que:

Os meninos que vão para o corte até apanham lá. Quando eles chegam aqui ficam fazendo pirraça com as motos para se exibirem. Tiram o cano de descarga e ficam passando com toda a velocidade. Soltaram muito foguete (rojões) quando chegaram mas agora quem fica soltando são os solteiros. As mães e avós deses meninos ficam tão envergonhadas quando eles chegam fazendo esta bagunça que elas nem saem nas ruas. Já teve mais de três atropelamentos aqui.

Uma das “covardias”, termo utilizado pelos homens, realizadas pela usina é o sorteio, no decorrer da safra, de DVDs e motocicletas para o melhor cortador de cana estimulando assim a competitividade entre eles e a idéia de que é possível sempre cortar mais. O limite é a exaustão física. O SPM denuncia: as usinas dão energéticos com analgésicos para estimular a produção e aliviar a sensação de cansaço, o que pode ter levado à morte alguns dos trabalhadores na safra de 2004, 2005 e 2006.

⁶⁸ Também localizada às margens do rio Gravatá. Esta comunidade foi visitada somente no dia da apresentação da peça teatral.

Segundo o marido de Leonora (da comunidade de Schnoor), a usina distribui um “suco” para repor os sais perdidos com o suor. Se houver analgésico e estimulante na formulação eles não reparam no cansaço e por isso chegam à exaustão. Alguns, fingem que bebem⁶⁹.

Há uma passagem do artigo “Como ‘expulsar o camponês’ do proletário” de Silva (1990), em que ela se pergunta como a usina e o Estado transformam o camponês em força de trabalho. Dentre o conjunto de respostas, a autora ressalta que a usina normaliza o espaço produtivo e o espaço reprodutivo do cortador. No espaço produtivo, a pressão do corte mecanizado incide sobre os trabalhadores forçando-os a cortar cada vez mais cana, exigindo e selecionando trabalhadores novos e saudáveis. No espaço reprodutivo, a autora aponta o controle da disciplina pelo “encarregado” (normalmente o gato responsável pela turma) nos alojamentos, na higiene e nas opções de lazer oferecidas. Espaço produtivo e reprodutivo são espaços de reprodução do capital, do “patrão”. Os corpos são moldados para o trabalho na indústria da cana. Esta é uma das formas para “expulsar o camponês do proletário” apontadas pela autora. Pensamos que os corpos, ao mesmo tempo em que são moldados, estão sendo gastos. Parafraseando Darcy Ribeiro, são “usinas de gastar gentes”.

Rogério, um dos moradores do Graça, em entrevista afirmou:

Quando a gente migra não é tratado como humano, a comida que fazem... às vezes a pessoa quer ir embora para outro lugar. Quando sai daqui pensa que vai ter uma vida melhor mas é tratado de forma que não é de gente. No Rio [de Janeiro] o restaurante era do gato: o pior do arroz, do feijão e da verdura. Ele falava assim: ‘Se quer comer bem, vai comer na sua casa, se tiver comida’. Eu tenho 33 anos, podia ter 15

⁶⁹ O gosto lembra um suco de frutas em pó bem adocicado e aguado. O marido de Leonora nem sempre toma e leva para a casa para dar para as crianças.

safras e não tenho nem três! O último alojamento era um galpão com 70 beliches. No alojamento é doído. Falta educação demais, eles não são civilizados, somos tratados igual cachorro.

4.3 O ordinário e o Extra-ordinário

Em “O Afeto da Terra” (1999), Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo estudioso do catolicismo rural, ao retratar uma comunidade camponesa caipira na Serra da Mantiqueira, demonstrou que o tempo, na tradição camponesa, comporta vários ciclos, percebidos pela comunidade segundo alguns marcadores relacionados à vida pessoal e à natureza. Ao todo, o autor percebeu oito ciclos no bairro dos Pretos de Baixo, em Catuçaba. De forma breve, arriscando assim empalidecer a análise de Brandão (1999), que deve ser lida na íntegra, encontramos:

- a) primeiro ciclo: a presença do instante, do fugaz, do que cabe no intervalo de um minuto a uma hora. Terminar uma partida de jogo, rezar ave-maria, ordenhar uma vaca;
- b) segundo ciclo: o tempo entre uma hora e um dia. O tempo entre o amanhecer e o anoitecer, tempo necessário para que os bichos da casa possam dar ao homem seu leite, seus ovos. Tempo de vida de alguns insetos, tempo de uma grande chuva que durou ‘o dia todo’;
- c) terceiro ciclo: algo entre um dia e uma semana, ciclo de uma das fases da lua, tempo para a cura de algumas doenças, uma sequência de dias de festividades religiosas;

- d) quarto ciclo: tempo aproximado a um mês lunar, tempo de germinação de algumas plantas de ciclo curto, “(...) *a marcação social dos meses com suas características simbólicas de bastante valor no mundo camponês, a ‘quaresma’, o ‘mês de Maria’, o mês do ‘Sagrado Coração de Jesus’ ...*” (1999, p. 87);
- e) Quinto ciclo: ciclo que marca a fronteira entre os ciclos de breve/curta duração para os ciclos de média/longa de duração. Tempo de duração das estações de ano, de algumas lavouras como o feijão e milho, tempo de mudança de estação;
- f) Sexto ciclo: tempo perto de um ano, tempo de colheita de lavouras de ciclo médio como a mandioca, tempo de ‘*um ano de vida*’;
- g) Sétimo ciclo: tempo da duração de alguns anos, de formação e consolidação de uma boiada, de um pasto, tempo que uma criança leva para crescer e pode ajudar mais intensamente os pais, tempo de noivado, intervalo entre as copas do mundo;
- h) Oitavo ciclo: segundo Brandão (1999, p. 89), “(...) *o tempo mais dramaticamente biográfico, o demarcador de uma existência pessoal, o tempo de uma geração e sua trajetória com nascimentos, casamentos, partilhas, mortes.*” O tempo dos antigos.

Notamos nesta leitura de Brandão que o tempo ordinário, cotidiano, é vivido como um fluir constante, como a natureza, em ciclos, e historicizado pelos “marcadores de tempo”. O tempo *ordinário* – ordinário entendido como corriqueiro, banal e trivial - para o campesinato é cíclico: é o tempo das práticas cotidianas.

O trabalho *ordinário* do camponês envolve a vivência (conhecimento, reflexão) dos ciclos da natureza, alia os momentos de festa e de lazer (como nos mutirões), vincula-se a toda comunidade, direta ou indiretamente, na medida em que, por laços de reciprocidade, há ajuda mútua. Para Lefebvre (1991), o *tempo ordinário cíclico* é o tempo dos ritmos. Parece que se renova a cada dia.

O tempo *ordinário* para o operário é linear, sem nenhuma autonomia, é o tempo da pura repetição. É o tempo do número (LEFEBVRE, 1991). Tempo que se divide entre o obrigatório, o livre e o imposto.

O camponês-migrante, cortador de cana, não é propriamente um proletário ou tampouco um camponês gozando de sua autonomia - ainda que inserido contraditoriamente na reprodução do capitalismo. O trabalho no corte da cana supera os limites da sujeição e da alienação.

Há mais uma polissemia a ser esclarecida: a da palavra *extraordinário*. Extraordinário pode significar raro, extravagante, admirável, primoroso mas também - e é este sentido que imprimimos - anormal, terrível, monstruoso, não-ordinário, extraordinário. Optamos em chamar de *Extra-ordinário*, aquilo que está fora do corriqueiro, do vulgar, das práticas cotidianas, de modo a sublinhar sua anormalidade e monstruosidade.

Todos os processos que geraram a necessidade da migração e as condições nas quais o trabalho do camponês-migrante se realiza no corte da cana, como separação da família; moradia precária nos alojamentos; pagamento por tarefa; morte por exaustão; perda do tempo e do espaço partilhado com a comunidade; e inserção marginal no mundo da produção e do consumo de mercadorias, criaram um trabalho *Extra-ordinário* em São Paulo. Esse trabalho pode ser estendido a outros estados, a outros países, a qualquer lugar em que processos espoliadores lançam ao mercado de trabalho somente a

força de trabalho, chamada migrante, ignorando a vida dos trabalhadores em sua totalidade.

4.3.1 Tempo do *Extra-ordinário*

Entre as comunidades camponesas-migrantes um outro tempo e uma nova territorialização se impõem: o tempo “Extra-ordinário” , o tempo do corte de cana, o tempo do trabalho assalariado e alienado, o tempo que rouba os homens de sua vida ordinária, de suas práticas cotidianas camponesas.

Se compreendermos que a reprodução do capital pode (ou não) recriar as condições para a reprodução camponesa e que, nesse caso, o território camponês é uma parcela conquistada do território de reprodução do capital, podemos afirmar que o camponês-migrante, como sujeito social, tem uma inserção tão dura no território da cana (do capital) que seus efeitos se manifestam em sua família camponesa como uma série de rupturas, como veremos nos próximos capítulos.

A perda do tempo e do espaço ordinários e da *experiência do sagrado* (como será tratado no próximo capítulo) marcam as relações sociais e conformam uma nova territorialização e percepção do tempo. Edna, uma senhora da comunidade de José Gonçalves/Piauí chegou a afirmar que desde que o marido ficou “*arruinado*” pelo trabalho e deixou de ir para o corte é que ela passou a conhecê-lo. Durante 20 anos, ela só o viu durante breves lapsos de tempo nos quais ele retornava com o dinheiro. Ela construiu a casa, cuidou dos filhos e roça sozinha. O casal tem seis filhos, dois deles já vão para o corte.

Sua nora, de quase 20 anos de idade, declarou que perdoara o marido quando este não lhe telefonou no dia do seu aniversário. Ele se esquecera pois a relação de um cortador de cana com o tempo é muito específica. Segundo ela, eles só contam até cinco, não importa o dia da semana ou o dia do mês. Até cinco pois só podem trabalhar cinco dias seguidos e são obrigados a pegar um dia de folga. O dia de folga cai em dias diferentes da semana ao longo dos oito, nove meses. Uma vez por mês ou a cada quinze dias dirigem-se, durante a folga, ao escritório para o acerto da temporada de trabalho.

No corte, a rotina é de um, dois, três, quatro, cinco dias, descanso; um, dois, três, quatro, cinco dias, descanso; um, dois... até o momento do breve retorno. É o tempo mais que ordinário linear, numérico, que se impõe: é o tempo *Extra-ordinário*.

O limite do trabalho é constantemente testado, até a exaustão, até o limite da exploração suportável, daí as mortes de trabalhadores. Não é possível anular os tempos do corpo, o tempo para re-estabelecer a energia.

A referência ao tempo da lua, ao tempo das águas e das secas está presente somente em casa, na roça, na família e na comunidade. Longe da natureza e da família perde-se toda a vivência do tempo ordinário cíclico. O tempo no corte é linear, repetitivo e imediato: os dias são contados até cinco, doze são as toneladas a serem cortadas homem/dia, os meses contados até o nono - quando o trabalho na usina acaba e eles são demitidos.

Segundo Suzanna Evelyn, "no sertão (...) a vida inclui o trabalho; na cidade, o trabalho engole a vida." (1988, p. 25). O trabalho árduo nas roças e nas comunidades não está aqui sendo romantizado, mas sim, reconhecido como parte da vida em oposição ao trabalho "transitório".

A discussão sobre as condições de trabalho do homem no corte de cana em São Paulo, é apresentada por diversos autores. Entre eles destacamos Maria Aparecida de Moraes Silva e Francisco Alves que, juntamente com SPM e CPT, apontam as semelhanças com o trabalho escravo dado o desgaste do ser humano.

Maria Aparecida de Moraes Silva em *“Trabalho e trabalhadores na região do Mar de Cana e do Rio de Álcool”* (2005) ressaltou que nas ciências humanas poucos têm sido aqueles que se ocupam em desvendar as condições nas quais ocorre a expropriação do trabalhador de suas condições de vida e a exploração de seu trabalho no eito. Os trabalhadores são a face invisível da produção de açúcar e álcool no país. Trabalhadores que, segundo a autora, não devem ser entendidos como temporários (como se esta condição justificasse os abusos cometidos pelas Usinas) dada a continuidade desse “temporário” e sua permanência ao longo dos anos.

A autora descreveu as condições de trabalho e as acomodações nos alojamentos dos trabalhadores, nos quais não há água potável suficiente, não há ventilação nos quartos abarrotados de trabalhadores, nem sempre os banheiros têm chuveiro e condições adequadas e os espaços de cozinhar e lavadeira não estão devidamente separados. A vigilância dos dormitórios é feita pelo mesmo gato que trouxe os homens de seus lugares de origem⁷⁰ e que assegura às usinas trabalhadores disciplinados para o trabalho. No eito, a comida pode azedar pois os homens saem com ela em suas marmitas antes das 5:00 horas, em algumas usinas ainda não há água e reposição de sais disponíveis a todo tempo.

⁷⁰ Sayad descreveu também as condições de acomodações dos argelinos nos subúrbios das cidades francesas, quem vigiava os argelinos normalmente era um francês que lutara contra a guerra de independência da Argélia e conhecia o idioma.

Francisco Alves (2006), para compreender “*Por que morrem os cortadores de cana*”⁷¹, descortina as mudanças no processo produtivo da cana-de-açúcar e do álcool desde a década de 1960, o processo de trabalho e a forma de pagamento dos trabalhadores. Segundo ele, os trabalhadores morrem devido ao excesso de trabalho a que são submetidos:

Um trabalhador que corta 12 toneladas de cana, em média, por dia de trabalho realiza as seguintes atividades no dia:

- *Caminha 8.800 metros.*
- *Despende 133.332 golpes de podão.*
- *Carrega 12 toneladas de cana em montes de 15 kg, em média; portanto, faz 800 trajetos e 800 flexões, levando 15 kg nos braços por uma distância de 1,5 a 3 metros.*
- *Faz aproximadamente 36.630 flexões e entorses torácicos para golpear a cana.*
- *Perde, em média, 8 litros de água por dia, por realizar toda esta atividade sob sol forte do interior de São Paulo, sob os efeitos da poeira, da fuligem expelida pela cana queimada, trajando uma indumentária que o protege da cana, mas aumenta sua temperatura corporal. (ALVES, 2006, p. 96-97)*

Somente na região de Ribeirão Preto, a qual incorpora 25 cidades, a maior região produtora de cana-de-açúcar do Brasil, há cerca de 30.000 cortadores de cana trabalhando para 40 usinas, dividindo com as máquinas o corte de mais de 400.000 hectares de cana. (SILVA; MARTINS, 2006).

Segundo Silva (2005), a forma de pagamento aos cortadores tem se alterado: até a década de 1960/1970, o pagamento era por feixes, a conversão metro/tonelada no

⁷¹ Título do referido artigo.

sistema de 5 ruas surgiu na década de 1980⁷². A quantidade de cana cortada tem aumentado nas últimas décadas, na década de 1980, em função das mudanças da cadeia produtiva, esperava-se uma média de 5 ou 6 toneladas cortadas por homem/dia. Na década de 1990 a média era de 10 toneladas homem/dia. Em 2009 esperava-se que um homem cortasse entre 12 e 15 toneladas por dia. Como o pagamento é por produção, os homens são estimulados a cortar cada vez mais cana e tal pressão os leva à morte por exaustão, conforme denúncia do SPM.

Após descrever as condições de trabalho no eito, que levaram à morte 14 trabalhadores entre a safras de 2004/2005 e 2006/2007, a autora sugere que o termo escravidão seja estendido, incorporando a escravidão por dívida e o pagamento por produção.

Para Alves (2006, p. 97), *“(...) O que vai ao centro da questão, que são as mortes dos trabalhadores cortadores de cana pelo excesso de trabalho, é o fim do pagamento por produção.”*

Em relação à saúde, registra-se para os moradores da região o aumento de casos de câncer devido ao uso de venenos e da fuligem provocada pela queima da cana, aumento de doenças respiratórias e alérgicas e, para os cortadores, além dessas doenças, somam-se as dores e hérnias na coluna, as câimbras e o uso de drogas, algumas pesadas como o crack e o álcool, para anestesiarem o corpo para e depois do trabalho. Toda a população da região está sujeita a uma piora das condições de saúde:

Neste sentido, Cruz (2006) afirma, após sistematizações de estudos na área de saúde pública, que há na Região de Ribeirão Preto um crescimento que

⁷² A greve de Guariba de 1984 se opôs a mudança de 5 ruas para 7 ruas. Alguns moradores entrevistados do Vale participaram da greve e integraram a “lista negra” das usinas. Esta lista parece existir até hoje, antes da contratação o nome é averiguado, aqueles que reclamam do pagamento junto ao sindicato são incluídos na lista.

varia entre 75% a 100% de internações por afecções das vias respiratórias registradas no SIH/SUS durante o período das queimadas da cana-de-açúcar. (CRUZ, 2006 apud SILVA; MARTINS, 2006, p. 12)

Segundo Marques (em comunicação pessoal), os alojamentos, semelhantes aos acampamentos de guerra, sugerem uma situação de controle coletivo de trabalhadores e, ao mesmo tempo, uma situação de exceção⁷³. Por isso, vive-se como algo transitório, mesmo que ali permaneçam por cerca de 9 meses por ano.

À todo esse conjunto de condições precárias, se opõe a realidade de morada, vida, festa e trabalho no Vale. Estar num espaço-tempo “*Extra-ordinário*” implica em não viver o espaço-tempo *ordinário* camponês: eles são distintos, complementares e contraditórios.

⁷³ Lefebvre (1991), debruçado sobre Ulisses de J. Joyce, aponta que a sorte dos homens é deliberada num mundo não cotidiano: mundo da guerra.

Na comunidade de Zé Gonçalves, quintal com forno para biscoito. A posse foi negociada com o Fazendeiro. Em volta da casa da avó os filhos e netos constróem suas casas com o dinheiro do corte

Quintal com galinhas e antena. O terreiro da casa é limpo logo cedo – tarefa das meninas mais novas

Paisagem do sertão na seca

Gado enfrentando a seca

5

Das festas

*Quem foi que disse que janeiro não saía
Janeiro tá na rua com prazer e alegria*

*Ê vem o sol, ê vem a lua
Ê vem meu boi janeiro passeando pela rua*

*Boi, boi, boi de sinhá
Levanta janeiro pra nós vadiar
(Cantigas de boi. Rubinho do Vale)*

“E a festa, onde foi parar?” é o título do artigo de Suzanna S. Evelyn na Revista Travessia nº01 de 1988. A autora, que era técnica do Dieese, mostra a dificuldade em quantificar quantos são os migrantes temporários. Ela questiona a própria existência do “temporário” na migração. Para dar conta de pensar a festa e a migração, Suzanna deslinda um eixo fundamental da vida camponesa: o trabalho.

Diferenciando o trabalho dos camponeses em suas roças, do trabalho em São Paulo no corte de cana, a autora aponta que, fora de suas comunidades, o trabalho é identificado como “cativeiro” por muitos migrantes (EVELYN, 1988).

Eles conhecem, pois ainda vivem, uma outra forma de organizar o trabalho, a qual envolve relações de ajuda mútua, trabalho familiar, autonomia e vínculo estreito com a vida. Por terem essa outra vivência de trabalho e de vida é que os migrantes definem-se como “temporários”; ao trabalho industrial eles não pertencem ainda que tenham a sua força de trabalho subordinada da forma mais vil e exploratória.

No território industrial, segundo Evelyn, o trabalho sabota a vida e não há muitas opções de diversão além da que os trabalhadores declaram que existe nos alojamentos, como cachaça e sinuca. No território camponês, a vida inclui o trabalho e a festa está presente:

A festa sob a forma de um pastoril de Natal ou de uma Folia de reis, a festa como reunião política com uma participação inédita das mulheres, a festa de casamento num casa perdida, isolada e de repente pequena demais para todos os convidados aparecidos não se sabe de onde, a festa de um forró improvisado que comemora a chegada do visitante ou a perspectiva de chuva, a festa com novena de igreja, a festa do nascimento de mais uma

criança, a festa do velório e enterro de um que não pôde esperar pelas chuvas. Todas estas festas são junto com o trabalho no campo a vida da gente do sertão. (EVELYIN, 1988, p. 26)

5.1 Experiência do sagrado

Queremos tecer aqui uma aproximação entre a leitura do tempo ordinário cíclico, tal como cunhada por Brandão (1999) e uma outra leitura do espaço-tempo feita por Mircea Eliade (1992) em “O sagrado e o profano”.

Nessa obra, escrita na década de 1950, o historiador de religião se propõe a examinar as duas formas de estar no mundo, segundo ele: a sagrada e a profana. Ele se vale de uma contribuição de Rudolf Otto, de 1917, acerca da *experiência religiosa*, numa época em que eram mais comuns os estudos sobre as idéias de Deus e de religião, para formular sua idéia estruturada numa antinomia:

O leitor não tardará a dar-se conta de que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história. (ELIADE, 1992, p. 20)

A primeira definição de sagrado de Eliade é feita em oposição ao profano. Para ele, o profano é uma novidade: “É preciso dizer, desde já, que o mundo profano na sua totalidade, o Cosmos totalmente dessacralizado, é uma descoberta recente na história do espírito humano”. (ibid, p. 19)

A segunda definição implica em entender que o sagrado, muitas vezes, se apresenta como um *hierofania*, ou seja, uma manifestação do sagrado. O homem toma contato com o sagrado porque este “(...) se nos revela.” (ELIADE, 1992, p. 17). Nas sociedades primitivas, segundo Eliade, prevaleceria o modo de ser sagrado, o autor

recorre a muitos exemplos de mitologias e de etnologias; para as sociedades mais urbanizadas restaria o modo de ser profano.

Nesta pesquisa entendemos que as duas formas de estar no mundo, sagrada e profana⁷⁴, se entrecruzam e que a fronteira não é tão rígida como o autor dispôs na década de 1950. É a idéia de *experiência do sagrado* que nos interessa para entendermos a relação entre as festas, a migração e a importância do fluir do tempo ordinário.

As sociedades tradicionais vivem mais próximas do sagrado - entendido aqui como proximidade da natureza, do divino, de Deus - e experimentam o profano de forma não tão absolutizada como o autor defende. Daí preferirmos tomar como ponto de partida a *experiência do sagrado*.

As festas religiosas, especialmente a de Virgem da Lapa que já tem muitas décadas, criam o cenário para os tantos encontros sagrados e profanos, para as rezas, as promessas, para os casamentos e para o acesso às mercadorias. A cidade no sertão que sedia uma festa para um santo vira uma praça de mercado. O profano é parte constituinte da experiência sagrada, estava presente em Virgem da Lapa nas tantas mercadorias, nos shows, na presença “exibida” dos homens, no momento (in)comum do consumo, na cachaça oferecida ao santo, tomada durante o forró depois da reza. Estava no Graça com as motos barulhentas, com as famílias ligadas no BBB.

Participar de uma festa (principalmente religiosa) implica quase na supressão do tempo ordinário (tempo das práticas cotidianas) para reintegrar-se no tempo mítico re-atualizado pela própria festa. As narrativas dos camponeses, quando relatam uma festa ou contam a passagem de algum trecho da Bíblia, utilizam o presente como tempo

⁷⁴ O sagrado está também ligado ao maldito, à magia, aos medos.

verbal como se ele estivesse acontecendo novamente no momento da festa ou da reza⁷⁵, naquele exato momento. O tempo ordinário comporta a *experiência sagrada*, que pode ser re-vivida durante uma festa religiosa. Tempo-espço ordinários do campesinato englobam um tempo-espço sagrado, o qual é recuperável, repetível, não muda, não se esgota e não flui. Ele escapa dos ciclos demonstrados por Brandão (1999).

Ao nos referirmos às festas entendemos que a cultura camponesa, no nosso estudo, atribui constantemente significado ao seu lugar, ao seu tempo e às suas práticas⁷⁶. A vida camponesa se realiza nas teias de tempos e espaços ordinários e sagrados tendo como pilares a terra, a família e o trabalho.

Para o campesinato, a festa tem a conotação de fartura. Gasta-se uma provisão acumulada ou produzida durante o ano. Se em algum tempo essa provisão foi de sementes, de conservas ou de produtos de uma colheita, hoje ela pode ser também de algum dinheiro guardado. A forma mercadoria assume um significado diverso: ela se concentra em bugigangas que podem ser adquiridas na praça de mercado que circunda as grandes festas. Terra, trabalho, festa e alimento continuam não sendo mercadorias com valor de troca para o campesinato orientado por uma ordem, chamada por Klass Woortmann, de *ordem moral*⁷⁷.

As festas de cunho popular e religioso no sertão também se fazem notar em Araçuaí, na cidade e no campo. Como já explicitado no capítulo “A pesquisa em curso”,

⁷⁵ Lembremos que muitas comunidades rurais aguardam a volta de Dom Sebastião desconsiderando o passar dos séculos.

⁷⁶ Para Marshall Sahlins (2004), é o conjunto de significados por nós mesmos constituídos que define a qualidade humana e nos insere em uma outra lógica, qual seja: a razão simbólica ou significativa. Viver num mundo material é uma circunstância compartilhada com todos os organismos. O autor critica a idéia de que as culturas humanas são formuladas a partir da atividade prática e posiciona-se contrariamente à teoria da práxis. Para ele, o significado é propriedade específica do objeto antropológico e é a cultura que constitui a utilidade.

⁷⁷ No capítulo seguinte, Schnoor, apresentaremos em maior detalhe este conceito.

alguns trabalhos de campo ocorreram em época de festa: Festa de São Sebastião (na Igreja de Nossa Senhora do Rosário) na área urbana em 2008; a Reza do Menino Jesus, no Graça, em 2008 e a festa de Virgem de Lapa, com caráter mais regional, realizada no município de mesmo nome, vizinho à Araçuaí, em 2009.

Relataremos brevemente cada uma delas, a partir das anotações da caderneta de campo, para entendermos de que forma a festa religiosa e a experiência do sagrado se inscrevem na territorialização camponesa-migrante das comunidades em estudo.

5.2 Virgem da Lapa

A festa de Nossa Senhora de Virgem da Lapa, seguindo tradição secular, ocorreu em 2009 no mês de agosto⁷⁸. Muitos dos solteiros – se podem gastar o dinheiro da passagem e ficar sem receber o pagamento da usina naquela semana – vão à festa, ao menos para um final de semana. Os homens casados nem sempre retornam nesta época, pois precisam levar mais dinheiro para a casa no final da temporada.

Os homens encontram na festa, que dura 10 dias, uma boa oportunidade para verem e serem vistos. Re-encontram pessoas da comunidade, suas famílias e podem desfilar com suas roupas novas, óculos, bonés e celulares trazidos de São Paulo. Levam também uma parte dos presentes para os entes queridos, distantes desde fevereiro ou março.

À festa vão moradores de municípios ou de comunidades distantes localizadas a de mais de 100 km. É um evento aguardado, tempo de descanso para alguns homens durante o período do corte de cana. Tempo de reza e de festa para todos.

⁷⁸ A despeito da gripe A1N1.

No entorno da Igreja, muitas ruas da cidade de Virgem da Lapa são tomadas por mascates que montam barracas e vendem de pulseiras de ouro à roupas, calçados, eletrônicos e demais mercadorias. Esses mascates vivem de “fazer festas” pelo sertão a fora atravessando fronteiras; saindo de Minas, chegando ao Ceará. Cada semana, cada mês estão em uma cidade diferente. Revezam-se para dormir, após às 22:00 horas, embaixo das barracas, sobre lonas, a fim de cuidar das mercadorias cobertas com outras lonas e cordas.

Virgem da Lapa parecia uma importante rua de comércio de São Paulo, a rua 25 de março, enfeitada de luzinhas e cheia de burburinho à noite.

A prefeitura oferece uma licença para os mascates trabalharem, estipula o tamanho e a conformação das barracas e mancebos. Disponibiliza banheiros químicos e monta palcos para os shows, com uma boa infra-estrutura para shows.

Durante o dia chegam os ônibus trazendo romeiros, muitas mulheres idosas e crianças, para assistir missas e participar da festa. Quem já recebeu de seus filhos, maridos, irmãos, algum dinheiro “da cana”, aproveita para, após a missa, comprar o que precisar “na mão” dos mascates que oferecem preços melhores que os encontrados em suas comunidades e cidades além de trazerem coisas diferentes, segundo Rebeca: *mais coloridas*. Gastam também nas tantas barracas que vendem comida e bebida.

Durante o final de semana, a Igreja e as ruas ficam lotadas, à noite há uma média de quatro shows distribuídos em palcos diferentes. No ano de 2009 houve show de forró, música sertaneja e axé music⁷⁹.

⁷⁹ Há um importante movimento de artistas mineiros do Vale que organiza o Festivale. Diferentemente das festas religiosas, o Festivale, como afirmamos no terceiro capítulo, privilegia os artistas do Vale, propondo que o Vale assim se re-conheça e se valorize.

Como um grande caleidoscópio, há na festa religiosa inúmeras barracas apresentando o fantástico mundo da mercadoria (lá com suas cores e predicados próprios) e muitos romeiros que vão à Igreja, emocionam-se nas rezas, dançam e tomam cachaça.

Bem como os óculos escuros e os celulares citados em capítulos anteriores, as mercadorias, seja na festa grande de Virgem da Lapa, seja na reza da comunidade, vão assumindo seu lugar privilegiado de mediação de relações entre as pessoas na economia capitalista.

O que diferencia esse camponês-migrante do operário é o fato dele poder prescindir das mercadorias, não está plenamente sujeitado a elas e seus símbolos. O que aproxima o camponês-migrante do operário é precisar da festa para interromper o tempo da exploração de seus corpos. A festa é vivida como uma pausa no tempo ordinário e está impregnada de mediações.

A festa grande encerra, ao mesmo tempo, num mesmo sujeito social, consumidores, que só podem sê-lo integralmente à medida que se assalariam em São Paulo, e romeiros, que vão em busca da experiência do tempo e do espaço sagrados.

5.3 São Sebastião: casa que tem bandeira nunca é pequena

Julho de 2007, após dias de céu escuro, choveu na cidade: “abensonhada” chuva, como diria o escritor Mia Couto. Chuva intensa de duração curta, típica chuva que provoca enchentes, mas não molha a terra e as plantas. Os moradores preferem as chuvas que vêm depois de “neblinar” (garoar) por muitos dias, estas sim importantes para a agricultura.

O último dia da festa de São Sebastião – santo guerreiro que intercede junto a Deus para que os fiéis continuem na luta até a vitória, até alcançar às graças pretendidas - começou na casa do festeiro em que a bandeira estava sendo rezada, em um bairro central da cidade. Antes da saída da bandeira foram oferecidos refrigerantes, biscoitos de polvilho e bolos feitos em casa a todos que entrassem na casa rezada. Muitos chegaram na hora da chuva, a casa quase ficou pequena de tanta gente se espremendo. Comentei com Dona Ester, ceramista, que a casa ficaria pequena com a chuva. A resposta foi completa: *casa que tem bandeira nunca é pequena*. A bandeira saiu com chuva.

A procissão, acompanhada de fogos de artifício e de cantoria, serpenteou por algumas ruas da cidade assistida por alguns moradores na calçada. Na igreja de Nossa Senhora do Rosário, a bandeira foi hasteada no cair da tarde e a reza começou. No primeiro dia não houve a participação do padre, os próprios membros da Irmandade, com a chave da igreja, trataram de arrumá-la para a festa e rezaram para o Santo. A igreja estava cheia. Os membros da Irmandade lembraram as vitórias obtidas no ano, a importância em fortalecer a Irmandade – que já foi uma das mais conhecidas do Vale e hoje conta com poucos membros.

No dia seguinte, um domingo, havia padre para rezar a missa. Ele não participara da reza na casa do festeiro e do hasteamento da bandeira no dia anterior. A igreja estava um pouco mais vazia com a presença do padre celebrando a missa.

Fui apresentada aos membros da Irmandade que, orgulhosos em receber uma professora de São Paulo, mostraram toda a igreja e o cemitério sediado nos fundos. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, segundo eles, carece em Araçuaí de novos membros para manter sua missão.

5.4 Menino Jesus

Na comunidade do Graça, em janeiro de 2008, as mulheres, os homens e as crianças partiram ao anoitecer com seus instrumentos para a casa que abrigara o Menino Jesus na noite anterior e durante todo o dia. Rezaram por cerca de 30 minutos e depois o Menino Jesus foi carregado, à luz de velas, pelas ruas até a próxima casa. A nova casa aguardava, com as portas abertas e com a sala enfeitada com flores locais, folhagens, panos e fitas, a chegada do Menino Jesus. Esse ritual se repete todas as noites entre a semana de Reis e o carnaval.

Somente uma imagem de Menino Jesus não contemplaria todas as casas. Há mais de uma imagem do Menino Jesus na comunidade, visto que toda a casa católica quer recebê-la por um dia e uma noite e ser assim abençoada pela imagem e pela reza dos compadres. Quando um Menino e seus seguidores saem à rua, podem encontrar o Outro que também vai em direção a sua próxima casa.

Todos, com o terço na mão, rezavam orações entremeadas de música tocada pelos homens, tocadores de violão e viola na Folia de Reis. O ritual se repete todo começo de noite com velas e terços nas mãos: mulheres, homens, casas e crianças enfeitados, reunidos em uma casa.

Depois da reza, no caminho de volta para a casa, as mulheres conversavam sobre as novidades do dia (com os terços e os tocos de velas guardados para o dia seguinte) e as crianças entregavam-se às últimas brincadeiras na rua. Os mais moços, mais arrumados, aproveitavam para flertar. Nas calçadas, sentados em cadeiras, os adultos paravam para conversar enquanto as crianças brincavam.

Na rua principal do Graça, quando a reza acabou, os homens, chamados ali dos “retornados da cana”, se exibiam com suas motos barulhentas e acendiam fogos de artifício, também trazidos de São Paulo.

O cotidiano parecia apresentar sua face mais plena de significados tradicionais. Lirismo partido quando algumas horas depois, todos “se ligaram na Globo para assistir BBB8⁸⁰”. A poética do lugar essencializada caiu por terra. Dona Nezinha, rezadeira, no entanto afirmou que o BBB8 não é tão importante: “(...)um dia, em menos de um mês, acaba. A reza permanece. Tanto faz assistir ou não assistir”.

Alguns membros da comunidade, com o apoio das Irmandades, continuam se encontrando quase que semanalmente para orar e pensar em festas e rezas para manter a comunidade reunida em Deus. O padre reza missa na comunidade apenas uma vez ao mês.

A reza para o Menino Jesus é uma dentre outras que a comunidade, sem a presença de padre, organiza durante o ano. Rezam para permanecerem em Deus, rezam para suportar, para agradecer, rezam e fazem a festa miúda. Rezam, e enquanto assistem Big Brother – que *vai acabar*-, limpam frutas para compotas, escolhem feijão, afinam a viola e, também, se recostam no sofá e consomem a vida alheia, principalmente os “retornados da cana” e suas “viúvas”.⁸¹

Para a comunidade, essa festa não é um momento exclusivamente de lazer pois, para o campesinato, o tempo ordinário não se divide entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer - da mesma forma como se divide para o operário. Na comunidade do

⁸⁰ Big Brother Brasil - versão 2008

⁸¹ “Viúvas dos maridos vivos” tem se tornado uma expressão recorrente. Segundo as mulheres de Itinga, elas deram origem a expressão quando foram entrevistadas há anos atrás por um jornal de São Paulo. No número 01 da Revista Travessia de 1998 a expressão aparece no depoimento de uma moradora de Chapada do Norte, também localizada no Médio Jequitinhonha.

Graça, a reza para o Menino Jesus constitui um momento privilegiado da sociabilidade do grupo. Ela dura muitos dias, ninguém pára seus afazeres cotidianos, a festa não se dissocia da vida marcando uma interrupção do tempo, pois ali o tempo, para quem ficou, ou é de espera (para quem tem os homens no trecho) ou de trabalho, principalmente para os assentados como será apresentado no capítulo mais específico sobre essa comunidade. Já para o camponês-migrante, a festa pode adquirir o mesmo significado que tem para o operário: interrupção do tempo ordinário para o lazer.

No trecho sobre os quintais de Schnoor (capítulo 6), nos deparamos com a reciprocidade camponesa fortemente sublinhada pela relação com a terra vivida pela família através do trabalho. A reciprocidade é atributo de uma *ordem moral* (Woortmann, K., 1990a). Queremos acrescentar outra característica, presente em graus variáveis, reveladora da campesinidade: *a experiência com o sagrado*.

Os homens migrantes retornam para a festa, que pode contribuir para organizar novamente a experiência camponesa com o tempo e com o espaço. Ao homem camponês-migrante está vetada a experiência ordinária assentada no costume, do seu espaço e do seu tempo, restando-lhe o Extra-ordinário e uma pitada de sagrado.

5.5 Solução de continuidade

O campesinato do Vale vive em um limiar: o homem é submetido à exaustão de seu corpo, à distância de suas práticas camponesas, convertido em força de trabalho pelos processos que o expropriaram de suas terras de cultivo; a mulher permanece no território com a família, cultivando nos quintais, esperando o marido, vivendo seu tempo ordinário entristecido por não contar com a família reunida. O tempo ordinário para a

mulher fragmenta-se, enquanto os homens estão no corte da cana. Vive-se o tempo da solidão, da angústia e do abandono.

Entre o espaço-tempo *Extra-ordinário* e o sagrado existe também uma possibilidade de continuidade, de existência, pautada no modo de vida camponês, entendido como:

Entende-se modo de vida camponês como um conjunto de práticas e valores que remetem a uma ordem moral que tem como valores nucleantes a família, o trabalho e a terra. Trata-se de um modo de vida tradicional, constituído a partir de relações pessoais e imediatas, estruturadas em torno da família e de vínculos de solidariedade, informados pela linguagem de parentesco, tendo como unidade básica a comunidade. (MARQUES, 2004, p. 145)

As condições em que se encontram a família, o trabalho e a terra nas comunidades de Schnoor e Graça serão explicitadas ao longo dos próximos capítulos. Orientando e tornando esses três termos inseparáveis (família-trabalho-terra), encontramos o costume e as práticas cotidianas (realizadas no tempo e no espaço ordinários) vividas ora em conformidade, ora em tensão, com a sociedade envolvente.

Para Shanin (1979, p. 13), o fato de o campesinato ser um modo de vida e uma classe social (a mais baixa da sociedade) nos lança a um desafio intelectual mais intrincado, "(...) o campesinato só existe como processo, quer dizer em sua mudança." As respostas que o campesinato cria em cada momento histórico revelam o quanto essa classe social e modo de vida são resilientes, segundo Shanin. O atual momento histórico e geográfico - caracterizado pela perda da terra, separação da família, exaustão dos cônjuges, pequena produção de alimentos nos quintais e subproletarização no espaço da cana - se mostra extremamente desagregador, desafiando os limites, já tensionados, da resiliência.

A subida da bandeira de São Sebastião

Alegria e fé

6

Engenheiro Schnoor

Tenho fases, como a lua
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.
Fases que vão e que vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.
E roda a melancolia
seu interminável fuso!
Não me encontro com ninguém
(tenho fases, como a lua...)
No dia de alguém ser meu
não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...
(Lua adversa. Cecília Meireles)

A Comunidade de Engenheiro Schnoor encontra-se à beira do rio Gravatá, afluente do rio Araçuaí, à montante da comunidade de Alfredo Graça no município de Araçuaí. Schnoor é um dos dois distritos do município, com cerca de 120 famílias, segundo registro do posto de saúde local - que atende também mais 350 famílias de comunidades próximas. Apresenta feições de uma vila, com algumas ruas centrais com calçamento de pedra e comércio variado, não havendo sinal de celular e acesso à internet.

Segundo um ex-vereador da cidade, que reside na comunidade, há cerca de 30 casas fechadas por conta da migração; segundo os moradores não há nenhuma casa fechada⁸².

A presença das grandes fazendas marca a paisagem. Da estrada, a caminho da comunidade, avistamos a entrada de grandes fazendas, as quais empregam alguns trabalhadores para o trato direto dos animais ou para plantar capim. Os moradores chamam este último serviço de “roçar manga”.

Na paisagem da comunidade sobressaem a Igreja Católica e a praça, a velha estação de trem desativada, a quadra de esportes e o campo de futebol, estes dois últimos configuram-se lugares de lazer da comunidade. Em outras comunidades de Araçuaí, a construção de quadra poliesportiva é uma demanda dos moradores, como

⁸² Essa diferença entre as entrevistas aponta o discurso “oficial” do ex-vereador que se pauta na pobreza e na migração como decorrente da falta de políticas públicas e o discurso dos moradores que reitera a idéia de que a migração é temporária e que o dinheiro da cana é importante para que todos voltem e continuem em sua comunidade.

opção de lazer, conforme constatamos em atas de reuniões de planejamento para a elaboração do plano Diretor.

São poucos os carros que circulam na comunidade que dista cerca de 60 km de estrada de chão do centro da cidade de Araçuaí. O principal acesso à cidade ocorre através de duas linhas de ônibus: de manhã cedo, por volta das 07:00 horas, partem da comunidade com destino à cidade, em viagem que dura 3 horas; por volta das 13:00 saem da rodoviária de Araçuaí e retornam para a comunidade, chegando perto das 16:00 horas. Há muitas motos em circulação, várias delas compradas com o dinheiro advindo do trabalho no corte de cana em São Paulo.

Em Schnoor ou *na comunidade*, como os moradores se referem ao seu lugar, não há posto policial, carros de polícia ou policiais. O correio chega uma vez por semana e há somente um posto de saúde. As portas das casas não são trancadas durante o dia, mesmo que o morador não esteja em casa. Os portões são apenas encostados.

Muitas das casas são de alvenaria, mas ainda é comum encontrarmos casas feitas com tijolo de adobe e cobertas com telhado de zinco. Os homens que não migram para o corte de cana trabalham no comércio, no serviço público, em roças ou como pedreiros reformando e construindo casas financiadas com as remessas vindas do trabalho no corte da cana. Uma mesma pessoa pode realizar todos ou quase todos esses serviços indicando a diversidade de ofícios conhecidos e praticados pelo campesinato.

São muitos os armazéns e bares abertos ainda com o sol forte quando os homens que estavam na cana encontram-se na comunidade. Nos meses sem homens (de março/abril a novembro/dezembro) os bares abrem somente no final da tarde. Em janeiro de 2008, a música mais tocada nas rádios e bares tinha como refrão uma frase que se repetia por minutos, em ritmo dançável:

Vamos s'imbora

P'rum bar

Beber, cair e levantar (2x)

Beber, cair, levantar!

Beber, cair, levantar!

Beber, cair, levantar!

*Beber, cair, levantar!*⁸³

Enquanto essa música tocava seguidamente e fazia muito sucesso - era ouvida em várias casas -, o queijeiro interrompia o som alto oferecendo queijo, requeijão e manteiga caseiros. Ele tinha uma caderneta na qual anotava as compras e sabia o ponto do queijo, mais ou menos curado, preferido de cada família. Passava pelas ruas puxando o burrico com os queijos arrumados nas caprichosas bruacas de couro.

Se, por um lado, a música nas rádios e nos aparelhos de som nos fazia pensar em um lugar muito sujeito à mercantilização da música pela indústria cultural fonográfica, por outro, a presença e a voz singela do queijeiro nos levou às práticas cotidianas da comunidade e de sua vida camponesa: a produção realizada pela família do queijeiro, seu conhecimento de todas as casas e famílias da comunidade, a venda do produto pra sustentar a reprodução social de sua família, o trato com os apetrechos de seu animal, a parada para o café e para a água em algumas casas.

A principal produção agrícola, como já retratado, concentra-se nas extensas fazendas de gado que se esparramam pelos tabuleiros, montes e chapadas. O gado é criado de forma extensiva. O leite extraído é comprado pelos laticínios da cidade, os quais enviam um caminhão que recolhe nas porteiras das fazendas, a cada três dias, os latões com o leite. Na cidade, ele é pasteurizado, posteriormente uma parte é vendida em

⁸³ Música: "Beber, cair" do grupo Aviões do Forró

saquinhos plásticos e outra parte retorna em “vasilhões” que são comercializados nas ruas das comunidades por R\$1,50 – preço na época das águas, em que a produção de leite é maior. Esse leite também é comprado pela prefeitura para a merenda dos alunos da escola da comunidade. O queijeiro tem algumas cabeças de gado; conforme a demanda, compra alguns litros de leite das fazendas.

O som repetitivo da música do rádio e dos cd's piratas entremeado com o som do queijeiro nos informa que em Schnoor a cultura local co-existe com a cultura popular de massa e sua artilharia de mercadorias. No interior das casas, como a de Leonora, encontramos aparelhos de cd e DVD ao lado do oratório (bem visível com flores, velas e toalhinhas rendadas); na parede, re-significando os objetos, uma mandala composta de cd's velhos e de discos de vinil pintados compunha a decoração juntamente com calendários de papel das mercearias locais, flores de plástico e a viola enfeitada de fitas do marido.

6.1 Campesinidade nos *quintalinhos*

Uma das características importantes dessa comunidade, observada também na comunidade do Graça, é a presença de quintais, os “*quintalinhos*”, que, segundo Antônio (morador entrevistado), bem esterçados e molhados, produzem quase tudo que uma família necessita. Em todas as casas visitadas encontramos quintais cultivados. Neles são cultivados legumes, que a família consome diariamente tais como: maxixe, jiló, inhame, milho, mandioca, beterraba, cenoura, tomate; muitas ervas para tempero e remédio como cebolinha, salsinha, erva de Santa Maria, mastruz, boldo, erva cidreira em folha, capim limão, hortelã, manjerição; cana-de-açúcar e vários tipos de frutas como banana,

manga, tamarindo, limão, laranja, acerola, abacate, mamão; e verduras como alface, rúcula, couve e repolho⁸⁴.

A irrigação nos quintais é feita com a água armazenada durante os períodos de chuva em caixas de cimento localizadas perto das calhas ou, com água da caixa d'água central da comunidade⁸⁵, a qual chega nas torneiras das casas durante somente uma parte do dia e enche tanto as caixas d'água para uso doméstico, como as caixas de cimento. As cisternas, do projeto ASA (Articulação do Semi-Árido), da Cáritas e de outras iniciativas que atendem o Vale, ainda não chegaram a Schnoor.⁸⁶

Nos quintais ainda encontramos armazenados os feixes de lenha que alimentam os fogões à lenha usados cotidianamente. Custam, em média, R\$1,50 e são coletados pelos meninos da comunidade que se embrenham na mata, no cerrado, para apanhá-los. Ainda que haja uma ajuda da prefeitura para as famílias mais pobres comprarem o gás de cozinha, este é muito caro; a opção de cozinhar à lenha prevalece. Enquanto os homens migram para São Paulo a fim de cortar cana-de-açúcar, utilizada principalmente para a produção dos agrocombustíveis, as mulheres e as crianças das comunidades rurais do Vale consomem a cana em forma de garapa doce, rapadura e cachaça. Utilizam para cozinhar e esquentar água do banho uma das fontes de energia mais antigas e conhecidas: a lenha.

Alguns dos produtos dos quintais são trocados pelas famílias. Nem todas produzem tudo, mas sabem quem produz: normalmente alguém da família, compadre ou vizinho. Quando algum produto é abundante num quintal, logo será distribuído aos

⁸⁴ Agradecimento especial ao Luis, filho de Rebeca e Irineu, que me ajudou na lista das comidas produzidas nos quintais e, com 12 anos, disse que já sabe plantar tudo que um quintal dá.

⁸⁵ A COPASA (Companhia de Saneamento de Minas Gerais) não trata a água e o esgoto das duas comunidades estudadas.

⁸⁶ Em 2009, vimos a primeira cisterna construída numa das casas do assentamento Para Terra, no Graça.

compadres; quando algo falta num outro, a mulher manda um dos filhos buscar na casa de um vizinho ou compadre. Essa reciprocidade presente entre os camponeses insere-se numa lógica denominada por Klass Woortmann (1990a) de *ordem moral*.

Para o autor (WOORTMANN, K., 1990a)⁸⁷, alguns elementos constitutivos da *campesinidade* que compõem a ordem moral são:

- A terra não como objeto de trabalho, mas como expressão de uma moralidade; não em sua exterioridade como fator de produção, mas como algo pensado e representado no contexto de valorações éticas;
- A família é um valor, o valor-família, permanente no tempo;
- O trânsito pela ordem econômica para realizar, como fim, a ordem moral;
- A presença de categorias dotadas de um conjunto de significações comuns nas sociedades camponesas, tais como: terra, família e trabalho. Nas culturas camponesas, não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa este último sem pensar nas duas primeiras;
- A troca entre os homens é a continuidade da troca com a natureza, pois é a troca de alimentos (que resultam da troca com a terra) e de trabalho (que constrói a terra e produz os alimentos). O espaço camponês é, portanto, um espaço moral;
- É a noção de reciprocidade, cara aos antropólogos, que permite entender a *campesinidade* em sua dimensão mais geral. A reciprocidade é uma forma específica de troca, não implica, necessariamente, a circulação de objetos concretos⁸⁸;
- É pelo trabalho que se transforma a terra de Deus em patrimônio da família. Família, trabalho e terra, nessa ordem social, constituem um ordenamento moral do mundo onde a terra, mais que coisa, é patrimônio, isto é, pessoa moral;
- (...) honra, reciprocidade e hierarquia também não se pensam separadamente; são conceitos teóricos que se interpenetram na constituição da *ordem moral* chamada de *campesinidade*.

⁸⁷ Trechos extraídos e adaptados das páginas: 12, 13, 19, 23, 38, 57, 52 e 53 respectivamente.

⁸⁸ Carlos R. Brandão (1999, p. 70) afirma: "Se a honestidade rege a lógica do negócio, mesmo em se considerando que o lucro devido à esperteza é bastante louvável, a honra rege a reciprocidade."

O quintal, mais fresco sob as árvores, é acessado através de uma porta na cozinha ou de uma entrada lateral. É um domínio feminino, cuidado pelas mulheres: lugar de brincadeiras para as crianças menores e de permanência (curta) dos homens quando esses estão em casa. É um espaço de cultivo que pode ser mantido somente com o trabalho das mulheres para o sustento e a saúde da família durante a ausência dos maridos. O quintal e a casa compõem o chão de morada da unidade doméstica.

A mulher se volta para “dentro”: cuida da casa, do quintal, da família e dos filhos. Ao homem, pertence o domínio do “fora”, quando não está no corte de cana-de-açúcar, está na rua, na calçada, nos bares, pela cidade.

Os quintais tão presentes e importantes, são espaços significativos na produção de tradição camponesa: são cuidados pela mulher e os filhos que extraem deles uma parcela, a mais saudável e saborosa, da sobrevivência. Não há uso de agrotóxicos ou fertilizantes que não sejam naturais e há uma grande diversidade de produtos cultivados.

Quando os homens estão em casa, ajudam no cuidado com o quintal, todavia, está com as mulheres a sabedoria de ministrar uma erva para algum mal, de preparar pratos saborosos que agradam e sustentam a família, de secar algumas ervas ou deixar na terra algum tubérculo providencialmente para épocas mais difíceis, de ter uma criação. Há aqui uma dedicação às condições materiais e simbólicas da vida associadas à mulher, para quem o saber também se vincula ao sabor. O quintal é o espaço entre-fogos, como chamou Brandão⁸⁹, fogo produzido a lenha, para o cozimento do alimento; fogo do sol para secar carnes e roupas. Fogos conhecidos pelas mulheres. É também espaço da águas: água para as plantas do quintal, água da chuva armazenada, água para toda a lavagem de roupas e vasilhas da cozinha. É ainda no quintal que as mulheres se reúnem

⁸⁹ Carlos R. Brandão se referiu ao espaço entre-fogos numa banca de qualificação de mestrado na Unicamp por volta de 1998.

para os cuidados com a beleza, como fazer as unhas, tingir o cabelo ou ainda preparar conservas, biscoitos e geléias.

Nas casas mais antigas, com quintais maiores, ainda podem ser encontrados alguns animais de criação, como porcos e galinhas poedeiras e fornos para assar biscoito de polvilho. Há uma determinação da prefeitura proibindo a criação de porcos, pois ela estaria provocando mau cheiro, poluindo o rio e contaminando de vermes as crianças acostumadas a andar descalças⁹⁰. Já não se vêem mais os chiqueiros ou os porcos soltos nas ruas, mas algumas famílias ainda engordam um capado em seus quintais, mesmo estando sujeitas a multas. Há trocas importantes realizadas quando um capado é morto. A reciprocidade entra novamente em cena, muitos compadres recebem uma parte do porco, frita-se o torresmo para os amigos e guarda-se a banha para ser usada como gordura principal⁹¹. A força da lei é, nesse caso, contornada pelo costume.

Se encontramos no quintal um espaço de realização da campesinidade, com acento na sua apropriação pelas mulheres, lembramos também que o espaço para outras atividades agrícolas está extremamente interditado devido à presença das grandes fazendas que se dedicam exclusivamente à criação de gado. Muitas famílias vêm perdendo o espaço da agricultura, os homens migram e muitas das mulheres permanecem cuidando de suas práticas cotidianas (ou ordinárias) nas casas e nos quintais da comunidade.

⁹⁰ Alguns quintais da comunidade de Zé Gonçalves a beira do rio Piauí nos primeiros trabalhos de campo, também tinham um pedaço reservado para uso como banheiro. Desde 2007, quase todas as casas têm banheiro “graças a um projeto do governo Lula”, segundo os moradores, o qual cedeu pia, caixa d’água, chuveiro, encanamento, deixando para as comunidades a construção do banheiro. Nesta comunidade, o banheiro e a cozinha com o fogão a lenha ficam fora da casa.

⁹¹ A tese “Patrimônios - espaço e lugar, estudo das vilas de Cibele e Caiçara e seus conteúdos” (SILVA, R., 2009) de Rusvênia L.B.Rodrigues da Silva aborda o conceito de fartura, quando a autora se deparou com a distribuição de partes do porco entre compadres, em oposição à miséria das mercadorias compradas.

Ellen Woortmann (1981), estudando a produção camponesa no contexto de pecuarização em Sergipe, observou que o termo ou expressão “sítio” designa vários domínios articulados entre si conformando um “sistema” em oposição à “propriedade”.

Como uma unidade composta de partes funcionalmente articuladas o sítio pode ser analisado sob dois pontos de vista: a articulação entre os domínios da casa-quintal e da roça-pasto, os dois primeiros femininos e os dois últimos masculinos (no plano ideológico). Em larga medida, trata-se da articulação entre a produção de valores de troca (roça-pasto) e de valores de uso (casa-quintal) ainda que na casa também sejam produzidas mercadorias, como o artesanato feminino (numa modalidade de ‘putting out’), e na roça sejam produzidos produtos alternativamente comerciais e de subsistência. (WOORTMANN, E., 1981, p.70)

Nas comunidades estudadas no Vale, nos deparamos com os termos: casa, quintal e roça. A roça, no contexto estudado por Woortmann, comporia o “chão de roça”. Não há mais “roça”, nos termos dos moradores do Vale, para as famílias de Schnoor e Graça.

Em Schnoor, as mulheres podem manter em seus quintais uma produção de auto-consumo a qual expressa a continuidade de seu saber-fazer feminino camponês. Esse espaço revela também outros dois conteúdos de ordem econômica e simbólica: complementação da renda principal (salário do marido em São Paulo) e reclusão velada. O salário por produção dos homens no corte da cana encontra um complemento na produção de auto-consumo de sua família no Vale, daí uma das razões de ele ser tão baixo e lançar o homem numa condição de proletário em São Paulo. Entendemos que o camponês-migrante não se encontra sujeitado a uma transição cujo único desfecho seja o de sua completa proletarização. Há um conjunto de processos contraditórios que os espoliam a fim de que a proletarização se efetue, liberando gentes e terras para uma

exploração capitalista. Contudo, não há linearidade nesse conjunto e nem todo o campesinato se torna assalariado.

Há uma resistência expressa na luta e /ou no existir do campesinato que possibilita que essa classe social não complete as previsões de proletarização. O nó górdio dos estudos sobre o campesinato, no interior da geografia agrária, consiste em entender justamente como ocorre sua reprodução contraditória como classe social no seio do capitalismo e que novos conteúdos essa classe aporta diante de contextos históricos e geográficos particulares.

A pesquisa em curso desvela como os camponeses-migrantes vivem essa condição ambígua de ser camponês e ser-estar proletário no espaço da cana.

Não podemos entender o trabalho da cana como trabalho acessório, uma vez que ele se estende por nove meses por ano.

Como proletários, os trabalhadores homens não precisam prover a família de todas as suas necessidades do mundo material - como se supõe que façam os proletários. Em suas comunidades as mulheres podem cozinhar à lenha, cultivar nos quintais, cuidar dos filhos, morar em casa própria, armazenar água e lavar roupa no rio. Enquanto o homem se esgota no corte de cana, recebendo por peça, há algo que se recria incertamente em suas comunidades. O espaço por excelência da reprodução do capital no estado de São Paulo comunica-se com o espaço de (re) produção da vida da família no Vale. Um dos custos desse processo se inscreve no corpo e na alma das mulheres.

6.2 Sobre a solidão, a vigilância e alguns assuntos do coração

No capítulo “*Da Mensagem oral à mensagem gravada – a comunicação do ausente*” do livro “*A Imigração ou os paradoxos da alteridade*”, Sayad (1998) esmiuçou a comunicação entre os que ficavam na comunidade argelina, geralmente as mulheres, crianças e velhos, com os homens que partiam para a França⁹². As mensagens trocadas podiam ser orais, cartas, fita cassete, conversa à distância, dispor ou não de mensageiros. Elas envolviam uma série de sujeitos: os que escreviam, os que interpretavam em França, os que ditavam, os que silenciavam e os que recebiam.

As mensagens das mulheres, mães e esposas, eram quase sempre enviadas através de um mensageiro – alguém razoavelmente próximo da família - que voltando para a França, portava a mensagem oral para o conhecido. Para o mundo camponês há aqui uma estranheza: a intimidade compartilhada no interior da família precisando da mediação de outras pessoas. O bom mensageiro (fiel, discreto) levava à França: broncas, pedidos de dinheiro (segundo Sayad, formulados no registro da honra e não no da necessidade), extensos relatórios da vida dos que ficaram na comunidade e notícias da produção agrícola. O mensageiro, antes de sair da comunidade, passava horas na casa da família que enviaria a mensagem, ele tinha que “entender” o conteúdo da mensagem oral e/ou escrever a carta quando esta lhe era ditada.

As mulheres “autorizadas” mandavam suas mensagens após a mensagem do homem (uma mãe depois da mensagem do pai ao filho), mantendo a tradição da oralidade e de hierarquia de gênero da comunidade. O conteúdo das mensagens femininas era um apêndice das mensagens masculinas.

⁹² Vale lembrar, como apresentado no primeiro capítulo, que Sayad “descobriu” o emigrante no imigrante.

No trabalho de campo do autor, a novidade se deu quando algumas mulheres passaram a mandar, inicialmente pelo mensageiro e depois pelo correio, fitas cassetes gravadas para o homem emigrante. Elas conquistaram uma grande liberdade individual (signo da modernidade) nessa passagem e recuperaram o seu papel na família, de dar ordens e colocar as coisas no lugar. As mulheres que aprenderam (e foram autorizadas) a lidar com esse instrumento, passaram a “conversar” com o homem que partiu.

Em uma entrevista emblemática, uma mulher conta a outra por que prefere gravar fitas ao seu filho:

[...] Todas às vezes que eu preciso... quando estou triste, pego a caixa {o gravador}, sento, escolho a hora em que, tranqüila, nada vem me incomodar. Estico as pernas, coloco-a na minha frente, aperto-a entre meus joelhos, verifico que está funcionando direito e, se preciso, encho-a [i. e.,carrego as pilhas] e lá vamos nós. Não preciso de meu ‘tio’, nem de minha ‘tia’ [maternos], a quem eu precisava suplicar que fossem ver meu filho, que fossem repetir fielmente... É demais!... Ou ainda, aquele outro que eu precisava chamar {o mensageiro}, a quem eu servia um café e beijaria sua cabeça e seus pés para que ele escrevesse direito o que eu lhe dissesse. E ainda, tanto num caso como no outro, eu nunca poderia dizer tudo o que eu tenho em meu ventre, tudo o que enche meus pulmões [...]. Lá, sob, meus olhos, entre minhas pernas, digo tudo o que tenho para dizer. Tudo se mistura: a raiva, o riso; rio e choro; lágrimas e baba; espirro e assuo o nariz; louvo a Deus e blasfemo; grito, xingo, fico brava, ameaço com um pedaço de pau [o longo pedaço de pau com o qual se espanta as galinhas quando se aventuram para dentro da casa] todas as criaturas [i.e., as criaturas de minha imaginação, os fantasmas] e com o qual eu bato no chão para medir o que estou dizendo. Ele ouve os golpes de madeira no chão, é como se caíssem sobre suas costas. Desafio-o, dou-lhe broncas, lembro a ele as mais duras verdades... pois lá, tranquilamente – dizem que estão cercados de prazeres, talvez tenha tendência de esquecer essas verdades. [...] (SAYAD, 1998, p. 158)

Mais adiante na entrevista, essa mesma mulher revela que algumas vezes ouvia a fita antes de mandá-la ao filho, ria de si mesma e não lhe enviava. Depois, segundo ela, parou de ouvir, “[...] não escuto mais; azar dele, bem feito para ele, assim ele aprende!” e enviava a fita. Ela não permitia que a sua nora aprendesse a mexer no equipamento⁹³.

Uma das considerações de Sayad acerca desta entrevista é a constatação da “*presença mágica do ausente*”. Quando a mulher gravava a fita sentia-se mais próxima do ente distante e poderia, como a entrevistada afirmou, dar vazão a todo o leque de sentimentos que nascem ou que se aprofundam com a solidão provocada pela ausência do marido e/ou do filho.

Em Schnoor, algumas mulheres se sentiram à vontade, depois de alguns trabalhos de campo e muita conversa, para expressar toda a saudade que sentem de seus maridos, agravada pelo fato de que para o campesinato o trabalho é familiar: perde-se também o companheiro de trabalho. As mulheres reconhecem o quanto o trabalho deles é penoso e necessário para a manutenção da família, não obstante, o sentimento de ausência alcança níveis de sofrimento que extrapolam o consolo que pode advir da consciência da necessidade objetiva da aquisição dos bens materiais para a vida. Reside aqui uma das tragédias da migração: são inúmeros os casos de depressão entre as mulheres. Este é um dos custos da migração que atinge a alma.

A intimidade construída no campesinato advém da criação de um projeto de vida para a família vivido no cotidiano, na labuta da criação dos filhos e no trabalho na roça, em suma, na partilha da vida. Aos trabalhadores e suas famílias resta a vivência dolorida

⁹³ Os homens mesmo estando longe devem mediar os conflitos entre sua mulher e sua mãe que moram juntas. A primeira deve “obedecer” a mãe do noivo. Em outra entrevista emblemática o pai manda o mensageiro dizer ao filho (com toda sorte de detalhes) como “devolveu” sua mulher a seu sogro.

da margem entre dois mundos. Os sofrimentos dessas mulheres expressam essa condição, a família não se realiza plenamente.

Em uma conversa com Daniela e Carlos, casal do “Médicos da Terra” que roda os municípios mais pobres do Brasil atendendo a população mais pobre⁹⁴, e com a enfermeira do posto de saúde de Schnoor, tivemos a confirmação de uma hipótese sugerida pelos contatos iniciais que tivemos com a comunidade: a depressão é uma das doenças mais comumente encontradas entre as mulheres do Vale. Entre toda a população, as doenças mais presentes são: pressão alta, doença de Chagas, problemas de pele como leishmaniose e outras ocasionados pela extrema precariedade da rede de água e de esgoto (chamadas de “piroquinhas” na pele).

Em Schnoor, há muitas pessoas andando pelas ruas que apresentam algum distúrbio psicológico⁹⁵. Segundo a enfermeira do posto de saúde, os distúrbios teriam como causas principais o desemprego, entre os homens, e a depressão, entre as mulheres. As duas causas estão diretamente relacionadas à migração e suas origens. Quando os sintomas do distúrbio são mais violentos ou mais crônicos, a família leva o ente ao posto para tomar seu “controle”. O diagnóstico de alguma patologia psicológica é feito no CAPS⁹⁶ em Araçuaí. Porém, como os pacientes não têm como frequentar regularmente o Centro, devido à distância e ao custo, a família recebe apoio para cuidar de seu ente em casa e o posto de saúde das comunidades recebe o medicamento para ser

⁹⁴ Eles registram seu percurso e proposta no site: <<http://www.medicosdaterra.com.br>> Passaram pelo Vale em janeiro de 2008.

⁹⁵ Em todas as saídas, as entrevistadas apontavam “os doidos” que andavam pelas ruas, conhecidos e cuidados por todos.

⁹⁶ “Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), entre todos os dispositivos de atenção à saúde mental, têm valor estratégico para a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Com a criação desses centros, possibilita-se a organização de uma rede substitutiva ao Hospital Psiquiátrico no país. Os CAPS são serviços de saúde municipais, abertos, comunitários que oferecem atendimento diário.” Fonte: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=29797&janela=1>. Acesso em 12/03/2010.

ministrado quando necessário. Alguns vão diariamente ao posto tomar o remédio prescrito.

Há mulheres que não querem/podem sair de casa ou vêem sua menstruação suspensa (ou o ciclo menstrual muito irregular) enquanto o marido está fora. Há aquelas que tentam o suicídio, as que ficam inapetentes, as que largam os maridos (mais raro), as que migram para São Paulo junto com o marido. O SPM e a Cáritas, na diocese de Araçuaí⁹⁷, realizam um importante trabalho ao visitar as mulheres e tentar “tirá-las” do estado de depressão, ajudando-as a se levantar da cama, a fazer cursos de bordados e outros, a freqüentar reuniões com outras mulheres e a discutir juntas a condição em que se encontram numa tentativa de recompor o sentido da vida, tão fragmentado nesse tempo de migração.

Em Schnoor, as mulheres relataram o sofrimento vivido com a ausência do marido. Destacamos a seguir trechos de algumas entrevistas: Rebeca que conta mais tranquilamente como teve e se recuperou da depressão e Teresa, que toma remédio até hoje e, no ano em que a conheci, 2007, passava por um momento mais difícil.

Há um diferencial nas trajetórias de vida das duas amigas e mulheres. Rebeca acompanhou o marido duas vezes quando este ia para a cidade de Itaquaritinga cortar cana para a Usina Bonfim. A depressão, que dera sinais ainda no Vale quando ela ficava em casa sozinha - como tantas outras -, manifestou-se mais violentamente quando o marido, Irineu, achou melhor levá-la consigo para o corte de cana pela segunda vez. Foram muitas conversas com Rebeca, no dia da gravação da fita o seu marido chegou

⁹⁷ Em Itinga, município vizinho a Araçuaí, as mulheres apoiadas pelas duas entidades formaram uma importante cooperativa. Em Schnoor não conhecemos o trabalho da pastoral que é muito admirado no Vale.

para almoçar e participou também da entrevista ajudando a lembrar quantas foram as vezes em que ele foi “pro corte” e os anos em que Rebeca o acompanhou.

Lúcia: (...) Aí [em Itaqueritinga] que aconteceu que você falou de de...

Rebeca: Aí eu fui...

Irineu: Só que desta vez você foi, cê tava doente...

R: Eu tava, deu uma depressão em mim de ficar né... cê fica pra lá fica pra cá, parecendo gente doido. Aquilo é pra quem agüenta e é forte, sei lá mas eu já saí daqui com problema. Não sei de onde veio esta depressão, só sei que eu cheguei lá e passei por um período... foi bom também não, né Iri? Iri sofreu muito, eu tava doente, Iri sofreu muito. Porque ele tinha que trabalhar no outro dia [cortar cana] e eu chorava a noite inteira, sabe? Aquela coisa... Nossa Senhora.

L: Você reclamava do que chorando, cê lembra?

R: De nada.

L: Só chorava?

R: Só chorava.

L: Cê achava que tinha o quê?

R: Pra mim tava tudo bom, eu achava que eu tava doida mesmo... Cê coloca uma coisa na cabeça, fica um monte de pensamento. Aí comecei a tratar lá, fazer tratamento ia num médico, ia em outro, ia num, ia no outro e aí por aí foi.

(...)

L: Por que você acha que foi embora a sua depressão?

R: Por quê? O moça, a única coisa que eu falo pra você: a depressão foi embora porque ele ficou aqui, não foi embora mais. Não precisou ele ir embora mais.

(...)

L: Como chamava o calmante?

R: É...Amytril.

L: Não conheço...

R: Não? Teresa toma dele.

L: É mesmo, Teresa?

R: É nunca tirou dela isso não, é 25 miligrama... Aí no final da safra Iri comprou o fusca e depois ele trocou esse fusca num gol. [Eles retornaram a Schnoor]

(...)

R: Como eu sofria muito sozinha... Os meninos doente em casa e eu sozinha e ele na usina, aquilo me adoecia. Tudo isso colaborou com a minha depressão. Esse mais velho, L., ele teve pneumonia três vezes. Nenhuma vez ele [Iri] tava presente. Aí ele internava e eu ficava 15 dias sentada na cadeira de hospital mais o piquinichinho [pequenino] que não tinha nenhum ano ainda. Então me fez pensar na vida e tá 'operando' com dois filhos. Ficar sozinha numa solidão, num sofrimento e achei a oportunidade de operar [ligadura das trompas].

Hoje o marido de Rebeca não migra mais e os filhos estão crescidos, ela criou uma série de estratégias para evitar que o mal da depressão a acometa novamente tais como: fazer caminhada, ocupar-se de meninos mais novos através de um projeto empreendido pela ONG CPCD, visitar as colegas, rezar e dar risada, muita risada, de tudo. Foi minha anfitriã durante as semanas passadas em Schnoor. Ela aconselha suas colegas quando percebe que os sintomas da depressão estão chegando.

Rebeca para distrair-se pega em consignaço, de mascates que passam a cada três meses na comunidade, um pouco de perfume, cobertor, batom, bijuterias... para sair vendendo. Ela não se preocupa tanto em ganhar dinheiro, as mercadorias se tornam

“escudos éticos”⁹⁸ para que ela saia de casa e ande pela comunidade. A cada 10 itens vendidos ela ganha um.

Essas novas estratégias começam a se consolidar para dar conta de um mundo orientado por outras regras, com outras enfermidades, que levam a uma crescente racionalização instrumental da vida cotidiana. A venda de mercadorias contribui para a formação da renda da família, nesse caso, no entanto, serve de álibi para a necessidade de sair de casa e encontrar colegas, partilhar uma parcela da vida com pessoas que participam da mesma ética camponesa.

Na entrevista gravada com Teresa, da qual extraímos o trecho a seguir, ela mostrou toda a dor e o medo que sente com a ausência do marido. Seu marido não voltou para a casa nos últimos anos, como os outros. Manda o dinheiro mensalmente, mas não retorna para a casa suscitando, não sem motivo, crises de insegurança e ciúmes. As amigas de Teresa acreditam que ele tenha outra mulher, ainda que não digam isso a ela, e por isso não voltaria para a casa, somente manda o dinheiro para que nada falte aos filhos. Teresa não pode admitir esta situação e, reclusa em casa, bebe diariamente quase um litro de cachaça, já pensou em tomar doses de veneno e espera a volta de seu marido.

Teresa: É mais difícil por mim mesma, esse mundo todo... ele ficar pra lá e eu pra cá, sabe não dá certo.

L: É muita tristeza?

T: Solidão, minha filha. Problema é que eu tive até depressão, hoje em dia é que não ligo isso mais. Às vezes quando tá pegando em mim eu saio fora, sabe? Ou vou para casa de minhas colegas, tomo remédio, trabalho, divirto muito. Todo ano eu tinha crise de depressão, sabe?

L: Todo ano?

⁹⁸ A professora Regina Sader usou esta expressão quando se referiu a trechos da obra Grande Sertão: Veredas em Cordisburgo na Semana Roseana de 2004.

T: Todo ano, só que hoje em dia eu não tenho mais não.

L: O que você sentia quando você tinha depressão?

T: Ah, choradeira. As minhas melhores amigas não podia nem ver, eu ficava moquetada em casa, ficava dentro de casa.

L: Você tinha vontade de morrer?

T: Vixe... eu tive vontade de tomar veneno.

L: Onde você ia quando tinha crise assim?

T: Eu ia no posto aqui e eles davam um remedinho.

(...)

T: Se largo esse homem, Lúcia, vou viver como muitos aí 'mendigando' aí, com a cabeça toda cheia de troço [com piolho, suja], minha filha... Eu morro de medo de viver como esse povo que tá aí...

Rebeca: Ela tem medo de ficar 'mendigando' não é de dinheiro. É ter depressão, ela gosta demais dele e acha que não vai esquecer e tem medo de ficar maluca se ele não tiver mais [junto a ela] (...)

Quase todas as mulheres entrevistadas declararam como se sentem tristes com a ausência do marido, mesmo as que não chegam a ter depressão mostram-se dilaceradas quando relatam como é a vida quando o marido está em casa e quando não está em casa.

Malu:

L: Então, me fala uma coisa: como é que é a vida da tua família quando o A. está em casa?

Malu: Ai, divertidíssima.

L: É mesmo...

M: Quando ele tá em casa, a gente sai todo dia, a gente come na mesma vasilha. Acho que é por isso que eu ainda sofro demais quando ele sai. O dia que ele sai eu choro que nem comer eu não como. Aí é assim... ele é muito engraçado, ele é divertido... com J. então, com todo mundo. Ele é cheio de amigos, todos os amigos dele são meus amigos. A gente tem os amigos de

farra, que ele gosta de beber eu também gosto, gosta de um churrasquinho. Toda sexta-feira quando ele tá aqui a gente assa uma carninha lá no boteco do marido dela [marido de Márcia]. Eu vou lá todo dia quando ele tá aqui. Todo dia eu tomo uma cerveja com ele. Pra achar ele dentro de casa é raridade. Quem quiser esconder dele vem para cá. Ele fica igual uma borboleta, ele entra e sai, entra e sai... quando eu acho que ele tá aqui ele me deixa conversando sozinha. Eu até acho engraçado. Às vezes eu tô conversando com ele aqui, eu vejo que ele não responde, eu vou procurar ele já tá longe...

(...)

L: O que você acha mais difícil de agüentar?

M: Quando ele não tá aqui. Dessa vez foi mesmo porque eu fiquei muito só, me senti muito só. Mas o momento que eu acho mais difícil é na hora de almoçar, que eu não tenho vontade de fazer comida. Quando eu começo a comer e lágrima caindo dentro do prato aí eu tenho que parar, não consigo. Não consigo mesmo. Quando eu entro no quarto que eu vejo a cama, as coisas dele ainda parece que tá o cheiro.. Ave Maria é difícil demais. E ainda fica com aquela incerteza se você vai ver de novo, se não vai... pra mim o que mais dói é isso. Quando ele foi embora ele me deixou grávida de 1 mês, eu não tinha feito o teste mas eu sabia. Eu queria tanto ter, que eu senti.(...) Mas eu sofro demais, e choro... às vezes eu acordo de madrugada e procuro não pensar em nada , fecho o olho pra dormir logo porque se eu ficar acordada eu choro o tempo todo.

Há mulheres que exprimiram a dor com poucas palavras e um silêncio arrasador calado no olhar:

L: Como é a vida quando ele não está? Nos 9 meses em que ele não está?

Lia: É muito triste.

Em Schnoor não há sinal de celular, elas esperam o marido ligar no dia e horário combinados. Em outras comunidades, como no Alfredo Graça, as mulheres conseguem

ligar para seus maridos em São Paulo quando querem. As mulheres das duas comunidades tentam conversar com seus maridos geralmente uma vez por semana ou a cada quinze dias. Eles marcam um dia e um horário e conversam utilizando os telefones públicos.

O celular, bem como os óculos escuros percebidos por Martins (2008a), representam uma entrada na modernidade fragmentada. Ainda que não haja sinal disponibilizado pelas operadoras de celular, vários moradores manifestam desejo de tê-lo ou já possuem um para quando o sinal chegar e fazem questão de carregá-lo de forma visível – ainda que não vá tocar⁹⁹. Os moradores portam o aparelho de celular, embora ainda não exista na região o serviço das empresas de telefone móvel. Precisam (ou gostam de) ter, mas podem facilmente dele prescindir. Em São Paulo, os homens adquirem um aparelho para receber chamadas de suas esposas, que ligam do telefone fixo.

Hoje é mais fácil falar com o homem distante, entretanto, nem todas as mulheres acham que a vida melhorou com a possibilidade de uma comunicação direta e quase instantânea. Não existe o hábito de se falar diariamente com quem está longe. Teresa, Vanessa e Lia, por exemplo, preferem não falar com os maridos diariamente. Quando falavam todos os dias acabavam brigando pelo mesmo motivo: o ciúmes¹⁰⁰. Encontramos aqui uma similitude com a pesquisa de Sayad. Em Cabília, no caso das fitas gravadas, as

⁹⁹ Certa vez, em uma outra comunidade, na verdade numa cidade grande de um país rico, reparei na grande quantidade de pessoas falando ao celular pelas ruas. Os camelôs vendiam réplicas de plástico do artefato e quando perguntei pra que tantos, se as vendiam muito para as crianças, o vendedor me disse que metade das pessoas com celular nas ruas finge que está falando, finge que tem o artefato poderoso de verdade. A grande cidade era Roma no início dos anos de 1990. Os ambulantes, imigrantes africanos, conseguem toda a sorte de mercadorias imitando as “marcas” preferidas dos italianos.

¹⁰⁰ “O ciúmes dói nos cotovelos, na raiz dos cabelos, gela a sola dos pés. Faz os músculos ficarem moles, e o estômago vão e sem fome. Dói da flor da pele ao pó do osso. Rói do cóccix até o pescoço.” (Dor de cotovelo de Caetano Veloso)

mulheres podiam mostrar muitos sentimentos, brigavam e davam broncas (SAYAD, 1998); em Schnoor, quando as mulheres podem falar todos os dias com seus maridos, elas brigam, se entediam, cobram e choram.

Sabe-se de homens que arranjam outras mulheres quando estão em São Paulo e que não retornam mais, rompendo com a família; de homens que mantêm duas famílias, uma em São Paulo e uma no Vale. O medo da traição e do abandono é um dos assuntos proibidos, fantasma que atormenta as mulheres:

Vanessa: O duro mesmo é que a gente fica menos tempo com eles, e eles mais é na usina. O duro é essa coisa.

L: O que você sente quando ele tá lá?

V: Eu não agüento não, nêga. Eu pergunto a ele todo dia [nos dias em que se falam] que dia que ele vem.

(...)

L: Como é que você fica aqui quando ele tá longe?

V: Ô dó... morrendo de saudade. Eu amo ele. Eu amo aquele homem, viu? Nós briga de verdade mas é que eu sou ciumenta demais, nêga.

Apenas uma mulher, em Schnoor, diante do marido, mostrou-se mais resignada e afirmou de forma um pouco jocosa¹⁰¹ “*não ligar*” para a ausência mesmo sabendo que o marido tem uma filha em São Paulo, de um relacionamento anterior ao deles.

L: E você, Dica, ficava sozinha aqui quando seu marido ia?

Dica: Quando ele ia eu quase não tava mais ele não, ele era rapaz solteiro ainda. Agora com esses mais novos eu ficava.

Osmar: De 89 pra cá cê tava.

¹⁰¹ Em vários momentos da entrevista todos rimos muito pois o casal brincava, brigava e se complementava todo o tempo. Outros trechos da entrevista com eles serão selecionados.

D: De uma vez que ele foi eu tava com a barriga do tamanho do mundo, a primeira menina que eu ganhei, ele não tava não. Eu ficava lá na casa de minha mãe, ali perto de Iri, da casa de Iri.

L: E depois que você começou a ter os filhos você [Osmar] parou de ir para as usinas?

O: Parei.

D: Ele foi umas duas vezes ainda, depois parou.

O: Aí, eu vi que tava ruim, muito ruim e ganhando pouco.

L: Você não ficava triste demais, não?

D: Eu não.

O: Vixe! [Ela] Ficava nada...

[Risos de todos. Os filhos estavam presentes na sala e prestavam muita atenção nos pais contando a história de vida deles. Osmar nesta hora praticamente virou de costas para a mulher.]

D: Eu não ligava muito, não.

L: Não?

D: Não, acostuma.

L: É?

D: É, ué.

L: Mas tem mulher que não acostuma, tem mulher que fica com depressão...

D: É. Eu não fiquei não. Não ficava não.

[... passados alguns minutos... Osmar se 'vinga' da picardia da mulher e conta da filha que teve em São Paulo]

O: Eu tinha até uma namorada lá, eu recebi uma carta lá... olha eu contando um segredo...

No Alfredo Graça, somente Teodora se mostrou mais conformada com a migração e feliz com as conquistas do casal: casa na comunidade, construção em curso de casa na cidade e terreno em São Paulo. Sua mãe, no entanto, entregou o avesso

complementar: quando o marido está em casa, sua filha some, quando aparece é só sorrisos. Nos meses em que o marido está fora Teodora visita a mãe diariamente.

Mesmo conhecendo estas duas entrevistas que “negam” a tristeza, ressaltamos que o discurso preponderante é o da dor, do medo, da insegurança e da saudade. A irmã de Rebeca, Leonora, precisou tomar remédio quando o marido chegou do trecho sem dinheiro, dizendo que fora assaltado.

Rebeca: (...) ele chegou aqui sem nada, nada. Magro, magro. Ainda bem que ela tinha as economias dela porque ele mandava, depois parou de mandar dinheiro. Enquanto ele mandava, ela economizava. Ele chegou, moça (...) e ela suspeitava. Eu sei por que meu irmão estava junto com ele. Ninguém é doido, ninguém conta, ninguém conversa, ninguém fala nada, nada. Ninguém se mete. Agora este ano diz que tá bem, que tá mandando dinheiro todo mês.

L: Ela se queixava pra você?

R: Sim, até hoje ela [Leonora] se queixa, ela diz naquela época tinha coisa, alguma coisa aconteceu. Ela fala até hoje. Ele chegou, não tinha dinheiro pra um quilo de sal, não tinha pra nada, nada, nada.

L: E ela o perdoou?

R: Perdoou, ela não sabe de nada, não sabe o que aconteceu. E ele inventava mentira... ligava falando que foi assaltado e tinha era gasto dinheiro na farra e na bebedeira. Ele ligava e dizia que foi roubado, que tinha ido trabalhar e foi roubado, que alguém entrou no quarto dele e pegou o dinheiro.

R: Ela adoeceu, assim que ele chegou, ela adoeceu. Não saía da cama, brigou com ele.

Há muitos caminhos de interpretação quando o assunto é medo, traição, ciúmes. Nossa intenção não é esgotar ou defender nenhum deles, apenas entender como a distância atua nas práticas cotidianas e na reprodução da família - entendida como as

possibilidades de continuação e produção da materialidade da vida se comunicando com a reprodução de um modo de vida camponês, o qual encontra justamente na família e na comunidade uma base de sustentação e sentidos máximos.

6.2.1 Se você tiver um, na boca do povo tem dez; se tiver dois, tem mil

Parece existir entre os homens um pacto de silêncio, eles (mesmo os que não migram) negam a possibilidade de haver traição, a possibilidade de existir mulher em São Paulo. As mulheres que já moraram com seus maridos em São Paulo (como Rebeca, Teresa, Val) ou as que têm somente filhos (como Márcia) que vão pro corte, se remetem ao assunto de forma mais clara. Em uma conversa com Antônio e Márcia, Rebeca chegou e colocou lenha no assunto, já explosivo:

Lúcia: Antônio, me diz uma coisa esse dinheiro que vem lá da usina serve para você, é bom para você tudo isso mas, como é que você acha que ficam as famílias? As mulheres que ficam aqui sem os homens?

Antônio: Ah, mas é difícil para elas, é claro. É muito difícil...

L: Não tem mulher que adocece?

A: Tem, tem muita gente que adocece...

L: Tem umas que devem sentir muita liberdade, tem muitas que devem se sentir até bem... "sai cabra, volta só daqui 8 meses..."

A: Às vezes acontece que muitas pessoas que saem, que vai trabalhar e perde até família, tem muita mulher que não é fiel ao marido, desentende depois. Então dá desavença danada na família.

Márcia: Tem homem que vai pra lá e já arruma outra por lá...

A: Arruma nada, ninguém arruma nada não...

M: Arruma. Tem uma prima mesmo, coitada, Judith...

(...)

A: (...) Cê sabe muita gente que é fiel e outro infiel, é muito chato a gente falar mas, tem muita mulher aqui mesmo que fica doidinha pro marido sair de casa, pra ela trair ele. Eu não gosto nem de dizer essas conversas assim, porque eu sou uma pessoa muito...

L: Mas a gente não tá falando o nome de ninguém então não tem problema...

A: Hum , hum... Mas existe isso mesmo. É porque o marido sabe que ela tá traindo ele, lá fora. Ele tá lá e sabe porque aqui, um tamanho de um ovo desse aqui... Se a mulher traiu o marido, daqui um pouco um liga: sua mulher tá traindo...

L: Então as mulheres não podem trair pois senão todo mundo sabe, todo mundo comenta... elas não ficam muito presas?

A: Não ficam, mais o povo não está importando com essas coisas, muita gente não importa... que não importa que trai... o homem até que não é tanto...

(...)

L: Ô Rebeca que você acha: os homens traem mais as mulheres quando tão lá longe ou as mulheres que ficam aqui traem mais?

R: Os homens traem mais lá.

A: Às vezes não.... às vezes o traste tá trabalhando e chega no final de semana o traste tá cansado, é um serviço muito cansativo, né? Pagamento só tem de mês em mês, final do mês.

M: Quinze em quinze dias.

A: Depois ele pensa: meu dinheirinho não dá nem pra sair pra cidade - que eles trabalha lá longe da cidade-, não dá nem pra ele ir prum boteco, se fosse assim na rua como é aqui, ele ia num boteco. Como é que você vai sair de lá de Virgem de Lapa [município vizinho, citado para dar conta de expressar a lonjura entre o alojamento e a cidade]...

L: Mas não tem umas mulheres que vão nos alojamentos?

A: Não, lá só tem homem, moça.

L: Não, eu não tô falando de mulher que corta cana. Tô falando de mulher da vida mesmo.

A: Vai não... daqueles lados não tem mulher..., tá bem longe.

(...)

R: É longe, mas e a bicicleta que eles compram? E carro que tem pra lá e pra cá direto? É longe filha, mas tem carro. Eu morei lá. Carro pra lá e pra cá, bicicleta que eles chegam e compram. Tem gente que cê precisa de ver... mas tem a maioria que é bando de vagabundo, só sai que é pra poder pra gastar mesmo.

M: Tem uns que chegam aqui e não traz nada, nada.

R: Agora tem gente que faz dó [de tanto que se arrebenta para trazer dinheiro para a casa]. Agora aqui também tem muita mulher vagabunda que só fica esperando o dinheiro chegar.

M: Verdade.

R: Não sabe o sofrimento deles lá não, tem muita mulher vagabunda. E quem é que importa? Poder trair não pode, mas eles fazem.

L: E o que você acha disso?

R: Eu não ia achar bom, claro que não. Aqui ninguém sabe de nada não.

Se parece existir um “pacto de fidelidade” entre os homens, o qual os autoriza a não falar das mulheres de São Paulo, entre as esposas prevalece um “é melhor não saber de nada”. Ambas posturas privilegiam a continuidade da relação familiar em detrimento da condição de “ser largado(a)”.

Nas comunidades da Cabília, Sayad constatou a “(...) negação (mágica) da ausência ou, se se quiser, ela [técnica feminina de mandar as mensagens gravadas] garante durante o tempo de gravação, a ‘presença mágica’ do ausente ...” (SAYAD, 1998, p. 160). Essa “presença mágica” realiza-se no plano individual.

As comunidades estruturam-se através das relações de parentesco e de compadrio. O costume é fundado por estas relações, as quais asseguram a tranqüilidade, a segurança e o sentimento de pertencimento. Contudo, essas relações abrigam e sustentam práticas patriarcais que se cristalizam no seio familiar e da comunidade. As mulheres se sentem vigiadas quando seus maridos não estão em casa. Como já afirmamos, há uma reclusão velada em suas casas e quintais. Economizam uma parte do dinheiro mandado por seus maridos mensalmente e se preparam para o retorno do companheiro.

A migração dos homens e as estratégias criadas pela comunidade para garantir a comunicação e a presença do ausente não nos pareceram nada “mágicas” nas comunidades do Vale. As mulheres, como já afirmado, se sentem muito sós e tristes; a “presença” dos maridos, no seio da comunidade, é percebida muito mais como uma “presença persecutória” por meio do olhar e da língua da comunidade.

As mulheres também se encolhem em seus domínios atendendo a uma necessidade pessoal ditada pela tristeza e mantêm-se assim “de acordo” com a moral vigiada em sua comunidade. Os domínios femininos se encolhem na medida em que os maridos viajam para novas terras, mas isto não significa que o território deles se expanda, pois eles não se apropriam do espaço nestas terras. O controle do homem deve ser mantido, persecutoriamente ou simbolicamente quando elas fingem que o consultam.

Rebeca, ainda que seu marido não migre, visita as colegas para vender produtos de casa e de beleza, seus escudos éticos. Lia, quando começa a escurecer volta para a casa pois não quer ser vista na rua por algum conhecido que possa comentar com seu marido que ela estava “perambulando” pela rua. Como os homens migram em grupo, quando uma mulher conversa com seu marido pode dar notícias do “recato” das outras

mulheres e essa notícia, como num telefone sem fio, chega ao marido. Irene preferiu mudar-se para São Paulo, trabalhar como doméstica em uma casa e visitar o marido a cada 15 dias em Sertãozinho (SP) a ficar na comunidade e ter sua vida “bisbilhotada”. Ela foi uma das primeiras pessoas que conheci na comunidade que revelou a depressão.

Todos negam a fofoca como instituição, afirmam não contar nada do que vêem para ninguém, no entanto, “alguém” conta ou observa.

Claúdia Maia (2000) em um estudo de gênero abordando trabalho e família no Vale ressalta que o trabalho das mulheres, mesmo assumindo uma parcela do trabalho do homem, continua sendo percebido como “leve” quando comparado ao trabalho “pesado” do homem no corte de cana. As mulheres assumem o comando da família, devem continuar se remetendo ao homem como se hierarquicamente ele ainda tomasse as decisões, cuidar da casa, do quintal, dos filhos, e, devem manter o pudor.

O lazer das mulheres consiste em ir à casa das colegas, de vez em quando um forró (só para observar), ir à Igreja, fazer as compras diárias para a casa. Algumas gostam de jogar bola na quadra de esportes da comunidade. Malu:

L: E quando o A. está longe com que você se distrai?

Malu: Televisão.

L: Você vai pro forró?

M: Não.

L: Por quê?

M: Ah, porque eu acho que não é conveniente pra mim que sou uma mulher casada, vou fazer o que no forró? Sem ele? Lugar pequeno é assim: se eles viram, eles contam o que eles viram e aumentam e inventam também. Então como quando ele tá aqui, ele é muito divertido, quando ele tá aqui a gente se diverte demais, demais. Não tem porque eu sair sozinha, eu não gosto. Não é tanto pelo o que outros vão falar, é porque eu não gosto mais.

Não tenho mais o interesse de sair sozinha. Não tem graça. Se eu quero tomar uma cerveja eu compro e tomo aqui em casa. A gente [quando o marido está em casa] sai vai pro forró, a gente dança, a gente bebe demais da conta, diverte, se um começou a ficar tonto, um vem escorando o outro. Ele me traz no colo, me traz no pescoço.

L: Cê você toma uma a mais?

M: É, mesmo se não tomar. Eu peço ele colo, ele vem me trazendo...

(...)

L: E jogar bola, você [Malu] gosta de jogar bola?

M: Jogo, mesmo ele tando, eu jogo. Ele manda eu ir, ele sabe que eu gosto, ele não gosta que eu engordo. Ele é gordo mas eu não posso ser gorda.

L: Esses homens...

M: Ele manda, ele sabe que sinto dor nas pernas, ele acha que é má circulação, né? Então ele manda. Eu vou [jogo] e assisto ele jogando bola. As meninas morrem de rir, eu fico: vai bonitão! E quando ele vai jogar e eu não tô, ele sente falta. Ele vai e vou atrás. Eu me divirto demais com ele aqui.

Vanessa, que já morou em São Paulo trabalhando como doméstica, teve quatro filhos com companheiros diferentes, trabalhou muito na roça, agora mora onde nasceu, Schnoor, e vive com Fred, dez anos mais novo que ela:

Lúcia: O Vanessa me diz uma coisa, cê não vai pros forró, não?

V: Vou, vou. Eu mais a menina que mora aqui, a irmã dele [de Fred., seu companheiro], vou e venho embora às dez horas. Nem entro no salão. Só bebo uma cerveja e venho embora. Não posso dançar senão no outro dia o povo tá tudo é contando que tava no forró dançando, eu vou lá bebo uma cerveja e venho embora.

(...)

L: Cê não tem ciúme dele lá? Dele arrumar uma mulher lá?

V: Uai, fico morrendo aqui pensando. Ele falou: não menina, aqui não tem mulher...

(...)

V: Eu falo: 'cuidado, viu?' Mas homem... ninguém deve confiar né, que ele tá longe.

Teresa também reitera a opinião das colegas:

T: Se você tiver 01, na boca do povo tem 10, se tiver dois, tem mil. Queria até morrer antes de trair ele. Ele dá risadinha quando pergunto se ele tá sozinho.

6.3 Trabalho e sociabilidade

No artigo intitulado *"Família Popular: mito ou estigma"*, publicado na Revista Travessia nº09 de 1991, Jerusa Vieira Gomes entende que no processo de modernização há uma nova configuração nos papéis de gênero. Autoridade, aprendizagens, submissão, sexualidade são postas do avesso. Segundo a autora (GOMES, 1991, p. 7-8), a família se reorganiza *de forma plural* diante desse novo quadro, e novos arranjos e hierarquias são vivenciados.¹⁰²

Para a autora, a migração quebra hierarquias da vida cotidiana; quando esta era partilhada na sua inteireza tinha como eixo o trabalho. O trabalho para o campesinato é um dos pilares da vida organizado por uma divisão de gênero, de autoridade de gênero (como vimos em Sayad, a sogra que não deixa o gravador ser usado pela nora que mora com ela), de idade e de autoridade de idade, regidos pelo costume.

¹⁰² Em Governador Valadares, conforme comunicação pessoal de uma educadora, as escolas implementam um novo formato para a "reunião de pais" e tomam como tema as novas autoridades que devem ser construídas para a referência dos jovens que passam anos sem um ou os dois genitores.

Ao longo desse capítulo nos referimos algumas vezes ao “costume”: quando da opção de alguns membros da comunidade em continuar criando porcos à revelia das determinações sanitárias do município e quando nos deparamos com o costume, como abrigo de práticas patriarcais, as quais dão um contorno à moral que as mulheres devem preservar mais lustrada com a ausência dos maridos. No primeiro caso, a força do costume legitima as práticas ancoradas no direito costumeiro. No segundo, aponta a presença de uma mentalidade, de um vocabulário completo de discurso (THOMPSON, 1998).

Com a perda da convivência, os filhos perdem o saber camponês do pai, deixam de aprender suas práticas cotidianas. Muitos dos jovens esperam completar 18 anos para saírem para o corte, tal como o pai faz, mas reconhecem (aprendem na escola) que o corte de cana tende a ser mecanizado em São Paulo¹⁰³ e que não haverá mais trabalho para todos. Se não houver esse trabalho, qual outro conhecerão? A lida diária na roça não existe mais para todas as famílias e agora o corte da cana também pode deixar de existir. Como muitos afirmam: agora só vão para o corte os “escolhidos”, aqueles mais fortes que tenderão a cortar cana até a exaustão, que são *bons de facão*.

Às mulheres culturalmente cabe o cuidado com os filhos e os serviços domésticos, no contexto em que se insere a migração dos homens, hoje cabe a elas assumir integralmente todos os cuidados e todas as decisões de ordem prática que envolvem a família e a casa.

As crianças pequenas não convivem com o pai, intencionalmente algumas mães falam muito do ausente e mostram fotos. Diante do quadro de tristeza das mulheres e do estranhamento das crianças diante do pai, a ONG CPCD criou para o Vale uma série de

¹⁰³ Lembrando da discussão do primeiro capítulo, a mecanização ocorrerá apenas em São Paulo. Já existe muita migração para Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro e Minas Gerais..

projetos. Entre eles, conhecemos três que se realizaram em Engenheiro Schnoor e Alfredo Graça¹⁰⁴.

Em um deles, “as animadoras e as mães-cuidadoras” tiram fotos das crianças e de seus pais. Após a partida do homem, as crianças e as mulheres são estimuladas a escrever cartas (podem ser desenhos, colagens...) para o marido agregando as fotos da família e das crianças para amenizar a distância. Os maridos respondem as cartas e assim forma-se um novo canal de comunicação muito particular, novo e estranho para famílias que se viam toda a vida juntos. Várias entrevistadas mostravam as cartas recebidas e queriam as fotos para posteriormente enviá-las para seus maridos. As crianças, dessa forma, segundo a idéia da ONG, mantêm-se um pouco mais próximas do pai.

Em outro projeto da mesma ONG, algumas mulheres escolhidas da comunidade, cuidam das mães e de crianças que estão sós, previamente inscritas no “projeto”. As chamadas “mães-cuidadoras”, têm cerca de 15 crianças para visitar diariamente ou semanalmente. Elas vão abrandar a saudade, conversar e acompanhar as crianças na escola e propor brincadeiras no horário complementar a esta. As “mães-cuidadoras” podem receber o grupo de crianças para brincar à tarde num espaço cedido por alguém da comunidade, podem passar algumas horas com uma mãe e seu filho bem pequeno e ajudar nas tarefas diárias como lavar uma “vasilha”, uma roupa de um bebê, ficar com o pequeno enquanto a mãe pode terminar algum serviço ou descansar um pouco, conferem receitas médicas, caderneta de vacinação, trocam receitas de sopinhas e levam as crianças para passear. Algumas “mães-cuidadoras” viram comadres das mães atendidas ou madrinhas das crianças. Não há creche nas comunidades rurais do município.

¹⁰⁴ Escreveremos sobre um deles no capítulo sobre o Graça.

A reciprocidade comumente encontrada em comunidades rurais se mantém como vimos nas trocas dos produtos dos quintais, mas devido à nova situação impulsionada pela migração uma nova figura surge para mediar relações outrora comuns, como a ajuda entre as famílias e mulheres. As “mães-cuidadoras” recebem uma “bolsa” (valor menor que um salário mínimo) por um ano para estarem com as crianças e com as mães.

A relação entre mãe e jovem pode se tornar mais difícil sem a autoridade paterna. Teresa, por exemplo, queixou-se da ausência da autoridade paterna:

T: O menino de 12 anos quer ir pro forró, chegar à noite.

L: Cê acha que se o pai estivesse aqui ele obedecia mais?

T: Ô, ele obedece o pai dele.

Questões concernentes à vida íntima da família hoje são discutidas no espaço público, mediadas pela Igreja, pela prefeitura e por convênios estabelecidos com ONG's - que pleiteiam recursos os quais determinam o início e o fim do “projeto” -, junto à iniciativa privada e pública. A gestão da vida cotidiana vai se tornando crescentemente um assunto do Estado e de instituições que com ele se comunicam, colocando mais uma vez a campesinidade em xeque.

As mulheres, em meio a tantas mudanças nas suas práticas cotidianas vêem-se, em sua família e no interior de suas comunidades, diante de uma redefinição de seu papel. São elas que tomam decisões no espaço público, antes outorgadas aos homens, como decidir pela participação (ou não) em mutirão para construção de cisternas ou decidir em reuniões de orçamento participativo do município as prioridades da comunidade. Esse processo contudo não existe sem tensões e contradições. Em Itinga, por exemplo, como já mencionado, apoiadas pela Pastoral e pela Cáritas, as mulheres reunidas na

“Associação das Mulheres Organizadas do Vale do Jequitinhonha” (AMOVAJE) criaram uma cooperativa, a qual gerou renda para as famílias e fez com que as mulheres tivessem tal importância e tanto poder de decisão que, quando os maridos voltaram do corte, elas não agüentavam fingir que eram eles quem mandavam em casa.

Algumas “fugiam” com o apoio das irmãs da Igreja quando queriam ir a uma reunião no seu município ou em outro para conversar com outras mulheres e dar continuidade ao novo tecido social bordado com dor e firmeza no qual as mulheres ganham protagonismo e ocupam a cena pública.

No Boletim nº 06 do Serviço Pastoral do Migrante há um relato síntese que expressa o que mais de 100 mulheres reunidas pela AMOVAJE, em Itinga, discutiram sobre o tema “Gênero e Economia Solidária”:

“Nós, mulheres, conseguimos até chegar à presidência de sindicatos, associações, presidência de câmara de vereadores, mas ainda temos o desafio de a própria mulher não acreditar em outra mulher. Saímos para estudar sendo que antes éramos muito oprimidas, pois muitas não estudavam, não saíam para reuniões, não trabalhavam fora, enquanto os homens migravam. Mas hoje participamos dos projetos de construção de caixas de água, em mutirão e, ainda assim, tem homens que não reconhecem, esperando tudo das mulheres, enquanto outros já deram passos e já participam da divisão de tarefas. Em matéria de gênero, ainda existe muita desigualdade, muita violência e desrespeito, fora a desigualdade no salário, desemprego, desafio frente ao poder público. Nós aprendemos a utilizar os produtos da horta comunitária, formada de homens e mulheres, com divisão de tarefas, trabalho em mutirão. Fazemos comidas mais naturais, cisternas em mutirão, produção de artesanato em grupos, padarias, banco de sementes e levamos o produto para as feiras livres, com compra direta e farinheiras comunitárias”. (SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES, 2009)

A reclusão velada é legitimada como forma de controle dos maridos sobre sua mulher, algumas mulheres se liberam desse julgo, outras se conformam, muitas estão deprimidas. Em depoimento pessoal, Cléa da Cáritas de Araçuaí, reiterou que as tensões no interior das famílias estão postas; há comunidades em que muitas mulheres se organizam e discutem sua condição. Em outras comunidades há muitas mulheres que, segundo ela:

“(...) as mulheres ‘largadas’ [dos maridos] carregam um peso grande na comunidade, melhor ter um casamento ruim do que ser largada; são submissas e violentadas pelos maridos; a educação e os erros são de responsabilidade da mulher. A mulher é cascão dos homens; em reuniões para discutir projeto agrícola só vão os homens. Tem muita mulher debaixo do solado.” (grifo nosso. Comunicação pessoal em 18/01/2008)”

Ainda segundo Cléa, (...) *“as mulheres cuidam das galinhas mas quem vende é o homem”*.

Em Schnoor, a esperança de todas é o retorno – não somente do parente que migrou – mas também o retorno de uma convivência mais próxima ancorada num modo de vida territorializado conhecido e construído através das práticas cotidianas. Retorno à comunidade e ao lugar que possa oferecer as condições para a permanência das famílias. Não é um retorno que evoca o passado, mas sim a continuidade, o movimento: construir e estar no lugar. Retorno a uma trajetória que se remete a um modo de ser e fazer e que se projeta para o futuro, o qual não necessariamente se espelha na modernidade multifacetada e dependente do mercado tal como vivida no urbano.

Lúcia: O que você acha que mudaria na sua vida e na vida do Schnoor se ele pudesse ficar aqui?

Malu: Ah, na vida do Schnoor eu não sei mas na minha... mudava demais. Nossa na minha mudava tudo, ele me acompanhava... eu não deixo ela [a

filha] esquecer também. Mesmo quando ela era pequena, eu sempre mostrei muita foto. Ela sabe que o pai foi pra São Paulo.

L: Então, me fala uma coisa: como é que é a vida da tua família quando o A. está em casa?

M: Ai, divertidíssima.

As mulheres, como Penélopes bordando a colcha do futuro, têm uma visão um pouco diferente da masculina. Escolhem cores e texturas, imaginam desenhos. Enquanto Márcia, que tem somente um filho no corte e duas filhas em São Paulo trabalhando como domésticas, se alegra ao imaginar a vida com todos, Antônio, seu marido, sublinha que o Schnoor de hoje existe em função das usinas em São Paulo.

L: Como é que vocês acham que podia ser o Schnoor se não tivesse tanta migração?

Márcia: Uai, aqui, se não tivesse tanta, assim a maioria das pessoas não saísse e ficasse aqui, o tamanho que era ... e se todo mundo ficasse, aquela [família] crescesse com os filhos ficando no próprio lugar deles, se tivesse serviço tudo... que era, quanto diferente...

L: Mas cê acha que seria melhor ou pior?

M: Melhor... [é interrompida pelo marido]

Antônio: Num ponto de vista agora, nós tamos levando agora... Se não tivesse esse pessoal que saísse lá pra fora e ganhasse o dinheiro lá fora, que aqui não tem condições, aqui tá muito... muito tumultuado de dificuldade, né? Ficava muito pior que aqui não tem condição de ganhar dinheiro não. A gente não ganha dinheiro, a gente veve.. Por que uma pessoa pra viver, igual eu vivo, pra criar família aqui, não é fácil não. Por que se o povo não saísse lá fora e ganhasse o dinheiro lá e me desse serviço pra mim trabalhar, eu trabalho pro povo, quando eles vai lá e ganha o dinheiro, eu trabalho pro povo aí. Depois eles chegam no meu botequinho lá e compra lá e tá me pagando e depois vem um aposentado, que ajuda demais na região, então

como é que eu ia viver? Só trabalhando com os cascos e com as unhas aí? Era difícil, não era não?

L: Então você acha que não ia ser bom se terminasse a migração, pra você não ia ser bom?

A: Para mim não. Uai, o cara vai lá, ganha lá dinheiro, chega aqui vai no meu boteco e me compra, tá certo que tá me pagando...

Antônio foi um dos entrevistados que deixou de migrar e hoje vive na comunidade com sua mulher e uma filha menor. Quando novo, aos 16 anos, forjou a sua idade e documentação para migrar para São Paulo. Trabalhou na construção civil por anos durante a década de 1970. Nunca foi para o corte de cana, destino mais comum entre os homens da comunidade.

L: E quando você foi pra São Paulo, você foi registrado também?

A: Fui registrado.

M: Por que naquele tempo tinha que ter 18 anos, não saía com menor de 18 anos. Mesmo que não, era aquela lei toda mas nessas parte aí.

L: Teus irmãos também saíam?

A: Todo mundo, eu era o mais novo.

L: E todo mundo volta ou tem uns que ficam?

A: Tá todo mundo aqui, todo mundo tá trabalhando na roça agora, todo mundo.

M: Mas ainda tem um irmão dele, com a idade que ele tem..., quanto anos teu irmão tem?... Tô falando assim que tem um irmão seu que ainda foi para a usina no ano passado.

A: Ele vai todo ano... ele deve ter uns 56,57 [anos]. Ele vai pra qualquer lugar que levar ele.

(...)

L: Todo mundo trabalhou lá [em São Paulo, na construção civil ou no corte de cana] e no final das contas...

A: Tá todo mundo aí.

L: Mas todo mundo conseguiu construir casa? O dinheiro valeu?

A: Serve... aqui o único dinheiro que vale mais aqui é mais esse dinheiro de usina, serve muito aqui.

Sua fala e seu trabalho anunciam aspectos importantes para desvendarmos o camponês migrante do Vale: hoje Antônio cuida de quintais (do dele e de pessoas da sua família) cultivando alimentos junto com sua mulher, já trabalhou muito plantando capim “pros outros” em fazendas próximas, é pedreiro e carpinteiro (durante o dia o encontrávamos na construção de uma casa), é dono de um boteco que abre à noite e, tocador de pandeiro em Folia de Reis e encontros caseiros de música. Sua esposa, Márcia, trabalha nos quintais, tem uma loja de roupas (pegas em consignação em Araçuaí) na “garagem” da casa deles, foi uma mãe-cuidadora do projeto do CPCD e vende produtos de beleza como os da Avon nas casas das amigas. Ou seja, o saber camponês não se restringe à lavoura, à pecuária, às atividades relacionadas diretamente à lida com a terra. Em uma vila ou comunidade rural é comum encontrarmos pessoas que, além do trabalho na roça, se dedicam também ao artesanato, fabricando potes, cestas, redes, mantas de tecido ou lã; à saúde da comunidade como benzedeiros (as), rezadeiros (as), parteiras; à construção de casas, de barcos, de cercas; à eletricidade ou à mecânica. É justamente esta diversidade complementar de saberes, presente na comunidade, que confere a essa classe social uma maior autonomia na relação com o mundo mediado pelas mercadorias.

Antônio, arraigado ao seu lugar e ao trabalho na roça, acredita que em São Paulo não haverá mesmo mais trabalho para os homens pois uma máquina faz o trabalho de

100 homens. Contudo, acreditar na monocultura da cana se espalhando tão sem gente pelos campos paulistas lhe parece estranho. Ele tem uma hipótese do que pode acontecer em São Paulo que revela um pouco do imaginário camponês, no qual a terra deve produzir alimento:

A: Disse que agora eles vão proibir, né? Esse negócio de plantar muita cana, vai plantar é feijão, arroz, milho que tão faltando muito...

L: Ah, cê acredita nisso, Antônio?

A: Eu não. Mas dizem que é... disse que vai ser obrigatório plantar milho, feijão que tão faltando no mercado (...) disse que vão plantar 50% de cana – tem que produzir o açúcar e o álcool – e de 50%...

L: De comida?

A: É, diz que é.

M: Vai não, Antônio, vai não, vai não...

A: O pessoal precisa do açúcar, do álcool pra viajar, pra andar e pra beber. E vício de bebida que não tem álcool, é só refrigerante, né?

Osmar contou-nos que também já trabalhou na cana, foi bituqueiro, foi criado na roça (na década de 1960 quando sua família saiu da fazenda), passou fome, sabe plantar tudo, hoje é varredor de ruas e também cuida de uma roça junto com a mulher. O casal Dica e Osmar, novamente com toda a picardia que lhes é peculiar, revelou mais um entre os tantos trabalhos e ofícios, que conformam o saber camponês:

Dica: É ué... trabalho bastante. Já ajudei a bater foice igual homem. Roça que ele faz mesmo é nós dois mesmo que cuida, é nós dois que se vira pra cuidar de roça. Nós dois, qualquer coisa, qualquer tipo de serviço. Qualquer tipo de serviço, até velar defunto, eu trabalho até velando defunto.

Lúcia: Como é isso?

Osmar: [Até] Matar?

D: Matar não... tô falando qualquer coisa que eu faço: dar banho e depois velar.

L: Cês dois dão?

O: Damo.

D: Não. Quando é homem, ele dá em homem, quando é mulher eu dou.

O: Se o dono do corpo permite que eu posso entrar, eu vou, dou mesmo, tranqüilo, eu faço tudo na vida. A única coisa que meu pai não me ensinou é roubar. Agora de serviço faço tudo...

L: E velório? Aqui tem mulher que ganha pra chorar em velório?

D: Aqui não tem não... se tivesse eu ia arregaçar a boca de chorar.

(...)

D: Tem isso mesmo de verdade, né?

O: Eu já vi na televisão...

L: Tem aqui em Minas Gerais também, elas se chamam carpideiras, elas vão pra rezar, vão pra lá, elas rezam e choram.

O: Mas assim, sem ser nada da família?

L: Sem ser nada da família.¹⁰⁵

(...)

D: Eu choro também é por dó, né?

L: Cê chora?

D: A gente fica com dó e chora sim. Aquele mesmo [Osmar, o marido], ele servia [para ser carpideiro], porque ele não pode ver um chorando que ele abre a boca, mas chora... chora até por causa de novela.

(...)

O: Choro, choro mesmo...

¹⁰⁵ Os moradores desconheciam o ofício das carpideiras mas conhecem bem os ritos fúnebres que nas roças se mostram como um momento ímpar. Em outra ocasião, em outra comunidade, presenciei o morto sendo xingado e perdoado, dívidas sendo cobradas, as pessoas chorando, rindo, contando piadas (ao mesmo tempo e sem culpa), bebe-se cachaça, às vezes há comida para os que ficam velando o corpo...

D: Não... cê chora. Ele quase chorou agora, na hora que ele tava falando das canjiquinhas, quase chorou.

O: Da fome, quando tava falando da fome.

D: Ele não pode mesmo com uma coisa assim que ele chora mesmo, à toa.

O: Coração fraco, né? Não agüenta, não.

D: Ele servia pra ganhar dinheiro na reza do defunto.

O: Vixe Maria, eu ganhava dinheiro toda hora.

(...)

D: Não vi alguém pra gostar de defunto do jeito dele.

Filha: A senhora também gosta, a senhora passa a noite mais o pai.

D: Eu gosto ...

O: A gente vela, enterra...

D: Enquanto não põe os coitadinho dentro do buraco a gente não vem embora...

Estação de trem

Quintal: ao fundo, as chapadas

Ruas em Schnoor: ao fundo, chapadas apropriadas pela fazenda

Rio Gravatá: quintais e tabuleiros (em segundo plano, com cana-de-açúcar) produzindo

Rio Gravatá e os tabuleiros vazios

Caminho das roças em Schnoor

7

Alfredo Graça

*Ponta de areia ponto final
Da Bahia-Minas estrada natural
Que ligava Minas ao porto ao mar
Caminho de ferro mandaram arrancar
Velho maquinista com seu boné
Lembra do povo alegre que vinha cortejar
Maria fumaça não canta mais
Para moças flores janelas e quintais
Na praça vazia um grito um oi
Casas esquecidas viúvas nos portais
(Ponta de Areia. Milton Nascimento)*

As comunidades de Alfredo Graça e Engenheiro Schnoor localizam-se às margens do Rio Gravatá. Abrigaram estações de trem da antiga estrada de ferro Bahia-Minas¹⁰⁶, e “as viúvas nos portais”, cantadas por Milton Nascimento, estão presentes. São viúvas de um novo processo, viúvas da migração.

O “rastro do trem” está presente nas comunidades:

A vida era muito alegre, o trem passava três vezes por semana e carregava duas classes de gente: a dos mais e dos menos. (Donana – parteira da comunidade)

A comunidade conta com cerca de 160 famílias. Quando o ônibus “do Zé Maria” ou do “Rio Doce” – as duas empresas que têm ônibus diários, exceto aos domingos - fazem uma pequena parada na rua principal, para motorista e “trocador” tomarem um café oferecido pelo bar da parada, é possível avistar toda a extensão da rua principal, sua abertura em “y”, com a Igreja ao fundo uma praça na frente.

Ao longo da rua principal, com aproximadamente 300 metros de extensão, contamos um armazém e três bares, que além de bebidas vendem alguns produtos de mercearia. Os moradores da comunidade referem-se “à rua” para indicar que moram no centro da vila, que conta com três ruas. O rio está ao fundo de uma delas, paralela à principal.

Há casas também do outro lado do rio, que na estação da seca pode ser atravessado pelo cascalho, com água abaixo do joelho, ou pode ser atravessado pela

¹⁰⁶ A linha Bahia - Minas foi desativada no bojo do processo que riscou do território brasileiro as estradas de ferro na década de 1960.

ponte pênsil. Do outro lado, encontram-se o assentamento “Para Terra”, o campo de futebol e as tendas de farinha.

Como em Schnoor e em muitas outras comunidades do Vale, os moradores de condição, posseiros e sitiante do Graça perderam o direito à terra nas décadas de 1960 e 1970.

Seu Jorge e Dona Maria, que têm 70 anos, contaram que seus pais eram agregados, na década de 1920. Habitavam no mesmo lugar em que o casal se encontra hoje: do outro lado do rio na comunidade do Graça. Quando as terras foram vendidas para um homem de Governador Valadares, os moradores de condição foram consultados se queriam sair da fazenda. Muitos aceitaram casa e quintal na “rua”. Seu Jorge e Dona Maria não quiseram sair, *não exigiram nada* e continuaram na terra. Hoje Seu Jorge trabalha nas terras do assentamento plantando milho e mandioca. É dono de uma tenda de farinha no Graça que contrata por dia muitas mulheres na época de *farinhar*. Seu Jorge já é aposentado, trabalhou muitos anos no corte de cana.

7.1 Assentamento Para a Terra

Uma das características mais marcantes do Graça, que o distingue do Schnoor, é a presença de um assentamento rural chamado “Para Terra”, apoiado pela EMATER. Diferentemente de todo o exposto até o momento, há um território no qual a família consegue, unida, lutar por sua reprodução.

Dez famílias do Graça se juntaram para plantar um mandiocal e montaram uma associação. Tentaram acessar o PRONAF mas não havia ainda uma linha para a região. Devido ao poder de organização do grupo, quando houve uma verba destinada a Araçuaí

para um assentamento com agricultura irrigada eles foram lembrados pela EMATER, órgão que assessora as comunidades e faz o repasse da verba do MDA. O grupo começou com 55 famílias e 25 famílias foram escolhidas para dar continuidade ao assentamento.

Bernardo e Leca gostam de cultivar a terra e foram os primeiros a conceber e integrar o projeto do assentamento. Eles relataram brevemente a origem do assentamento, sua trajetória e seus desvãos.

Em 10/12/2000 foi efetuada a compra da terra por intermédio do programa Banco da Terra. Em 2001, 750 ha de terra foram divididos entre 21 famílias (quatro famílias saíram antes da divisão) e destes 750 ha, apenas 12 ha recebem a irrigação. O restante, com exceção da reserva natural e dos caminhos, foi dividido entre as famílias. Cada família recebeu cerca de 32 hectares. Nesse lote de 32 hectares se planta uma vez por ano. Em 2002, chegou o primeiro recurso do PRONAF B.

Segundo os assentados, a fazenda¹⁰⁷ que deu lugar ao assentamento foi comprada e os assentados devem para o Banco do Nordeste a terra, cerca de 120 mil reais, mais 164 mil reais a fundo perdido. O assentamento originou-se segundo os preceitos da reforma agrária de mercado.

Com recursos advindos do *Projeto de Compra Direta Local*, idealizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), os assentados vendem sua produção agrícola para a prefeitura que a distribui às escolas para ser incorporada à merenda.

¹⁰⁷Lembremos que as grandes fazendas que se ocupam da pecuária (ou não se ocupam de nada, existem apenas como reserva de valor) foram forjadas há décadas mas encontraram, a partir da década de 1960, uma série de dispositivos legais promulgados pelo Estado brasileiro que contribuíram para sua consolidação.

Os 12 hectares de terra irrigada do assentamento são muito produtivos. No entanto, para que eles possam irrigar a terra utilizando os recursos do PRONAF B¹⁰⁸, tiveram que alterar radicalmente o ritmo de trabalho. A Companhia Energética de Minas (CEMIG) dá um desconto de 75% na conta de energia de quem utiliza bombas para puxar a água do rio, se elas forem ligadas das 18:00 às 6:00 horas¹⁰⁹.

As famílias, para acessar esse desconto, se revezam para tomar conta da bomba e mudar o ponto de dispersão da água. Trabalham portanto no período da noite: levam água, café, comida, cobertas, para resistir a noite passada ao relento (há poucas casas no assentamento pois ele dista cerca de 15 minutos da vila). A família que se ocupa em vigiar a bomba muda sua posição a cada meia hora, a fim de irrigar os 12 hectares que são divididos pelas famílias do assentamento, localizados em um tabuleiro à beira rio. No dia seguinte, por não terem dormido, não conseguem trabalhar bem na terra.

A terra é paga uma vez por ano. São R\$ 8.000,00 divididos pelas 20 famílias, cerca de R\$400,00 por família/ano até 2019. O PRONAF B é pago duas vezes por ano (R\$ 120,00), e deverá ser pago até 2010. Quase todas as famílias conseguem pagar as dívidas e contas (Pronaf, terra, luz, água) com os produtos cultivados na terra irrigada. São somente 0,6 hectares irrigados por família. Segundo Rogério,

Aqui em baixo [no tabuleiro irrigado] produz muito, a mandioca (de maio a outubro) já acabou. Falta produção, o que a gente produz vende tudo. Dá pra viver sossegado, sem trabalhar pra ninguém. Se tivesse mais meio

¹⁰⁸ "Criado em 1999 no âmbito do Pronaf para combater a pobreza rural, o Microcrédito Rural (também conhecido como Grupo B do Pronaf) é estratégico para os agricultores familiares pobres, pois valoriza o potencial produtivo desse público e permite estruturar e diversificar a unidade produtiva. Pode financiar atividades agrícolas e não agrícolas geradoras de renda. São atendidas famílias agricultoras, pescadoras, extrativistas, ribeirinhas, quilombolas e indígenas que desenvolvam atividades produtivas no meio rural. Elas devem ter renda bruta anual familiar de até R\$ 5 mil, sendo que até 70% da renda podem ser provenientes de outras atividades além daquelas desenvolvidas no estabelecimento rural." Fonte:

<<http://comunidades.mda.gov.br/portalsaf/programas/pronaf/2258903>>. Acesso em: 02/04/2010

¹⁰⁹ A conta, que fica perto de R\$350,00, é dividida pelos 15 que estão produzindo e resulta em R\$25,00 para cada família.

hectare para cada família daria para levar para a feira quiabo, cenoura e verdura e tirar R\$150,00 por semana.”

Os assentados esperam que o Projeto Caminho das Águas (CPCD)¹¹⁰ chegue a todos os lotes do assentamento. Há também assessorias prestadas por agricultores de permacultura que vão para o assentamento e ensinam preservação ambiental, plantio em curvas de nível e captação de água das chuvas com a construção das “barraginhas”, poços construídos na terra para evitar a erosão na época das chuvas.

Um dos lotes visitados no assentamento foi o de Celso. As terras não irrigadas foram sorteadas entre as famílias, o desenho dos lotes foi feito em reuniões pois a fertilidade da terra muda muito conforme se distancia do rio. Celso teve sorte no sorteio e sua terra não-irrigada também é fértil. Em dois anos, Celso produziu, pagou as contas e recebeu a primeira cisterna da comunidade com capacidade para 16.000 litros de água.

Para construir sua casa no assentamento, Celso migrou para o corte de cana em São Paulo por dois anos. Segundo Dedé, esposa de Celso, ele ia para o corte no início do assentamento e na volta, com o dinheiro ganho, investia em bezerros. No seu lote, chamado *sítio*, formou pasto e criou vacas que foram vendidas para inteirar o dinheiro da construção da casa. A parcela do lote transformada em pasto também era alugada para outros cortadores que se utilizavam, e continuam se utilizando, dessa mesma estratégia como investimento camponês.

Seu lote é um dos mais promissores e bonitos e já recebe assessoria do CPCD. Uma frase sua conduziu nosso olhar durante os trabalhos de campo no assentamento: “Tem

¹¹⁰ Terceiro projeto assumido pela ONG CPCD. Nesse projeto as monitoras ensinam produção agroecológica, cuidado com as águas e seu armazenamento, entre outros temas.

dia que eu acordo sozinho, rindo, só de ver o sítio.” Pais de 8 filhos, Celso e Dedé têm um filho mais velho que em 2009 foi para o corte de cana, sonhando em ficar no sítio.

Valdomiro, também é assentado. Planta milho, feijão e cana em seu lote localizado perto do rio. A cana é vendida ao alambique próximo¹¹¹, o milho e o feijão são vendidos no mercado. Com a renda advinda destas três culturas, ele e sua esposa pagam as dívidas. Para o *trocado diário* eles fazem uma horta com cenoura e beterraba.

A produção dispensa, por opção de todos os assentados, venenos. Segundo Valdomiro: *“Nós não bate veneno, só arruda, losna, pimento e fumo.”*

Érica, esposa de Valdomiro, foi uma das primeiras mulheres, em 2001, a iniciar as discussões sobre o assentamento “Para Terra”. O marido não estava de acordo e, segundo ela, a conversa dos dois na época era: *“(...)Cê vai entrar? Vou. Cê vai pra cadeia. Vou. Vou mas vou feliz. (...)”*. O *negócio dele era o medo da dívida*. Quando Maria Emília quis entrar sozinha no assentamento, a EMATER apoiou-a: *“você todos devem ficar felizes porque tem uma mulher.”* Érica dizia: *“Eu vou, vou ter meu lugarzinho.”* Hoje o marido ajuda na produção juntamente com os filhos do casal. Quando perguntada sobre a miséria, Érica respondeu: *“aqui não há miséria, nós somos pobres mas fome não passamos.”* Sua casa, localizada na rua principal do Graça, é toda enfeitada de flores. Seus filhos nasceram na mão de Donana, a parteira de Graça, com exceção do último que ela quis que nascesse sozinho, somente com ela em casa, pois havia uma orientação médica recomendando que ela fosse para a cidade pois a gravidez era de risco. Ela se escondeu de todos no momento do parto orientada pela sua experiência e fé. Chamou a parteira somente para cortar o umbigo.

¹¹¹ Em Schnoor também há uma pequena produção de cana que alimenta os alambiques, segundo Antônio: *a cachaça não rotulizada é muito santo melhor que a outra*. Araçuaí encontra-se na região de Salinas conhecida por produzir boas cachaças. Os grandes alambiques compram dos pequenos a fabricação de cachaça.

As entrevistas e conversas com as mulheres do assentamento ocorreram, quase todas, a caminho do lote ou já no lote. A conversa com Érica entremeava histórias de luta pela terra, de parto e de dor e ensinamentos sobre a roça e sua nova descoberta: o biofertilizante preparado pelas mulheres da horta comunitária.

Perto do lote de Érica, os assentados, Bernardo, Seu João e Celso, acompanhavam, em janeiro de 2008, o trabalho do trator nas terras irrigadas. Com o dinheiro do PRONAF B, eles pagaram adiantadas as diárias do trator da prefeitura. Normalmente o custo é de R\$60,00 por hora, com desconto e pagamento à vista e adiantado conseguiram o valor de R\$34,00 por hora. O município de Araçuaí dispõe de dois tratores e de dois caminhões-pipas, que são insuficientes para atender a demanda das comunidades rurais. Um dos tratores fica todo o tempo no abatedouro da cidade. Segundo os próprios assentados, se houvesse ao menos um trator para cada rio (Gravatá, Setúbal, Calhauzinho, Piauí, todos afluentes do Araçuaí) os agricultores conseguiriam arar a terra com uma frequência mais adequada.

Na terra em que o trator trabalhava, um dos meninos de João fazia planos para a roça que plantaria antes de ir para o corte de cana na cidade de Olímpia em São Paulo. No pequeno tempo de descanso entre uma safra e outra de cana, alguns homens fazem roça e horta, que continuam sendo cuidadas pelas mulheres durante os nove meses consecutivos. Retornam ao corte em fevereiro sem terem descansado. A roça é garantia da segurança alimentar da família, é a prudência.

O ritmo de trabalho no lote é administrado pela família tendo em vista as a disponibilidade de água e trator, as condições climáticas e a divisão de gênero. Esse ritmo de trabalho e vida tem meandros: alegria, liberdade, autonomia em relação ao que vai ser cultivado e de que forma. O trabalho é familiar e abarca a participação das crianças que

aprendem a lidar com a lavoura. Como apenas relatado, esses assentados também enfrentam, como tantos de outros assentamentos no Brasil, o desafio de preparar o filho para roça e para o estudo, acessar crédito, comercializar a produção e trabalhar de forma coletiva.

O lote, para garantir a reprodução familiar não poderá ser dividido por muitas gerações, às vezes nem mesmo por todos os membros da segunda geração. O filho de Seu Pimenta, segundo Bernardo, parece que foi campeão de corte na usina em que trabalhou e sua intenção é juntar dinheiro para não voltar mais para o corte. Ele ainda migrará por alguns anos até poder deixar o trecho.

A maioria dos homens que não estão no assentamento não tem espaço para a roça. Partem para São Paulo e na volta descansam em sua casa ou investem, quando têm algum dinheiro, na reforma da casa. Segundo Bernardo: *esses chegam, cruzam os braços e não trabalham na roça*. A terra concentrada nas mãos de poucos continua sendo uma característica de algumas comunidades do Vale e do Brasil. Segundo Rogério:

Os coronéis foram enfraquecendo mas ainda tem muita terra, mais de 80 alqueires praticamente sem criação pertencem a Dona Laura. Aqui no Graça quem tem um pedacinho de terra é o pessoal do assentamento. Tem outros dois que têm dois pedacinhos de terra.

Contrapondo-se ao ritmo do trabalho e da vida no assentamento encontramos o relato sobre os mortos no canavial: o sobrinho de Bernardo, chamado Zé Nascimento (de Zaira), foi achado morto no eito e a causa da morte permanece desconhecida. Marcando também esta comunidade, encontramos a migração das mulheres para Brasília com o sonho de se tornarem vendedoras e estudarem, tal como fez a filha de Tibério e Dona Nezinha.

7.2 Mulheres plurais

As entrevistas com as mulheres do Graça que têm seus maridos no corte de cana revelaram conteúdos semelhantes aos encontrados em Schnoor: depressão, tristeza, medo do abandono, *presença persecutória dos maridos* por meio do olhar da comunidade, orgulho dos homens trabalhadores e das mercadorias compradas com o dinheiro do corte. Em Schnoor, devido à intimidade construída ao longo dos trabalhos de campo, foi possível gravar entrevistas, fazer perguntas mais ousadas, participar por alguns dias da vida cotidiana; estas circunstâncias fizeram com que as descobertas da pesquisa, concernentes à vida das mulheres “viúvas” fossem mais profundas.

Durante a pesquisa de campo no Graça, ao nos depararmos com o assentamento, conhecemos uma outra experiência com o tempo e o espaço ordinários muito distinta da experiência vista em Schnoor, profundamente marcada pela migração dos homens. No Graça, durante a nossa permanência, dedicamos mais tempo às mulheres do assentamento do que às mulheres que têm seus homens no trecho.

Na cozinha da casa dos assentados Leca e Bernardo, o trabalho camponês feminino descortina-se: não só na roça, nos quintais e nos afazeres domésticos, a mulher trabalha. Ela se responsabiliza por toda a economia doméstica, faz salgados e doces sob encomenda e, faz na cidade todos os cursos que pode para complementar/diversificar a renda tais como: curso de queijo e derivados, compotas e geléias, bordados em pano de prato, horta orgânica, pickles, licor, composteira, biofertilizantes e cuidado com sementes crioulas. Tal como em Schnoor, elas podem também vender produtos deixados por

mascates. O cuidado com o quintal e com a horta também é de responsabilidade das mulheres.

A filha, Ângela, enquanto conversávamos, fazia peças de artesanato: peças de decoração para presentear as visitas que seu filho receberia quando nascesse, ela estava grávida de 5 meses. Enquanto a entrevista acontecia, nem mãe nem filha, ficavam com as mãos paradas. Fosse limpando frutas para compota, lavando vasilhas, fazendo artesanato, dando milho às galinhas, as mulheres estavam sempre ocupadas. Às vezes paravam um pouco, cruzavam as mãos para se dedicar mais à conversa e depois retomavam seus afazeres. Faziam, falavam, riam, paravam, retomavam. O trabalho não se separa das outras esferas da vida.

No Graça, as mulheres ocupadas com casa e roça me levavam para onde iam - e iam contentes: ver a roça antes das 9:00 horas, preparar almoço na hora em que sol esquentava (e no sertão isso acontece cedo!), cuidar da casa, do quintal, voltar à tarde para a horta junto com as outras mulheres, rezar na festa e depois, encerravam o dia assistindo TV com toda a família¹¹².

A casa de quase todos assentados localiza-se na vila. As mulheres também plantam uma horta no quintal que é naturalmente fertilizado com as cheias do rio. Tal como boa parte dos ribeirinhos, as culturas cultivadas beira-rio contam com a subida e descida das águas que organizam o calendário agrícola anual. Muitos quintais do Graça terminam no rio, fato este que possibilita uma agricultura mais farta.

Leca e Bernardo mostraram o arroz colhido e não beneficiado (não tem a cor e a homogeneidade do arroz de pacote), ofereceram geléias e compotas feitas por Leca. O

¹¹² Já em Schnoor, eu agendava a entrevista gravada. As mulheres ocupadas com a casa e com os filhos, estavam me esperando em suas cozinhas e quintais. Eu ajudava o tempo passar.

casal ponderou sobre como os produtos cultivados no quintal (situado na vila) e no lote do assentamento, distante cerca de 15 minutos a pé da vila, transformam-se em mercadoria nas cidades: “(...) *Na cidade, a comida vira um negócio como roupa, sapato.*” A indignação ocorre pois cada vez mais eles devem apresentar produtos agrícolas com uma estética urbana que os homogeneíza. Segundo Bernardo, para se produzir o milho que o consumidor da cidade quer comprar é necessário adquirir sementes e todo o pacote tecnológico que as acompanha, fato este que não está de acordo com uma produção mais saudável e biodiversa, conduzida pelo campesinato.

Enquanto na cidade os produtos do campo são mercadorias que devem assumir uma estética urbana, para o camponês eles são saúde, alegria, fartura e certeza de continuidade.

Em um pequeno espaço de terra cedido pelo assentamento, as mulheres do assentamento e da comunidade organizaram uma horta comunitária. Mesmo mulheres que não são assentadas podem plantar e todas colhem juntas. São 7 mulheres que se reúnem diariamente, no final de tarde, para cuidar da roça. Ali há produção de biofertilizante, verduras, legumes e frutas. É um espaço feminino de produção de alimentos. Na colheita semanal, a produção é dividida entre todas. Quando uma não pode ir num dia avisa às demais e às vezes manda um filho mais velho para ajudar a capinar a horta.

Teodora, dividida entre a cidade e a roça, é uma das mulheres que mais participa e quem teve a idéia da horta comunitária. Ela é uma das lideranças da comunidade e há muito tempo que seu marido também migra para o corte, todos os anos invariavelmente. Optaram em ter somente um filho, Fábio, para que ele pudesse ter um destino diferente,

para que pudesse estudar mais na cidade¹¹³. Segunda ela: *“Todos os homens que têm coragem vão para o trecho, os que são fracos é que ficam. Em Graça, há o melhor cortador de uma usina. O melhor pode ganhar moto, DVD, conforme a usina.”* No segundo encontro com Teodora, passados mais de um ano e meio, ela afirmou: *“Nós somos mulheres guerreiras.”*

A casa dos pais de Teodora¹¹⁴ traduz as relações pautadas no parentesco e no compadrio. Localizada na outra margem do rio, perto do campo de futebol e das tendas de farinha, a casa de Seu Jorge e Dona Maria abrigou 7 filhos: 3 mulheres e 4 homens – esta informação é sempre dada logo que perguntamos quantos filhos o casal tem, me parece uma característica do nosso campesinato bem como informar quantos vivos e quantos mortos. Destes quatro, migram: uma mulher para Brasília e três homens para o corte de cana.

A casa deles, segundo Jorge *“(...) não fica sem menino dos outros. A mãe [a esposa] gosta e eu não desprezo. Já adotamos duas famílias inteiras que foram abandonadas pela mãe.”* Muitas pessoas da comunidade passam por ali para pedir à benção à mãe de Teodora, sentam-se um pouco, tomam café (que nem mesmo o casal sabe como dá conta de ter tanto café em casa), proseiam um pouco e seguem. Dois meninos da comunidade almoçam todos os dias com eles pois são de família mais pobre.

As mulheres, filhas, afilhadas, sobrinhas e netas, reunidas no quintal dos pais de Teodora, dedicavam-se ao cuidado com as unhas e se despediam de uma das filhas do casal que mora e trabalha em Brasília¹¹⁵ como doméstica, mas retorna todas as férias para

¹¹³ O sonho do menino é ser mecânico de carros e motos como seu tio na cidade.

¹¹⁴ Teodora, no capítulo sobre Schnoor, foi uma das duas mulheres que não se queixou da solidão.

¹¹⁵ Brasília é um destino comum para as mulheres nesta comunidade devido à rede social que se formou com os primeiros migrantes que foram para a capital e abriram um bar. A filha de Tibério migrou para

junto dos pais, levando presentes para o filho, entregue aos cuidados dos avós. Muitas mães perdem seus filhos e filhas para a migração e ficam criando os netos até o momento que estes, crescidos, podem acompanhar a mãe fora da comunidade. Dupla perda.

Marilda é uma das monitoras do projeto Caminho das Águas do CPCD, com foco no cuidado com a terra, a água e o lixo¹¹⁶. Não há coleta de lixo de nenhuma espécie, nem tratamento de água e de esgoto na comunidade. A água é captada diretamente do rio (a montante do Graça há várias comunidades e um distrito, Schnoor, sem tratamento de esgoto), enviada para uma caixa d'água geral e dali, sem tratamento, distribuída para a caixa de cada casa. A água para ser tomada é fervida e armazenada nos "buiões" (potes de barro). Todos os projetos idealizados e geridos pela ONG CPCD nas duas comunidades contam com mulheres, seja para serem mães-cuidadoras, seja para serem monitoras em projeto voltado à conservação da natureza. A ONG busca chamar aquelas que são indicadas pelo seu potencial de liderança e também aquelas que estão à margem da comunidade. Uma das mães-cuidadoras do Graça era mãe solteira, alcoólatra e estava grávida (solteira novamente) de gêmeos.

Uma parcela da sociabilidade da comunidade é marcada pelas mulheres do assentamento que, junto com seus maridos, trilham, passo a passo, diariamente, *tempo e espaço ordinários*: de trabalho, de luta, de alegria, de conquistas e perdas.

As mulheres são como as águas: plurais. Os homens, quando reduzidos à força de trabalho na usina, são como a seca, no singular e no aumentativo: "*sequidão*".

Brasília, conseguiu fazer faculdade à noite e hoje é professora de português concursada. Há também domésticas, vendedoras e babás.

¹¹⁶ O projeto Caminho das Águas orienta os moradores a queimar o lixo inorgânico (depois de reutilizá-lo e reciclá-lo) e enterrar os orgânicos para formar terra-adubo. As monitoras passam em todas as casas dando as orientações. Também ensinam a fazer horta no quintal seguindo os princípios da permacultura: espiral de ervas, canteiros de verduras e legumes, plantio consorciado de árvores.

7.3 Estado, migração, recursos

O bolsa-escola e o bolsa-família, programas de transferência de renda do Estado brasileiro, somados ao seguro-desemprego, superam o valor do crédito rural que uma família pode acessar. É mais vantajoso, numa lógica racional pautada no econômico ou na necessidade, receber as bolsas, o seguro- desemprego e ir para o corte de cana do que cultivar a própria terra – quando há terra para ser plantada.

Dolores, agrônoma da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - (EMATER)¹¹⁷, mostrou-se indignada com a realidade presenciada no centro de Araçuaí. Um caminhão havia chegado carregando motos compradas pelos cortadores ainda São Paulo; as filas para dar entrada e acessar o seguro-desemprego iniciavam-se ainda na madrugada na porta da Caixa Econômica Federal assim que os cortadores de cana chegaram do trecho.

Segundo ela, a explicação que a Emater dá para aqueles que pedem os créditos rurais expõe parcialmente a política de créditos para os pequenos produtores brasileiros. Existe uma diferença entre os *moradores rurais* e os *agricultores familiares*, somente estes últimos é que podem receber o Pronaf B¹¹⁸. Nem mesmo a mulher que fica com o restante da família pode solicitar o crédito.

As famílias devem ter renda bruta anual de até R\$5.000,00, sendo que 70% dessa renda pode advir de atividades realizadas fora do estabelecimento rural. Durante 8 ou 9 meses os cortadores, pais de família, enviam perto de R\$400,00 para a esposa. A renda da

¹¹⁷ Cabe um agradecimento especial pela gentileza com que fui recebida e pelas horas que Dolores disponibilizou para responder a um leque grande de perguntas.

¹¹⁸ Para aprofundamento consultar <<http://portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/pronaf/2258903>>

família que tem o homem no corte supera os R\$ 5.000,00. A política de crédito para o campesinato corrobora para a sua transformação em força de trabalho.

Dolores entende que o produtor pode migrar (e que produtores por falta de crédito também migram) para se capitalizar e, se já detém a posse da terra e o roçado, pode investir na produção mas, *infelizmente*, não pode receber crédito¹¹⁹. Muitos se capitalizam, formam o capital de giro com o dinheiro da cana, para dar conta da agricultura.

“O corte de cana inviabiliza a agricultura familiar e as políticas de crédito não contribuem.” (Dolores, em comunicação pessoal, 18/01/2008)

Os homens migram porque há muitos processos espoliando-os da terra, dificultando e dilapidando os créditos para a agricultura, transformando-os em força de trabalho.

Acessa o seguro-desemprego quem está desempregado no momento da solicitação e tiver recebido salário durante seis meses consecutivos, com carteira assinada por pessoa jurídica, nos 36 meses anteriores à solicitação.

As usinas podem registrar o trabalhador por nove meses por ano, despedi-lo e recontratá-lo dali três, quatro meses. Nesse período, o custo de manutenção desse trabalhador é externalizado para toda a sociedade. O Estado brasileiro financia o agronegócio (como vimos no capítulo 2); não investe na produção familiar (camponesa) por não acreditar na importância desse setor para a produção de alimentos e elabora políticas de redistribuição de renda para manter o controle social. Ao corroborar com esse processo, o Estado cumpre o papel de institucionalização da margem: o papel de produzir a força de trabalho no Vale e mantê-la, através de suas políticas econômicas e

¹¹⁹ Ela mesma reconhece as limitações para o crédito e a fragilidade dos critérios.

sociais, mais dócil. O Estado novamente compõe com o setor do agronegócio uma estratégia única.

Bernardo estima que havia na comunidade cerca de 180 famílias que trabalhavam com a roça e com o pastoreio, “(...) *agora com esta história do corte de cana muitos não mexem mais.*” Uma judiação, segundo Seu Jorge, pois “(...) *a terra do Graça é muito boa para lavoura, tudo que se planta dá, só falta mesmo é a água. Não é preciso ‘tombar’ a terra ou fertilizá-la.*”

No Graça, chama a atenção de todos e é motivo de muita queixa pelos mais velhos, o barulho provocado pelos meninos “retornados da cana”. Quando chegaram em 2008, quase todos juntos no mesmo ônibus, trouxeram muitos fogos de artifício e os soltaram desde a estrada para avisar as mulheres, os filhos e toda a comunidade que estavam finalmente chegando. Esses fogos foram trazidos em grande quantidade e de tempos em tempos são lançados, assustando a todos. As motos, trazidas também, são motivo de muito orgulho.

Os mais jovens fazem questão de passar nas duas ruas da vila correndo muito, ameaçando a tranquilidade das mulheres e das crianças que ocupavam a rua tranquilamente.

As estratégias perpetradas pelo campesinato para a sua reprodução social, na contra-mão das estratégias do Estado e do capital, também indicam o quanto estão no limite, na margem. Na margem de um sistema que os torna força de trabalho, mas os integra muito precariamente no mundo da produção e do consumo de mercadorias. Na margem de um modo de vida camponês que pode se realizar, como temos demonstrado, quando a família encontra meios para se manter unida, com terra e condições para

plantar, tendo chance de trabalhar com a atividade que mais gosta no campo e em sua comunidade.

As famílias que não têm terra para plantar, ou seja, a grande maioria, experimentam a condição de vida na margem. Sabem o que podem esperar de melhor de cada mundo e vivem o pior. Contraditoriamente, estão dentro e fora de dois mundos com concepções diferentes em relação ao trabalho, à liberdade, à autonomia, à família, a terra, à mercadoria, à individualidade/comunidade, ao valor de uso e troca e à vida.

Velha estação de trem abandonada, os moradores esperam a prefeitura construir um ginásio para a comunidade nas dependências da estação

Uma rua no Graça

No Graça, menino conduz os animais com capim na rua principal da comunidade

Uma casa de migrante-camponês no Graça

Lote de Celso com a casa construída e cisterna

Quintal no Graça: jirau para armazenar milho e mandioca para a criação

Horta comunitária das mulheres do Graça

Espiral de ervas: uma das lições agroecológicas do Projeto “Caminho das águas” do CPCD

Menino voltando do rio levando a boiada

Paisagem na época das águas

Considerações finais

A pulsação do mundo é

O coração da gente

O coração do mundo é

A pulsação da gente

Ninguém nos pode impor, meu irmão

O que é melhor pra gente.

(De magia, de dança e pés. Milton Nascimento)

Xilogravura de Poty

Após percorrer tantos meandros, trilhar tanto chão de sertão, esta tese de doutorado chega ao fim. Um fim que não sinaliza a solução de um problema conceitual (são camponeses ou proletários? proletarizar-se-ão ou não?), mas espera ter sinalizado um dos caminhos possíveis para o entendimento de duas questões que se entrecruzaram: questão migratória e questão agrária.

O caminho encontrado durante a pesquisa, para entender a vida que se desvela no Vale, foi a análise crítica de uma parcela das práticas cotidianas - que por sua vez expressa uma parte do conjunto de relações sociais - vividas por moradores de comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha.

A observação das práticas cotidianas evidencia a precariedade da vida quando sob o signo do econômico e demonstrou a fragilidade e a força da vida do povo que mora do Vale. Essa fragilidade, conforme abordado, tem uma série de origens. Entre elas, a dupla expropriação que as famílias do Vale sofrem: em Minas, a perda da terra e de seus usos comuns desde a década de 1960 em nome da modernização conservadora, da consolidação da Fazenda e da territorialização das empresas de eucalipto; e, em São Paulo, o consumo desenfreado da força de trabalho dos homens liberados da terra em Minas. Contraditoriamente são expulsos das terras, pelas empresas papeleiras e pela fazenda de gado, e se mantêm no Vale, tornando-se “migrantes-temporários” e, por meio disto, viabilizando a reprodução do capital.

Lefebvre parte da crítica do cotidiano para analisar a práxis da sociedade burocrática de consumo dirigido. Ele cunhou o termo cotidianidade tendo em vista as

transformações observadas na sociedade francesa e significativas da realidade capitalista mais ampla, no período que se estende a partir do pós-segunda grande guerra.

A vida dos camponeses-migrantes não se insere na cotidianidade tal como criticada por Lefebvre (1991 e 1978)¹²⁰. É pior do que a cotidianidade. Os homens cativos da atividade da cana e suas famílias estão na margem, sequer podemos pensar em cotidiano com todo seu aporte conceitual já construído. É uma situação, como mencionamos (e sugerido por Lefebvre quando analisava o *Ulisses* de Joyce) de guerra, não de cotidiano.

O conjunto de significados da modernidade não é vivenciado em sua totalidade pelos camponeses-migrantes e sua família e talvez, assim como a proletarização, nunca o seja. Há uma experiência de tempos-espacos distintos acontecendo contemporaneamente: o lugar de exploração da força de trabalho, de moradia precária, das relações sociais mediadas pela forma-mercadoria não é o mesmo que o lugar das práticas e da vida camponesa. A permanência de uma casa de morada no Vale cria um diferencial: os homens migram e suas famílias permanecem nas casas. A distância entre o lugar de exploração da força de trabalho e o lugar da vida, no Vale do Jequitinhonha, marca a diferença entre estes tempos-espacos, vivenciados de forma ambígua por aqueles que estão na “margem”.

Há inúmeros conflitos acontecendo no Vale: a dor das mulheres, a luta para continuar com a família na terra de vida, a dependência das mercadorias compradas com o dinheiro “da usina”- sequer o dinheiro do trabalho lhes pertence! A família, um dos

¹²⁰ Os conceitos de cotidiano, cotidianidade, moderno e modernidade são trabalhados em detalhe por Lefebvre em “A vida cotidiana no mundo moderno” e “De lo rural a lo urbano”. Destacamos um pequeno trecho que não é síntese mas pode dar pistas dos significados atribuídos pelo autor: “(...) dois conjuntos de fatos ligados e correlativos: a cotidianidade e a modernidade. Esta é uma aureola daquela e a encobre, ilumina e esconde. São duas faces do espírito do tempo. Ao cotidiano, conjunto do insignificante (concentrado pelo conceito), responde e corresponde o moderno, conjunto dos signos pelos quais essa sociedade se significa, se justifica, e que faz parte da sua ideologia.” (1991, p.30)

pilares do tripé que sustenta o campesinato na ordem moral camponesa, também está na “margem”.

No Vale, as mulheres carregam o triste fardo da ausência dos maridos e das transformações de sua condição camponesa. Contudo, ainda assim, há um modo de vida que pulsa e que se territorializa.

Poderíamos ser questionados se as práticas cotidianas destas comunidades não seriam efêmeras, datadas ou “lugarizadas”? Como justificar sua importância central?

Entendemos que as práticas cotidianas estão em movimento, são informadas pelo costume e guardam as contradições fundamentais dos processos de reprodução do capital em tensão com a reprodução da vida do trabalhador. De acordo com Lefebvre (1991, p.38): “É na vida cotidiana que se situa o núcleo racional, o centro real da práxis.” As grandes transformações na sociedade podem advir, ou de fato se realizam, quando as práticas cotidianas, no que elas têm de mais corriqueiro, banal, ordinário (termo muito utilizado ao longo da tese) forem libertárias. É no fluir do dia-a-dia que a vida é tecida e que a práxis pode ser transformada. Mas é justamente este fluir que foi interrompido pela *expulsão-compressão* (Moura, 1988) dos camponeses do Vale, como tratamos no capítulo 3 e continua sendo interrompido pelo trabalho *Extra-ordinário* dos homens em São Paulo no corte de cana.

A migração dos homens do Vale para o corte de cana em São Paulo e as possibilidades de reprodução social de sua família e comunidade rural apontam as fragilidades da modernidade, da urbanidade e da lógica capitalista na vida do Vale.

Para o campesinato, a luta pela terra associa-se ao direito de se reproduzir enquanto grupo social. A vida por um triz, a vida na “margem”, revela todo o custo e luta daqueles que sabem onde têm o umbigo enterrado e não têm mais terra para plantar. A

luta faz sentido para realizar um modo de vida informado por outros valores, esta é uma dimensão da luta cotidiana. As lutas pela permanência no território e no tempo ordinário, são lutas duradouras, resilientes e perduram na história, visam reafirmar uma visão de mundo, uma ordem moral (e não se restringem ao aspecto econômico).

A territorialização das famílias dos camponeses-migrantes mostrou-se frágil através do estudo de suas práticas cotidianas. No Vale, o modo de vida camponês busca uma nova existência, com práticas e costumes conhecidos, mas sem os homens (elemento central do trabalho familiar) e a terra.

Geografizar as práticas cotidianas implica entender como os grupos sociais se territorializam e todas as contradições desse processo, muitas contradições com origem no embate entre uma ordem camponesa e uma racionalidade econômica imposta pelo capital.

O território, tal como entendido por Oliveira, é produto da luta de classes,

(...) deve ser apreendido como síntese contraditória, como totalidade concreta do processo / modo de produção / distribuição / circulação / consumo e suas articulações e mediações supraestruturais (políticas, ideológicas, simbólicas etc.) em que o Estado desempenha a função de regulação. (OLIVEIRA, 1999, p.74-75)

O atual momento histórico nos desafia a lançar luz sobre a realidade em toda a sua complexidade; o entendimento do social é mais complexo, múltiplo e não se reduz ao econômico. A análise da questão agrária e do campesinato continua sendo uma velha e boa discussão que ganha novos sentidos e conteúdos – a migração, entre eles.

A reforma agrária, e todo o conjunto de reformas que ela requer, continua não sendo uma opção, política e econômica, do Estado brasileiro contemporâneo. Uma

reforma profunda alteraria também a relação campo-cidade, quiçá alteraria as relações entre as classes sociais.

Há duas perguntas feitas por bons professores que sempre me intrigaram: qual o potencial revolucionário do campesinato? O que resta quando não há mais mercado?¹²¹

Esse é o potencial revolucionário e utopia camponesa: lutar não orientado pela lógica do capital, prescindido das mercadorias e não tornando terra e trabalho em mercadorias. Viver de acordo com os ciclos, dando lugar às surpresas, à reciprocidade, às atividades criadoras e ao mistério.

O fato de o campesinato ser classe social (subordinada, subalterna, sempre explorada economicamente) e ser modo de vida (organizado por outra ética e outra ordem) fazem com que a reflexão acadêmica se torne mais difícil. Ora se sobressaem as análises que entendem que o modo de vida camponês no Vale cria estratégias para perdurar, que a vida (e daí a resiliência) vai se recompondo para que a reprodução social do grupo ocorra; ora vemos que os camponeses-migrantes têm uma inserção, enquanto classe social, mais relacionada ao proletariado mas que é negada, vivida como *Extra-ordinária* graças ao modo de vida no Vale.

O conjunto de contradições e ambigüidades vividos pelos camponeses-migrantes das comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha está posto.

Que triste este nosso tempo que comporta tanta opressão aos cortadores de cana e suas famílias. É hora de expurgarmos o *Extra-ordinário* e tempo de sermos mais que mera força de trabalho mobilizável.

¹²¹ Dieter, o formulador da segunda pergunta, já aponta a resposta: há vida depois do mercado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEIXO, E. M. **A Subordinação dos Pequenos Proprietários ao Modo de Produção Agroindustrial Sucroalcooleiro em Santa Bárbara d'Oeste**. 2007. 71 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Bacharelado e Licenciatura em Geografia da PUCCAMP, Campinas, 2007.

ALVES, F. Por que morrem os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**, São Paulo, vol. 15, nº 3, p. 90-98, Sept./Dec, 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v15n3/08.pdf>>. Acesso em: 10/04/2010.

_____. Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte de cana em São Paulo. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. **Os migrantes**: Trabalho e trabalhadores no Complexo Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos, SP: EDUFSCar, 2007.

ARAÇUAÍ, MG. Lei nº 26/2005, de 10 de outubro de 2005. Institui o Plano Plurianual de investimentos do Município para o quadriênio 2006-2009e dá outras providências. Edição fac-similar da Prefeitura Municipal de Araçuaí, MG.

BARTRA, A. Marginales, polifônicos, trashumantes: los campesinos del milênio. In: FERNANDES, B. M.; MARQUES, M. I. M.; SUZUKI, J. C. **Geografia agrária**: teoria e poder. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 85-104.

BERNARDES, J. A. Febre do etanol, mudanças no mapa da cana e exploração do trabalho. **Informativo da ANPEGE** nº02, junho de 2007. Disponível em:
<http://www.nuclamb.geografia.ufrj.br/arquivos%5Ccana%20trabalho_Publicacao.pdf>. Acesso em: 10/04/2010.

BNDES. Banco Nacional de Desenvolvimento. **Aspectos Financeiros e Institucionais**. 2010. (Relatório em meio eletrônico). Disponível em:
<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/download/AF_DEPCO_Portugues.pdf>. Acesso em: 08/01/2010.

BOFF, L. **Duas visões de mundo se confrontam em Copenhague**. Artigo na revista eletrônica Carta Maior de 19 de dezembro de 2009. Disponível em:
<http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16291>. Acesso em: 27/12/2009.

BRASIL. Secretaria Geral da Presidência da República. **Compromisso Nacional para aperfeiçoar as condições de trabalho de cana.** (Documento eletrônico produzido pela Mesa de diálogo para aperfeiçoar as condições de trabalho de cana). 2009. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sec_geral/arquivos/publicacao_canadeacucar.pdf>. Acesso em: 10/11/2009.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BRANDÃO, C.R.. **O afeto da terra:** imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da Serra da Mantiqueira, em Joanópolis. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

CAVALIERI, L. 2003. A comunidade caiçara no processo da reclassificação da Reserva Ecológica da Juatinga. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CHAGAS, A.; TONETO JR, R. **Teremos que trocar energia por comida?** Análise do impacto da expansão da produção decana-de-açúcar sobre o preço da terra e dos alimentos. In: WORKSHOP DO OBSERVATÓRIO DO SETOR SUCROALCOOLEIRO, 1. 2008, Ribeirão Preto. Disponível em: <<http://www.observatoriocana.org/files/Preço%20da%20Terra%20e%20Alimentos.pdf>>. Acesso em: 10/04/2010.

CONFERÊNCIA NACIONAL POPULAR SOBRE AGROENERGIA. **Por uma soberania alimentar e energética:** Carta final da Conferência Nacional Popular sobre Agroenergia. (Documento eletrônico publicado no site do jornal Brasil De Fato). 2007. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/especiais/agrocombustiveis/por-uma-soberania-alimentar-e-energetica>>. Acesso em: 08/12/2007.

CPT. Secretaria Nacional da Comissão Pastoral da Terra. Site institucional de Organização Não Governamental. Disponível em: < <http://www.cptnac.com.br/>>. Acesso em: 10/08/2009.

CPT e RED SOCIAL DE JUSTICIA Y DERECHOS HUMANOS (orgs) **Agroenergía: mitos y impactos en America Latina.** São Paulo: CPT, Grito de los excluidos Continental, Red Social de Justicia y Derechos Humnos, SPM, LRAN – Land Reserarch Action Network, 2007. Disponível em: < [www. social.org.br/cartilhaagroenergia1.pdf](http://www.social.org.br/cartilhaagroenergia1.pdf) >. Acesso em: 10/10/2008.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 191 p.

EVELYN, S. S. E a festa, onde foi parar? In: **Travessia - revista do migrante** (CEM), São Paulo, ano 1, n. 1, mai-ago 1988, p. 23-26.

FREI BETTO (Frei Carlos Alberto Libâneo Christo, OP.). **Necrocombustíveis**. Artigo no site da ABRA – Associação Brasileira de Reforma Agrária, de 20 de julho de 2007. Disponível em: <<http://www.reformaagraria.org/node/106>>. Acesso em: 24/10/2009.

FREI CHICO (Francisco van der Poel, OFM.). **O rosário dos homens pretos**. Edição comemorativa do centenário da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens pretos de Araçuaí –MG. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

FREI GÖRGEN (Sérgio Görgen, OFM.). **Os desafios da agroenergia no Brasil** Entrevista concedida a LIMA, E. S. **Jornal Brasil de Fato**, 30 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/especiais/agrocombustiveis/os-desafios-da-agroenergia-no-brasil>>. Acesso em: 08/12/2007.

FRÓIS, E. Corte de cana: opção para se ganhar a vida. **Tribuna do Vale**, Belo Horizonte: Tribuna do Vale do Jequitinhonha, ano 1, n. 2, janeiro de 2008. Caderno único, p. 2.

GAUDEMAR, J. P. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GOMES, J. V. Família popular: mito ou estigma?. **Travessia, revista do migrante**, São Paulo, n. ° 9, p. 5-9. jan/abr, 1991.

GOLDEMBERG, J.; LUCON, O. **Energia, Meio Ambiente e Desenvolvimento**. São Paulo: EDUSP, 2004, 400 p.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **O novo imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HASHIZUME, M. (2009 a) **Interesses ruralistas prevaleceram mais uma vez em 2008**. Artigo no boletim eletrônico Repórter Brasil, de 20 de janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=1489>>. Acesso em: 10/01/2010.

_____. (2009 b) **Cosan e mais 11 empregadores entram para a lista suja**. Artigo no boletim eletrônico Repórter Brasil, de 31 de dezembro de 2009. Disponível em: <<http://www.reporterbrasil.com.br/pacto/noticias/view/225>>. Acesso em: 10/01/2010.

LIBONI, L. B.; ALBUQUERQUE, L. G. **Gestão de pessoas no setor sucroalcooleiro**. In: WORKSHOP DO OBSERVATÓRIO DO SETOR SUCROALCOOLEIRO, 1. 2008, Ribeirão Preto. Disponível em: <<http://www.observatoriodacana.org/files/Gestão%20de%20Pessoas.pdf>>. Acesso em: 10/04/2010.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

MAIA, C. J. Trabalho, família e gênero: estratégias de reprodução social camponesa no Médio Jequitinhonha. **Mulher e Trabalho**, vol 4, 2004. Disponível em: <www.fee.tche.br/sitefee/download/mulher/2004/artigo6.pdf>. Acesso em: 11/04/2010

MARQUES, M. I. M. Terra e Modernidade em assentamentos de reforma agrária. in: WOORTMANN, E. F. (org.) **Significados da Terra**. Brasília: Ed. UnB, 2004.

MARTES, A. C. B.; SOARES, W. Remessas de recursos dos imigrantes. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 20, nº 57, p. 41-54, maio/agosto de 2006.

MARTINS, H. **Correlação de forças é desfavorável para o camponês**. Entrevista concedida a PEREIRA FILHO, J. **Jornal Brasil de Fato**, 31 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/especiais/agrocombustiveis/correlacao-de-forcas-e-desfavoravel-para-o-campones>>. Acesso em: 08/12/2007.

MARTINS, J. S. **Não há terra para plantar neste verão** (o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo). Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. Migrações Temporárias: Problema para quem? **Travessia - revista do migrante** (CEM), São Paulo, n. 1, 1988a.

_____. (prefaciador) Prefácio. In: MOURA, M. M. **Os deserdados da terra**: a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988b.

_____. **O cativo da terra**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA, M. M. **Os deserdados da terra**: a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. A geografia agrária e as transformações recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F. A. (org.) **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

OLIVEIRA, A. U. Agricultura brasileira: transformações recentes. In: ROSS, J. L. S. (org) **Geografia do Brasil**. 5. ed. São Paulo:EDUSP, 2005, p. 465-534.

_____. **Território e migração: uma discussão conceitual na Geografia**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL- MIGRAÇÃO: NAÇÃO, LUGAR E DINÂMICAS TERRITORIAIS, São Paulo, 1999. **Coletânea de textos...** São Paulo: Humanitas, 2007.

OLIVEIRA, A. U. (2007b) Sem título. Cópia mimeo de texto elaborado para o jornal Sem Terra, 08/04/2007.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 20, nº57, p. 7-24, maio/agosto de 2006.

PEREIRA, L. **O município de Araçuaí**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.

PÓVOA NETO, H. A. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para a análise. **Revista Experimental**, ano 2, n. 2, 1997.

REIMBERG, M. **Padrões não comprovam alto custo de comida para cortadores**. Artigo no boletim eletrônico Correio da Cidadania, de 11 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=3613>. Acesso em: 10/01/2010.

RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M. Sistemas agrários, recursos naturais e migrações no alto Jequitinhonha, Minas Gerais. In: COSTA, H; TORRES, H. (orgs.) **População e meio ambiente**. São Paulo: Senac, 2006. Disponível em: <<http://www.nucleoestudo.ufla.br/nppj/artigos%20selecionados/ABEPUBb.pdf>> Acesso em: 25/11/2010.

RIBEIRO, H. Queimadas de cana-de-açúcar no Brasil: efeitos à saúde respiratória. **Rev. Saúde Pública**, Abr 2008, vol.42, no.2, p.370-376. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000200026&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10/04/2010.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, 538 p.

SAHLINS. M. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, EDUSP, 1975. 121p.

SÃO PAULO. Lei N.º 11.241, de 19 de setembro de 2002. Dispõe sobre a eliminação gradativa da queima da palha da cana-de-açúcar e dá outras providências. Disponível em:

< <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/129474/lei-11241-02-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 10/04/2010.

SAYAD, A. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia - revista do migrante** (CEM), São Paulo, 2000. Edição especial.

SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES, Gênero e economia solidária: Vale do Jequitinhonha – MG. **Informa**, São Paulo, ano 01, nº 06, nov./dez. de 2009.

SHANIN, T. A definição de camponês: conceituações e desconceituações, o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**, ano 8, nº 7, 2005.

SILVA, M. A. M. Como expulsar o camponês do proletário. **Travessia - revista do migrante** (CEM), São Paulo, ano 3, n. 8, p.5-11, set.-dez. 1990.

_____. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

_____. Trabalho e trabalhadores na região do Mar de Cana e do Rio de Álcool. **Revista Agrária**, São Paulo, n. 2, pp. 2-39, 2005. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/revistaagrararia/revistas/2/silva_mam.pdf>. Acesso em 15/04/2010.

SILVA, M. A. M.; MARTINS, R. C. Trabalho e meio ambiente. **Lutas & Resistências**, v. 1, p. 91-106, 2006.

SILVA, R. L. B. R. **Patrimônios**: espaço e lugar, estudo das vilas de Cíbele e Caiçara e seus conteúdos. 2009. 220 pp. Doutorado em Geografia Humana, Depto. de Geografia da FFLCH-USP, São Paulo, 2009.

STÉDILE, J. P. Declaração concedida ao **Jornal Brasil de Fato**, 30 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/especiais/agrocombustiveis/a-proposta-dos-movimentos-sociais>>. Acesso em: 08/12/2007.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: vol 1 - A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VAINER, B. C. **Migração e mobilidade na crise contemporânea**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL- MIGRAÇÃO: NAÇÃO, LUGAR E DINÂMICAS TERRITORIAIS. 1999, São Paulo. **Coletânea de textos...** São Paulo: Humanitas, 2007.

VIEIRA, M. C. A. **Setor sucroalcooleiro brasileiro**: evolução e perspectivas. Banco Nacional de Desenvolvimento. S.d. (Relatório em meio eletrônico). Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/liv_perspectivas/07.pdf>. Acesso em: 08/01/2009.

WOORTMANN, E. F. **Sitiantes e roceiros**: a produção camponesa num contexto de pecuarização. 1981. 192 p. Mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1981.

WOORTMANN, E. F. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: Hucitec/ Edunb, 1995.

WOORTMANN, K. (1990a). "Com parente não se neguceia": o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, Brasília/Rio de Janeiro, nº 87, 1990.

_____. (1990b). Migração, família e campesinato. **Revista Bras. de Estudos de População**, vol, 7, n. 1, jan-jul 1990. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol7_n1_1990/vol7_n1_1990_2artigo_35_53.pdf>. Acesso em: 25/01/2010.

WORLD RAINFOREST MOVEMENT. WRM World Rainforest Movement, site de Organização Não Governamental. **Boletim WRM** nº112 de 2006 Disponível em: <<http://www.wrm.org.uy/>>. Acesso em: 10/10/2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Projeto História**: revista do programa de estudos pós-graduandos em História do Departamento de História da PUC de São Paulo. São Paulo: EDUC, 1981.

ALMEIDA, R. A. **(Re) criação do campesinato, identidade e distinção**: a luta pela terra e o habitus de classe. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ANDERSON, P. **Considerações sobre o marxismo ocidental**: Nas trilhas do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Editorial Boitempo, 2005.

ARRUDA, G. Cidades e sertões: o historiados entre a história e a memória. **Projeto História**: revista do programa de estudos pós-graduandos em História do Departamento de História da PUC de São Paulo. São Paulo: EDUC, 1981.

BACCARIN, J. G.; GEBARA, J.J. Mineiros no corte de cana na Região de Ribeirão Preto (SP). **Travessia - revista do migrante** (CEM), São Paulo, ano I, nº 01, 1998.

BECKER, O. M. S. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, I. E. et al. **Explorações geográficas**: Percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

BEZERRA JUNIOR, B. A solidão de não pertencer: uma observação a partir de um fragmento de Clarice Lispector. In: Póvoa Neto, H. e Pacelli, A. (orgs). **Cruzando fronteiras disciplinares**: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

BHABHA, H. K. O compromisso com a teoria. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BISON, W. P. **A volta por cima**: mulheres migrantes entre o Vale do Jequitinhonha e São Paulo. 1995. Tese de mestrado da Geografia/FFLCH/USP, 1995.

BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Cap. 2, 3.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.) **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994. Coleção grandes cientistas sociais.

_____. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. São Paulo: Jorge Zahar, 1998.

BRANDÃO, C.R. **A Partilha da Vida**. São Paulo, Geic/Cabral Editora, 1995.

BRANDÃO, L. L. Morar em duas casas. **Projeto História**: revista do programa de estudos pós-graduandos em História do Departamento de História da PUC de São Paulo. São Paulo: EDUC, 1981.

BRITO, F. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº 57, p.221-236, maio/agosto de 2006.

CARDOSO, S. Olhar dos viajantes. In: NOVAES, A. [et al]. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CARVALHO, J.A.M. de & CAMPOS, M. B. A variação do saldo migratório internacional do Brasil. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20 – nº57, p 55-58, maio/agosto de 2006.

CASTRO, E. V. O conceito de sociedade em antropologia. In: _____. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.

CHAYANOV, V. A. **La organizacion de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1974.

COSTA, A G (org) **Cartografia da Conquista do território das Minas**. Belo Horizonte: Ed.UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2004.

DIAS, J. M. M. "O grande jogo do porvir": a Internacional Situacionista e a idéia de jogo urbano. **Estud. pesqui. psicol.**, dez. 2007, vol.7, no.2, p.0-0. ISSN 1808-4281.

FERREIRA, J. P. Campo e Cidade: uma história na voz de poetas e de seus protagonistas. In: **Projeto História**: revista do programa de estudos pós-graduandos em História do Departamento de História da PUC de São Paulo. São Paulo: EDUC, 1981.

GRUPO KRISIS. Manifesto contra o trabalho. **Cadernos do Labur** (USP FFLCH), São Paulo, nº2, 1999.

GODOY, E. P. **O trabalho da memória** : cotidiano e história no sertão no Piauí. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

GOLDONI, A. M. "Crise familiar" no Brasil hoje. **Travessia - revista do migrante** (CEM), São Paulo, nº 09, 1991.

HAESBAERT, R. **O Mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. 2ªed. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2006.

HARVEY, D. Migração e desterritorialização. In: Póvoa Neto, H. e Pacelli, A. (orgs). **Cruzando fronteiras disciplinares**: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

_____. **O novo imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HEIDEMANN, D. **Migrantes e a crise da sociedade do trabalho**: humilhação secundária, resistência e emancipação. in: FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, 3., 2003, Porto Alegre. **Mesa Redonda**: Migrações: novas formas de discriminação e alternativas de resistência.

_____. Um novo modo de ser (inclusive migrante): flexi-existência 'just in time'. **Travessia - revista do migrante** (CEM), São Paulo, nº 45, 2003.

HOBBSBAWM, E. **Los campesinos y la política**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1976.

JARDIM, D. F. Os imigrantes palestinos. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº 57, p. 171-182, maio/agosto de 2006.

JUSTO, M. G. **Capim na fresta do asfalto**: conflito agrário violento e justiça. São Paulo: Humanitas, 2002.

KAUTSKY, K. **A questão agrária**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

KULCSÁR, J. Alfabetização visual de jovens imigrantes brasileiros nos EUA. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº57, p.93-98, maio/agosto de 2006.

KURZ, R. Com todo vapor ao colapso. In: _____. **Com todo vapor ao colapso**. Juiz de Fora, MG: UFJF- PAZULIN, 2004. Cap. 1.

_____. **Barbárie, migração e guerras de ordenamento mundial**, In: FÓRUM SOCIAL DAS MIGRAÇÕES, 2005, Porto Alegre. Publicação do Serviço Pastoral dos Migrantes - Travessias na Desordem Global. São Paulo: Paulinas, 2005.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. 4. edição. Barcelona: Ediciones 62, 1978.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LÊNIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Cap. II e IV)

LUKÁCS, G. **História e Consciência de classe**- estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACHADO, I.J.de R. Imigração em Portugal. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº57, p.119-136, maio/agosto de 2006.

_____. **A sociedade vista do abismo**- novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **O cativo da terra**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, v.1, t.1-2, cap.XXIV e XXV, 1984.

_____. **O 18 Brumário e cartas a Kugelmann**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papius, 2000.

_____. **Pelo espaço** – uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATOS, M. I. S. **Entre o campo e a cidade – tensões e polêmicas em torno das indústrias de juta. Projeto História**: revista do programa de estudos pós-graduandos em História do Departamento de História da PUC de São Paulo. São Paulo: EDUC, 1981.

MELO, M. C. D. O Bóia-Fria: acumulação e miséria. Petrópolis: Vozes, 3ªed..1976.

MENDRAS, H. **Sociedades camponesas**. São Paulo: Zahar editores, 1978.

MENESES, J. N. C. **O continente rústico**: abastecimento alimentar nas Minas Gerais setecentistas. Diamantina, Minas Gerais: Maria Fumaça, 2000.

NOGUEIRA, C. M. A Feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. In: SILVA, M. A. M.; ANTUNES, R. (orgs.) **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

NOVAES, J.R.; ALVES, F. **Os migrantes**: Trabalho e trabalhadores no Complexo Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2007.

OCADA, F. K. Trabalho, sofrimento e migração internacional: o caso dos brasileiros no Japão. In: SILVA, M. A. M.; ANTUNES, R. (orgs.) **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

OLIVEIRA, M.M. de A mobilidade humana na trílice fronteira. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº57, p.183-196, maio/agosto de 2006.

OLIVEIRA, A. U. **Modo Capitalista de Produção e Agricultura**. São Paulo: Ática, 3ª ed., 1990.

_____. **Amazônia**: monopólio. expropriação e conflitos. 5 ed. Campinas, S.P.: Papius, 2005, 133 p.

PEREIRA, M.C. Processos migratórios na fronteira Brasil-Guiana. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº57, p.209-220, maio/agosto de 2006.

_____. Imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº57, p.25-40, maio/agosto de 2006.

_____. **Migrações Internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual**: novos desafios para a análise. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL- MIGRAÇÃO: NAÇÃO, LUGAR E DINÂMICAS TERRITORIAIS, São Paulo, 1999. **Coletânea de textos...** São Paulo: Humanitas, 2007.

_____. A criminalização das migrações na nova ordem internacional. In: Póvoa Neto, H. e Pacelli, A. (orgs). **Cruzando fronteiras disciplinares**: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

QUIJANO, A. Los movimientos campesinos contemporáneos en América Latina. In: LIPSET, S. M.; SOLARI, A. E. (orgs.). **Elites y desarrollo en América Latina**. 2 ed., Buenos Aires: Paidós, 1971.

REIS, R. R. Migrações: casos norte-americano e francês. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº 57, p. 59-74, maio/agosto de 2006.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro** – a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIGOTTI, J.I.R. Geografia dos fluxos populacionais segundo níveis de escolaridade dos migrantes. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº 57, p. 237-254, maio/agosto de 2006.

RODRIGUES.F. Migração transfronteiriça na Venezuela. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº 57, p.197-208, maio/agosto de 2006.

ROLLEMBERG, D. Quando o real escapa pelos horizontes: exilados, estrangeiros, apátridas. In: Póvoa Neto, H. e Pacelli, A. (orgs). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

RUA, J. Repensando a Geografia da População. **GEO UERJ**, Rio de Janeiro, nº 1, janeiro de 1997.

RUBIN, I.I. **A teoria marxista do valor**. Col. Teoria e História nº13, Ed. Polis:1987. (capítulo 2)

RUBIO, B. Exclusión rural y resistência social en America Latina. **Alasru – Analisis Latinoameticana del medio rural**, nº4, 2006.

SADER, E. A novela dos imigrantes. **Correio da Cidadania**, ano VIII, nº441, 2007.

SALES. T. ONGs brasileiras em Boston. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº 57, p.75-92, maio/agosto de 2006.

SALIM, C. A. **Migração: o fato e a controvérsia teórica**, In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8., **Anais...**, vol. 3, Campinas: ABEP, 1992.

SASAKI, E. A imigração para o Japão. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº 57, p.99-118, maio/agosto de 2006.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia - revista do migrante** (CEM), São Paulo, 2000. Edição especial.

SEYFERTH, G. Imigração e (re)construção de identidades étnicas. In: Póvoa Neto, H. e Pacelli, A. (orgs). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

SHANIN, T. A definição de camponês: conceituações e desconceituações, o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**, ano 8, nº 7, 2005.

SILVA. M. A. M. Migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas a proletárias. **Travessia - revista do migrante** (CEM), São Paulo, n. 1, 1988.

_____. Se eu pudesse quebrava todas as máquinas. In SILVA, M. A. M.; ANTUNES, R. (orgs.) **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. **A Luta pela terra: experiência e memória**. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. **Contribuições metodológicas para a análise das migrações**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL- MIGRAÇÃO: NAÇÃO, LUGAR E DINÂMICAS TERRITORIAIS, São Paulo, 1999. **Coletânea de textos...** São Paulo: Humanitas, 2007.

SILVA, M. A. M.; MENEZES, M. A. **Migrantes temporários: fim dos narradores?** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL- MIGRAÇÃO: NAÇÃO, LUGAR E DINÂMICAS TERRITORIAIS, São Paulo, 1999. **Coletânea de textos...** São Paulo: Humanitas, 2007.

SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº 57, p.157-171, maio/agosto de 2006.

SPOSITO, M. P. Vida familiar e movimentos populares. **Travessia - revista do migrante (CEM)**, São Paulo, nº 09, 1991.

SPRANDEL, M. A. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, nº 57, p. 137-156, maio/agosto de 2006.

STÉDILE, J. P. **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: Editora da Universidade-URGS/ANCA, 1994.

THOMAZ JUNIOR, A. **Por trás dos canaviais, os 'nós', da cana**: a relação capital x trabalho e o movimento sindical dos trabalhadores na agroindústria canavieira paulista. São Paulo: Anablume/Fapesp, 2002.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAINER, B. C. Reflexões sobre o poder de mobilizar e imobilizar na contemporaneidade. In: Póvoa Neto, H. e Pacelli, A. (orgs). **Cruzando fronteiras disciplinares**: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

VALE, A.L.F. Imigração de nordestinos para Roraima. **Revista Estudos Avançados, São Paulo**, vol.20, nº 57, p. 255- 261, maio/agosto de 2006.

APÊNDICE

ENTREVISTAS

Trabalho De Campo: agosto de 2009 Araçuaí/ Schnoor

Transcrição da entrevista com Antônio e Márcia

Após chegar a casa da Márcia e Antônio e ver o quintal produzindo, começamos a conversar sobre os quintais e as roças. Antônio versou sobre os assentamento do Graça quando decidimos iniciar a gravação.

Antônio: Aquilo lá é vendido, aqui ninguém quis ceder... aqui tem muito tabuleiro, que não tem nenhum pé de quiabo. Os proprietários não quiserem ceder os tabuleiros pra ninguém, o projeto era pra ser aqui. Lá venderam pra eles e fizeram o assentamento.

Márcia: Não cede e deixa... além de não ceder, não planta nada. Daqui cê olha e tem um tabuleirão, não tem nada...

A: Tem é muitos...

M: Aqui agora só se faz roça longe, né? É uai... A roça que se faz aqui cê anda meia hora, uma hora, hora e meia andando pra poder ir nela quase todo dia.

A: Fica mais caro que comprado.

M: Tem ano que não dá nada.

A: Tem ano que não dá mas quando Deus ajuda que chove a gente não tira o dinheiro que gastou mas colhe, né?

M: Colhe.

A: Colhe

A: Milho, feijão andu, manaíba...

A: Eu planto até hoje.

M: Agora tem uns quintais mais uns três que nós plantamos.

A: Manaíba é um pedaço de pau que cê planta assim, nasce, brota e aí dá a raiz de mandioca.

L: Tem casa de farinha, tenda de farinha?

A: Não, tinha um homem aqui que acabou com ela, não funciona não. Parou porque não tem mandiocal pra estes matos.

L: Você gosta de trabalhar na roça?

A: Eu gosto.

L: E na cana você já trabalhou?

A: Na cana eu nunca trabalhei.

L: Não?

A: Não.

L: Mas em São Paulo já?

A: Em São Paulo já, demais.

M: E o filho dele tá na cana.

A: Tá trabalhando na cana, que ele trabalha lá na cana.

M: No plantio, corte de cana. Ele tá no Mato Grosso.

A: Agora eu trabalho aqui agora.

M: Este [o filho] ano ele ficou aqui quatro meses, que não tava pegando seguro. Ele ligou pra mim estes dias que tá querendo vir embora porque onde ele tá, tá ruim porque o corte de cana tá ruim este ano. E ele não 'fichou' este ano, não começou lá onde ele tá. E quem foi daqui pra lá, voltou tudo. Ele tinha que trabalhar pelo menos três meses, pra no próprio ano trabalhar seis e pegar seguro, né? Este ano tá ruim. Usina tá ficando ruim.

Conversamos sobre a mecanização, o falimento e dívidas das usinas e da indústria que fabrica as colheitadeiras

A: As máquinas tá tirando o emprego do braçal. Então depois o que que eu vou fazer numa usina? Vou passar fome...? Então fica aqui, vou plantar um pé de milho, um pé de andu ou qualquer outro, um pé de mandioca. Trabalha um dia pra um, um dia pra outro... levando esta vida aí.

A: Tá acabando...

M: Ele tá mesmo agora lá, tá trabalhando de ajudante. Trabalhando numa obra.

A: Mas ainda bem que ainda tá trabalhando ainda.

M: Ele tá numa obra no Mato Grosso. Só que é ruim porque ele tá sem carteira assinada. E sem carteira assinada é um perigo.

M: Minha menina também ficou em São Paulo, ela também. Ela ficou uns quase três anos lá trabalhando pra uma mulher e a mulher não assinava a carteira dela de jeito nenhum.

Márcia então relata como a filha, que cuidava de crianças, resolveu sair do emprego depois que não conseguiu retornar ao emprego após uma consulta no dentista pois esta foi mais demorada que o esperado. No dia seguinte pediu novamente para a mulher que assinasse a carteira, a mulher disse que não podia. A filha de Márcia cumpriu o aviso prévio e saiu.

M: Agora ela tá grávida e tá com carteira assinada. A outra já tem três anos que tá lá e desde de quando foi que tá na mesma casa. Tá dando certo, né? Tem dias que ela queria sair de lá... uma que ela tava tendo folga só de 15 em 15 dias e o menino batia nela, o menino beslicava ela (...) e o menino pequeno era mesmo atentado... bate dá chute, belisca...

L: Márcia, desde quando você acha que tem muita migração aqui? Que o povo sai bastante daqui de Schnoor?

M: O moça que pergunta....(...) até mesmo porque aqui uma moça pega seus dezoito anos dela, o destino dela é sair porque não tem serviço. As pessoas vão trabalhar na casa de família aqui, tem algumas dela que tá pagando R\$ 150,00 agora. Tem casa que paga 50 reais, é brinquedo? Cê lavar, passar, cozinhar, arrumar e fazer tudo. Tem lugar em Araçuaí, a maioria lá é R\$100,00 o mês.

M: Eu nasci e criei aqui, eu morava na roça e mudei pra aqui, quer dizer aqui é roça também, mas lá era pior, lá era duas horas de viagem, caminhando. Agora eu mudei pra aqui, casei. Continuei morando aqui, mas os filhos da gente cresceu. É igual passarinho cria asa e avoa.

L: Mas o povo que tem mais perto da sua idade não era de migrar muito, era? O pessoal assim perto dos 40, 50 anos...

M: O moça... até hoje sai.

A: Sai.

M: Tem pessoas que crescerem naquela época já vindo, né? Outros até já mudou pra lá. Muito até já mudou pra São Paulo, Belo Horizonte, por causa disso. Às vezes os filhos vai e acaba carregando os pais pra lá. É difícil, não é fácil não...

L: Então desde que você se conhece por gente tem gente migrando?

M: Tem. Eu lembro onde eu cresci, eu perdi minha mãe com 2 anos e pouco e meu pai com 5, e os filhos dela já ia pro Rio, tem três filhas dela que sai pra São Paulo, pro Rio, tem uns que moram lá desde essa época. Nessa época os homens iam muito pra São Paulo, nessa época não era usina né, Antônio?

A: Trabalhava na capital.

L: Trabalhava em construção?

A: É sim, lá capital, não trabalhava em usina não. Naquela época, quando eu trabalhava nunca trabalhei em usina, só na capital mesmo.

L: Sempre na construção?

A: Só, só na construção.

L: Isto era em que ano? Quantos anos você tinha?

A: Quando eu sai daqui eu tinha 16 anos.

M: Ele aumentou a idade pra ir embora.

L: Quantos anos você tem agora?

A: Agora eu tenho 50.

L: Cê tinha 16 quando você saiu a primeira vez?

A: É sim...

L: Cê tinha 16 ou você fingia que tinha 16 e tinha menos ainda?

A: Eu tinha 16...

L: E falou que tinha 18?

M: Naquele tempo os pais não registravam, né?

A: Naquele tempo de menor eles não levavam, não era registrado não... aquele povo era igual a bicho, né?

M: Ele mesmo registrou ele com 18 anos...

L: Pra poder ter documento.

(...)

A: Aquilo é porque o povo não incomodava não, não incomodava de registrar ninguém... é igual animal...

A: Mas era assim, ninguém registrava menino não. Não é igual hoje que nasce hoje tem que um mês, ou dois dias, três dias tem que tá registrando.

L: E quando você foi pra São Paulo, você foi registrado também?

A: Fui registrado.

M: Por que naquele tempo tinha que ter 18 anos, não saía com menos de 18 anos. Mesmo que não, era aquela lei toda mas nessas parte aí.

L: Teus irmãos também saíam?

A: Todo mundo, eu era o mais novo.

L: E todo mundo volta ou tem uns que ficam?

A: Tá todo mundo aqui, todo mundo tá trabalhando na roça agora, todo mundo.

M: Mas ainda tem um irmão dele, com a idade que ele tem..., quanto anos teu irmão tem?... Tô falando assim que tem um irmão seu que ainda foi para a usina no ano passado.

A: Ele vai todo ano... ele deve ter uns 56,57. Ele vai pra qualquer lugar que levar ele.

L: Aqui muita gente vai pra Bonfim, a usina do Bonfim fica em que cidade?

A: Itaquaritinga, eu nunca fui lá não. Nunca fui e nem vou, vou ficar por aqui mesmo.

L: Todo mundo trabalhou lá [em São Paulo, na construção civil ou no corte de cana] e no final das contas...

A: Tá todo mundo aí.

L: Mas todo mundo conseguiu construir casa? O dinheiro valeu?

A: Serve... aqui o único dinheiro que vale mais aqui é mais esse dinheiro de usina, serve muito aqui.

L: Serve muito aqui?

A: Só que agora tá atrapalhado porque o povo tá indo e não tá ficando.

M: A maioria tá indo e voltando ...

A: Agora não tá tendo jeito não. A tecnologia aumentou, é porque essas máquinas tá atrapalhando muito o braçal. Porque, uai, uma máquina corta cana pra 100 homens, como é que ele vai pagar homem pra cortar...

(...)

A: Disse que agora eles vão proibir, né? Esse negócio de plantar muita cana, vai plantar é feijão, arroz, milho que tão faltando muito...

L: Ah, cê acredita nisso, Antônio?

A: Eu não. Mas dizem que é... disse que vai ser obrigatório plantar milho, feijão que tão faltando no mercado (...) disse que vão plantar 50% de cana – tem que produzir o açúcar e o álcool – e de 50%...

L: De comida?

A: É, diz que é.

M: Vai não, Antônio, vai não, vai não...

A: O pessoal precisa do açúcar, do álcool pra viajar, pra andar e pra beber. E vício de bebida que não tem álcool, é só refrigerante, né?

L: Aqui devia ter alambique bom, não devia? Bom? Deve ter até agora?

M: É alguns ainda tem...

A: Aqui não, mas aqui nas serras... tem alambique mas é clandestino.

(...)

A: Essas cachaças clandestinas que a gente vende aqui é muito santo melhor que aquela rotalizada.

L: É, não é?

A: Uai, eu tenho cachaça de primeira qualidade, de muito santo melhor... tem cachaça de 4 conto muito santo melhor.... pra não pagar imposto vai fazendo aí.... toda a vida.

L: Como é que vocês acham que podia ser o Schnoor se não tivesse tanta migração?

M: Uai, aqui, se não tivesse tanta, assim a maioria das pessoas não saísse e ficasse aqui, o tamanho que era... e se todo mundo ficasse, aquela crescesse com os filhos ficando no próprio lugar deles, se tivesse serviço tudo... que era, quanto diferente...

L: Mas cê acha que seria melhor ou pior?

M: Melhor...

A: Num ponto agora de vista agora, nós tamos levando agora... Se não tivesse esse pessoal que saísse lá pra fora e ganhasse o dinheiro lá fora, que aqui não tem condições, aqui tá muito... muito tumultuado de dificuldade, né? Ficava muito pior que aqui não tem condição de ganhar dinheiro não. A gente ganha dinheiro, a gente veve, não ganha dinheiro, a gente veve. Por que uma pessoa pra viver, igual eu vivo, pra criar família aqui, não é fácil não. Por que se o povo não saísse lá fora e ganhasse o dinheiro lá e me desse serviço pra mim trabalhar, eu trabalho pro povo, quando eles vai lá e ganha o dinheiro, eu trabalho pra povo aí. Depois eles chegam no meu botequinho lá e compra lá e tá me pagando e depois vem um aposentado, que ajuda demais na região, então como é que eu ia viver? Só trabalhando com os cascos e com as unhas aí? Era difícil, não era não?

L: Então você acha que não ia ser bom se terminasse a migração, pra você não ia ser bom?

A: Para mim não. Uai, o cara vai lá, ganha lá dinheiro, chega aqui vai no meu boteco e me compra, tá certo que tá me pagando...

L: E compra na sua loja também...

M: A mulherada vem comprar roupa também, né?

A: É, depois eles me chama pra trabalhar... eu vou trabalhar eu ganho um dia de serviço aí, não vale nada não mas serve pra mim demais, ganho 45 conto todo dia.

L: É o dia de serviço? 45?

A: É.

L: Mas trabalho na roça ou na construção?

A: Não, na roça eu trabalho quase que pra mim mesmo, fazendo meus quintalinho só... construção é pedreiro, carpinteiro que eu faço.

Na roça eu não trabalho pros outros não, só pra mim mesmo, fazer minhas rocinhas.

L: Esses quintais que vocês têm, são de vocês ou vocês arrendam?

A: É nosso.

M: Esses quintais, têm de gente de minha irmã, de mãe dele.

A: Ai eu pego e vou trabalhar pros outros, ele me paga. Se eu quiser ganhar 45 conto todo dia, eu ganho, o serviço tá aí. O dinheiro vem de onde? Vem do povo da usina. E vem de onde? Vem dos aposentados. E não ajuda? E se acabar esses usineiro aí? Fica mais ruim.

L: E não tem muita gente que tem bolsa? Bolsa família? Bolsa escola?

A: Ajuda também uai, ajuda muito.

L: As crianças que vocês cuida, elas recebem bolsa-família?

M: Muitos recebem....

L: Quanto tá a bolsa?

M: Eu não sei direito, tem gente que recebe até 145, uns recebe pouquinho, uns recebe 15 reais, às vezes é só o gás, né? Às vezes tem aqueles que não são beneficiados ainda... recebem só 20 reais.

L: Antônio, me diz uma coisa esse dinheiro que vem lá da usina serve para você, é bom para você tudo isso mas, como é que você acha que ficam as famílias? As mulheres que ficam aqui sem os homens?

A: Ah, mas é difícil para elas, é claro. É muito difícil...

L: Não tem mulher que adocece?

A: Tem, tem muita gente que adocece...

L: Tem umas que devem sentir muita liberdade, tem muitas que devem se sentir até bem... saí cabra, volta só daqui 8 meses...

A: Às vezes acontece que muitas pessoas que saem, que vai trabalhar e perde até família, tem muita mulher que não é fiel ao marido, desentende depois. Então dá desavença danada na família.

M: Tem homem que vai pra lá e já arruma outra por lá...

A: Arruma nada, ninguém arruma nada não...

M: Arruma. Tem uma prima mesmo, coitada, Judith...

A: Quem é Judith?

M: Judith mora na roça..

M: Ela foi na carteira do marido dela, diz ela que pegou um número de telefone e foi ligar. Vou

ligar e vou fazer de conta que sou irmã dele. Ai, quando ela ligou, a mulher atendeu, quando ela foi ver a mulher falou assim: ah, sou irmã do Mauro (sic), aí ela falou assim: e você o que você é dele? Ela: ah, eu sou mulher dele. Ela falou assim, uai e você não quis ter filho não? Eu tenho tanta vontade de ter um sobrinho. Ela: ah, moça eu amo ele demais mas até hoje não consegui ter um filho dele ainda. Ela enfezou e falou, olha cê sabe com quem cê tá falando? Cê tá falando com a mulher dele que tem filhos com ele. A mulher quase morre de raiva. Que ele vai para usina, fica mais ela lá também. Que eles ficam pouco tempo com as esposas. Tem homem que fica um mês, dois e logo vai voltar.

L: É difícil manter a fidelidade, não fácil. Tanto tempo longe, as pessoas mudam, já não conhece aquela pessoa direito... na hora que começa a pegar amor de novo já tá na hora de ir embora. Mas tem mulher que aqui chega a passar mal? Que precisa às vezes de médico, alguma coisa assim? Por conta do marido tá fora?

A: Não, não....

(acaba a fita)

A: (...)Cê sabe muita gente que é fiel e outro infiel, é muito chato a gente falar mas, tem muita mulher aqui mesmo que fica doidinha pro marido sair de casa, pra ela trair ele. Eu não gosto nem de dizer essas conversas assim, porque eu sou uma pessoa muito...

L: Mas a gente não tá falando o nome de ninguém então não tem problema...

A: Hum, hum... Mas existe isso mesmo. É porque o marido sabe que ela tá traindo ele, lá fora. Ele tá lá e sabe porque aqui, um tamanho de um ovo desse aqui... Se a mulher traiu o marido, daqui um pouco um liga: sua mulher tá traindo...

L: Então as mulheres não podem trair pois se todo mundo sabe, todo mundo comenta... elas ficam muito presas?

A: Não ficam, mais o povo não está importando com essas coisas, muita gente não importa... que não importa que trai... o homem até que não é tanto...

A Conversa continua, Antônio defende que não se deve contar nada pra não criar desavença.

L: Não sei quem passa pior.... o homem que fica lá longe da casa, da mulher, dos filhos, longe do cheiro, da cor do lugar...

M: Tem uma amiga que este ano falou: se você for agora, você me leve que eu não vou agüentar crescer esses meninos...

Chega Rebeca.... pra apimentar a conversa que fica delicada.

L: O Rebeca que você acha: os homens traem mais as mulheres quando tão lá longe ou as mulheres que ficam aqui traem mais?

R: Os homens traem mais lá.

A: Às vezes não.... às vezes o traste tá trabalhando e chega no final de semana o traste tá cansado, é um serviço muito cansativo, né? Pagamento só tem de mês em mês, final do mês.

M: Quinze em quinze dias.

A: Depois ele pensa: meu dinheirinho não dá nem pra sair pra cidade, que eles trabalha lá longe da cidade, não dá nem pra ele ir prum boteco, se fosse assim na rua como é aqui, ele ia num boteco. Como é que você vai sair de lá de Virgem de Lapa [município vizinho, citado para dar conta de expressar a longura]...

L: Mas não tem umas mulheres que vão nos alojamentos?

A: Não, lá só tem homem, moça.

L: Não, eu não tô falando de mulher que corta cana. Tô falando de mulher da vida mesmo.

A: Vai não.... daqueles lados não tem mulher ..., tá bem longe.

M: O sobrinho dele falou: O, tia se a gente não se atentar, nós homem, não vem nem a roupa do corpo.

A: Só recebe na cidade.

R: Aqui tem um homem casado que quando eu morava lá em Itaqueritinga, ele ia no dia de pagamento, ficava 8 dias na cidade.

A: Pois é, uai, é longe, como é que volta, tem que ficar lá...

R: ... dentro da zona.

R: Lá cada esquina tem uma zona, lugar que tem os cortadores de cana tem mais ainda. Lá tem um tal do bar do Mineiro. Lá as prostitutas ficam esperando. Eu e Tereza. Quando eu fui pra lá, foi lá que parou o carro, o gato que era o Zé Antônio tava esperando, né? Lá que parou o carro e a gente desceu, que organizou tudo então depois a gente voltamos lá. Para quê? Voltei sozinha com Tereza. Eu disse: O Tereza vamo lá no Mineiro pra ver se a gente acha alguém de Minas. Baixamos pra lá. Quando nós chegamos menina, tava assim de prostituta, e a homaiada ia pra lá jogar: baiano, pernambuco, mineiro tava assim o... e lá tem o reservado, tem o bar e lá para dentro só ia sumindo. Me deu vontade de ir ao banheiro e eu disse queria ir no banheiro, ele olhou prum lado, olhou pro outro, o dono do bar ficou assim, constrangido, sem saber onde é que me

mandava. Ai o meu marido chegou de tarde e nós falemos que tinha ido na cidade, no bar e ele xingou nós todinha, falou: não quero saber de vocês, de vocês ficarem atacada no bar do Mineiro, vocês não sabem bem que lugar é aquele. Uai, achei que era um lugar que a gente podia tá frequentando...

A: Mas é tudo longe.

R: É longe, mas e a bicicleta que eles compram? E carro que tem pra lá e pra cá direto? É longe filha, mas tem carro. Eu morei lá. Carro pra lá e pra cá, bicicleta que eles chegam e compram. Tem gente que cê precisa de ver... mas tem a maioria que é bando de vagabundo, só sai que é pra poder pra gastar mesmo.

M: Tem uns que chegam aqui e não traz nada, nada.

R: Agora tem gente que faz dó. Agora aqui também tem muita mulher vagabunda que só fica esperando o dinheiro chegar.

M: Verdade.

R: Não sabe o sofrimento deles lá não, tem muita mulher vagabunda. E quem é que importa? Poder trair não pode, mas eles fazem.

L: E o que você acha disso?

R: Eu não ia achar bom, claro que não. Aqui ninguém sabe de nada não.

Transcrição da entrevista com seu Alfredo e Dona Méia

Seu Alfredo: Agora tá bom, mas de primeiro não era bom não.

L: Por que seu Alfredo?

A: A gente saía de casa e não tinha nada, trabalhava até não agüentar e voltava.

L: Não tinha nada do quê?

A: Nada... não tinha nada mesmo. Aqui tem não jeito não, o dia que eu trabalhava, assim mesmo dava trabalho pra a gente receber.

L: O senhor é nascido aqui?

A: Criei 13 filhos só na base da roça.

L: Então dava?

A: Nada, por isso que eu não estou mais prestando pra nada, pulei demais, né?

L: Hoje o senhor continua tendo roça?

A: Eu aposentei e faço minha lavourinha do mesmo jeito.

L: Onde é que sua roça?

A: É lá no mato, tem umas 40 galinhas, eu mexo com curtume, com galinha.

L: E por que o senhor continua mexendo com lavoura?

A: É por que eu gosto. Se eu deixar eu adoço, nesses dias quem roçou foi os meninos que eu não tava agüentando mas vou.

L: Algum dos seus filhos vai pra usina?

A: Vai. Esse mesmo voltou porque não vale ganhar 12 reais por dia lá. Quando eles voltam a roça já está na hora de roçar e capinar. Porque, eu planto sem eles daí quando eles chegam eles ajudam a capinar.

L: O que senhor planta?

A: Agora mesmo eu colhi uns 11 alqueire de feijão.

L: Feijão pro ano inteiro...

A: Tirei pros filhos um pouco, para cada um eu dou um pouquinho. Agora eu vou demorar a comprar.

L: O senhor planta feijão, milho, cebola...

A: A cebolinha é a mulher que mexe ali...

L: Que mais?

A: Mandioccal eu já mexi, mas não vale a pena porque eles queriam o mandiocal pra eles.

L: O senhor fazia a meia?

A: Fazia.

L: A terra lá em cima agora é do senhor mesmo?

A: Nada, ele dá a nós o mato pra roçar, nós roça e dá a eles o capim.

L: Todo ano o senhor o muda de lugar?

A: Todo ano tem que mudar.

K: É sempre o mesmo dono?

A: João Vito, agora ele vendeu pra menina.

L: Ele paga também o dia de trabalho?

A: Nada... ele dá a nós o mato pra roçar, a lenha a gente tira pra nós. O mantimento a gente colhe tudo nosso a gente só planta o capim. Quando vai acabando a roça o capim já está lá.

L: Seus filhos não gostam de plantar coisa na roça? Ou eles preferem ir pra usina?

A: Eles gostam de plantar mas não vale a pena ficar aqui não.

L: O que senhor acha do Schnoor com essa migração toda?

A: Eles falam que se tivesse uma coisa pra trabalhar aqui eles não ia, né? Mas não tem então eles têm que ir.

L: Na sua época, quando o senhor era mais novo, tinha usina?

A: Tinha eu que não fui mesmo.

L: Por que o senhor não quis ir?

A: Por que eu gosto da lavoura. Acordo de manhã cedo, apanho as coisas, vou pro mato, volto de tardinha, noutro dia torno a ir. A coisa que eu mais gosto é de chegar na lavoura quando ela tá verdinha, a gente olhar aquilo e aquilo tá uma beleza. Isso é que eu gosto.

L: E a seca aqui, não prejudica muito a lavoura?

A: Tem vez que não dá nada não. O ano passado mesmo não deu nada. Plantei que depois a gente só via terra com o sol forte. A gente perdeu, não deu mantimento pra nós e nem capim pra eles não saiu, nem o capim não saiu.

(...)

L: Esse ano foi melhor?

A: Foi melhor, esse ano quem plantou colheu.

L: A sua esposa trabalha com o senhor também?

A: O teve época aí que os meninos não tavam aqui, nós é que colheu o feijão, um tanto de feijão. Tem dias que a gente amanhecia com as mãos empretadas assim de bater feijão. Caçava um camarada não achava, a gente ia colher mesmo

Esposa: Tinha dia que meu braço doía de tanto bater e ainda tinha que soprar, é pesado demais, tirando todos os pozinhos para ficar o feijão durinho.

Teresa: Meu pai mora na roça, a gente trabalhava chorando, meu pai mora aí fora, na roça.

L: O senhor disse que a vida era muito dura, era?

A: Moça, a gente saía de casa e não deixava nada.

L: E era assim pra todo mundo?

A: Pra muita gente aqui no Schnoor, uma vez mesmo apareceu um feijão branco, desde tamanho, branquinho. Aquilo era ruim demais, a gente comia aquilo com arroz, sem querer, enjoava...

L: Mas só dava esse feijão branco?

A: Não era todo dia que ainda encontrava esse feijão pra vender, antigamente plantava umas favas amargantes que tinha que ferver três vezes pra tirar o amargor.

L: Antes aqui se trabalhava mais com a lavoura ou também tinha muito gado?

A: Eu com gado não mexia não. Eu empreitava uma manga de 50 dias e dava bastante, de vez em quando sobrava um dinheirinho pra mim, tinha dias que não dava pra fazer.

L: Como é empreitar uma manga?

A: A gente chega, toma uma manga aí, um terreno aí. A manga já cercada a gente toma

conta, só pra catar os matos e deixar o capim, tem que cortar essas arvorinhas que nasce.

L: O pagamento era pro dia?

A: Não, no dia que acertava o serviço o patrão já pagava, se nos dias contados o serviço não tinha terminado, a gente trabalhava sem ganhar nada o resto do tempo. Tinha que terminar o serviço pra entregar.

L: São treze filhos e quantos netos?

A: Ah, tem neto espalhado por esse mundo a fora...

L: O que senhor acha da vida de quem vive na usina?

A: Eu não acho que eles tá fazendo, vai e voltar, com poucos dias acabou o dinheiro. Não vale nada. Quando volta traz dinheiro mas acaba rapidinho. O dinheiro falam que não é abençoado de usina.

L: É amaldiçoado?

A: É, não sei como acaba rapidinho, ainda mais quando a pessoa pega coisa assim em armazém.

Esposa: Quem tá aqui faz muito dívida, a gente compra num preço hoje, a amanhã já tá outro aí quando vem o dinheiro não dá nem pra pagar.

A: Não dá, não.

L: Na mercearia eles anotam o valor do que a senhora comprou ou o produto e dão o preço lá na frente?

Esposa: Eles põem assim: eu compro assim, se eu comprei 10 quilos de açúcar eles põem 10 quilos de açúcar não põe o preço.

L: Vai por o preço na hora de pagar?

Esposa: Aqui tem isso, né: se você compra uma medida de arroz hoje, ela é dois real por exemplo, se amanhã ela for pra 4 real, no dia que você for pagar, cê tem que pagar 4 real. Assim não tem dinheiro que chegue, né?

L: Tá então o dinheiro da usina é amaldiçoado mas também os donos das mercearias...

Esposa: E o dinheiro que eles recebem é o dinheiro da usina, se não fosse a usina, eles acham assim o fulano tá usina...

L: A senhora já trabalhou muito na roça?

Esposa: Vixe...

L: Seu nome qual é mesmo?

Esposa: Méia...

A: Hoje já foi de manhã cedo mais eu...

Méia: Nem fale, pra criar nove. Mãe já vivia trabalhando pros outros, na roça, lavando roupa, pra criar nós, né? Depois nós foi crescendo, crescendo e ajudando ela a trabalhar, ela fazia

roça, mandiocal e nós tinha que tá junto com ela trabalhando.

L: Isso aqui no Schnoor?

Méia: Lá no Calhauzinho, quando eu apanhei uma idade assim de 12 anos e saí pra trabalhar pra ajudar ela. Trabalhava igual a uma escrava em fazenda, aí. A gente não pode nem estudar direito, era só trabalhar. E a gente naquela correria aquela camaradagem, a água era longe pra gente buscar ela, pra lavar roupa. Era uma tristeza. Eu criei foi sofrendo...

L: Mas eles pagavam...

Méia: Pagavam o quê?? A gente ganhava assim, quando era final de semana ela fazia uma feira de tudo que tinha e dava pra mim pra levar pra minha mãe, que era mais velha. Quando eu tava com 16 anos, quando eu saí de lá eu tava com 17 anos. Minha tia arrumou eu pra vim pra cá pra cuidar de uma mulher aqui. Fiquei mais 10 anos com essa mulher.

Méia: Você é filha de quem? (dirigindo-se à Vanessa)

Vanessa: Sou filha de...

Méia: O, meu Deus, não reconheci você, não.

Méia: Fiquei aí trabalhando em Maria de Inácio Fernanda, a sua mãe que conheceu ela. Aí eu fiquei 10 anos, ela não queria que eu casasse, né? Queria que eu ficasse trabalhando. Às vezes eu deitava pra mim dormir, no tempo do trem de ferro. Era só o trem apitava aí, ela já fazia eu levantar, que vinha gente de Teófilo Ottoni...

L: A senhora pegou o trem funcionando ainda?

A: Vixe, demais..

M: Quando o trem acabou eu tinha meu filho mais velho, ele tá com 41 anos.

L: Quando era tempo do trem não tinha mais riqueza aqui?

M: Não, tinha não. Este daqui (aponta para o marido) trabalhava aí batendo enxada pros fazendeiros, ganhava uma mixaria. Tinha dias que trabalhava pra ganhar três reais pra comprar as coisas pros treze menino nosso.

L: Tinha trabalho de abastecer de lenha e água o trem?

A: Não, não apanhava aqui não. Era tinha

Fim de fita

M: Agora só tem pra lá de Teófilo Ottoni pra Belo Horizonte, né?

L: Não tem mais não, agora só tem trem de carga...

(...)

L: O trem parou quando?

M: Quando o trem parou meu filho devia ter uns três anos, ele tem 42 anos.

L: Quando o trem parou a vida aqui não ficou mais triste? O trem não dava alegria?

A: Dava, vixe era muito bom.

M: Era muito bom.

A: Eu aí devagar, quando um garimpeiro parou fui substituir ele.

A: O trem descia quase uma hora dessa pra Araçuaí e de tarde subia. Quando era de tardinha a outra tornava a descer. Uma subia a outra descia.

L: A senhora quando era pequena chegou a conhecer o trabalho de usina?

M: Não lembro não, eu fui conhecer trabalho de usina depois que eu casei, esse aí mesmo nunca foi pra usina não.

A: Não, eu não.

M: Eu casei com 23 anos

L: O senhor tinha quantos anos?

A: 26

L: E agora o senhor tem?

A: 74.

L: Quase 50 anos atrás, então a senhora deve ter uns 70 anos, mais ou menos.

M: Eu esqueço a minha idade.

L: O seu marido não trabalhou pra usina mas os filhos foram?

M: Todo mundo aqui já trabalhou na usina, os meninos todos. Só as meninas que não. As meninas trabalhou em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo.

L: As meninas trabalhou de quê?

M: Aí era de doméstica

(...)

L: E o que que a senhora acha do trabalhona usina?

M: Eu sentia bem quando eles iam, porque aqui não ganha assim dinheiro suficiente igual lá, né? Mesmo que a gente fica preocupada demais mas é onde eles ganham dinheirinho, não é não?

L: Por que fica preocupada demais?

M: Uai, por que eles ficam aqui querendo dinheiro e a gente não pode dar. O serviço que acha aqui é mixaria.

L: Mas quando eles tão lá a senhora fica preocupada?

M: Uai, demais. A gente não deixa de ficar com medo de acontecer alguma coisa. É muito

perigoso esse lugar. A gente tem que fica preocupada.

L: Alguma vez algum filho chegou doente, cansado por conta da usina?

M: Não.

L: Aqui em Araçuaí já morreu gente cortando cana.

M: Graças a Deus aqui não. Quando eles chegam, chegam numa alegria igual uma boiada quando tá presa e solta.

L: Eles chegam felizes?

M: É, agora eles tão aqui por aqui por que tá ruim e eles já voltaram.

(...)

L: As mulheres migram e depois trazem os filhos pra a senhora cuidar?

M: Minha filha pediu pra nós pra cuidar deles, hoje tem 10 anos que ela tá trabalhando numa mesma casa. Ela fez uma casa aqui já. Eles tão estudando, falta dois anos pra acabar a escola, depois eles vão embora, se quiser, já criados.

(...)

L: Mas antes também tinha de jeito de evitar, não tinha? Os mais velhos sabiam.

M: Sabiam nada, não tinha jeito não, se soubessem não teriam todos os meninos aí... nós criou esses treze, pra mim até hoje eu lembro, eles não me deu muito trabalho não... tinha trabalho quando adoecia aí a gente ficava preocupado mas eu deixava esses meninos dentro de casa, dava a eles comida e ia pro mato mais esse daí (marido) e batia enxada com ele o dia todo. A mais velha ficava em casa tomando conta deles, quando chegava já tava tudo de banho tomado. Não, tinha negócio de menino sair pra casa dos outros, eles ficam aqui dentro de casa. Só ia num canto, na casa de um vizinho se eu mandasse.

Filha: Até mesmo na minha época, Lúcia, não tinha essa vidinha de ficar indo na casa dos outros não?

Pras meninas irem pro forró o pai mandava os irmãos e cuspiam no chão, se secasse o cuspe eles todos apanhavam. Antes era de casa pra escola e da escola pra igreja.

M: Então esses aí mesmo ficava de dentro de casa, quando eles apanhou um tamanho assim, eles começou a trabalhar pequeno, a gente levava eles pro mato. Tomava sol e chuva no mato trabalhando, ninguém chorava, ninguém reclamava, não tinha preguiça. Tinha uma vizinha que morava ali e ela dizia: mas por que você não

deixa os menino vir aqui pra brincar? Eu falava não, deixa eles dentro de casa senão eles acostumam ir para casa dos outros e portanto eles nunca foram menino de sair para casa.

L: Mas se divertia como se não saía de casa?

M: Divertia não, ficava em casa, e ia pra escola e ira pra igreja de noite, só.

M: Edméa tava falando hoje no telefone: o mãe, nós, a senhora lembra, né? Que nós pra ir num forró, precisava trabalhar que nem um condenado a semana inteira.

Filha: E ainda assim quando chegava na hora H meu pai não deixava não. Mãe era esperta fazia a gente trabalhar muito a semana inteira e depois não deixava.

L: Cês não fugiam pra ir no forró?

Filha: Não, não podia. Aqui por nada eles batiam na gente, qualquer coisinha... eu lembro uma vez que tava lavando roupa com mamãe, esfregando roupa dentro de casa, meu avô chamou pra eu ver a receita do remédio, que hora que ele tinha que tomar o remédio. Eu fui lá, larguei a roupa e fui lá. O porco veio, pegou uma bermuda branquinha do meu irmão e saiu arrastando na terra vermelha. Quando minha mãe chegou – minha mãe odiava chamar a gente e a gente dizer espera. Quando eu cheguei levei a bermuda na cara. Eu falei eu não vou ajudar a senhora torcer roupa no rio, não vou. Fiquei atrás da casa assim chorando, chorando. Ela me gritou pra almoçar e eu falei: não vou comer porcaria não. Meu pai falou não vai comer o que? Veio com uma vara, menina mas meu pai me bateu, me levou lá em cima do rio e foi batendo, batendo fiquei com o corpo todo cortado.

Transcrição da entrevista com Dica e Osmar

L: Conta aí Osmar como é que começou a greve?

O: A greve começou assim: vieram 66 pessoas que entrou em greve, eu acompanhando meu tio, fui obrigada acompanhar ele que era pra resolver aí acompanhei meu tio e entrei nessa greve. O pagamento foi o seguinte, foi bom, bom sim, nos bolsos nem cabiam o dinheiro, sinceramente, com certeza, sinceramente.

L: Mas qual era o motivo da greve?

O: O motivo da greve?

L: Sim

O: Era cana barata. Queria cortar cana sem queimar, cana crua, cortar crua, sabe como é que é, né?

L: Sei, é muito mais duro, né?

O: Então eles não quis que queimasse a cana e não enfraquecia o peso da cana, então nós cortamos a cana crua então (...) nós fomos apoiar a greve caminhando, 56 pessoas nós era na greve. Aí chegou no alojamento lá não deu tempo de nada. Encostou dois ônibus lá. Todo mundo que estava no escritório ontem, tá na rua e pode entrar no ônibus aqui. Fazer o quê? Deixar as coisas pra trás, muita coisa ficou pra trás. Entrei no ônibus lá e fui direto pra Guariba depois passou em Guariba e fomos pro escritório do (?) que é o nome do escritório lá. Fui pra lá, acertou com nós tudo certinho e saímo de lá numa boa. Todo mundo saiu amarrado, amarrado. Todo mundo era assim: recebia o pagamento, já saía assim, pegava e botava na perua.

L: Pra mandar de volta pra cá?

O: Isso pra botar na rodoviária, ninguém ficava mais lá dentro não. Todo mundo recebia assim com a mão pra trás, entrava no carro e passava o cinto de segurança, era... na perua, nem van não era.

L: Mas por que isso? Pra não poder...

O: Pra não ter regressão.

L: Mas e as conquistas da greve durou mais tempo, não durou? Antes o pagamento era por cinco ruas... eles queriam fazer 7 ruas...

O: Isto mesmo

L: Mas continua até hoje por cinco ruas?

O: Isto por cinco ruas, acho que sim.

L: Também acho que continua por cinco ruas mas teve uma perda também, né? É cinco ruas mas o camarada só recebe aquilo que ele corta, o camarada corta, o fiscal mede e lá na usina é que eles transformam em tonelada e aí vai acertar no final do mês...

O: Exato.

L: Mas essa é uma perda né? Por que é só por peso que recebe aí o camarada se estoura pra trabalhar e não vê pesando.... mas por que era ruim fazer 7 ruas em vez de 5 ruas, isso eu não entendi bem...

O: Sabe por que era ruim? O seguinte: 5 ruas, empilhava três e deixava duas, naquelas duas. Naquelas três faz a bandeira no meio daquelas duas. Então para 7 ruas fica ruim pra jogar a cana e não pode ser duas bandeiras. Tem 7 ruas aqui, tem quatro, três, sete, se fizer esta rua de cana aqui fica muito longe pra jogar a cana, não pode

fazer duas bandeiras. O caminhão passa, o guincho passa de lado então não apanha a cana, ele vai pisar na cana, vai quebrar a cana. Então tem que ser um lado, um lado certinho pra não ficar longe pra jogar a cana...

(continuação da explicação.... onde a usina ganharia)

O: Então no caso sabe o que eles faziam? Aquelas duas ruas ficavam para os diaristas, os cata-bituca que chamam.

L: Os bituqueiros.

O: Isto mesmo, eles vinham e retiravam aquilo lá por dia, a corrida deles, no tempo que eu trabalhava, não sei se isso mudou.

L: Acho que não mudou não continua tendo bituqueiro.

O: Pois é...

L: Mas acho que o trabalho dos bituqueiros é um pouco diferente... eu acho que eles só catam aquilo que cai do caminhão...

O: Já corri atrás demais, já corri atrás igual cê tá falando aí, tá vendo, desse jeitinho correndo atrás, igual um doido. Caía uma cana cê tinha que catar e apanhar, corria atrás, caía outra apanhava.

L: Cê já foi bituqueiro?

O: Uai, já fui é, diarista.. Olha minha carteira aqui o tempo que eu trabalhei.

L: Diarista é mais duro ainda que registrado, né Osmar?

O: É, quando eu trabalhava na Odebrasa (sic), pode ver..

L: Ah, no cargo em vez deles colocarem trabalhador rural eles colocam rurícola, que engraçado...

O: Olha o quanto por hora aí, fazenda Boa Esperança, olha aí.

L: Também é da Cosan?

O: Não é Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, é... trabalhei 11 meses lá, lá que trabalhei correndo atrás de guincho, depois da safra, diarista.

L: E o caminhão vai andando e você tem que ficar correndo atrás, jogando as bitucas?

O: Tem, tem, tem que correr atrás, se cair uma cana tem que correr, apanhar e jogar lá em cima.

L: A bituca tem muita sacarose por isso que eles querem?

O: Não.

L: Por que então que tem que catar bituca e não botar fogo depois?

O: Mas não pode não... diz eles que não pode botar fogo não. Só bota fogo mesmo na palha de cana.

L: E você, Dica, ficava sozinha aqui quando seu marido ia?

D: Quando ele ia eu quase não tava mais ele não, ele era rapaz solteiro ainda. Agora com esses mais novos eu ficava.

O: De 89 pra cá cê tava.

D: De uma vez que ele foi eu tava com a barriga do tamanho do mundo, a primeira menina que eu ganhei, ele não tava não. Eu ficava lá na casa de minha mãe, ali perto de Iri, da casa de Iri.

L: E depois que você começou a ter os filhos você [Osmar] parou de ir para as usinas?

O: Parei.

D: Ele foi umas duas vezes ainda, depois parou.

O: Ai, eu vi que tava ruim, muito ruim e ganhando pouco.

L: Você não ficava triste demais, não?

D: Eu não.

O: Vixe! Ficava nada

Risos

D: Eu não ligava muito, não.

L: Não?

D: Não, acostuma.

L: É?

D: É, ué.

L: Mas tem mulher que não acostuma, tem mulher que fica com depressão...

D: É, eu não fiquei não. Não ficava não.

(...)

O: Eu tinha até uma namorada lá, eu recebi uma carta lá... olha eu contando um segredo...

L: Olha aí... tem gente que vai apanhar hoje à noite...

D: Mas lá nessa Itaqueritinga ele tem uma menina lá. Uma menina não, uma mulher já velha já...

L: Cê tinha?

D: Tem ué, tem uma filha dele lá. Eu nunca vi, lá em Itaqueritinga... ela deve ter uns 20 e poucos anos.

L: Tá certo mas foi antes de te conhecer né....

D: É foi antes... 84

O: Foi antes.

D: Mas eu não conheço ela não, nem por retrato. Isso que é um pai desnaturado.

O: Que nada....

L: Mas você nunca mais viu essa mulher, não?

O: Nunca mais fui lá.

L: Cê ficou com medo, ela falou que tava grávida e você fugiu?

D: Não, ela escreveu.

O: Tem um bocado de carta dela aí pra mim.

D: Quando a menina nasceu ela escreveu que tinha nascido.

L: Cê não foi registrar, não?

risos

L: Pode não... judiaria da menina...

D: Ela já é quase avó.

(...)

L: Quem era o gato que levava? Você ia sozinho ou ia com uma turma? Ia com gato... era o Zé Antônio que levava?

O: Zé Antônio, Manuel Branco, Sebastião Preto, Adão Machado....

(...)

L: E com esses registros você consegue a aposentadoria?

O: Consegue não.

D: Tem que ter o Incra, tem que ir pro sindicato.

L: Qual é a vantagem então de assinar pra aposentadoria?

D: Tem vantagem não, tem não.

L: Aqui o povo faz como pra conseguir a aposentadoria rural?

D: Depois que deu a idade....

O: Aqui depende do seguinte, até por idade precisa do Incra.

O: Se não tiver em dia no seguinte tem que pagar tudo, os atrasados tudo pra conseguir...

D: Agora sendo viúva não demora muito não, né? Tendo a certidão de casamento

Filha: Mas quem é que é casada? A senhora não casou?

D: Não, sou casada não. Eu vou demorar pra aposentar.

L: Casa.

D: Que nada, já passou já tem quase 23 anos que eu tô aqui.

O: Que nada já chamei a mulher pra casar e ela não quis.

D: Agora que quero. Cê tá dando perrengue, vai que morre aí.

L: Agora cê quer?

O: Pois agora que eu não quero.

L: Mas não é por ela que você vai casar, é pelos teus filhos... vai que acontece alguma coisa teus filhos recebem a pensão.

D: Vai que eu morra também, né? Eu também morro, ainda mais que eu sou mais doente...

L: Cê não tem cara de ser mais doente que ele não.

D: Não, mas eu tenho... tenho pressão alta, pressão alta é bom pra matar.

L: Mata rapidinho.

D: Pois é, e a minha é altona.

D: Vai Osmar trabalhar...

L: Onde você trabalha?

D: Trabalha aí varrendo rua.

(...)

L: O que reparei é que estes tabuleiros não têm muita coisa plantada neles, isto dá uma dó, né? Uma terra que é boa.

D: Agora mesmo, naquele meio mesmo tem tabuleiro mesmo bom de ter planta, né? Não tem nada.

O: Mas é que planta, né? O dono da fazenda, seguinte...

(...)

L: Aqui no Schnoor antes do pessoal migrar assim, muito, tinha bastante roça?

O: Tinha. Isso tudo aqui era nosso, essa terra aqui, o patrão, Joãozinho deu pro meu pai. Meu pai cercou tudo isso aqui, 100 metros pra cima era tudo nosso.

L: E dava pra viver?

O: Dava e passava fome ainda. Deus queira pelo amor de Deus. Não sei que miséria era aquela que tinha no mundo não...

L: Passava fome?

O: Passava, comia canjiquinha só com feijão, uai...o terreiro cheio de milho...

D: De mantimento e passando fome...

O: Porco no chiqueiro.

L: Então porque que passava fome?

D: Não sei como aquele povo fazia, não? E naquele tempo dava muita coisa.

O: Não sei como era também não, e eles ainda passava fome.

O: Passava, sim, muita fome. Vixe, eu passei crise que era só Deus, só Deus...

L: Mas como se a terra tava dando comida?

D: Ninguém sabe o que este povo fazia antigamente...

O: Mas a comida que dava era pros patrão, ué. Meu pai arrancava mandioca no mandiocal pro patrão dele... aqueles tocos lá que sobrava, pai ia lá e jantava mais mãe e mãe ralava aquilo no ralo pra fazer pra nós comer... era... desse jeito... sem mentira nenhuma. Tem um irmão ali mais velho, pai mais velho trazia o pequeninho, tamanho desse mais novo meu aqui, ia pro mato e levava uma cabaça de água pra eles pra trazer água de novo pra eles. Eles traziam um balaio de quarta, desse tamanho, cada um com um balaio pra almoçar ainda. Mãe fazia o biju primeiro pra nós comer pra ir pra escola, quando dava 11 horas e eu tinha que sair da escola, eu levava comida pra eles comer no mato. Pedia licença pra professora, mandava um bilhetinho: o dona.... meu irmão mais velho escrevia um bilhetinho. Eu levava devagarinho a canjiquinha pra não derrubar ainda. Canjiquinha com farinha só.

D: E a mãe dele socava, levantava 4 horas.

O: Farinha de manhã cedo, com um punhado de sal na boca e saía pro mundo.

D: Socava pros outros também, fazia uma farinha boa... fazia a meia.

O: Tomava um alqueire de milho, cinqüenta medida de milho, pra partir ao meio. Dividia com o dono.

L: Socava como? No pilão?

D: No pilão e torrava também.

O: Torrava no fogão de lata.

L: De cobre, né?

O: Nada... era pedra

L: E esquentava como?

D: Botava lenha embaixo e botava a farinha em cima da lata.

O: Enquanto o fogo tava esquentando, mãe fazia o beiju pra pai comer de manhã cedo pra ir pro mato. Tomava com café.

L: Todo dia?

O: Todo dia essa vida que Deus dava e era bom de mais. Gostoso o beiju, até hoje eu faço. Eu tenho mandiocal aí em cima, tem três dias que eu não vou lá... doido pra comer o beiju. Eu faço, eu ralo, agora tá mais fácil.

D: Faz não é porque tá com fome... é porque gosta de fazer.

O: Não é pra fome, é relembando o tempo, e gosto de beiju.

Conversa sobre beiju doce, salgado, baiano...

L: O que você acha que vai ser o Schnoor se acabar o emprego lá em São Paulo, nas usinas?

O: O que vai ser daqui? Aquele que tem o empreginho dele, igual, Deus abençoa, graças a Deus, eu tô esse emprego que eu tô aqui....

L: Mas você não está registrado, não?

O: Tô não... tô com contrato

D: Lá eles registram depois de um certo tempo, né? Não vai entrando e registrando não.

O: Registrando moça é concurso, tem que passar no concurso... tem que fazer concurso se tiver, né? Só que eu não vou fazer não, vou não... sei que eu não passo, ué.

D: Mas tem que tentar, ué.

O: Fazer não, passo não... Marcelo falou comigo que é difícil.

D: Mas a gente não tem que ir na cabeça, na conversa dos outros não, a gente tem que ir tentar tudo...

(...)

L: Quantos moradores cê acha que tem aqui no Schnoor?

D: Só de eleitor tem 600. Agora acho até que é mais, os que era de menor já vota, né?

Filha: Acho que tem 1300.

L: Tem muita casa fechada?

D: Não, tão tudo aí, o povão tão tudo aí.

L: Você ia gostar dele migrar agora, de ir para a usina se ele tivesse saúde?

D: Ia não

L: Naquela época você não importou...

D: Pra ele ir sozinho eu não ligo não, pode deixar ir. Eu fico aqui folgada.

(...)

O: E se u arrumar outra lá?

D: Não tem problema não, o dinheiro vindo, não tem problema não. Ninguém liga não, uai... mas deixa ele, tá um bagaço velho e feio... se ele não arrumou nada quando tava mais novo, ele agora pode ir. Vai ficar sozinho lá na usina. Agora vai mais nada, este tanto de gente que foi e não arrumou trabalho. Aqui no Schnoor o povo vai e volta, o povo tá voltando tudo.

O: Esse ano foi pouco, tá escolhido.

D: Esse ano tá escolhido.

O: Ruim de facão eles não tá levando não.

D: Esse povo de Itaquaritinga mesmo eles tá escolhendo demais.

L: Aqui tem bom cortador?

O: Tem.

Conversa sobre o uso de drogas no trecho

D: Eu não bebo cachaça não pois já deu derrame de cachaça em mim.

L: Como assim derrame de cachaça?

D: Bebia demais, uai, deu derrame de cachaça

O: Tem dois anos, quatro anos que eu não bebo cachaça também não.

D: Mas arrisca dar derrame de jurubeba nele, bebe demais, ué.

Conversa sobre cisterna e o que farão os homens e a comunidade quando não houver mais o trabalho nas usinas

(...)

O: Ela xingava eu no meio de gente...

D: Xingava não, agora que eu xingo, também xingo ele, não tem isso não...

L: Você é uma mulher brava, hein?

D: Eu xingo, se precisar eu xingo...

(...)

Conversa sobre Itaqueritinga e a usina Bonfim

D: Aquela ali [Lia] sofre quando ele [o marido] vai embora. Ela vem aqui todo dia aqui em casa e fica reclamando que ele foi embora..

L: E o que você fala quando ela reclama?

D: Uai, não falo nada porque não tem jeito mesmo.

(...)

D: É ué... trabalho bastante. Já ajudei a bater foice igual homem. Roça que ele faz mesmo é nós dois mesmo que cuida, é nós dois que se vira pra cuidar de roça. Nós dois, qualquer coisa, qualquer tipo de serviço. Qualquer tipo de serviço, até velar defunto, eu trabalho até velando defunto.

L: Como é isso?

O: [Até] Matar?

D: Matar não... não tô falando qualquer coisa que eu faço: dar banho e depois velar.

L: Cês dois dão?

O: Damo.

D: Não, quando é homem, ele dá em homem, quando é mulher eu dou.

O: Se o dono do corpo permite que eu posso entrar, eu vou, dou mesmo, tranquilo, eu faço tudo na vida. A única coisa que meu pai não me ensinou é roubar. Agora de serviço faço tudo...

L: E velório? Aqui tem mulher que ganha pra chorar em velório?

D: Aqui não tem não.... se tivesse eu ia arregaçar a boca de chorar.

risos

D: Tem isso mesmo de verdade, né?

O: Eu já vi na televisão...

L: Tem aqui em Minas Gerais também, elas se chamam carpideiras, elas vão pra rezar, vão pra lá elas rezam e choram.

O: Mas assim sem ser nada da família?

L: Sem ser nada da família

(...)

Conversa sobre velórios, choro

D: Eu choro também é por dó, né?

L: Cê chora?

D: A gente fica com dó e chora sim. Aquele mesmo [Osmar, o marido], ele servia, porque ele não pode ver um chorando que ele abre a boca, mas chora.... chora até por causa de novela.

risos

O: Choro, choro mesmo...

D: Não... cê chora. Ele quase chorou agora, na hora que ele tava falando das canjiquinhas, quase chorou.

O: Da fome, quando tava falando da fome.

D: Ele não pode mesmo com uma coisa assim que ele chora mesmo, à toa.

O: Coração fraco, né? Não aguenta, não.

D: Ele servia pra ganhar dinheiro na reza do defunto.

O: Vixe Maria, eu ganhava dinheiro toda hora.

risos

D: Não vi alguém pra gostar de defunto do jeito dele.

Filha: A senhora também gosta, a senhora passa a noite mais o pai.

D: Eu gosto (...)

O: A gente vela, enterra..

D: Enquanto não põe os coitadinho dentro do buraco a gente não vem embora...

Fim da entrevista gravada com Dica e Osmar.

Depois de mais de uma hora na casa deles e desse final tão engraçado, fui embora. Estava sendo esperada para o almoço. Encontrei o casal à noite na casa do irmão de Dica pra 'bater pandeiro'.

Transcrição da entrevista de Lia

1) Como é a vida da sua família quando seu marido está em casa?

Quando ele está é uma alegria doida. Uma segurança, é tudo de bom. Realmente eu posso falar que é só coisa boa, graças a Deus.

2) Quanto tempo ele fica em casa? Por ano?

Não dá nem quatro meses, por que ele chega assim praticamente no fim de dezembro, então três meses e algum dias só.

No começo de abril já vai embora?

Exatamente.

3) E o que ele traz quando ele vem? De dinheiro, de coisas materiais?

Então sempre traz coisas que ele compra lá... roupas pros meninos

4) O dinheiro da tua casa vem todo do trabalho dele?

Todo dele, o dinheiro lá em casa é o dinheiro da usina mesmo.

5) Você não tem nenhum trabalho?

Então eu tenho a bolsa que eu trabalho no Pedagogia do Abraço [Projeto do CPCD com financiamento da Petrobrás], então também é uma rendinha que ajuda bastante.

6) Se não, é só o dinheiro dele mesmo?

Exato.

7) E dá o dinheiro dele, Lia?

Graças a Deus, Lúcia que não posso falar que a gente teve assim rica mas dá pra viver bem, sem ele vou falar pra você, não sei como seria não.

8) Como é a vida quando ele não está? Nos 9 meses em que ele não está?

É muito triste.

Transcrição da entrevista com Malu

L: Você não precisa dizer teu nome, tá bom? Não quero colocar assim o nome de ninguém, quero que você fique à vontade para dizer tudo o que você quiser sobre a vida de quem fica aqui e o marido vai pra lá. O teu nome não vai ser divulgado não. Só vai ser divulgado: depoimento de uma mulher de um cortador. Se você não se importa de dizer o nome também não tem nada não...

Malu: Eu não ligo não, eu acho até digno demais.

Márcia: É só que ela já saiu no jornal.

Malu: É, já saí na Folha de São Paulo, tem ela (filha) pequenininha, minha filha já é artista!

L: E tem por que? Por conta do que?

Márcia: Foi com Ema (norte-americana que trabalhou no CPCD), não foi?

Malu: Não foi não... foi uma equipe de estagiários da Folha de São Paulo.

L: Você já tinha a Julinha quando Ema estava aqui?

Malu: Mas ela quase não tirou foto.

M: É não tirou, porque primeiro ele tinha que tirar foto, né, com a família. Aí ele ficou na bestagem dele, ele é tímido pra umas coisas e extrovertido demais pra outras.

L: Como é que ele chama?

M: A., aí ele não quis tirar, eu virei uma onça com ele. Fiquei dias enchendo o saco dele porque ele não quis tirar, aí depois quem tirou de Julia foi Rebeca. Rebeca que tirou uma vez para eu mandar. A foto dela tá lá...

L: Então, me fala uma coisa: como é que é a vida da tua família quando o Adilson está em casa?

M: Ai, divertidíssima.

L: É mesmo...

M: Quando ele tá em casa, a gente sai todo dia, a gente come na mesma vasilha. Acho que é por isso que eu ainda sofro demais quando ele sai. O dia que ele saí eu choro que nem comer eu não como. Aí é assim.... ele é muito engraçado, ele é divertido... com Júlia então, com todo mundo. Ele é cheio de amigos, todos os amigos dele são meus amigos. A gente tem os amigos de farra, que ele gosta de beber eu também gosto, gosta de um churrasquinho. Toda sexta-feira quando ele tá aqui a gente assa uma carniinha lá no boteco do marido dela [marido de Márcia]. Eu vou lá todo dia quando ele tá aqui. Todo dia eu tomo uma cerveja com ele. Pra achar ele dentro de casa é raridade. Quem quiser esconder dele vem para cá. Ele fica igual uma borboleta, ele entra e sai, entra e sai... quando eu acho que ele tá aqui ele me deixa conversando sozinha. Eu até acho engraçado. Às vezes eu tô conversando com ele aqui, eu vejo que ele não responde, eu vou procurar ele já tá longe...

L: Faz muito tempo que ele vai pra cana?

M: Não... porque ele morou muitos anos em São Paulo, ele saiu novo daqui, foi pro Rio, do Rio foi pra São Paulo aí ele veio pra cá, em 2004 que ele veio. Aí foi em 2005 que ele começou a sair. Ele chegou no final do ano, a gente se conheceu e estamos juntos até hoje.

L: Foi amor à primeira vista?

M: Foi, da minha parte até foi engraçado. Eu era muito, muito sapeca, muito namoradeira. Aí em

dia eu saí de casa e vi ele de manhã, acho que eram umas 7 e pouca jogando sinuca já. Aí eu era muito atentada e falei: gente mais que nego bonito é aquele? E a sobrinha dele era muito amiga. Juliana, a sobrinha dele, aí eu falei assim: gente que homem bonito mas eu não sabia de quem ele era filho. Aí eu falei pras meninas, cês duvidam que eu vou beijar aquele homem? Aí elas: eu não duvido não, do jeito que você é doida... aí foi. Deu tempo da sobrinha dele chegar de São Paulo aí eu comentei com ela que eu tinha achado ele muito bonito. Só que ele também mexia comigo quando eu passava, aí ela me apresentou para ele. A gente começou a ficar, ficar e acho que com quatro meses que a gente tava namorando, ficando, a gente foi morar junto. Deixei todos bravos, meu pai principalmente era contra.

L: Você fugiu pra ficar com ele?

M: Ah, eu fugi porque eles não queriam mas eu vinha mesmo assim. Eu vinha e a gente já dormia junto e no outro dia de manhã eu ia embora. Aí eu vi que ele não tava gostando da situação, meu pai fez de tudo pra separar aí eu falei eu vou então de mala e cuia. E vim, todo dia eu trazia uma roupa, quando eu assustei já tava aqui.

L: É bom assim, né? Casar, fazer festa pra todo mundo é muito caro também...

M: Mas eu não casei não...

L: Não?

M: Não, não sou casada de papel passado e igreja não. Mas pra mim, 'amigado com fé casado é'.

L: Como é que a vida quando ele não está?

M: A minha filha nem sei porque que eu tô rindo agora. Esse ano ainda para mim foi o mais difícil porque a mãe dele tá aqui, que essa casa não é nossa, a gente mora com os pais dele. E a mãe dele não tá, ela foi pra São Paulo desde fevereiro pra tratar, não veio. Ele precisou de ir e eu fiquei aqui. Ele tem um filho de 16 anos mas que se tornou rebelde, um menino que não conversa com ninguém.

L: Mora aqui com vocês?

M: Mora mas é assim, eu acordo já pensando em fazer o almoço pro meu sogro e ir embora pra casa de mãe porque eu não agüento ficar aqui, não suporto. Principalmente se Júlia dormir, vou ficar aqui conversando com quem? Então aqui dentro dessa casa eu não tenho diálogo com ninguém, a não ser com Júlia. É difícil demais da conta. Eu tenho que parar com esses costume de comer junto com ele no mesmo horário porque quando ele vai embora pra eu conseguir comer é difícil demais. A gente almoça junto, ele pode ir

pra rua e voltar 4,5 horas da tarde mas eu não almoço enquanto ele não chega. E jantar a gente só janta junto. Faz um mexidão lá na mesmo panela. É isso. É difícil demais, muito difícil.

L: O que você acha mais difícil de agüentar?

M: Quando ele não tá aqui. Dessa vez foi mesmo porque eu fiquei muito só, me senti muito só. Mas o momento que eu acho mais difícil é na hora de almoçar, que eu não tenho vontade de fazer comida. Quando eu começo a comer e lágrima caindo dentro do prato aí eu tenho que parar, não consigo. Não consigo mesmo. Quando eu entro no quarto que eu vejo a cama, as coisas dele ainda parece que tá o cheiro.. Ave Maria é difícil demais. É ainda fica com aquela incerteza se você vai ver de novo, se não vai... pra mim o que mais dói é isso. Quando ele foi embora ele me deixou grávida de 1 mês, eu não tinha feito o teste mas eu sabia. Eu queria tanto ter, que eu senti. Tanto que antes dele ir embora, um dia antes dele ir embora a gente tava lá no bar, ele falou assim: é meus amigos acho que minha mulher tá grávida... nem tinha exame nenhum... acho que seu tô deixando uma herdeirinha aqui. Aí eu senti que eu tava mesmo. Aí eu fui fazer o teste e o Iri, ele que me levou... eu sabia que tava mais tinha que ter o papel para começar a fazer o pré-natal. Só por isso eu fiz o teste. Mas eu sofro demais, e choro... às vezes eu acordo de madrugada e procuro não pensar em nada, fecho o olho pra dormir logo porque se eu ficar acordada eu choro o tempo todo.

L: É mesmo... e ele precisa ir? O dinheiro que ele traz é muito importante?

M: Nossa é importante porque aqui não tem outro meio de você ganhar dinheiro. Aqui é um lugar que eu costumo falar que é esquecido por todos os órgãos. Não oferecem curso pra ninguém, então fica assim meninos tão na escola mas tão com o pensamento de acabar e ir pro corte de cana. Segundo grau hoje não dá nada, se você não tiver um curso, uma formação, você não faz nada. Ele não teve uma oportunidade de estudo, quem não estudou hoje em dia vai ser o que? Vai ser cortador de cana. O único dinheiro, maneira de ganhar dinheiro aqui é isso...

L: Ele manda dinheiro todo mês?

M: Manda todo mês.

L: Ele pergunta quanto você precisa ou ele manda...

M: Não, ele manda o que acha que dá e sempre dá. Depois que ele manda ele pergunta deu? Tá precisando? É assim... ele não me deixa faltar nada.

L: Você consegue economizar ou você é gastadeira?

M: Eu sou muito gastadeira... eu não percebo que tô gastando não. Eu gosto muito de comer, o que eu mais gosto é isso. Sem esse dinheiro dele, o que nós vamos fazer?

L: Tá todo mundo dizendo que vai acabar, né?

M: Ah, isso é uma realidade que não tem como a gente fugir dela não...

L: E o que vocês acham...?

M: Ah, eu acho que nossa.... esses órgãos o Governo Federal, Estadual até os prefeitos tinham que olhar mais pro lado pra começar a preparar essas crianças, esses jovens que tão na escola, oferecer alguma maneira deles tarem aprendendo, buscando mais conhecimento pra depois ter no que trabalhar. Se a gente ficar como a gente tá aqui eu não sei o que vai ser de nós aqui não. Aqui tem o segundo grau mas não tem curso... se pelo menos tivesse um curso lá em Araçuaí e tivesse um carro pra tá levando todo dia já era uma coisa. Ou as mulheres vai trabalhar de doméstica ou os homens vão corta cana. Eu sempre falei: gente isso vai acabar, hoje em dia tá tudo muito industrializado, as máquinas, os donos da usina não vão querer pagar 100 homens por dia sendo que uma máquina vai fazer o trabalho deles. Pra eles é mais em conta as máquinas que os homens...

(...)

L: E quando o Adilson está longe com que você se distrai?

M: Televisão.

L: Você vai pro forró?

M: Não.

L: Por quê?

M: Ah, por que eu acho que não é conveniente pra mim que sou uma mulher casada, vou fazer o que no forró? Sem ele? Lugar pequeno é assim: se eles viram, eles contam o que eles viram e aumentam e inventam também. Então, quando ele tá aqui, ele é muito divertido, quando ele tá aqui a gente se diverte demais, demais. Não tem porque eu sair sozinha, eu não gosto. Não é tanto pelo o que outros vão falar, é porque eu não gosto mais. Não tenho mais o interesse de sair sozinha. Não tem graça. Se eu quero tomar uma cerveja eu compro e tomo aqui em casa. A gente sai vai pro forró, a gente dança, a gente bebe demais da conta, diverte, se um começou a ficar tonto, um vem escorando o outro. Ele me traz no colo, me traz no pescoço.

L: Cê você toma uma a mais?

M: É, mesmo se não tomar. Eu peço ele colo, ele vem me trazendo...

L: Olha que folgada...!

M: Então é ótimo, não me faz falta. Forró não me faz falta. Mesmo quando ele tá. Quando é sábado de manhã que eu acendo o fogo pra fazer a comida do meu sogro, ele já vem da rua com os espetos de carne e traz uma pinguinha e uma cervejinha. Todo sábado é assim. Ele vai todo dia pra lá pra jogar baralho, se lá eles inventarem de fazer churrasco ou alguém levou um queijo ou alguma coisa pra comer, ele vem e manda me chamar. Então forró não me faz falta de jeito nenhum.

L: E jogar bola, você gosta de jogar bola?

M: Jogo, mesmo ele tando eu jogo. Ele manda eu ir, ele sabe que eu gosto, ele não gosta que eu engordo. Ele é gordo mas eu não posso ser gorda.

L: Esses homens...

M: Ele manda, ele sabe que sinto dor nas pernas, ele acha que é má circulação, né? Então ele manda. Eu vou e assisto ele jogando bola. As meninas morrem de rir, eu fico: vai bonitão! E quando ele vai jogar e eu não tô, ele sente falta. Ele vai e vou atrás. Eu me divirto demais com ele aqui.

L: Você acha o tempo muito longo, 9 meses ele fica fora...

M: Ah, demais. Só que ele nunca ficou 9 meses, ele já ficou 8 meses. O mais difícil é o primeiro, segundo mês. Este ano tem só três meses que ele foi. Eu sou de conversar e rir com todo mundo, eu sou uma palhaça então ele também me enterte (entreter). Só que eu não vou na casa de ninguém não. É muito difícil eu ir na casa de uma pessoa. Eu vou lá ni'mãe.

M: Eu saía muito quando eu trabalhava, né?

L: E por que você saiu?

M: Troca de governo, né? Trocou prefeito e aí trocou as pessoas e eu como eu já era ... eu não votei em quem entrou... troca de governo é assim mesmo.

L: O que você acha que mudaria na sua vida e na vida do Schnoor se ele pudesse ficar aqui?

M: Ah, na vida do Schnoor eu não sei mas na minha... mudava demais. Nossa na minha mudava tudo, ele me acompanhava... eu não deixo ela [a filha] esquecer também. Mesmo quando ela era pequena, eu sempre mostrei muita foto. Ela sabe que o pai foi pra São Paulo.

L: E quando ele chega como ela fica?

M: Ela gruda nele. (...) ela é uma companheira pra mim. Quando ele veio mesmo e eu fui encontrar com ele em Araçuaí, ela viu ele e conheceu. Ela ficou louca: meu pai... Ele gruda nela também, um 'nojo' eles dois. Tem dias que quando deita os dois... eu já dormi no berço dela porque eles não deixam eu deitar na cama. Durante o dia, ela fica 'painho, painho' e não deixava eu encostar nele. Até agora antes dele ir embora, ela tava dormindo muito tarde. Eu caíndo de sono e os dois fazendo palhaçada assim ao lado da cama. Quando ele tá aqui eu sempre durmo primeiro que ela, ela fica na farra com ele.

L: E quando ele não tá aí, ela dorme com você na cama?

M: Dorme mas quando eu sei que tá perto dele chegar eu já passo ela pro berço pra ela ir se acostumando. Agora ela dormindo comigo, ela pede e eu que gosto. Ela é minha companheira.

(...)

L: Você lembra como era vida antes da migração?

M: Não, eu não. Sempre, os mais velhos foram pra usina, meu pai foi.

L: E você lembra de sentir falta do seu pai?

M: Não, porque eu era muito novinha, a última vez que ele foi acho que ele foi no Mato Grosso, pegou malária e depois disso ele não foi mais. Eu era a última que tinha nascido. Mas esses homens mais velhos, tudo eu lembro que ia. Era uma festa, é até hoje, o dia desses homens chegar, Nossa Senhora, a rua enche, menina. Nossa o dia que ele falou que ia chegar... eu sabia que ele ia chegar de noite, mas eu acho que eu começava... o dia que ele vai chegar é uma graça. Eu faço unha, faço cabelo fiquei rodando essa casa de la pra cá. Quando soltaram o primeiro foguete era bem longe.... eu fiquei igual uma doida. Eu não sabia se eu ia, fiquei igual uma galinha torta. Minha sogra falou: o menina vai, se tá querendo ir, vai. Aí eu fui, minhas irmãs tinham vindo pra cá, todas as cunhadas são apaixonadas nele. Nós fomos, saímos correndo. Chegamos lá encontrei com o ônibus subindo. Volta pra trás de novo. Ele tava o primeiro na frente por causa da perna dele (quebrou durante a safra). Eu fiquei feliz demais. Nesse último ano eu não agüentei, fui encontrar ele lá em Araçuaí, dessa vez eu não agüentei não.

L: E como é que ele chega? Chega muito casando mesmo?

M: Não, ele emagrece um pouco.

Transcrição da entrevista com Dona Mazinha

L: Dona Mazinha, o tear a senhora aprendeu com sua sogra?

M: Com minha sogra, ela tinha um bocado de linha pra tecer, nessa época era difícil o dinheiro pra pagar as tecelonas, né? Meus meninos tavam tudo pequeno. Aí eles fez um tear pra mim, quando tava pronto ela foi em casa me ensinar a urdir o pano, desde esse dia não precisou mais me ensinar a urdir.

Explicação sobre o tear

M: Tem vez que eu até vendo, né mas no mais eu teço assim pra fora, a mulher traz a linha [e ela cobra o trabalho].

L: E quanto cobra?

M: Agora eu to cobrando 20 reais pra uma coberta dessa.

M: Se eu ficar o dia inteiro tecendo, teço num dia só. As pernas sobem e descem e os braços ficam batendo.

Mostra o descaroador e a roca

L: De primeiro a senhora trabalhava bastante na roça?

M: Trabalhei muito tempo na roça, todo ano ainda faço minha rocinha. Todo ano.

L: A senhora planta das terras de alguém?

M: Planto nas terras dos outros, né? Eu peço pra eles o lugar, eles me dá pra fazer a roça.

L: E a senhora faz sozinha?

M: Eu capino mais é sozinha, mais é só. É difícil eu botar um companheiro aqui pra ajudar. Quando a roça é bem grande eu já ponho companheiro para ajudar. Mas quando é um lugarzinho assim, uma quarta, eu não ponho não. Eu mesmo vou e capino.

L: Quantos anos a senhora tem?

M: Eu tô com 78

L: E capina sozinha?

M: No tempo das roças é todo dia.

L: A senhora gosta de plantar o quê?

M: Eu gosto de plantar milho, feijão, amendoim. Feijão andu, só arroz não dá.

L: A senhora já viveu da lavoura?

M: Já muitos anos.

L: A lavoura dava dinheiro, a senhora conseguiu viver com o dinheiro da lavoura?

M: Dava assim para a gente comer, não tinha era muita roupa de vestir, quem faz roupa de vestir era pouco.

L: Era uma no corpo, uma lavando, né?

M: Era mas dava pra a gente comer, ia vivendo assim, vivi muitos anos assim.

L: Dava pra viver?

M: Se dava bastante dava pra vender, se não ficava só pro gasto. De primeira a gente comia feijão. Ano passado eu plantei de tudo mas sabe o que eu apanhei dessa roça: só a lenha.

L: Por causa da seca?

M: Por causa da seca.

L: E a senhora tem parente que vai pra usina?

M: Meu filho mesmo vai pra lá.

L: Quando ele vem aqui, ele ajuda a senhora?

M: Ajuda.

L: Ele chega que mês?

M: Dezembro.

L: Mas a roça já tá pronta.

M: Dezembro a roça tá pronta mas ele ajuda porque manda o dinheiro e ajuda muito.

Transcrição da entrevista com seu Paulo

L: O senhor sempre trabalhou com coisa de roça?

P: O que eu não sei, moça, é só a leitura. Agora nasci já mordendo o cabo da enxada e da foice. Hoje já tô meio velho com 74 anos. Não tô agüentando trabalhar igual eu trabalhava, né? Plantar milho pra dar pras galinha. Antigamente nós plantava até arroz mas hoje em dia ninguém tá usando mais plantar arroz, tá comprando de supermercado.

L: O senhor já saiu para ir pra usina?

P: Muitos anos. Eu já tive no Mato Grosso, em São Paulo já trabalhei muitas vezes, na Bonfim, na Borandi (sic), em Barra Bonita.

L: O que senhor gosta mais da usa lavoura ou de cortar cana?

P: Olha quando a gente tem a roça aqui era bom mas sempre era mais complicado, né? Que a gente planta a lavoura ali mas na hora que vai vender não tem preço pra gente. Mas quando apresentou esse negócio de usina, um bocado de mais velho também levou a gente. Era melhor para a gente. Mais tem um problema trabalha, 7, 8 meses ou 9 meses e a família pra trás mas o dinheiro que nós ganha dá pra eles. Mas é meio

complicado, a gente vive com a família da gente poucos tempos. Esses meses passados fora, nós tá sozinho e a mulher sozinha pra cá com os filhos. Mas nós tem que trabalhar pra mandar o dinheiro.

L: O senhor não gosta de deixar a família pra trás?

P: Não é certo mas conforme o lugar da gente, que nem esse lugar daqui, a gente é obrigado a sair porque não tem recurso.

L: O que sua mulher achava?

P: O, ela deixava sair por que o salário aqui é devagar, mixaria.

(...)

P: Eu fui criado no cabo da foice.

L: O senhor gosta?

P: Gosto, é um divertimento pra nós, eu tô lá no mato com os amigos, é um divertimento.

L: O que você mais gosta aqui?

P: Eu gosto de tanta coisa, todo mundo amigo, conhecido, tamo junto né?

(...)

Família toda mora na Chapadinha do Norte, quando morrer uger ser enterrado no "seu pedaço".

P: Se eles vêm que pode trazer, traz pro lugar onde nós foi criado, né? O umbigo dos netos, das filhas, tá tudo enterrado ali, naquela planta.

Transcrição da conversa com Rebeca e Irineu

Conversamos na cozinha de Rebeca durante o almoço. Para continuar a conversa iniciada na casa de Márcia, ela contou o sofrimento de sua irmã, Leonora.

R: (...) ele chegou aqui sem nada, nada. Magro, magro. Ainda bem que ela tinha as economias dela porque ele mandava, depois parou de mandar dinheiro. Enquanto ele mandava, ela economizava. Ele chegou, moça (...) e ela suspeitava. Eu sei por que meu irmão estava junto com ele. Ninguém é doido, ninguém conta, ninguém conversa, ninguém fala nada, nada. Ninguém se mete. Agora este ano diz que tá bem, que tá mandando dinheiro todo mês.

L: Ela se queixava pra você?

R: Sim, até hoje ela [Leonora] se queixa, ela diz naquela época tinha coisa, alguma coisa aconteceu. Ela fala até hoje. Ele chegou, não

tinha dinheiro pra um quilo de sal, não tinha pra nada, nada, nada.

L: E ela o perdoou?

R: Perdoou, ela não sabe de nada, não sabe o que aconteceu. E ele inventava mentira... ligava falando que foi assaltado e tinha era gasto dinheiro na farra e na bebedeira. Ele ligava e dizia que foi roubado, que tinha ido trabalhar e foi roubado, que alguém entrou no quarto dele e pegou o dinheiro.

R: Ela adoeceu, assim que ele chegou, ela adoeceu. Não saía da cama, brigou com ele.

(...)

L: Por que você decidiu ir junto com teu marido?

I: Eu que quis levar.

L: Você não decidiu não?

R: Você acredita que ... ele ligava para mim...

L: Você tinha como sustentar ela lá?

R: Ele tava trabalhando.

I: Eu saía igual um doido... eu era bom.

L: Vocês já tinham as crianças?

R: Tinha. Olha, a primeira vez eu fui, L., esse maior, tava com seis meses e eu tava grávida do pequeno, do outro, do L.. Grávida de L. e L. piquinichinho, L. nem arrastava, nem sentava direito aí ele ligou. Nós fomos pra Itaquaritinga, não foi muito bom não.

L: Você já estava lá?

R: Tava lá e tinha arranjado uma casa.

I: Nós aqui não tinha nem casa nem nada...

R: Nós morava com a mãe dele aqui. Cê sabe aquele dia que os Mamonas Assassinas morreu?

L: Sei.

R: Então naquele dia, no outro dia eu viajei. Eles morreram no domingo, na segunda nós caímos fora. Iri chegou no sábado, na segunda nós caímos fora. Iri veio me buscar.

R: Cheguei lá e morei numa casinha lá...

L: Como você teve coragem com as crianças pequenas?

I: Só tinha um.

R: Só tinha um, o maior ameaçava morrer de enjôo, de tudo. O pior é que ele não dormia em casa, ele tava trabalhando longe, de fiscal, né, Iri? Aí ele comprou uma bicicleta pra ficar indo e vindo, indo e vindo, indo e vindo... só que ele não dava conta. Ele começou a cansar, ele só vinha de três em três dias. E eu pra dormir com esse menino sozinho...?

L: Mas de fiscal o trabalho também é duro?

I: É mais leve, não pega pesado, cê só toma conta de 50 pessoas, toma conta de 50 pessoas, toda vez eu só mexi com isso. Cê soltar, pegar aquele monte de gente e depois cê sair atrás de cada um medindo o que ele fez por dia e depois você anotar tudo.

L: O fiscal é sempre alguém que já foi cortador?

I: Sim, tem que ser uma pessoa que já cortou cana que já tá por dentro.

L: E por que todo mundo fala que o fiscal rouba? Por que se é uma pessoa que já cortou cana e que conhece bem o trabalho.... Os cortadores reclamam... às vezes não é do fiscal é da conversão. Por que o fiscal faz em metros, quando chega na usina eles fazem a conversão pra tonelada.

I: Aí tá certo...

L: Essa conversão no escritório é que eles falam que é o 'pulo do gato'...

I: Eles falam que é a usina [quem rouba], eles cortam a cana pesada e depois vem peso mais leve...

L: Sim, porque a cana não é pesada no eito.

I: Eles fazem uma base, quando eu trabalhei, eles faziam uma base. Por exemplo, cortava uma tabela de 5, né? Eles entravam no meio daquela tabela, pegavam um caminhão de cana e pesavam só aquele caminhão... no tempo que eu trabalhei. Pesava aquele caminhão de cana e fazia a base de todos só com aquele caminhão, só que hoje acho que eles pesam tudo e depois é que baseiam mesmo.

I: Fiscal roubar, acho que fiscal não rouba não. Se roubar é a usina mesmo. Ele vai roubar pra quê? Um coitadinho roubando outro coitadinho, não vai sobrar pra ele...

L: Você nunca sofreu nenhuma pressão? Você fiscal, nunca que a usina falou olha faça assim, faça assado..?

I: Não, ela sempre é corrigia se a gente tava medindo certo, se as tabelas não tavam estourando, só isso. Mas pressão sobre outra coisa não.

L: Era na usina Bonfim?

I: Usina Bonfim

L: Conta a vida de vocês lá, Rebeca.... aí você foi...

R: Fui...

L: Aí ele não conseguiu voltar...

R: É ficava três dias no serviço dele, dava três dias ele vinha pra casa dormir, chegava de noite já e no outro dia ia, eu fazia a malmita... saía 5 horas da manhã. Aí quando ele viu que eu tava sofrendo muito né, Iri? Aí comprou a bicicleta pra

ficar indo e vindo e mesmo assim foi difícil porque é cansativo e perigoso também. Aí decidi, nós decidimos vir embora. Ele falou: olha acho melhor cê ir embora...

I: Ela não tava bem não...

R: E a gente tava pagando aluguel, aluguel caro e eu com criança pequena, grávida também nossa aquilo pesou...

I: Se nós tivéssemos ficado lá, até hoje não tínhamos feito nenhuma casa.

R: Saímos daqui com um mês de gestação e ficamos lá 5 meses, voltei já com a barriga grande e aí vim embora.

L: Não foi boa a vida lá, não?

R: Não foi não. Foi sofrimento pra nós dois. Aí eu vim embora pra cá, pra ter o menino aqui, né, L? E ele ficou lá... cê mudou pra Guariba, Iri?

I: Não fiquei lá, mudei pro alojamento.

R: É mudou pro alojamento.

I: (...) desta vez fiquei lá e quando cheguei aqui construí um barraquinho.

R: É... foi. Aí eu vim, ele mudou pro alojamento... pra parar de pagar aluguel e ele parou de sofrer indo e vindo, indo e vindo direto e eu vim pra cá. Aqui eu tive o menino, depois que eu tive esse menino eu voltei de novo pra Itaqueritinga.

I: Mas aí a gente já tinha nossa casa aqui. Quando quisesse, voltava...

R: Isso pra Santa Ernestina... L. tava com um aninho e pouquinho, foi em 98? Depois que o menino nasceu... "chotei", fui de novo. Ele disse: acho que é bom você vir para cá, vou arrumar uma casa aqui, cê vem. Nós dividimo o aluguel com...

L: Por que você achava bom a Rebeca ir?

I: Pra ficar junto, ué. Pra nós ficar junto.

R: Gastava mais, porque pagava aluguel.

I: Mas gastando mais e ficando junto era melhor...

risos

L: Perguntei só pra saber a resposta...

R: E também os meninos pequenos sentia muita saudade né, Iri? Aí eu fui pra lá, 98, dividimo o aluguel com uma amiga nossa, um casal amigo nosso lá de Berilo. Nós dividimos o aluguel com eles, moramos duas famílias na mesma casa. Deu muito certo, graças a Deus.

I: Foi ele que me ensinou a dirigir, me deu força e tudo pra mexer com carro por que ele era motorista, esse menino. Me dava ônibus pra eu levar.

R: Aí essa ida pra lá foi melhor, nós tiramos a safra lá, e nós ficamos juntos até o final da safra...

L: Mas nessa você conseguia voltar [diariamente para a casa]?

I: Ele era motorista então eu ia de ônibus mais ele.

L: Você só ficava em casa cuidando dos meninos?

R: Dos meninos.

L: Você não foi apanhar laranja neste ano não?

R: Não, eu apanhei foi maracujá. Só fui dois dias. Não agüentei o 'barranco' não...

risos

R: Chuva no lombo... ah menina este ano de 98 foi muito bom. Aí depois passou 98,99. Em 99 fiquei aqui, né? 2000 fiquei também. 2001 eu fui, fui com as crianças de novo. Fui pra Itaqueritinga, os meninos já estavam estudando tudo. Duas vezes em Itaqueritinga e uma em Santa Ernestina aí fui com Teresa. Nós dividimos o aluguel lá. Teresa tinha só um menino.

L: Aí que aconteceu que você falou de de...

R: Aí eu fui...

I: Só que desta vez você foi cê tava doente...

R: Eu tava deu uma depressão em mim de ficar né... cê fica pra lá fica pra cá parecendo gente doido. Aquilo pra quem agüenta, é forte, sei lá mas eu já saí daqui com problema. Não sei de onde veio esta depressão, só sei que eu cheguei lá e passei por um período... foi bom também não, né Iri? Iri sofreu muito, eu tava doente, Iri sofreu muito. Por que ele tinha que trabalhar no outro dia e eu chorava a noite inteira, sabe? Aquela coisa... Nossa Senhora.

L: Você reclamava do que chorando, cê lembra?

R: De nada.

L: Só chorava?

R: Só chorava.

L: Cê achava que cê tinha o quê?

R: Pra mim tava tudo bom, eu achava que eu tava doida mesmo... Cê coloca uma coisa na cabeça, fica um monte de pensamento. Aí comecei a tratar lá, fazer tratamento ia num médico, ia em outro, ia num, ia no outro e aí por aí foi.

L: Você era registrado, Iri?

I: Registrado.

L: Você conseguia ir ao médico por que Ita tava registrado?

I: Não, meu registro não valia para ela não.

L: Não?

I: Não, nós não pagava convênio. Eu pagava só para mim, a usina pagava. Mas lá era bom de

tratamento demais. Rebeca passou em não sei quantos médicos.

R: Passei neles todos, em tudo que era médico. Ficou nenhum. Até no prefeito que era médico.

Fim da fita número 01, fita 02

R: Nós temos uma vidinha até boa ...

L: Por que você acha que foi embora a sua depressão?

R: Por quê? O moça, a única coisa que eu falo pra você: a depressão foi embora porque ele ficou aqui, não foi embora mais. Não precisou ele ir embora mais.

L: Eu perdi uma parte, como é que você voltou pra cá?

R: No final da safra nós caímos fora. No final da safra nós viemos embora. Ele comprou um carro...

L: Eu comprei um fusca.

R: Ele comprou em fusca.

L: Eu comprei um fusca, Rebeca tava dentro desse carro...

R: Eu doida pra vir embora e eu com vergonha de chegar com esse fusca aqui. O fusca fazia um barulhão me doía dentro da minha cabeça doía e eu doida pra ficar livre do fusca aquele cheirão podre de combustível. Nossa eu falava gente temo que dar um fim nesse fusca, pelo amor de Deus. Deus há de abrir a estrada eu pensava e tomando calmante, remédio.

L: Como chamava o calmante?

R: É.. amytril.

L: Não conheço...

R: Não? Teresa toma dele.

L: É mesmo, Teresa?

R: É nunca tirou dela isso não. É 25 miligrama.... aí no final da safra Iri comprou o fusca e depois ele trocou esse fusca num gol.

L: Mas você não tinha decidido que não ia voltar mais?

R: Nada, ele voltou e ele veio e voltou e eu fiquei. Fiquei tomando esse remédio três anos. Remédio, cachaça junto. Remédio, cachaça junto.

L: Nessa época ela tava bebendo também.

R: Tava, tava bebendo demais. Nós bebia remédio, bebia cachaça, bebia tudo... (risos)

L: Eu levei uma cachaça daqui pra lá. Cachaça boa, ela pegou a cachaça mais a outra e comprou uma 51 e botaram no vidro mas o marido ...

R: No final do ano nós viemos embora, isso era 2002 Iri voltou pra lá. 2001 eu morei lá, 2002 Ita voltou pra lá. Iri voltou pra lá e ficou lá três meses, voltou no mês de julho e graças a Deus tá aqui até hoje.

L: Em mês de julho eu entrei numa fábrica

R: O pior não é nada. O pior é 2002 ele ligou para mim, pra mim não foi? Iri ligou e falou: O Rebeca acho bom você vim. Acho que não consegui ficar longe dos meninos, de nós. Ele não conseguia ficar longe de nós não, se nós não disse ele não ia vim igual ele veio.

L: E aí você falou não?

R: Eu falei: O Iri, como que vai? Os meninos vai começar na escola, como é que faz? E não querendo ficar aqui também. Aquilo já começou a depressão, a depressão querendo vim em mim. Eu já comecei a ficar sem dormir, já comecei a ficar preocupada assim em tornar a deslocar de novo e minha horta, minhas coisas, os meninos tem que estudar e aquilo começou a vim tudo assim.... oh... Aí eu lembrei um dia conversando, eu lembrei um dia de mãe. Mãe falou assim: O Rebeca conversa com Z.M. De repente Z.M. arruma uma boca pra Iri aqui, moça. Aí eu fiquei com isso na cabeça e Deus ainda falou vai lá. Nossa Senhora da Aparecida me tocou lá. E Iri na usina. Cheguei e falei: o Z. M., ele me recebeu muito bem, sabe? Ele falou assim: é o que? Eu falei eu queria conversar com cê. Aí coloquei a situação minha e tal, se você precisar de alguém, algum dia dá uma oportunidade pra Iri, pelo amor de Deus, pra ver se nós aquieta aqui e que não agüento mais ficar para lá, pra cá. Agora mesmo já ligou para arrumar a trouxa pra poder ir e eu não tô podendo ir porque os meninos tá estudando. Os meninos tão estudando e eu não vou poder sair daqui. Oh, menina Iri veio embora, se chateio lá, ficou de saco cheio não quis ficar mais lá, né Iri? Enjoou.

L: Eu vim embora mas ia voltar...

R: Ia voltar mais arrumou uma boca de serviço na quadra. Aqui mesmo ele ficou, os meninos na escola; o menino de Z.M. se suicidou no mês de setembro. Z.M. ficou sem ninguém.... quinze dias só. Aí Deus mandou uma benção, mandou a mulher dele vim falar. Ele foi dispensado da quadra num dia, e Z.M. chamou ele no outro dia. Deus põe as coisas na mão da gente, a gente que rezar muito e agradecer a Deus.

Conversa sobre ônibus e caminhão

R: Depois disso Iri passou uma temporada boa aqui no Schnoor com a mãe dele, a mãe dele morreu agora em 2000 e ... ele viu os filhos dele crescer, nós ficamos juntos o tempo todo. Ele viu

a mãe dele porque ele só ficava longe, pode ficar até mais próximo acompanhando tudo.

R: Nós tamos com uma trajetória de vida até... eu só não gostei de quando eu adoeci. O médico falou pode ser emoção que ficou emocionada de tá vindo e tal e pode ser também tristeza em deixar sua família pra trás.

I: Quando você foi cê já tava.

R: Já tava, então a preocupação em deixar tudo pra trás. Falou: pode ser preocupação em deixar sua família, mãe, pai, irmão tudo mundo pra trás. E pode ser emoção de vir e ficar junto com seu marido, com os filhos juntos assim.

I: Quem curou, cuidou você foi aqui aquele doutor.

R: Tirou. O médico daqui xingou eu toda e falou você não vai tomar isso, você não precisa disso. Você vai andar, você vai divertir, você vai xingar, se te xingarem, você vai xingar também. Você não vai segurar nada a partir de agora e nem tomar isso, essa porcária. Desse jeito.... Ninguém precisa disso pra viver não. Ele me xingando... já tô velho. Menina nova... vai fazer caminhada, vai divertir, vai curtir sua vida. Ele me xingou toda. O médico de Itaqueritinga tacou faixa preta em mim. Só não tomei porque farmácia nenhuma quis vender... eu tomei injeção. Todo dia de manhã às 8:00 eu ia na farmácia tomar.

L: Iri você falou que tem que agradecer as usinas também. Por quê?

I: Vou falar a verdade: eu gosto das usinas. Me ajudou demais... se não fosse usina. Não é só eu não. Esse Schnoor todinho aqui. O dinheiro que rola aqui é usina e aposentado. Mês de dezembro isso aqui é bom, julho e dezembro. Em julho o pessoal de São Paulo e das usinas vem passear. Dezembro é bom, é gente demais. Reclamar de usina eu não reclamo não, qualquer dia eu posso estar lá de novo.

Iniciamos conversa sobre os exames de saúde realizados antes da saída para o corte.

I: As usinas traz os médicos dela pra cá. Se a pessoa tiver doente, tiver com mal de Chagas com alguma coisa...

(...)

I: Quem mora na cidade às vezes não liga para registro e trabalha avulso.

I: Usina é bom.

L: E se L., teu filho quiser?

R: Com certeza ele não vai alcançar usina não... do jeito que tá indo não pode reclamar não. Já pensou em.... é bom que estuda e corre atrás de um futuro, né?

I: Tem gente... eu falo: usina a gente sofre... a gente ganha dinheiro lá.

R: Não pode reclamar não, não pode reclamar porque é lá que a gente arrancava o pão e se ficasse aqui era pior. Já pensou se não tivesse usina, o que seria desse povão? (Iri – trabalhou em Sampa como servente de construção.)

R: A maioria deles, né Iri? Chega num dia e no outro já tá trabalhando com foice, enxada. Vai capinar roça dos outros. É desse jeito, não pára não.

L: Quando os homens está pra a usina, as mulheres aqui ficam na roça?

R: Tem épocas que as mulheres comandam a roça.

L: E conseguem tirar um dinheiro da roça?

R: Não consegue não porque a roça não dá. Cê jogou sua plantação toda fora, em vez de ter comido, você jogou fora. Antes, muitos anos atrás quando eu cresci... só, levava a comida pra papai, mãe que tavam no mato. Era plantar capim fazer essas coisinhas facinhas assim.

Parada pra o almoço.... no meio do almoço volta a gravação

R: Como eu sofria muito sozinha... Os meninos doente em casa e eu sozinha e ele na usina, aquilo me adoecia. Tudo isso colaborou com a minha depressão. Esse mais velho, L., ele teve pneumonia três vezes. Nenhuma vez ele (Iri) tava presente. Aí ele internava e eu ficava 15 dias sentada na cadeira de hospital mais o piquinichinho que não tinha nenhum ano ainda. Então me fez pensar na vida e tá operando com dois filhos. Ficar sozinha numa solidão, num sofrimento e achei a oportunidade de operar.

Transcrição do Depoimento de Teresa

T: Eu não tenho raiva da usina, eu tenho ódio da usina.

L: Mas a usina não é boa, não é o dinheiro da usina que faz todo mundo aqui viver?

T: É ele que faz viver mas também faz passar raiva, tem doze anos que eu moro aqui no Schnoor nessa vida do marido indo pro trecho eu aqui sozinha com os meninos. Nunca é que eu vou viajar.

L: Nesses doze anos teu marido vai sempre pras usinas?

T: Uma vez ele me levou, outra vez ele quebrou o braço e não foi...

L: Cê gostou...

T: Vixe... queria que ele quebrasse a perna.

T: Ele trabalha em que usina?

T: Trabalha pra essas usina tudo afora aí, moça. Sabe o que me faz raiva? Ele botou na cabeça de fazer turma, então com essa turma lá ele nem vem cá, nem sai da moita. Ele comprou uma dívida, comprou um ônibus por 47 mil. Tá lá amoitado, tem ano que não vem cá.

L: Ele tá pegando turma?

T: Tá.

L: Ele pega daqui do Schnoor também?

T: Não.

L: Ele pega de onde?

T: Desse mundo a fora aí.

L: E leva pra que usina, que usina que ele tá?

T: Ele tá na usina Juliana.

L: Você não tem vontade de ir embora com ele?

T: Ele falou que vai me levar mas eu não ponho fé nisso não...

L: Por quê?

T: Ah...

L: Às vezes o que eles ganham não é muito pouco?

(...)

T: Um ano que tô aqui sozinha, Nossa Senhora.

L: Mas ele viesse pra cá ele teria trabalho aqui?

(....)

R: Tem que ficar aqui, parar aqui um pouco pra ver se consegue.

L: E ele liga pra você sempre?

T: De oito em oito dias ele liga.

L: Ele manda as coisas pros meninos?

T: Manda dinheiro todo mês.

L: E o dinheiro que ele manda dá?

T: Dá.

L: Você consegue guardar um bocadinho?

T: Às vezes eu peço mais pra pagar uma dívida, tô devendo nada...

L: Aí cê guarda?

T: Guardo.

(...) Recebe também a Bolsa- escola

L: E o que você acha mais difícil de agüentar?

T: Um ano lá, ele lá e eu aqui, o tempo só passando. Liga dizendo que tão com saudades de mim e dos meninos e ele não vem, moça.

L: Não é por conta de trabalho?

Rebeca defende até ele quitar a dívida, ela que tem que ir ficar uns tempos lá com ele e depois voltar.

T: Eu acho que vou esse final de ano agora...

(...)

T: O menino de 12 anos quer ir pro forró, chega à noite.

L: Cê acha que se o pai estivesse aqui ele obedecia mais?

T: O, ele obedece o pai dele.

L: Antes dele trabalhar com usina ele trabalhava com que?

T: Usina mesmo, moça. Trabalhou a vida toda, moça.

Desde 98 eles estão juntos, quando ele foi a primeira vez deixa-a grávida do primeiro filho, Ela ficou na casa da sogra no começo e agora construíram a casa.

T: É mais difícil por mim mesmo, esse mundo todo ele ficar pra lá e eu pra cá, sabe não dá certo.

L: É muita tristeza.

T: Solidão, minha filha. Problema é que eu tive até depressão, hoje em dia é que não ligo isso mais. Às vezes quando eu tá pegando em mim eu saio fora, sabe? Ou vou para casa de minhas colegas, tomo remédio, trabalho, divirto muito. Todo ano eu tinha crise de depressão, sabe?

L: Todo ano?

T: Todo ano, só que hoje em dia eu não tenho mais não.

L: O que você sentia quando você tinha depressão?

T: Ah, choradeira. As minhas melhores amigas não podia nem ver, eu ficava moquetada em casa, ficava dentro de casa.

K: Você tinha vontade de morrer?

T: Vixe... eu tive vontade de tomar veneno.

L: Onde você ia quando tinha crise assim?

T: Eu ia no posto aqui e eles davam um remedinho

(...)

T: Hoje só tomo remédio pra dormir, né? Remédio anti-depressivo, uma coisa assim, sabe?

(...)

T: Ano passado trabalhei o ano todinho no projeto [CPCD]

Ela fica esperando ele, já logo converso muito. Rebeca também sugere uma prensa nele, que ele venha ao menos 15 dias

T: Eu gosto dele...

Rebeca conta da quadrilha que foi dançar, porque já estava marcada, no dia que o marido chegou. Ele ficou em casa esperando... 'que dia' que ela ia desmarcar... se arrumou toda, dançou, tomou cerveja e depois voltou pra casa... 'homem quando tá querendo o negócio perdoa tudo.'

T: Ele vai vim.

Rebeca [roseanamente]: olha ou você vem ou não vem, lógico que vem. Homem não gosta de perder não, moça.

T: Eu queria que ele ficasse aqui porque eu gosto do meu lugarzinho aqui, sabe? Adoro minha casa.

Trabalhou tirando o pozinho da flor do maracujá, fazendo flor. O marido manda 400 ou 500 reais por mês, ela ganha 100 reais numa casa, as duas dizem que nunca ficaram com outro homem.

T: Se você tiver 1 na boca do povo tem 10, se tiver dois, tem mil. Queria até morrer antes de trair ele, ele dá risadinha quando pergunto se ele tá sozinho.

T: Se largo esse homem, Lúcia, vou viver como muitos aí mendigando aí, com a cabeça toda cheia de troço, minha filha. Eu morro de medo de viver como esse povo que tá aí...

R: Ela tem medo de ficar mendigando não é de dinheiro. É ter depressão, ela gosta demais dele e acha que não vai esquecer e tem medo de ficar maluca se ele não tiver mais. Pelos filhos a gente é capaz de ate de morrer.

Transcrição da entrevista com Vanessa

Começa a entrevista com Vanessa contando como migrou ainda moça pra São Paulo.

V: Chegando lá eles arrumaram um serviço pra mim, trabalhei nessa casa três anos. Aí, nessa mesma mulher, ela morava em Pinheiros, depois foi pro Alto de Pinheiros, depois foi pra Alphaville. Lá eu fiquei grávida de Gutinho, desse grandão. Aí eles até queriam que eu ficasse mais mas eu queria trazer pra minha mãe conhecer, eu tinha férias. Aí eu tirei meus tempos de férias pra trazer o menino pra mãe conhecer aí depois... eu não quis ir mais não, deixei.

L: Você era registrada lá?

V: Era e eles não pagou o tempo de registro pra mim, eu não voltei lá, né? Aí depois que eu tive o Gutinho fui morar em Teófilo Ottoni.

L: Sua mãe mora em Teófilo Ottoni?

V: Mãe mora mas quando eu fui mãe não morava lá não. Morei com uma mulher lá, Tênia. Aí eu fiquei lá até Gutinho ficou com 6 anos aí voltei pra cá e engravidei de Thaís, a menina de 15 né? Aí voltei pra São Paulo deixei a menina com mãe. Aí engravidei de novo, de Patrick. Depois vim embora com Patrick. É a vida dura de mulher que não pensa... aí voltei. Depois tá bom... criei esses três aí. A menina não quis ficar comigo mais não porque mãe cuidou dela pequenininha, né? Aí depois que Patrick tinha três anos eu engravidei de Carol. O pai dela registrou e foi embora pra São Paulo e não dá nenhuma pensão pra essa menina. Os outros não registraram, porque vem embora e não registra, né? É desse jeito né? Quando ela fez um ano eu conheci F. que é meu esposo agora, tem 7 anos que eu moro com ele. Aí eu não fiquei grávida dele porque eu sou operada desde que ela nasceu. Só que ele fica falando que eu operei deve ser pra não ter filho dele. Eu nem conhecia ele não é não? Uai, eu não conhecia ele não. Quando eu tive ela falei assim: uai se eu for ter esse tanto de filho sem pai e eu cuidar deles... eu ia saber que eu conhecer ele? Que é responsável... Ele é responsável, que eu não tenho nenhum filho com ele, ele vai mandar dinheiro, manda dinheiro pra mim. Ele tem 27 anos. Quando eu fui, quando eu morei em Pinheiros eu tinha 21 anos.

L: E o pai da Carol trabalha em usina em São Paulo?

V: Não. Mora com uma mulher lá e eu tô querendo botar ele na justiça por causa da pensão só que a avó dela não quer dar. Não quer dar o endereço. Eu fui no juiz e ele disse que tem que ter o endereço dele. O juiz falou que se ela não dar ela vai ter que pagar pensão pra menina.

L: É verdade.

(...)

V: Aí quando nós começou ele foi pra usina pela primeira vez. O moça eu tenho carta dele desde o começo, até hoje.

(...)

V: O duro mesmo é que a gente fica menos tempo com eles, e eles mais é na usina. O duro é essa coisa.

L: O que você sente quando ele tá lá?

V: Eu não agüento não, nêga. Eu pergunto a ele todo dia que dia que ele vem.

(...)

V: Quando ele vai no começo, em janeiro, este ano ele foi mais tarde, foi me julho. Aí já ficou mais comigo, aí vem em outubro para ficar mais

seis meses, aí quando ele vai em janeiro ele fica seis meses, volta pra passear e volta pra lá.

L: Como é que você fica aqui quando ele tá longe?

V: O dó, morrendo de saudade. Eu amo ele. Eu amo aquele homem, viu? Nós briga de verdade mas é que eu sou ciumenta demais, nêga.

L: Cê é ciumenta?

V: Sou. Doente. De verdade. Ele não é encrequeiro não, sou eu... pra mim tudo é que ele já tá querendo namorar. Tudo que ele fala, minha filha, eu que sou ignorante demais, eu xingo ele...

L: Você não tem medo de perder ele se você fica fazendo assim?

V: Tenho moça, eu já falei com ele... tem dias que nós briga, né? Assim, se eu não posso ter filho então ele tem que me largar pra ter filho com outra, se ele não gostar de mim, né? Só que quando nós briga pesado ele fala assim: vou embora.

(...)

L: Cê não tem ciúme dele lá? Dele arrumar uma mulher lá?

V: Uai, fico morrendo aqui pensando. Ele falou: não menina, aqui não tem mulher ...

(...)

V: Eu falo cuidado, viu? Mas homem ninguém deve confiar né, que ele tá longe.

L: E você Vanessa, como é que você fica aqui sem ele, você não fica com vontade de namorar?

V: O moça passear eu fico querendo, mas namorar não. Nem importo não. Eu fico aqui, os menino me distrai, esses meninos meu, ficam aqui o tempo todo na gente. Como é que vai pensar em namorar se os menino tá perturbando a cabeça da gente, todo dia, toda hora? Só dorme dez horas da noite, onze horas. Levanta seis e meia.

Conversa sobre comida, as crianças dela cozinham.

L: O Vanessa me diz uma coisa, cê não vai pros forró, não?

V: Vou, vou. Eu mais a menina que mora aqui, a irmã dele [do namorado], vou e venho embora dez horas. Nem entro no salão. Só bebo uma cerveja e venho embora. Não posso dançar senão no outro dia o povo tá tudo é contando que tava no forró dançando, eu vou lá bebo uma cerveja e venho embora.

L: O que você acha mais difícil de agüentar quando ele tá longe?

V: Ai, minha filha quando ele tá longe é tudo difícil. Porque sempre que ele tá aqui ele ajuda, se eu tô trabalhando ele faz almoço, deixa os meninos tudo bonitinho, faz tudo.

(...)

L: Como é que você acha que ficaria a vida no Schnoor se os homens pudessem ficar?

V: Ia ser melhor, porque eles tavam sempre com a gente, trabalhando no serviço deles, que não precisa ir longe pra trabalhar. Aqui tá precisando de serviço pro povo do Schnoor, pros homens. Por que mulher sempre arruma um servicinho. E homem não tem nada. Quando sai é escolhido, entendeu.

(...)

L: E como é que foi sua vida quando você morava em São Paulo?

V: Ah, difícil porque uma mulher, no começo principalmente. Porque para mim, uma mulher novinha, que eu engravidei com 19 anos. Para mim era difícil demais. Nem demorou cinco dias e eu já tava trabalhando e cozinhando e empurrando carrinho. Tinha que deixar tudo pronto, almoço, arrumar a casa, menino chorava eu dava peito rapidinho e colocava no carrinho de novo. Eu morava na casa da patroa, não pagava ninguém, eu que olhava ele. Eu punhava ele no carrinho assim, perto do fogão e ficava assim fazendo comida. Eles, esses menino meu não era chorão não, nunca foi de ficar berrando, vai no colo de qualquer um, sabe?

(...)

L: Vanessa cê sabe mexer com serviço de roça?

V: Sei, sei plantar, capinar. O, antes mesmo não tinha tijolo não mas eu fazia adobe aí nós fazia mais de 2000 por dia, mãe fazia. Eu já plantei arroz, já plantei capim pros outros.

L: Aqui no Schnoor?

V: Aqui plantei capim ganhado dez reais ou nove o dia. Capim, feijão, arroz, até capinar eu sei mexer em tudo.

L: Cê gosta do trabalho em roça?

(...)

V: Eu preferia arrumar um serviço aqui do que ir pra longe, como é eu vou pra São Paulo e deixar eles aqui? Pode ser em roça todos os dias, tô nem aí não. Já trabalhei com chuva, plantando capim, roça.

L: Pra aquela fazenda ali? Como é que chama?

V: Seu Ideo.

L: Cê trabalhou para ele também?

V: Já muitos anos, trabalhei numa fazenda lá no Gravatá. Pra ir eles pegavam a gente no meio da estrada, já fui no Uruçu plantar milho, pros outros.

L: Vanessa, e se não fosse o dinheiro que F. manda? Dava pra viver?

V: Por que o homem que eu trabalho ele me paga 150 por enquanto que eu comecei agora, ele vai pagar 200 por mês, se quiser, sem registro mais 130 e tantos da bolsa escola dos meninos. F. manda e intera. Eu faço qualquer coisa até pintar cabelo, eu pinto. Eu quero mais é ficar perto dele. A gente tem que aproveitar quando eles tão aqui, agora mesmo ele vem, ninguém sabe se outubro ou novembro.

(...) Nossa eu sou uma mulher mesmo sofrida, sabe? Mãe casou com um homem, um velho, deu derrame nesse velho. Só eu que cuidava dele, ele não queria ninguém não. Quem cortava o cabelo dele, quem arrancava a barba dele era eu. Eu tinha que dar comida na boca dele. Eles deixaram ele morrendo de fome lá, eu fiquei com dó e disse pode arrumar ele que vou levar ele pro Schnoor, se ele for morrer vai morrer lá. Quando esse velho veio pra cá nós dava comida na boca, o velho ficou forte e andou até de muleta, ficou um ano e depois que morreu. Ia pra tudo que lugar levar este velho pra fazer exame.

L: Ele não era teu pai?

V: Não, era padraço.

L: Mas ele criou você?

V: Não, eu sempre fiquei na casa dos outros porque mãe não tinha condição. Eu novinha trabalhava numa pensão de levar homem, trabalhava todo o tempo. Quando eu fiz 15 é que fui morar com minha mãe.

L: A tua mãe é nascida aqui no Schnoor?

V: É.

L: E teu pai, já migrava?

V: Meu pai eu nem considerava não, só três dos filhos da minha mãe é que eram filho dele. Ele registrou só um e deixou eu e minha irmã sem registrar. Eu conheci assim ele de leve, ele passou assim e eu não dei confiança pra ele, meu pai nunca achei nada. Minha mãe criava a gente em roça, plantando roça pros outros.

L: Quantos filhos tua mãe teve?

V: Dez? Vivo acho que dez. Nós agora é sete. É assim, minha vida é essa, é só sofrimento. A melhor coisa que apareceu foi o F., né?

(...)

V: A maioria do povo daqui cuida de roça.

L: Roça ou quintal?

V: Quintal não, é roça mesmo, matão mesmo pesado, roçada que eles gostam de fazer.

L: É, tem muito?

V: Tem.

L: E tem água?

V: O, dó eles esperam a chuva pra plantar, enquanto isso eles vão fazendo horta no quintal e vende tudo: quiabo, alface...

L: Quando chega o tempo da chuva, todos plantam e vai vender onde?

V: Na cidade, as sacas de milho, vem gente comprar, vem caminhão aí comprar. Eles plantam pouco pra colher pra eles, quando eles colhem vendem 1 alqueire e ficam um 1 pra comer.

L: Tem muita gente que vive da roça?

(...)

L: Os velhos já estão aposentados, já não fazem mais roça sozinhos.

V: Mas esses velhos que já tá aposentado não deixa a roça largada, não. Eles fazem aquele mesmo pouquinho mas fazem, eles já acostumou tanto a mexer com esse mato deles que pode ter aposentaria que eles fazem a rocinha. Tem uma velha, minha filha, Dona Mazinha, ela é aposentada, e faz roça todo ano. Planta tanto amendoim e colhe amendoim, sozinha ela, a velha. Planta amendoim, feijão. Não sei como a velhinha agüenta não, nêga? Todo dia ela vai e volta, todo dia quando é tempo de roça. Acho que ela paga os outros pra ajudar ela. Mas quando tá plantado ela vai e capina tudo sozinha.

L: Ela não tem nenhum parente que vai pra usina?

V: Tem.

L: Então, quando eles chegam, eles não ajudam?

V: Eu não vejo ele ajudando ela. Eu vejo ela passando sozinha com uma enxadinha nas costas.